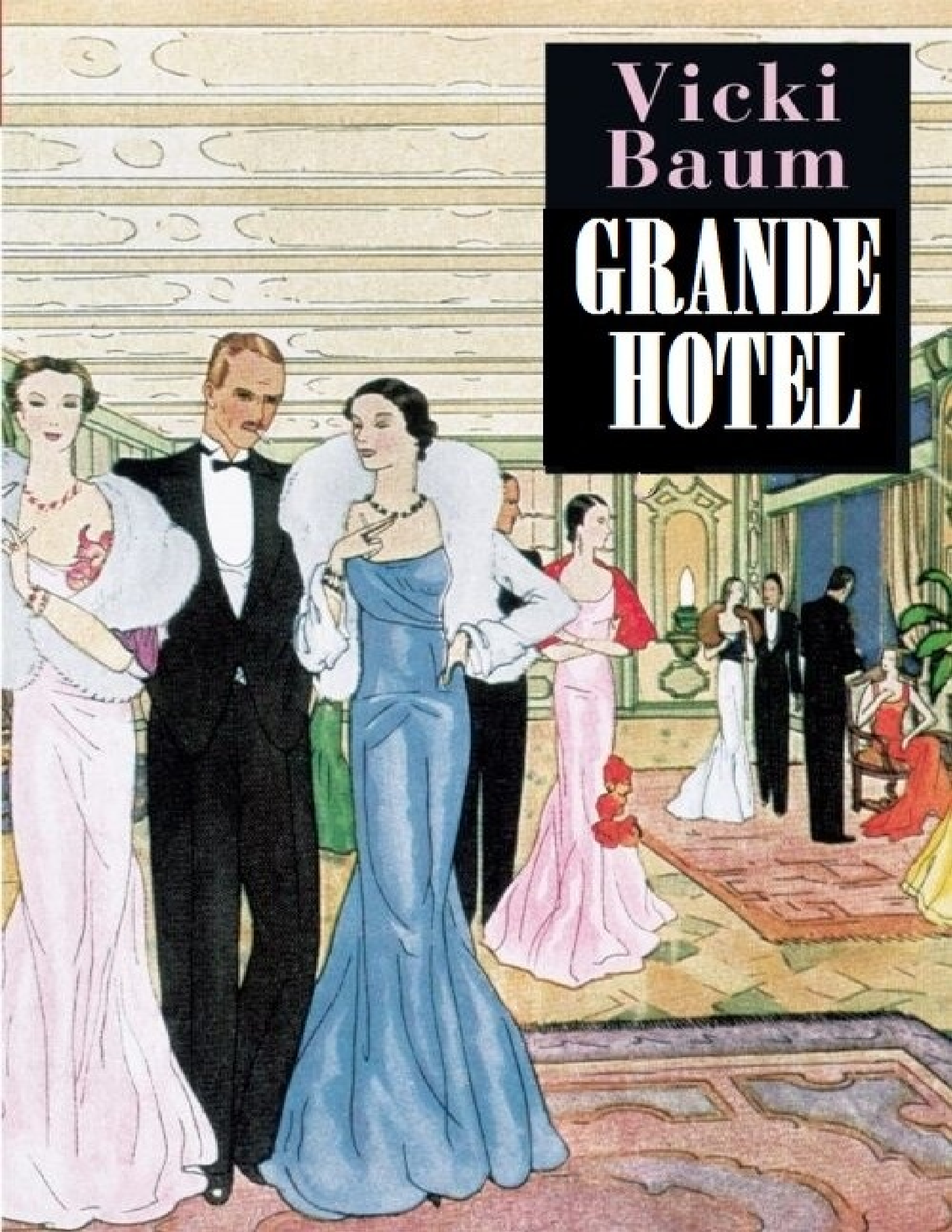
Vicki Baum

# GRANDE HOTEL



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# Grande Hotel

## VICKI BAUM

**CIRCULO DO LIVRO**

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413 São Paulo, Brasil

Edição integral
Título original: "Menschen im Hotel"
Copyright 1929 by Verlag Ullstein, renovado por Vicki Baum

Tradução de Lavinia Viotti

Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da Editora Nova Fronteira S.A.

Composto pela Abril S.A. Impresso e encadernado em oficinas próprias
10 9 8 7 6 5 4 3 2

# 1

Quando o porteiro saiu da cabina telefônica 7, uma leve palidez se espalhava em suas faces; procurou o boné, que colocara sobre o aparelho de calefação do compartimento dos telefones.

— Que foi? — perguntou a telefonista, sentada diante do quadro de comutadores, com os fones nos ouvidos e os pinos vermelhos e verdes entre os dedos.

— É que levaram minha mulher às pressas para o hospital. Não sei o que significa isso. Ela está pensando que a coisa já começou. Mas ainda não está no prazo, meu Deus! — disse o porteiro.

A telefonista mal o ouviu, porque tinha de fazer uma ligação.

— Paciência... É preciso não perder a calma, Herr Senf — disse entre uma ligação e outra. — Amanhã cedo há de nascer o seu filho, fique sossegado.

— Muito obrigado por ter-me chamado ao telefone. Na portaria eu não posso anunciar a todos os ventos os meus assuntos particulares. Serviço é serviço.

— É claro. Quando a criança nascer, eu o chamarei — disse a telefonista, distraída.

E continuou a fazer ligações. O porteiro apanhou o boné e se retirou na ponta dos pés. Fê-lo inconscientemente, porque sua mulher estava acamada, para dar à luz. Quando atravessou o corredor, para onde davam as salas de correspondência e de leitura, agora silenciosas e a meia-luz, suspirou profundamente e passou a mão pelo cabelo. Surpreso, percebeu que ela ficara úmida, mas não pensou em lavar as mãos, para não perder tempo. Afinal, não se podia exigir que o movimento do hotel parasse, só porque o porteiro Senf ia ser pai. Do *tea-room,* na nova ala do hotel, a música vinha vibrando em síncopes saltitantes, ao longo dos espelhos das paredes. O cheiro amanteigado de carne assada, próprio da hora do jantar, evolava-se discretamente, mas, por trás das portas do salão de refeições, ainda estava tudo vazio e silencioso. No salãozinho branco, o *garde-manger* Mattoni preparava os frios. O porteiro, sentindo uma estranha fraqueza nos joelhos, parou à porta e fitou, atordoado, os globos multicolores de luz elétrica que cintilavam por trás dos blocos de gelo. No corredor, um *monteur,* de joelhos no chão, fazia um conserto na instalação elétrica. Desde que havia colocado o enorme refletor na fachada do hotel, havia sempre um desarranjo na instalação, sobrecarregada. O porteiro deu uma pequena ordem às suas pernas bambas e dirigiu-se ao seu posto. Deixara a portaria aos cuidados de Georgi, um rapazinho, filho do proprietário de uma grande rede de hotéis. O pai desejava

que seu futuro sucessor conhecesse a profissão desde as mais humildes ocupações, e por isso o filho trabalhava ali gratuitamente. Senf, sentindo uma certa angústia, atravessou às pressas o *hall*, repleto de gente que se movimentava. Ali, a música de *jazz* do *tea-room* se misturava aos lânguidos sons dos violinos do jardim de inverno, ao murmúrio do repuxo da fonte luminosa, gotejando numa imitação de bacia veneziana, ao tilintar dos copos nas mesinhas e ao ranger das cadeiras de vime; o mais brando sussurro era o suave frufru das peliças e dos vestidos de seda das senhoras, que se diluía no harmonioso burburinho. Pela porta giratória, a fresca brisa de março penetrava em espirais, em pequenas golfadas, sempre que o *groom* fazia entrar ou sair os hóspedes.

— *All right!* — disse Georgi, quando o porteiro Senf, apressando os passos, chegou à portaria, como se chegasse ao refúgio de um porto. — Chegou a correspondência das sete. A senhora do quarto 68 armou um escândalo porque não encontraram logo o chofer. É um tanto histérica essa senhora, hein?

— Quarto 68... é a Grussinskaia — disse o porteiro, enquanto com a mão direita começava a separar a correspondência. — É a bailarina, já estamos acostumados. Há dezoito anos. Todas as noites, antes de apresentar-se em público, fica nervosa e provoca um escândalo.

No *hall* um senhor levantou-se do seu *maple;* era um senhor de boa estatura, cujas pernas pareciam atacadas de ancilose. Aproximou-se da portaria de cabeça baixa e deu uns giros pelo *hall* antes de passar ao vestíbulo, procurando ter o aspecto de alguém que nada espera, mas se aborrece. Observou as revistas na pequena banca de jornais, acendeu um cigarro e aproximou-se do porteiro, perguntando distraído:

— Chegou correspondência para mim?

O porteiro, por seu lado, prontificou-se também a representar uma pequena comédia. Examinou primeiro a caixa 218, antes de responder:

— Desta vez, infelizmente, nada, doutor.

Então o senhor alto movimentou-se de novo a passos lentos, fazendo um caminho complicado para chegar ao seu *maple,* onde se deixou cair de pernas rígidas, ficando a olhar para o *hall* com expressão de quem não vê. Seu rosto, aliás, consistia em uma só face, um perfil requintado e agudo de jesuíta, terminando numa orelha muito bem delineada e escondida sob os fios ralos de cabelo grisalho da têmpora. A outra face não existia. Em seu lugar havia apenas uma mescla confusa de traços remendados e ligados desordenadamente. Por entre suturas e cicatrizes, espiava um olho de vidro. O Dr. Otternschlag, quando conversava a sós consigo mesmo, costumava chamar seu rosto de *souvenir* de Flandres... Ficou sentado a observar os capitéis de gesso dourado das colunas de mármore que já estava farto de conhecer; depois, com o olho que não via, fitou

longamente o *hall,* que se esvaziou rapidamente porque o espetáculo ia começar. Em seguida ergueu-se de novo e, com seu andar desconjuntado de marionete, encaminhou-se para a cabina do porteiro, onde Herr Senf, já desligado de sua vida privada, se desincumbia conscienciosamente dos deveres de seu cargo.

— Ninguém perguntou por mim? — perguntou o Dr. Otternschlag, olhando para o balcão de mogno coberto de vidro, onde o porteiro costumava depositar os bilhetes e recados.

— Ninguém, doutor.

— Algum telegrama? — perguntou em seguida o Dr. Otternschlag. Herr Senf teve a gentileza de procurar de novo na caixa 218, apesar de saber de antemão que nada havia nela.

— Hoje não, doutor — disse ele. Com grande amabilidade acrescentou: — Talvez o doutor queira ir ao teatro. Ainda tenho um camarote para o espetáculo da Grussinskaia, no Teatro do Oeste.

— Da Grussinskaia! — disse o Dr. Otternschlag. Conservou-se ainda um momento imóvel; depois, passando pelo vestíbulo e atravessando o *hall* numa linha curva, voltou à sua cadeira. "Agora, nem mesmo a Grussinskaia consegue casa cheia", pensou ele. "É natural. Nem eu próprio a quero ver mais..." Cheio de melancolia, enterrou-se de novo na poltrona.

— Este homem cansa a gente — disse o porteiro a Georgi. — Sempre perguntando pela correspondência. Há dez anos que se hospeda aqui por alguns meses, e nunca chegou carta nenhuma para ele nem nenhum gato-pingado perguntou por ele. E um homem desses ainda fica sentado, esperando.

— Quem é que está esperando? — perguntou do compartimento ao lado o chefe de recepção, Herr Rohna, esticando a cabeça meio ruiva por sobre a divisão baixa de vidro. Mas o porteiro não respondeu logo; parecia-lhe estar ouvindo os gritos de sua mulher — transportava para o exterior o que ouvia interiormente. Em seguida, os assuntos privados mergulharam em seu íntimo porque teve que ir ajudar Georgi a explicar em espanhol ao senhor mexicano do quarto 17 uma complicada conexão de trens. O *groom* 24, com as faces afogueadas e o cabelo bem alisado com água, saiu correndo do elevador, exclamando, alegre e excitado — em voz demasiado alta para um *hall* tão distinto:

— Mandem chamar o chofer do Barão Gaigern!

Rohna ergueu a mão, num gesto de censura e apaziguamento, como um diretor de orquestra. O porteiro telefonou, chamando o chofer. Georgi arregalou seus olhos de rapazinho, com expressão de curiosidade. Espalhou-se no ar um aroma de alfazema e de cigarro fino. Após o aroma, um homem, cuja aparência chamava a atenção, entrou pelo *hall,* e várias pessoas o olharam. A senhorita cor

de cera da banca de jornais sorriu. O homem também sorriu, sem nenhuma razão aparente, simplesmente porque se sentia satisfeito com sua própria pessoa, conforme parecia. Era de estatura fora do comum e trajava-se muito bem, também de maneira pouco usual. Tinha um andar elástico, como o de um gato ou de jogador de tênis. Não usava sobretudo sobre o *smoking*, mas um *trench coat* azul-marinho, que não combinava com o *smoking*. Toda a sua figura tinha um ar de gracioso desleixo. Deu uma palmadinha no crânio molhado do *groom* 24, estendeu o braço sobre o balcão do porteiro, sem olhar, e recebeu um punhado de cartas que enfiou simplesmente no bolso, de onde tirou suas luvas de camurça pespontada. Cumprimentou com um gesto amistoso o chefe de recepção, como a um camarada. Pôs na cabeça o chapéu de feltro escuro e, tirando do bolso uma cigarreira, colocou um cigarro entre os lábios, sem o acender. Porém imediatamente se descobriu de novo, afastando-se para deixar passar duas senhoras pela porta giratória. Era a Grussinskaia, delgada e miúda, enfiada até o nariz em uma pele, seguida de uma sombra apagada que ia levando as malas. Quando o encarregado dos carros, lá fora, instalou as duas no automóvel, o simpático senhor de impermeável azul acendeu o cigarro, tornou a enfiar a mão no bolso e meteu uma moeda na mão do *boy* 11, o encarregado da porta giratória. Depois desapareceu por entre os balouçantes espelhos da porta giratória, com a expressão feliz de um rapazinho a quem deram licença para andar de carrossel.

Quando esse cavalheiro, esse senhor, esse encantador Barão Gaigern saiu do *hall*, fez-se de súbito enorme silêncio, ouvindo-se então o jorro da fonte luminosa a tombar com um murmúrio fresco e suave na bacia veneziana. É que o *hall* se esvaziara; o *jazz-band* do *tea-room* parará de tocar, a música da sala de refeições ainda não principiara e o trio do Salão Vienense, do jardim de inverno, fazia uma pausa. No súbito silêncio penetrou o ruído excitado e incessante das buzinas dos automóveis que passavam diante da entrada do hotel, em seu movimento noturno. Mas dentro do *hall* o silêncio permaneceu, como se o barão tivesse carregado consigo a música, o ruído e o burburinho humano. Georgi apontou com a cabeça para a porta giratória e disse: — Bom sujeito. Queira Deus que ele não mude.

O porteiro encolheu os ombros, como bom conhecedor dos homens.

— A questão é saber se é bom de fato. Ele tem um certo jeito... não. Dá-me a impressão de ser uma pessoa leviana. O modo de andar e as gordas gorjetas... parece coisa de cinema. Quem é que viaja hoje em dia com esse luxo — a não ser um vigarista? Se eu fosse o Pilzheim, tratava de abrir os olhos.

Rohna, o chefe de recepção, que tinha os ouvidos em toda parte,- estendeu de novo a cabeça por cima da divisão de vidro; sob os raros fios de cabelo meio

ruivo, brilhava-lhe a pele acinzentada do crânio.

— Deixe disso — disse ele; — Gaigern é boa pessoa, eu o conheço. Foi educado em Feldkirch, com meu irmão. Por causa dele não é preciso ir incomodar o Pilzheim. (Pilzheim era o detetive do Grande Hotel).

Senf fez continência, calando-se respeitosamente. Rohna sabia o que estava dizendo. O próprio Rohna era também um conde, um Rohna da Silésia, antigo oficial, um sujeito direito. Senf fez novamente continência, enquanto a cara de galgo de Rohna se afastava e o conde continuava suas ocupações por detrás da parede de vidro fosco, como uma sombra.

O Dr. Otternschlag, lá no seu canto, conservara o busto meio erguido, enquanto o barão estivera no *hall*, e depois voltara a encolher-se, mais sombrio ainda. Entornou com o cotovelo seu copo de conhaque, com bebida até a metade, mas nem se dignou olhar. Suas mãos magras, amarelecidas pelo fumo, pendiam entre os joelhos abertos, pesadas como se estivessem metidas em luvas de chumbo. Por entre suas compridas botinas de verniz, olhava o tapete que cobria o *hall* e todas as escadarias, passagens e corredores do Grande Hotel: já estava farto do seu desenho de trepadeiras, com o ananás verde-amarelo por entre as folhas pardacentas, sobre um fundo vermelho-framboesa. Tudo estava morto... A hora estava morta. O *hall* estava morto. Todos tinham ido cuidar de seus negócios, viver seus prazeres e seus vícios, deixando-o ali abandonado. No meio desse vazio, viu-se de súbito o vulto da encarregada do vestiário aparecer por trás do balcão e alisar com um pente preto o cabelo ralo de sua cabeça de velha. O porteiro saiu do seu cubículo e disparou, sem guardar as conveniências, atravessando o *hall* em direção ao compartimento dos telefones. Parecia estar pressentindo alguma coisa. O Dr. Otternschlag procurou seu conhaque e não o encontrou. "Vamos agora para o quarto nos deitar?", perguntou a si mesmo. Um fraco e bruxuleante rubor tingiu suas faces e desapareceu, como se ele houvesse traído um segredo, revelando-o a si próprio. "Vamos", respondeu com os seus botões. Mas não se levantou, porque até isso o deixava indiferente. Levantou o indicador amarelo e Rohna, no outro extremo do *hall*, percebendo o gesto invisível, providenciou auxílio ao doutor.

— Cigarros, jornais — disse ele sem se mover. O menino disparou até a senhorita cataléptica da banca de jornais. Rohna olhou com ar de reprovação aquela intempestiva vivacidade juvenil; depois, Otternschlag tomou os jornais e os maços de cigarro que o *groom* tinha ido buscar para ele e pagou colocando o dinheiro na mesinha e não na mão do *groom*, pois costumava sempre conservar distância entre si e os demais, sem o perceber. A metade intacta de sua boca chegou a imitar um sorriso, quando abriu os jornais e começou a ler; esperava sempre encontrar nos jornais qualquer coisa que eles não traziam, tal como

acontecia com as cartas, os telegramas e os chamados, que jamais chegavam para ele. Estava terrivelmente só, com uma impressão de vazio, isolado da vida. Às vezes, quando conversava a sós consigo mesmo, costumava fazê-lo em voz alta. "É horrível", dizia-se com frequência, estacando sobre a passadeira cor de framboesa, assustado com sua própria pessoa. "É horrível. Nenhuma vida. Nenhuma espécie de vida. Mas por onde andará ela? Nada acontece. Nada sucede. É uma tristeza. Só velhice e morte. É horrível." As coisas que o rodeavam pareciam miragens. O que ele tocava se desfazia em pó. O mundo era uma coisa inconsistente, impossível de segurar ou reter. Caía-se de um vazio em outro vazio. Carregava-se um saco de trevas dentro de si. O Dr. Otternschlag vivia na mais profunda solidão, apesar de o universo estar povoado por seus semelhantes.

Nos jornais, nada encontrou que o satisfizesse. Um tufão, um terremoto, uma guerra pouco importante entre pretos e brancos. Incêndios, assassinatos, lutas políticas. Nada. Muito pouco. Escândalos, pânico na Bolsa, derrocada de fortunas imensas. Que tinha ele com isso? Que sentimento lhe provocava tudo isso? Um voo através do oceano, recordes de velocidade, notícias sensacionalistas, com títulos de uma polegada de altura. Cada jornal gritava mais que o outro, e finalmente não se ouvia mais nenhum; os homens acabavam por se tornar cegos, surdos e desprovidos de sentimentos, com a ruidosa atividade da época moderna. Figuras de mulheres nuas, coxas, seios, dentes, ofereciam-se abertamente, aos montões. Também o Dr. Otternschlag, noutros tempos, possuíra mulheres! Lembrava-se disso sem saudades, apenas com um friozinho a descer-lhe pela espinha. Deixou que os jornais lhe caíssem simplesmente da mão amarelecida pelo fumo, sobre o tapete de ananases, de tal modo o aborreciam e lhe eram indiferentes. — Não, não acontece nada, absolutamente nada — disse a si mesmo, a meia voz. Noutros tempos, tivera uma gatinha persa, chamada Gurbal; desde que ela fugira com um gato vadio de água-furtada, via-se obrigado a dialogar consigo mesmo.

No momento em que, caminhando em linhas curvas, se dirigia à portaria para ir buscar a chave do quarto, um indivíduo esquisito empurrou a porta giratória, no vestíbulo.

— Senhor, aí está o homem de novo! — disse o porteiro a Georgi, olhando fixamente para o indivíduo, com seu olhar enérgico de primeiro-sargento. Esse indivíduo, o tal homem, destoava completamente no *hall* do Grande Hotel. Usava um chapéu de feltro, redondo, barato, novo, um pouco largo para a sua cabeça, mas que orelhas caídas seguravam, evitando que escorregasse ainda mais para a frente. Tinha um rosto amarelado, o nariz afilado e tímido, compensado por um bigode imponente, de corte muito apreciado pelos diretores de

associações. Vestia um sobretudo estreito, verde-acinzentado, velho e lamentavelmente fora de moda; calçava botinas pretas, que pareciam demasiado grandes para a sua pequena estatura, com os canos a espiarem por baixo das calças pretas, muito curtas. Usava luvas de linha cinzentas e segurava uma mala, imitando couro, que parecia pesada demais para ele; segurava-a pela alça, com ambas as mãos de encontro ao estômago; debaixo do braço trazia ainda um pacote engordurado, envolto em papel marrom. O homem tinha um aspecto realmente grotesco e lamentável; e parecia cansadíssimo. Mas quando o *groom* 24 tentou tirar de suas mãos a mala, não a entregou, parecendo confuso com essa cortesia do *boy.* Só defronte do balcão de Herr Senf, colocou a mala no chão, e, meio ofegante, curvou-se à guisa de cumprimento, dizendo com uma voz aguda e agradável:

— Meu nome é Kringelein. Já estive aqui duas vezes. Vim informar-me de novo.

— Faça o favor de dirigir-se aqui ao lado, mas acho que não há nenhum quarto vago — disse o porteiro, apontando Rohna. — Aquele senhor está esperando há dois dias que vague um quarto — explicou, olhando por cima da divisão de vidro.

Rohna, sem voltar os olhos para o recém-chegado, tirara as suas conclusões e, por mera cortesia, fingiu estar folheando o livro de registro de hóspedes. Depois disse:

— Infelizmente, no momento está tudo ocupado. Sinto muitíssimo.

— Ainda está ocupado? Muito bem, e onde vou hospedar-me então? — perguntou o indivíduo.

— O senhor não quer ir ver nos arredores da estação, em direção da Friedrichstrasse? Há ali uma porção de hotéis.

— Não, muito obrigado — disse o homem. Tirou um lenço do bolso do sobretudo e passou-o nervosamente pela testa suada. — Quando cheguei estive num desses hotéis e não gostei. Quero hospedar-me num lugar distinto.

Ao colocar sob o braço esquerdo o guarda-chuva molhado, deixou cair o engordurado pacote que tinha debaixo do braço direito, mostrando algumas fatias de pão com manteiga — já tortas, de tão ressequidas. O Conde Rohna disfarçou um sorriso; Georgi virou-se para o quadro das chaves. O *groom* 17, corretíssimo, juntou os pedaços de pão seco, que o homem, com os dedos trêmulos, enfiou no bolso. Tirou o chapéu e colocou-o diante de Rohna, sobre o balcão. Tinha a testa alta e enrugada, e as têmporas fundas e azuladas. Seus olhos vesgos, de um azul muito claro, espiavam por trás de um *pince-nez* que estava sempre a querer escorregar pelo nariz afilado.

— Eu queria ficar hospedado aqui. Afinal há de vagar algum quarto. Faça o

favor de reservar-me o primeiro quarto que desocupar. Já é a terceira vez que venho aqui; o senhor pensa que isso me diverte? Não é possível que esteja sempre tudo ocupado, não é mesmo?

Rohna encolheu os ombros, lamentando. Durante um instante ficaram todos calados, e pôde-se ouvir a música da sala vermelha de refeições e o *jazz band*, que estava agora no pavilhão amarelo. Já se encontravam de novo sentados no *hall* vários senhores, e alguns deles olharam para o indivíduo com ar de estarem se divertindo, e ao mesmo tempo estranhando sua aparência.

— O senhor conhece o Diretor-Geral Preysing? Ele também se hospeda sempre aqui, quando vem a Berlim, não é verdade? Pois é. Eu também quero me hospedar aqui. Tenho um assunto urgente a tratar, uma conferência importante com Preysing. Aliás, ele próprio me pediu para encontrar-me aqui com ele. Aconselhou-me a hospedar-me aqui. Foi ele quem me recomendou este hotel. Vim por recomendação do Diretor-Geral Preysing. Por favor. Quando vai vagar um quarto?

— Preysing? O Diretor-Geral Preysing? — perguntou Rohna a Senf, do outro lado do vidro.

— De Fredersdorf; da Indústria Algodoeira Saxônia S.A. Eu também sou de Fredersdorf — disse o indivíduo.

— É, sim — lembrou-se o porteiro —, um Herr Preysing já esteve várias vezes aqui.

— Eu acho que pediram um quarto para ele, para amanhã ou depois de amanhã — murmurou Georgi, querendo mostrar-se solícito.

— O senhor quer tentar mais uma vez amanhã, quando Herr Preysing estiver aqui? Ele chega hoje de noite — disse Rohna, depois de folhear os seus livros e de encontrar o pedido de reserva.

Estranhamente, essa notícia pareceu assustar o homem.

— Vai chegar? — disse ele, com uma expressão de angústia, entortando ainda mais os olhos vesgos. — Está bem... vai chegar hoje mesmo. Bem. E há um quarto para ele? Quer dizer que há quartos vagos? Meu Deus, por que será que o diretor-geral tem um quarto e eu não? Que significa isso? É um desaforo que eu não posso admitir! Como? Ele reservou com antecedência? Faça o favor, eu também fiz uma reserva de quarto. É a terceira vez que venho aqui, é a terceira vez que arrasto esta mala pesada, faça o favor. Está chovendo, os ônibus estão cheios, eu não estou passando bem de saúde. Então? Quantas vezes devo fazer ainda esta caminhada? Como? Por quê? Isso não é modo de se tratar ninguém. Este é o melhor hotel de Berlim? Como? É? Pois bem, eu quero hospedar-me no melhor hotel de Berlim. Será que é proibido? — fitou a todos, um a um. — Estou cansado — acrescentou ainda —, estou extremamente

cansado — disse. Notava-se seu cansaço e o esforço ridículo para se expressar com termos escolhidos.

De súbito, o Dr. Otternschlag meteu-se na conversa. Durante todo o tempo ele ficara parado, segurando a chave de seu quarto, presa a um grande quadrado de madeira, com o cotovelo fincado no balcão da portaria.

— Se este cavalheiro faz tanta questão, pode ficar com meu quarto — disse Otternschlag. — Para mim não faz diferença morar aqui ou ali. Mandem subir a mala dele. Eu posso mudar-me. Minhas malas estão prontas. Minhas malas estão sempre prontas. É um favor. Vê-se logo que o homem está exausto, doente — acrescentou ainda, cortando a oposição que o Conde Rohna, com eloquentes mãos de maestro, queria fazer.

— Mas doutor — disse Rohna, pressuroso —, nem se fala nisso, não é possível que o senhor ceda seu quarto. Nós vamos tentar... vamos ver... Se o senhor quiser ter a bondade de assinar o seu nome... bem, muito obrigado... 216 — disse Rohna ao porteiro. O porteiro deu ao *boy* 11 a chave do quarto 216. O indivíduo pegou a caneta-tinteiro que lhe estendiam e assinou o seu nome, com incrível rapidez, no livro de registro de hóspedes.

Otto Kringelein, guarda-livros em Fredersdorf, Sachsen, nascido em Fredersdorf a 14-7-1882.

— Pronto! — disse ele, respirando aliviado. Virou-se e, com os olhos tortos, muito abertos, olhou para o *hall.*

Encontrava-se, finalmente, no *hall* do Grande Hotel, ele, o guarda-livros Otto Kringelein, natural de Fredersdorf e residente em Fredersdorf. Ali estava, com o seu velho sobretudo e as ávidas lentes do seu *pince-nez* a quererem engolir tudo de uma vez. Estava cansado como um corredor que toca com o peito a fita de chegada — e o seu cansaço não era brincadeira; olhava as colunas de mármore com os ornamentos de gesso, a fonte luminosa, as poltronas. Via cavalheiros de fraque e de *smoking*, elegantes e viajados. Senhoras de braços nus, com vestidos refulgentes, adereços e peliças, mulheres de excepcional beleza, elegantíssimas. Ouvia música ao longe. Sentia o cheiro de café, de cigarros e perfumes; aroma de aspargos, vindo da sala de refeições, e o das flores que se encontravam em vasos em cima de uma mesa, para serem vendidas. Sentia o tapete espesso, vermelho, sob suas botinas lustrosas, tapete que lhe causou, no princípio, a mais forte impressão. Kringelein deslizava cuidadosamente com as solas sobre o tapete, pestanejando. Estava muito claro no *hall*, uma luz suave e amarelenta; nas paredes havia lampadazinhas avermelhadas com abajures e, na fonte veneziana, verdes repuxos de água.

Um garçom passou apressado, carregando uma bandeja de prata com copos largos e rasos, contendo cada um deles um pouco de conhaque dourado-escuro,

onde boiavam pedras de gelo. Mas por que razão, no melhor hotel de Berlim, não enchiam os copos? O criado, segurando a triste mala, despertou Kringelein, que ficara a piscar os olhos tortos, a movimentar-se, quase como um sonâmbulo: o *boy 11* passou com ele diante do ascensorista, um maneta rabugento, e o conduziu para cima. Os quartos 216 e 218 eram os piores do hotel; no 218 morava o Dr. Otternschlag, porque era hóspede efetivo, não sendo além disso pessoa de muitas posses, mas sobretudo porque era muito indiferente para exigir outro. O 216 ficava ao lado, no canto à direita, e ambos estavam encravados entre o elevador de serviço, perto da escada da cozinha 4 e o banheiro do terceiro andar. Dentro da parede corria e gorgolejava a água através do encanamento. Kringelein, a quem conduziam por entre ornamentos de palmas, lustres de bronze e quadros de caçadas, a lugares cada vez mais tristonhos do hotel, esgueirou-se lentamente, e desiludido, para dentro do quarto cuja porta uma criada velha e nada bonita lhe abriu.

— Número 216! — disse o *boy*, colocando a mala no chão; esperou a gorjeta, que não recebeu, e deixou só o silencioso Kringelein. Este sentou-se na beirada da cama e examinou o quarto.

Era comprido e estreito, tinha uma janela apenas, cheirava a charuto apagado e a armários esfregados com pano úmido. O tapete era ralo e puído. Os móveis — Kringelein apalpou-os — eram de nogueira envernizada.

Em Fredersdorf havia móveis iguais a esses. Um retrato de Bismarck estava suspenso à parede, na cabeceira da cama. Kringelein sacudiu a cabeça. Nada tinha contra Bismarck, pois em sua casa também havia um retrato do estadista. Esperava vagamente encontrar no Grande Hotel quadros diferentes sobre as camas, quadros exuberantes, de cores bem vivas, fora do comum, que se admirassem com prazer. Kringelein foi à janela e olhou para fora. Lá embaixo estava claríssimo, o telhado de vidro iluminado do jardim de inverno clareava todo o pátio. Bem defronte havia um muro de incêndio, nu, infindável. Vinha dali um cheiro de cozinha, e subia um vapor morno e desagradável. Kringelein sentiu náuseas e apoiou-se à laje do lavatório. "É que eu não estou muito bem de saúde", pensou com tristeza.

Sentou-se de novo sobre a colcha desbotada, e a sua preocupação foi crescendo, de segundo em segundo. "Aqui não fico", pensou. "Não, aqui não fico de maneira alguma. Não foi para isso que vim aqui. Para isso não adianta nada eu ter vindo. Não é assim que vou começar. Não vou perder o meu tempo em quartos como este. Mas estão me enganando. Decerto eles têm ainda no hotel quartos bem diferentes deste. Preysing deve ficar hospedado em quartos bem melhores, pois não suportaria isto. Preysing havia de fazer barulho — e como! —, vocês ficariam admirados. Se lhe dessem um quarto desses!... Não. Aqui eu

não fico." Kringelein fez ponto final em suas reflexões. Concentrou-se. Precisou descansar alguns minutos. Depois tocou a campainha chamando a empregada, e fez um escândalo.

Se levarmos em consideração o fato de que aquela foi a primeira reclamação em tom violento que Kringelein fez na vida, temos de admitir que não se saiu muito mal. A empregada de avental branco, assustada, foi chamar uma camareira; um criado apontou ao longe; o quarteiro, com um prato de frios oscilando na palma da mão, estacou diante do 216 para escutar. Telefonaram a Rohna; este pediu que Herr Kringelein se dirigisse ao pequeno escritório, pois era necessário chamar um dos quatro diretores do hotel. Kringelein, obstinado como um camelo, exigia que lhe dessem um quarto bonito, luxuoso e caro, pelo menos como o de Preysing. Parecia considerar o nome de Preysing uma palavra mágica. Não tirara ainda o sobretudo, conservando as mãos trêmulas nos bolsos, agarradas aos velhos pedaços de pão com manteiga que trouxera de Fredersdorf; entortava os olhos e exigia um quarto caro. Sentia-se cansado e doente, com vontade de chorar. Nas últimas semanas chorava com facilidade, por causa da sua saúde. De repente, justamente quando ia desistir, viu que tinha vencido. Recebeu o 70, um salão com alcova e banheiro a cinquenta marcos por dia. Piscou um pouco quando leu o preço, mas, refletindo, perguntou:

— Bem. Com banho? Quer dizer... posso tomar banho a qualquer hora, todas as vezes que tiver vontade?

O Conde Rohna inclinou a cabeça, imperturbável. Kringelein fez sua segunda mudança.

O quarto 70 servia. Os móveis eram de mogno, havia espelhos de corpo inteiro, cadeiras forradas de seda, escrivaninhas entalhadas, cortinas de renda, quadros de faisões mortos na parede, e na cama um edredom de penas com capa de seda. Kringelein apalpou-o três vezes, incrédulo, sentindo seu brando calor e sua maciez. Sobre a escrivaninha havia um imponente tinteiro de bronze, representando uma águia, cujas asas abertas, ziguezagueantes, protegiam dois recipientes de tinta vazios.

Diante da janela caía uma chuva fresca de março; a atmosfera estava saturada de gasolina; ouviam-se buzinas de automóveis e, bem defronte, na fachada de um edifício, piscava continuamente um anúncio, com letras vermelhas, azuis e brancas; quando terminava de um lado, recomeçava na frente. Kringelein ficou olhando o anúncio durante seis minutos. Lá embaixo revolviam-se guarda-chuvas pretos e pernas claras de mulher, ônibus amarelos, globos de luz elétrica. Havia até mesmo uma árvore, estendendo os galhos não muito longe do hotel, galhos semelhantes aos das árvores de Fredersdorf. Essa árvore berlinense estava plantada numa ilhota de terra, no meio do asfalto, e em

redor da terra havia uma cerca, um gradeado, como se ela precisasse de proteção contra a cidade. Kringelein, rodeado por tanta coisa estranha e impressionante, alegrou-se um pouco ao ver a árvore. Em seguida ficou por momentos perplexo, sem saber o que fazer diante do mecanismo niquelado da banheira, que ele não conhecia; porém, de repente, o mecanismo funcionou, escorrendo-lhe água quente nas mãos. Então ele se despiu. Sentiu uma impressão um tanto penosa ao entrar com o corpo nu, débil e macilento, na bacia clara de azulejos. Mas afinal ficou sentado dentro da água por mais de um quarto de hora, sem dores, nenhuma dor; as dores com que ele andava há várias semanas haviam-no abandonado repentinamente. E, a partir desse dia, não queria mais sentir dores.

Por volta das dez horas da noite Kringelein passeava pelo *hall;* estava muito arrumado, de fraque, colarinho engomado, alto, e uma gravata preta, de nó feito. Não se sentia cansado; pelo contrário, uma agitação febril, uma enorme impaciência se havia apoderado dele. "Agora vai começar", pensava incessantemente, e seus ombros delgados tremiam como as pernas dianteiras de um cachorro nervoso. Comprou uma flor, que enfiou na lapela; deslizou, cheio de prazer, sobre o tapete vermelho-framboesa, e foi queixar-se ao porteiro de que não havia tinta no seu quarto. Um *boy* conduziu-o à sala de correspondência. Mal Kringelein se encontrou diante daquela quantidade de mesinhas de escrever, vazias, sob a luz agradável dos abajures verdes, perdeu todo o aprumo e tirou a mão do bolso, parecendo sentir-se humilhado. Enfiou os punhos brancos da camisa para dentro das mangas do paletó, com um gesto habitual, antes de sentar-se; depois, começou a escrever com sua caligrafia de guarda-livros, cheia de arabescos:

*À Chefia do Pessoal da Indústria Algodoeira Saxônia*
*S.A., de Fredersdorf.*
*Prezados senhores,*

*O abaixo assinado toma a liberdade de comunicar respeitosamente que, de acordo com o atestado médico que acompanha esta — anexo A —,* se *acha impossibilitado de trabalhar por um período de quatro semanas, até nova ordem. O último salário, vencido em março, o abaixo assinado roga a V. S$^{as}$- seja pago a Frau Anna Kringelein, Bahnstrasse n° 4, conforme procuração — anexo B. Caso o abaixo assinado não possa retomar seu serviço após quatro semanas, avisará V. S$^{as}$ oportunamente. Com a maior estima e consideração,*

*Otto Kringelein.*

*A Frau Anna Kringelein, Sachsen, Bahnstrasse n° 4.*

*Querida Anna* — continuou Kringelein a escrever, o A tinha um arrojado arabesco. — *Querida Anna, comunico-lhe que o diagnóstico do Professor Dr. Salzmann, após o exame a que me submeti, não foi favorável. Tenho que seguir diretamente daqui para uma casa de saúde, com as despesas a cargo do instituto, mas preciso ainda preencher algumas formalidades. Por enquanto estou hospedado num local muito barato, por recomendação do diretor-geral. Dentro de alguns dias darei notícias mais detalhadas; ainda preciso submeter-me a uma radiografia, antes de saber o diagnóstico definitivo. Lembranças do seu marido*

*Otto.*

*Ao tabelião, Herr Kampmann, Fredersdorf, Sachsen, Villa Rosenhein, Mauerstrasse.*

*Querido Amigo e Colega da Associação Coral* — assim começou Kringelein a terceira carta com sua letra legível e delicada olhando para a ponta da pena. — *Você vai ficar surpreso ao receber uma longa carta minha de Berlim, mas devo comunicar-lhe importantes modificações na minha vida e conto com sua compreensão e discrição profissional. Infelizmente tenho dificuldades em expressar-me por escrito, mas espero que você, com sua grande cultura e conhecimento dos homens, demonstre a devida compreensão para o que lhe escrevo. Como você sabe, após a operação a que me submeti no verão passado, nunca mais tive saúde e perdi a pouca confiança que depositava no nosso hospital e no nosso médico. Por isso aproveitei a oportunidade de ter recebido a herança de meu pai e vim para cá com esse dinheiro, a fim de fazer um exame e ver do que se tratava. Infelizmente, caro amigo, o resultado não foi bom, e, de acordo com a opinião do professor, tenho pouco tempo de vida*

Kringelein permaneceu com a pena no ar, talvez durante um minuto; esqueceu-se de colocar um ponto no fim da frase. Seu bigode, o imponente bigode de diretor de associação, estremeceu de leve, mas ele continuou a escrever animadamente:

*Quando se recebe tal comunicação, é natural que muita coisa passe pela nossa cabeça, e não dormi várias noites, mergulhado em minhas reflexões. Cheguei à conclusão de que não pretendo mais voltar para Fredersdorf, e,*

*durante as poucas semanas em que ainda me aguentar de pé, gostaria de aproveitar um pouco a vida. Quando nunca se gozou a vida e se tem de ir para o túmulo com quarenta e seis anos de idade, não é agradável ficar se preocupando, economizando e zangando-se com Herr Pr. na fábrica e com a mulher em casa. É injusto e errado saber que está tudo acabado e que nunca se teve uma alegria verdadeira. Infelizmente, caro Amigo e Colega da Associação Coral, não sei me expressar com correção. Desejo, por isso, apenas comunicar-lhe que o meu testamento, que fiz no verão antes de me operarem, continua válido, mas a situação agora é um pouco diferente. Fiz remeter para cá, através do banco, todas as minhas economias, assim como um empréstimo maior que fiz no seguro de vida e os três mil e quinhentos marcos da herança do meu pai. Desse modo posso viver durante algumas semanas como um homem rico, e é o que pretendo fazer. Por que razão somente os Preysing podem aproveitar a vida, e nós continuamos a ser os tolos, que economizam e amealham? Trouxe comigo a soma de oito mil, quinhentos e quarenta marcos. O que sobrar pode ficar para a Anna; mais do que isso, de acordo com a minha opinião, não lhe devo, pois ela me amargurou bem a vida com as suas brigas, e nem sequer me deu um filho. Porei você a par do lugar em que me encontro e da minha saúde, mas isso é segredo profissional, é um favor que lhe peço. Berlim é uma bela cidade, e cresceu muito para quem não esteve aqui por tantos anos. Pretendo também ir a Paris, porque conheço bem o francês, devido à correspondência. Como você pode perceber, estou firme e há muito tempo não me sinto tão bem.*

*Abraça-o com amizade o seu fiel Moribundus*

*Otto Kringelein.*

*P.S. Basta que você diga à diretoria da Associação que tive de ir para uma casa de saúde de industriários.*

Kringelein releu as cartas cujo conteúdo lhe custara duas noites de vigília — não ficou muito contente; pareceu-lhe que na carta para o tabelião faltava alguma coisa importante, mas não conseguia lembrar-se do que se tratava. Kringelein, apesar de possuir uma natureza acanhada e modesta, não era tolo, tinha idealismo e tendência para a cultura. O fato de dar ironicamente a si próprio o nome de Moribundus devia-o à leitura de um livro da biblioteca circulante, onde ele encontrara esse termo; lera o livro com enorme esforço, e o digerira em difíceis conversas com o tabelião. Desde seu nascimento, Kringelein levara a vida normal do pequeno burguês, vida um tanto insípida, sem grandes entusiasmos; vida dispersa de um empregado subalterno numa cidade pequena. Casara-se cedo e sem grande entusiasmo com Fräulein Anna Sauerkatz, filha do

merceeiro Sauerkatz, que lhe parecera muito bonita até o dia do casamento, mas logo após se tornou uma pessoa feia, desagradável, sovina, que dava uma enorme importância a coisas mesquinhas. Kringelein recebia um ordenado fixo, e também um pequeno aumento de cinco em cinco anos, mas como sua saúde não fosse das melhores, sua mulher e a família, desde o começo, obrigaram-no a viver com sórdida economia, tendo em mira um problemático "amparo na velhice". Um piano, por exemplo, que Kringelein desejara ardentemente durante toda a vida, nunca o pôde adquirir: vira-se forçado a vender seu cãozinho *teckel* chamado Zipfel, quando lançaram o imposto sobre os cães. No pescoço tinha sempre arranhões, porque sua pele delicada de anêmico não suportava os velhos e usados colarinhos, com a beirada áspera. Às vezes tinha a impressão de que alguma coisa não estava certa em sua vida, mas não descobria o que era. Em outras ocasiões, na Associação Coral, quando sua voz de tenor, de timbre agudo, tremulante e delicada, sobressaía entre as outras vozes, apossava-se dele um sentimento estranho: parecia-lhe estar vagando no espaço, sentia-se feliz como se voasse. Muitas vezes passeava à noite. Ia caminhando em direção a Mickenau, depois afastava-se das ruas calçadas e ia margeando o fosso úmido dos caminhos, andando por uma trilha que limitava as plantações. Por entre as hastes dos cereais passava um brando sussurro, e quando as espigas roçavam em sua mão ele sentia uma inexplicável alegria. Durante a narcose, no hospital, também sentira essa impressão esquisita e agradável, mas depois a esquecera. Eram coisas insignificantes, que diferenciavam o guarda-livros Otto Kringelein da média de seus concidadãos. E fora isso — juntamente, talvez, com a embriaguez provocada pelos venenos letais destilados pelo seu organismo — o que trouxera o Moribundus até ali, ao mais caro hotel de Berlim, onde escrevera aquelas cartas que continham uma decisão incrível, baseada em motivos fúteis.

Quando Kringelein se ergueu da cadeira, vacilando ligeiramente, e atravessou a sala de leitura com seus três envelopes na mão, encontrou-se com o Dr. Otternschlag, que, para ouvi-lo, virou para ele a face danificada, o que o assustou.

— Então? Já está instalado? — perguntou Otternschlag com indolência; estava de *smoking*, e olhou para as pontas de seus sapatos de verniz.

— Já estou, sim. Otimamente instalado — respondeu Kringelein com timidez. — Obrigado. Preciso agradecer lhe muitíssimo, cavalheiro. Foi muita bondade sua, de fato...

— Bondade minha? Ora veja! Por causa do quarto? Ora... Sabe, há muito que desejo mudar-me daqui, mas tenho preguiça. Este hotel é uma gaiola miserável. Se o senhor tivesse ficado com o meu quarto, eu estaria a estas horas no rápido para Milão, ou qualquer coisa assim... seria divertidíssimo. Ora, tanto

faz. Em março, o tempo é horrível no mundo inteiro. Dá na mesma ficar aqui ou ali. Posso ficar aqui, também.

— O cavalheiro costuma viajar muito? — perguntou Kringelein timidamente, pois imaginava que os hóspedes daquele hotel fossem todos magnatas ou fidalgos. — Se me permite: Kringelein — acrescentou com modéstia, inclinando-se com elegância fredersdorfiana. — O cavalheiro deve conhecer bem o mundo...

— Um pouquinho — disse Otternschlag. — Conheço os lugares mais visitados, os passeios obrigatórios, que todo mundo faz. A Índia, e pouca coisa mais — sorriu ligeiramente ao observar a avidez que se manifestou nos olhos azuis de Kringelein, vesgos por trás do *pince-nez.*

— Eu também pretendo viajar — disse Kringelein. — O nosso diretor-geral, por exemplo, viaja todos os anos. Há pouco tempo esteve em Saint-Moritz. Na Páscoa do ano passado esteve com a família em Capri. Imagino como tudo isso deve ser maravilhoso!

— O senhor tem família? — perguntou o Dr. Otternschlag, afastando o jornal para o lado. Kringelein refletiu cinco minutos, antes de responder:

— Não, senhor.

— Não tem! — repetiu Otternschlag, e em sua boca essas palavras adquiriram um caráter irrevogável.

— Em primeiro lugar eu gostaria de ir a Paris — disse Kringelein. — Paris deve ser uma beleza, não?

O Dr. Otternschlag, que demonstrara até então um resquício de calor e de interesse, parecia ter ficado sonolento. Ele costumava cair nesse estado de sonolência várias vezes por dia, e contra ele só podia empregar certos meios misteriosos e prejudiciais para a saúde.

— Para Paris o senhor deve ir em maio — murmurou ele.

Kringelein disse rapidamente: — Não disponho de tanto tempo.

Subitamente o Dr. Otternschlag o deixou sozinho.

— Tenho de ir para o quarto deitar-me um pouco — disse ele, mais para si mesmo do que dirigindo-se a Kringelein, que ficou na sala de leitura com as suas três cartas na mão. O jornal que Otternschlag folheara caiu ao chão; estava todo rabiscado com figuras de homenzinhos. Sobre cada figurinha havia uma cruz, desenhada com traços fortes. Kringelein, ligeiramente desiludido, saiu da sala deslizando pelo tapete, com o semblante desconcertado, e dirigiu-se para a sala de refeições de onde vinham os sons fracos mas perceptíveis de uma música lenta e martelada, que ecoava por todas as paredes do enorme hotel.

# 2

O pano caiu, batendo no soalho do palco com um ruído surdo e pesado de ferro.

A Grussinskaia, que até esse instante girara com leveza de flor por entre as bailarinas, veio se arrastando, ofegante, por trás do primeiro bastidor. Com ar estonteado, apoiou a mão trêmula no braço de um maquinista e soltou o ar dos pulmões, como se estivesse ferida. O suor corria-lhe ao longo das rugas sob os olhos. Os aplausos, fracos como uma chuva distante, avivaram-se de repente, o que significava que o pano abria de novo. Um homem levantava-o com grande esforço, enrolando-o com grandes impulsos de manivela. A Grussinskaia reabriu o seu sorriso, como uma máscara de papelão, e avançou dançando, fazendo curvaturas ao chegar às gambiarras.

Gaigern, que se aborrecera muito, bateu três ligeiras palmas, por pura amabilidade, e esgueirou-se por entre as filas da plateia, dirigindo-se para uma das saídas cheias de gente. Nas primeiras filas e nas galerias, alguns espectadores mais pertinazes gritavam e batiam palmas; mais para trás, todos se apertavam, empurrando-se para chegar quanto antes ao vestiário. Para a Grussinskaia, lá da cena, parecia uma fuga, um pequeno pânico, esse rápido desfilar de peitilhos brancos, de dorsos negros dos senhores, de capas de brocado — todos numa só direção. Ela sorriu, atirando a cabeça para trás, com o pescoço esguio como uma haste de flor; deu uns pulinhos para a direita e para a esquerda e abriu os braços, saudando o público que se preparava para retirar-se. O pano caiu, batendo no solo. O corpo de baile continuava na sua pose, tinha disciplina.

— Levantem o pano! Levantem o pano! — gritava histericamente Pimenoff, o mestre de *ballet,* que era o encarregado de preparar o êxito dos espetáculos.

A coisa ia devagar, e o homem da manivela fazia esforços desesperados. Algumas pessoas na plateia, que já estavam perto das portas, detiveram-se ainda um momento, com um sorriso amarelo, batendo palmas. Num camarote também aplaudiam. A Grussinskaia apontava para as bailarinas, ninfas de tarlatana agrupadas em seu redor; aparentando a maior modéstia, ela recusava esses fracos aplausos, cedendo-os às insignificantes jovenzinhas. Algumas pessoas que já haviam vestido seus agasalhos surgiram às portas, assistindo, com ar divertido, àquela manifestação tardia de entusiasmo. Witte, o velho maestro alemão, lá embaixo, na orquestra, fazia gestos súplices aos músicos, implorando-lhes que lhe obedecessem; eles já estavam guardando seus instrumentos nas caixas.

— Ninguém saia! — murmurou ele cheio de angústia, trêmulo e suando. — Ninguém saia, por favor, senhores. Talvez tenhamos de repetir a *Valsa da primavera!*

— Não tenha receio — disse um fagote. — Hoje não há extras. Vai ficar nisso. Então, não lhe disse?

Realmente, os aplausos pingavam. A Grussinskaia ainda pôde ver a bocarra negra e aberta do músico, a rir-se lá embaixo, antes que o pano a separasse dos espectadores. De súbito, os aplausos cessaram, e o repentino silêncio se alargou sinistramente na sala; só se ouvia o ruído que as jovens de tarlatana faziam, com as pontas de seda de seus pés batendo no chão.

— Podemos ir? — murmurou em francês Lucille Lafite, a primeira-bailarina, dirigindo-se às costas trêmulas e pintadas de branco da Grussinskaia.

— Podem. Vão-se embora. Todas. Vão para o diabo! — respondeu a Grussinskaia em russo. Tinha vontade de gritar, mas a voz lhe saiu da garganta num misto de tosse e soluço. Intimidadas, todas saíram correndo. Na ribalta as luzes se apagaram, e durante alguns segundos a Grussinskaia ficou sozinha em cena, a tiritar, sob a iluminação cinzenta de ensaio.

De repente ouviu-se um ruído, como o estalido de um galho partindo-se, o estrupido das patas de um cavalo, um ruído inconfundível — lá na sala deserta, uma pessoa aplaudia sozinha, completamente sozinha. Não havia acontecido milagre nenhum; era Meyerheim, o empresário, que, com a audácia do desespero, procurava salvar o espetáculo. Batia palmas, com suas mãos acústicas, com a máxima energia, aparentando frenético entusiasmo, e ao mesmo tempo lançava olhares iracundos às galerias, pois a claque, esquecida de seus deveres, havia abandonado cedo demais o seu posto. O Barão Gaigern foi o primeiro a ouvir esse ruído isolado, e voltou, curioso e com vontade de zombar. Tirou depressa as luvas e juntou-se freneticamente aos aplausos. E, ao voltarem apressadamente do vestiário uns sujeitos da claque e alguns curiosos, ele chegou a bater os pés, como um estudante entusiasmado. Alguns sujeitos trocistas se reuniram a ele, formando-se um pequeno e divertido ajuntamento, e, finalmente, perto de sessenta pessoas batiam palmas, chamando pela Grussinskaia.

— Pano! Pano! — gritava Pimenoff com voz esganiçada; a Grussinskaia corria de um lado para outro no palco, como uma histérica.

— Michael! Onde está o Michael? Michael tem que sair comigo! — gritou ela a rir-se, com as pestanas cheias de pasta azul, de suor e de lágrimas. Witte empurrou o bailarino Michael para diante dos bastidores; sem fitá-lo, a Grussinskaia pegou a sua mão, tão escorregadia de suor que era difícil segurá-la; diante da caixa do ponto curvaram-se com a harmonia perfeita de corpos acostumados a um trabalho em conjunto. Mal o pano caiu, a Grussinskaia

principiou a armar um escândalo, dando largas à sua excitação.

— Você estragou tudo! A culpa foi sua! Vacilou na terceira *arabesque!* Nunca me teria acontecido uma coisa dessas com o Pimenoff!

— Misericórdia, eu? Mas Gru! — murmurou Michael com seu cômico acento báltico, em tom suplicante. Witte arrastou-o depressa para trás do bastidor 3 e tapou-lhe a boca com sua mão de velho.

— Pelo amor de Deus, não a contradiga; deixe-a! — murmurou ele.

A Grussinskaia recebeu os aplausos sozinha. Nos intervalos destes, quando ia para trás dos bastidores e o pano ainda se conservava descido, ela se punha a vociferar. Amaldiçoava a todos com as mais espantosas maldições, xingava-os de porcos, cães, bando de devassos; chamava Michael de bêbado e Pimenoff de coisa pior ainda, ameaçava despedir o corpo de *ballet,* que já se ausentara, e jurava ao maestro Witte, que estava presente, calado e desolado, que se suicidaria pelos seus andamentos errados. Enquanto isso, o coração voava-lhe dentro do peito como um passarinho exausto e sem rumo, e as lágrimas corriam-lhe ao longo do sorriso de cera e pintura. Finalmente, o chefe dos eletricistas pôs fim a essa cena, baixando uma grande alavanca; ficou tudo às escuras, e um homem impaciente começou a cobrir com panos cinzentos as filas de cadeiras. O pano ficou descido, o homem da manivela foi para dentro.

— Quantas chamadas, Suzette? — perguntou a Grussinskaia a uma mulher idosa que estava nos bastidores e a ajudou a vestir um casaco de lã desbotado e fora de moda, e em seguida abriu diante dela a porta de ferro do palco. — Sete? Eu contei oito. Você acha que foram sete? É um bom número, não acha? Mas terá sido mesmo um sucesso?

Ouviu com impaciência os protestos de Suzette, que assegurava ter sido um sucesso enorme, quase como em Bruxelas há três anos. *Madame* se lembrava? Sim, *madame* se lembrava. Como se fosse possível esquecer um grande sucesso! *Madame,* sentada no pequeno camarim, olhava fixamente a lâmpada elétrica envolta em uma rede, que pendia sobre o espelho, e recordou-se de tudo. "Não, não foi como em Bruxelas", pensou, taciturna e morta de cansaço. Estirou os membros banhados em suor; como um pugilista estendido no seu canto após um exaustivo *round,* ficou largada, enquanto Suzette friccionava-a, esfregava-a e tirava-lhe a pintura. O camarim era um canto triste, aquecido demais, sujo, estreito; cheirava a roupa velha, a ranço, a pintura, a centenas de corpos extenuados. Talvez a Grussinskaia tivesse dormitado alguns segundos, porque esteve a caminhar pelo átrio de sua *villa* do lago de Como — mas a seguir viu-se de novo ao lado de Suzette, às voltas com o penoso descontentamento provocado pelo espetáculo dessa noite. Não tinha sido um grande sucesso, não. Não tinha sido um grande sucesso. E que mundo cruel e incompreensível era esse, que

começava a negar a uma artista como a Grussinskaia um grande sucesso?!

Ninguém sabia a idade da Grussinskaia. Alguns velhos senhores russos, aristocratas imigrados que moravam em quartos mobiliados em Wilmersdorf, diziam conhecer a Grussinskaia há quarenta anos — o que era seguramente um exagero. Mas, sem dúvida, seu êxito internacional já datava de vinte anos, e vinte anos de êxito e celebridade representam um tempo infinito.

Às vezes, a Grussinskaia dizia ao velho Witte, seu amigo e companheiro desde o início da sua carreira:

— Witte, sou uma criatura condenada a arrastar uma carga excessiva, sem descanso, a vida inteira.

E Witte respondia, cheio de gravidade:

— Por favor, Elisavieta Alieksandrovna, nunca deixe perceber isso; nunca fale de carga e de peso. O mundo inteiro se fez pesado. Sua missão, Elisavieta, permita-me que o diga, é conservar-se leve. Conserve-se como está! Não mude, seria uma catástrofe mundial.

A Grussinskaia não mudava. Pesava quarenta e oito quilos desde os dezoito anos, e uma boa parte do seu êxito e das suas aptidões era devida a esse fato. Seus *partners*, habituados à sua leveza, não conseguiam dançar com nenhuma outra bailarina. Seu pescoço, seu corpo, que parecia consistir apenas em articulações, o oval de seu rosto continuavam sempre os mesmos. Seus braços se moviam como disciplinadas asas. Seu sorriso, sob as pálpebras alongadas, era por si só uma obra de arte. Todas as energias da Grussinskaia se concentravam numa única finalidade: conservar-se fiel a si mesma. E ela não notava que era isso precisamente o que começava a aborrecer o público...

Talvez esse público a apreciasse como ela era na realidade, como era nesse momento, sentada no seu camarim: uma pobre mulher, velha, delicada, extenuada, de olhar tristonho, e a carinha consumida e torturada de um ente humano e real. Quando a Grussinskaia não tinha sucesso — e isso costumava acontecer agora, de vez em quando — encolhia-se toda, transformava-se de súbito numa mulherzinha velhíssima, de setenta anos, de cem anos, mais velha ainda. Lá no fundo do camarim, Suzette lamentava-se em voz baixa, em francês, diante do lavatório cinzento, encravado na parede; a torneira de água quente não funcionava muito bem. Afinal ficaram prontas as compressas úmidas para o rosto, e a Grussinskaia entregou-se à sua ardência, enquanto Suzette lhe tirava o colar de pérolas do pescoço, essas pérolas de uma beleza inverossímil, célebres no mundo inteiro, que datavam da época dos grão-duques.

— Pode guardar o colar; não quero mais usá-lo hoje — disse a Grussinskaia, abandonando-se, com a fisionomia concentrada, às pontas dos dedos, às essências de cânfora e à pintura do seu apagado factótum. Tinha de ir ainda a

uma ceia que o Clube do Proscênio oferecia em sua honra, e por isso ela se fazia pintar com tanta compunção, como um antigo guerreiro mexicano antes de enfrentar o inimigo.

No corredor, diante do camarim, Witte ia e vinha, como uma paciente sentinela a montar guarda, enquanto arranhava a tampa do relógio, que usava no bolso do fraque, à moda antiga. Em seu rosto envelhecido de músico, liam-se a preocupação e a aflição. Pouco depois veio juntar-se a ele o mestre de *ballet*, Pimenoff, e finalmente chegou Michael, com as pestanas lustrosas de vaselina, e cheio de pó de arroz.

— Vamos esperar a Gru? Vamos juntos? — perguntou Michael, enchendo-se de coragem.

— Eu o aconselharia a evaporar-se, meu rapaz — disse Witte —, mesmo que você não tivesse vacilado cem vezes, o aconselharia a fazer isso.

— Mas eu não vacilei, Pimenoff! Acha que eu vacilei? — exclamou quase chorando. Pimenoff encolheu os ombros. Era também um homem idoso, com um nariz grande e característico, e tinha um fraco pelas gravatas plastrão da época de Eduardo VII. Ele próprio não dançava mais, apenas dirigia os ensaios e preparava os *divertissements* para a Grussinskaia. Eram coreografias clássicas, muito difíceis, cheias de pássaros, flores e alegorias, tudo dançado em pontas.

— Vá deitar-se, evite encontrar-se com a Gru, hoje. Lucille também já sumiu — disse ele, prudentemente.

Michael, com expressão de zanga, bateu à porta do camarim da Grussinskaia.

— Boa noite, *madame!* — exclamou ele. — Não os acompanho hoje. Quando é o ensaio amanhã?

— Naturalmente que você vai conosco. Tem que sentar-se ao meu lado na mesa! — exclamou lá de dentro a Grussinskaia. — Não me faça ficar triste, *sweetheart!* Sobre o ensaio vamos falar ainda. Espere por mim, ainda não estou pronta.

— *Tiens...* já passou a crise — murmurou Witte com um gesto de "já não está mais aqui quem falou".

— *Larmes, oh, douces larmes!* — declamou Pimenoff, com o queixo metido na gola do sobretudo.

— Não quero que o meu pior inimigo dance *pas de deux* com a Gru! Misericórdia, meu caro! — finalizou Michael, com seu cômico acento báltico.

A Grussinskaia, no camarim, punha perfume atrás da orelha. "Michael tem que estar lá", pensou ela. "Estou sempre rodeada de velhos: Pimenoff, Witte, Lucille, Suzette." De repente, sentiu uma raiva enorme do chapeuzinho surrado que Suzette usava, colocando-o sobre os cabelos cor de cinza, caído para trás. Com um gesto brusco recusou seu auxílio e saiu para o corredor, levando no

braço a capa preta e dourada, com arminho. Virou-se de costas para Michael, para que ele lhe colocasse a capa nos ombros. Ele a colocou, com seu jeito habitual, delicado e feminino. Era uma pequena cerimônia de reconciliação; mais do que isso: era um tênue e secreto anseio da Grussinskaia pela companhia desse jovem. Michael era jovem, porque a Grussinskaia estava sempre mudando de primeiro-bailarino, cheia de nervos e de exigência com seus *partners* pessoais. O resto da *troupe* envelhecera com ela.

Aliás, ela agora tinha uma aparência magnífica, linda, estranha, exuberante e elástica.

— Elisavieta está encantadora! — disse Witte, com uma reverência do século passado. Ele se habituara a expressar-se num estilo complicado, em primeiro lugar para ocultar seu amor por Gru, por quem se apaixonara desde a mocidade, e depois porque tinha de traduzir logo suas frases, do alemão para o russo ou para o francês. A Grussinskaia também passava constantemente de uma língua para outra, do *tu* russo ou francês ao *você* inglês, e também conhecia o alemão; sabia traduzir as principais grosserias e amabilidades para qualquer língua. Nem sempre era fácil seguir sua conversa. Quando entrou no carro, por exemplo, perguntou:

— Você acha que a culpa é das pérolas, Witte?

— As pérolas? Por quê? Culpa de quê? — perguntou Witte, perplexo. A segunda pergunta foi feita apenas por cortesia, porque ele sabia muito bem a que se referia a Grussinskaia.

— *Mon Dieu*, por que justamente as pérolas? — perguntou também Pimenoff.

— Pois é, o colar de pérolas. Elas me dão azar, essas pérolas — disse ela expressivamente, como uma criança.

Witte batia com uma luva na outra: usava luvas *glacées*, fora de moda.

— Mas querida!... — disse ele abismado.

— Como? — perguntou Pimenoff. — Durante toda a sua vida essas pérolas lhe deram sorte, eram a sua mascote, o seu talismã! Você não podia dançar sem esse colar! E agora, de repente, as pérolas lhe dão azar? Que ideia, Gru!

— Pois é. Elas dão azar. Já percebi isso há muito tempo — disse Gru, com uma ruga de teimosia entre as sobrancelhas pintadas. — Não sei explicar muito bem, mas pensei muito sobre isso. Enquanto o Grão-Duque Serguei vivia, elas me deram sorte. *Voilà.* Desde que o assassinaram... azar, azar, azar! A ruptura do tendão no meu tornozelo, o ano passado, em Londres. O *déficit* em Nice. E, de um modo geral, azar! Não usarei mais esse colar quando dançar. Fiquem sabendo!

— Não vai usá-lo mais? Mas querida, Gru querida, você não pode aparecer

em público sem as pérolas, você acreditou a vida inteira que não podia aparecer em cena sem essas pérolas, e agora, de repente...

— Pois é — disse a Grussinskaia —, era uma superstição minha.

Witte principiou a rir.

— Lisa! — exclamou ele — pombinha, minha queridinha, você é mesmo uma criança!

— Vocês não me compreendem. Você não me entende absolutamente, Witte. As pérolas já não me ficam bem. Não devo usá-las mais. Antigamente era diferente. Antigamente ... em São Petersburgo, em Paris, em Viena... era preciso usar joias. Uma bailarina tinha que ter joias e ostentá-las. Agora... quem é que usa um colar de pérolas verdadeiras? Eu sou mulher, sinto melhor essas coisas, tenho *flair* para essas coisas... Michael, você está dormindo? Fale alguma coisa também!

Michael, sem mover seu corpo delicado, disse, num francês lento:

— Quer saber o que penso, *madame?* Devia dar seu colar de pérolas às crianças pobres, aos aleijados, ou qualquer coisa parecida, *madame.*

— O que você está pensando? O colar de pérolas? Dar as pérolas? —- exclamou a Grussinskaia em russo, e a expressão *pozertvovati* parecia a melodia de alguma canção.

— Chegamos — disse Pimenoff, brecando de súbito.

— *En avant!* — ordenou a Grussinskaia. — Sejamos elegantes! Alegremo-nos!

Abriu-se uma porta.

Witte, subindo a escada atrás da bailarina, declarou:

— Elisavieta Alieksandrovna só tem um defeito: a paixão pelo imperativo categórico.

A Grussinskaia começou a rir, radiante como uma lâmpada acesa de repente, e assim, alegre e sorridente,entrou no clube, onde trinta fraques, de pé, esperavam pela sua entrada.

O Barão Gaigern tinha sido o último a deixar de aplaudir, mas assim que teve a certeza de que o pano não ia subir mais saiu do teatro com a fisionomia séria de um homem apressado. Não estava mais chovendo, e no asfalto úmido da Kantstrasse se refletiam numerosas luzes brancas e amarelas; o bonde passava ligeiro por entre as casas, guardas davam sinal para a partida, indivíduos desocupados abriam as portas dos automóveis às capas de pele. Gaigern foi andando pela calçada por entre a multidão, infringiu com perigo de vida as regras do trânsito e continuou a caminhar rapidamente por uma rua mais escura, a Fasanenstrasse, onde o seu carro — um modesto carrinho de quatro lugares — estava estacionado. O chofer fumava um cigarro.

— Então? — perguntou Gaigern, com as mãos nos bolsos do impermeável azul.

— Ela já mudou de chofer — respondeu o motorista. — Agora é um inglês. Ela o pescou em Nice, onde o patrão dele o deixou, após arruinar-se. Almocei com ele. Esse não abre a boca para dizer nada.

— Pela centésima vez eu lhe digo para tirar o cigarro da boca quando eu falar com você — disse Gaigern, dissimuladamente.

— Está bem — disse o chofer, jogando fora o cigarro. — Agora ele foi ao teatro, para levá-la ao Clube do Proscênio; daqui a pouco deve chegar lá. Quando deverá ir buscá-la, ainda não sabe.

— Ainda não sabe? — repetiu Gaigern, pensativo, batendo com as luvas na palma da mão. — Bem, está certo. Vou até lá de novo. Vá com o carro para o teatro e espere defronte da entrada.

Gaigern foi-se aproximando de novo do teatro, com a mesma fisionomia de homem ocupadíssimo. Ali, tudo agora estava vazio e vulgar: o enorme luminoso se apagara, as tabuletas olhavam inexpressivas. A entrada do palco não dava para a rua, mas para um pátio em cujos muros de incêndio a hera úmida cintilava. Gaigern se esgueirou por entre uns sujeitos que estavam vagabundeando por ali, e ficou a olhar para a porta de vidro fosco onde a Grussinskaia devia aparecer. Primeiro saíram os bombeiros, depois os maquinistas, de ombros largos, fumando, e em seguida passou algum tempo sem que ninguém aparecesse. Um pouco depois a porta cuspiu para o pátio uma pequena *troupe* de jovens bailarinas, criaturas magrinhas, com peliças baratas, tagarelando em francês, russo e inglês. Gaigern sorriu, depois que elas passaram; muitas já conhecia de Nice e Paris. Quando sorria, seu lábio superior encurtava, como acontece com os garotinhos, o que o tornava encantador e agradava a muitas mulheres.

"Meu Deus, como hoje isto está demorando de novo", pensou ele, impaciente, quando o pátio dos fundos do teatro adormeceu por completo. Passou-se quase um quarto de hora, até que o chofer se mexeu, no carro da Grussinskaia, como um cão que está sonhando, e ligou o motor. Gaigern, que conhecia o sinal, encolheu-se, ocultando-se na sombra do muro. Quando a Grussinskaia apareceu, finalmente, ele estava invisível.

— Espere-me aqui, Suzette — disse ela voltando-se para a porta —, mando logo o Berkley de volta. Ele a levará para o hotel.

Vestia uma capa magnífica, muito vistosa, dourada e preta, com arminho, que a envolvia até o queixo; a bailarina estava agora tão bonita como nas fotografias em que aparecia nos jornais ilustrados do mundo inteiro. Gaigern, do seu esconderijo, olhou-a com atenção. Quando ela pôs o pé prateado no estribo do carro, a gola de arminho abriu-se, e Gaigern pôde ver seu pescoço, seu

célebre pescoço, longo e alvo, semelhante à haste de uma flor, que nessa noite, sobretudo, parecia mais nu do que nunca. Satisfeito, aspirou o ar pelos dentes; nunca havia desejado nada com tanto ardor quanto ver esse pescoço nu...

Mal o automóvel partiu, Suzette apareceu no pátio escuro e deserto seguida pelo porteiro, que fechou a entrada do palco. Conservava a aparência de cópia velha e apagada da sua patroa, pois usava os vestidos e os chapéus velhos da Grussinskaia, quando já haviam passado de moda há muito tempo. Neste momento arrastava-se pelo pátio, metida numa saia comprida, em forma de sino, e usando um casaco desbotado, com uma espécie de gola à Werther. Em cada mão carregava uma mala: na esquerda, uma valise grande e chata; na direita, uma pequena *suitcase* de verniz preto. Andando com dificuldade, foi até a porta gradeada que separava da rua o pátio do teatro e ali ficou a caminhar de um lado para o outro, sob a luz forte da lâmpada elétrica. Pela cabeça de Gaigern passaram, durante esses poucos segundos, alguns velozes pensamentos, e ele se curvou, no seu canto sombrio, com os nervos tensos, como a se preparar para um salto ou para iniciar uma corrida. Mas nada fez, porque o maldito Berkley, fazendo uma magnífica curva, aproximou-se, e Suzette subiu no carro cinzento. Na Gedaechtniskirche bateram onze e meia, e Gaigern, que se esquecera de respirar um minuto, aspirou profundamente o ar da noite. Assobiou, e seu carrinho surgiu incontinenti.

— Vamos ao hotel, siga-o depressa! — exclamou, sentando-se rápido ao lado do chofer.

— Então? Há esperanças? — perguntou este, que já estava falando de novo de cigarro na boca.

— Esperemos — respondeu Gaigern.

— Mais uma noite inteira à espreita no carro, hein? E cá o degas não precisa dormir mais, não é? — disse o chofer.

Gaigern esticou o indicador, mostrando o carro cinzento que fazia a pequena curva em redor da casinhola iluminada do guarda, na Hitzigbruecke.

— Vá seguindo — disse; o chofer pisou no acelerador; não havia mais guardas na ponte. Berlim borbulhava sua vida noturna pelas ruas, sob um céu vermelho, completamente sem estrelas, sob a claridade de uma noite de primavera.

— A gente até perde a vontade — continuou o chofer com as suas considerações. — Essa história está dando mais despesas do que o lucro que poderá vir. No fim só vai dar prejuízo.

— Faça o que quiser — replicou o barão amavelmente, e seu lábio superior tornou-se minúsculo ao pronunciar estas palavras. — Se você não está contente, pode receber o pagamento e seguir o seu caminho. É um favor.

— Não estou falando por mal — disse o chofer.

— Nem eu — respondeu o barão. Depois ficaram calados até chegar ao hotel.

— Estacione na entrada 6 — observou Gaigern, ao saltar do carro; na porta giratória, que levava do *hall* de entrada ao grande *hall,* encontrou-se com um senhor girando em sentido contrário. Gaigern deu um pontapé impaciente na porta e fez com que o carrossel de vidro, com o seu conteúdo, fosse para a frente.

— É nessa direção que ela gira! — disse ele a Kringelein.

— Obrigado. Muito obrigado — replicou Kringelein, que queria sair e ficou de novo girando lá dentro.

Gaigern correu a buscar sua chave, voou ao elevador e, no primeiro andar, pediu ao maneta que esperasse um pouco, pois voltaria em um segundo. Disparou pelo corredor até o seu quarto, o 69, atirou o chapéu e a capa, tirou de um vaso um lindo ramo de orquídeas e correu com ele para o corredor.

— Faça o favor de dizer ao ascensorista que não preciso mais dele — disse a uma criada de quarto que se arrastava ao longo das portas, caindo de sono. A empregada deu o recado ao maneta, que tocou o elevador, resmungando. Quando o elevador chegou ao andar térreo, Suzette já o estava esperando com suas duas malas, para subir. E era isso justamente o que Gaigern queria.

Ao entrar no quarto 68, o quarto da Grussinskaia, Suzette viu atrás de uma palmeira no corredor um bonito jovem, cuja fisionomia tímida e suplicante não lhe era desconhecida.

— Boa noite, *mademoiselle.* Permita-me dizer-lhe uma palavrinha — disse ele no francês elegante, um tanto antiquado, que se ensina nos colégios de jesuítas. — Só uma palavrinha: *madame* não está no seu quarto?

— Não sei, cavalheiro... — respondeu Suzette, que era sabida.

— É só porque... desculpe o atrevimento... mas eu gostaria de colocar no quarto de *madame* uma florzinha para ela. Sou um admirador, estive hoje no teatro... e não perco os seus espetáculos de dança. Olhe, eu li num jornal que *madame* gosta destas catleias... é verdade?

— É — respondeu Suzette. — Ela gosta de orquídeas. Em nossa estufa de Tremezzo temos uma pequena coleção delas.

— Ah! Posso então entregar-lhe meu raminho e pedir-lhe o favor de colocá-lo no quarto de *madame?*

— Hoje recebemos uma imensidade de flores. O embaixador francês mandou uma cesta — disse Suzette, ainda amargurada pelo discutível sucesso da noite, olhando com bastante simpatia aquele jovem tímido. Mas não podia pegar o ramo porque estava com as duas mãos ocupadas. Teve até dificuldade em

passar a chave para a mão direita a fim de abrir a porta do 68. Gaigern, vendo o apuro em que ela se encontrava, aproximou-se solícito.

— Permita-me! — disse ele, fazendo menção de pegar as duas malas. Suzette entregou-lhe a mala grande. Mas conservou consigo a pequena *suitcase*, afastando-se num movimento instintivo. "É ali então que se encontram as célebres pérolas", pensou Gaigern, sem dizê-lo, é claro. Abriu a porta externa, depois a interna, e franqueou com passos tímidos e ao mesmo tempo entusiásticos o limiar do quarto onde a Grussinskaia estava hospedada.

O quarto era banal, e estava arrumado com uma elegância empoeirada, como todos os outros. Fazia frio ali dentro, flutuava um perfume estranho e acre, e um aroma de coroas de folhagem, e a porta que dava para o pequeno terraço estava aberta. O cortinado do leito estava aberto, e sobre o tapete encontravam-se uns chinelinhos já bem usados e gastos: chinelos de uma mulher acostumada a dormir sozinha. Gaigern, parado à porta, teve um furtivo e terno sentimento de piedade por esses chinelinhos resignados, junto ao leito de uma linda e célebre mulher. Entrou no quarto segurando seu ramo de orquídeas, com um gesto de súplica. Suzette colocou a *suitcase* sobre a mesa de *toilette*, entre os três espelhos, e apanhou finalmente as flores.

— Obrigada, *monsieur* — disse ela. — Há algum cartão com as flores?

— Que ideia! Eu não sou tão atrevido — disse Gaigern. E ficou a olhar para o rosto enrugado e cor de marfim de Suzette, que mostrava estranha semelhança com o da patroa. — A senhora está cansada? — perguntou ele. — E *madame* com certeza vai voltar tarde. Precisa esperar por ela?

— Não. *Madame* é boa pessoa. Diz-me todas as noites: "Pode ir dormir, Suzette, não preciso de você". Mas *madame* precisa de mim, sim. Vou esperar por ela. *Madame* nunca chega depois das duas, porque começa a trabalhar às nove horas da manhã. E que trabalho o dela, *monsieur* — oh, *mon Dieu!* Não, *madame* é muito boa.

— Ela deve ser um anjo! — observou Gaigern em tom respeitoso. "Só há um quarto de banho sem janelas entre o 68 e o 69", pensou ele ao mesmo tempo. Seu olhar, vagando por todos os lados, caiu no enorme bocejo de Suzette.

— Boa noite e mil vezes obrigado, *mademoiselle* — disse ele modestamente. Depois, sorriu e desapareceu.

Suzette fechou as duas portas assim que Gaigern saiu, colocou as orquídeas na garrafa de água e encolheu-se num *fauteuil*, como uma gata friorenta.

# 3

Antes da uma da manhã há poucos pares de sapatos diante das portas dos quartos do Grande Hotel. Todo mundo saiu para gozar a noite fervilhante, barulhenta e exuberante de luz elétrica da grande cidade. A criada de quarto da noite boceja a um canto, no pequeno *office,* ao fim do corredor; em cada andar há uma criada exausta, virtuosa e murcha. Os *boys* revezaram de turno às dez horas, mas a nova guarnição também tem, sob os bonés colocados de lado, descuidadamente, os mesmos olhos febris e brilhantes de crianças que não foram cedo para a cama. O encarregado do elevador, manda e mal-humorado, foi substituído, à meia-noite, por um outro maneta não menos mal-humorado. Senf entregou também seu posto ao porteiro da noite, e dirigiu-se ao hospital sem refletir, lá pelas onze horas, com os dentes batendo de excitação. O fato de ele ter sido mandado para casa por uma irmã-porteira pouco amável, com a observação de que o nascimento da criança podia demorar ainda vinte e quatro horas, é assunto particularmente seu, e não tem nada a ver com o hotel. No hotel, a estas horas, estão se divertindo a valer. No pavilhão amarelo estão dançando, o bufê de Mattoni já está bem desfalcado e ele sorri com seus olhos de negro enquanto corta fatias do rosbife e mistura *maraschino* na salada de frutas gelada. Os ventiladores zunem e cospem o ar viciado para os pátios do hotel, e na sala de leitura, no subterrâneo, estão os choferes falando mal dos patrões, porque não os deixam beber durante o serviço. No *hall* encontram-se sentados os hóspedes provincianos do Reich, assombrados e levemente aborrecidos com os hóspedes de Berlim, esses senhores de chapéu caído para a nuca, com gestos exagerados, e admirados também com a pintura dos rostos das senhoras. Rohna, que acabava de se esfregar com *vinaigre de toilette* e ia atravessando o *hall,* pensou: "É verdade que os nossos frequentadores noturnos não são *first class.* Mas — que *voulez-vous?* — só essa gente ordinária é que traz dinheiro para a caixa!"

Pouco antes da uma hora, Herr Kringelein chegou ao bar do hotel, onde se imprensou, exausto, atrás de uma mesinha para observar o mundo com olhos enublados. Para falar a verdade, Herr Kringelein estava completamente exausto, mas era voluntarioso como uma criança no dia do seu aniversário — simplesmente não queria ir para a cama. Além disso, tinha a impressão de já estar dormindo, tudo chegava ao seu cérebro de um modo confuso, como um estado de sonho ou de febre; o alarido e o movimento humano, as vozes, a música, tudo isso estava junto dele e ao mesmo tempo muito distante,

absolutamente irreal. O mundo burburinhava de modo estranho, mergulhando-o num estado de bebedeira sem álcool. Certa vez, com a idade de dez anos, Kringelein faltara à escola e fugira, com medo de um ditado, numa manhã quente e cheia de neblina, em direção a Mickenau; depois, deixara as ruas calçadas e ficara a vagabundar pelos campos e, enquanto o sol dardejava seus raios ardentes, deitara-se e adormecera com a cabeça sobre uma almofada de trevo. Chegara a uma sebe à margem do rio e encontrara ali uma quantidade enorme de framboesas, que se pôs a devorar. Nunca mais se esqueceu, em toda a sua vida, do zumbido das grandes moscas dos brejos, que chuparam o sangue de suas pernas e de seus dedos perfumados e sujos do suco das framboesas, que tinha apanhado aos punhados, por entre urtigas e espinheiros. Esse sentimento embriagador de plenitude, o medo, o leve e febril mistério, e a alegria maligna da ação reprovável — essa embriaguez do assaltante, tudo isso ele sentia de novo, entre uma e duas da madrugada, no bar do hotel mais caro de Berlim. De certo modo as martirizantes moscas também se encontravam ali; haviam tomado a forma de números, e davam desagradáveis picadas no cérebro de Kringelein, no cérebro de um modesto guarda-livros que, acostumado a fazer contas durante toda a sua vida, não conseguia agora deixar de fazê-las.

Nove marcos era quanto custava uma porção de caviar, por exemplo. Caviar é uma desilusão, na opinião de Kringelein. Tem gosto de arenque e custa nove marcos. Kringelein sentiu calor e frio ao mesmo tempo, quando se viu sentado diante do carrinho com os *hors d'oeuvres,* observado por três garçons com ar de poucos amigos.

O *menu* — vinte e dois marcos, com a gorjeta — ficou intacto, porque seu estômago enfermo sentira náuseas. O borgonha era um vinho grosso e ácido deitado numa espécie de carrinho de criança, como um *baby.* A gente rica tinha um gosto esquisito, parecia. Kringelein, que não era bobo e gostava de aprender, reparara logo que estava mal vestido e usava as várias espécies de talheres de modo errado. Não pudera livrar-se de um maldito tremor nervoso durante toda a noite, que fora rica em embaraços por causa das gorjetas, de saídas por portas erradas, de perguntas confusas e pequeninos tormentos de toda a espécie. Mas tivera também seus grandes momentos, essa noite de um homem rico. A visita às vitrinas, por exemplo. Em Berlim as vitrinas ficam iluminadas durante a noite, e tudo que existe no mundo se encontra ali aos montões. Poder comprar tudo isso era um pensamento novo, febril e embriagador, para um homem como Kringelein. Foi ao cinema (em Berlim ainda se pode ir ao cinema às nove e meia da noite) e comprou um camarote. Em Fredersdorf também se vai ao cinema, pois três vezes por semana há um espetáculo no Salão Zickenmeier, onde a Associação Coral costuma fazer os seus ensaios. Kringelein estivera lá uma ou

duas vezes, e sentara-se com sua Anna, que era muito sovina, bem na frente, no lugar mais barato, entre operários de fábricas; esticava a cabeça para cima, como um parafuso, de olhos fixos nas gigantescas e desfiguradas imagens da tela. O filme, visto de um lugar caro, tinha um aspecto completamente diferente, assemelhando-se à vida real, quando se pode pagar; foi esse um dos grandes conhecimentos adquiridos nessa noite. Kringelein, lembrando-se disso, sacudia a cabeça, sorridente. Um parêntese: esse filme de Saint-Moritz mostrava um mundo maravilhoso, mas que não parecia real. Kringelein, naquele canto do bar, resolveu ir para Saint-Moritz. "Estes montes, lagos e vales não existem só para os Preysing", pensa ele. Seu coração palpita com força quando tal pensamento o assalta de novo. Quando as pessoas têm a certeza de que vão morrer, são assaltadas por uma sensação de liberdade, amarga e triunfante. Kringelein, no entanto, não encontra palavras para exprimir o sentimento que às vezes o assalta, e agora o oprime, obrigando-o a suspirar profundamente para recobrar alento.

— Com licença — disse o Dr. Otternschlag em meio às considerações de Kringelein, metendo os joelhos ossudos por debaixo da mesinha em que estava sentado. — Não há mais nenhum lugar livre neste maldito bar. Local completamente obstruído. Louisiana Flip — disse ele ao garçom, pousando os dedos magros sobre a mesa, entre ele e Kringelein, como dez varetas, frias e pesadas, de metal.

— Que prazer — disse Kringelein com elegância. — Tenho imenso prazer em encontrar de novo o cavalheiro. O senhor foi tão bondoso comigo... não pense que me esqueci. Não, realmente não...

Otternschlag, a quem há muitos anos ninguém chamava de bondoso, e com quem, há dez anos, ninguém, absolutamente ninguém, mantivera uma conversa, sentiu um leve desprezo, misturado com certa satisfação, ouvindo os repetidos agradecimentos do senhor de Fredersdorf.

— Bem, bem... saúde! — disse ele, engolindo de um trago o seu Flip. Kringelein pedira uma bebida qualquer, mas não se atrevia a bebê-la, e apenas provou o líquido cor de cobre na taça de metal niquelado.

— No começo, o movimento daqui nos causa confusão — disse timidamente.

— Hum — replicou o Dr. Otternschlag. — No princípio causa. E não melhora, quando somos hóspedes efetivos. Não. Mais um Louisiana Flip.

— Na realidade, tudo é diferente do que imaginamos — respondeu Kringelein, a quem o coquetel forte deixara meditabundo. — Hoje em dia já não se vive na província como se estivéssemos fora do mundo. Lemos os jornais. Mas na realidade é bem diferente. Eu sei, por exemplo, que as banquetas do bar são altas. Mas não acho que sejam tão altas assim. E o negro ali adiante é o

*mixer,* isso eu já sei; mas não é uma coisa tão esquisita, quando ele está perto de nós, apesar de ser o primeiro negro que vi na minha vida. Mas não é nada esquisito. Fala até alemão, e poderíamos pensar que ele está apenas pintado de preto.

— Não, não, é um negro de verdade. Mas não e muito competente. Quem quiser bebidas que façam dormir precisa esperar muito.

Kringelein prestou atenção à confusão de vozes, ao tilintar dos vidros, ao sussurro das pessoas e às gargalhadas das mulheres na frente do bar.

— Essas mulheres não são moças de bar, não é? — perguntou. Otternschlag voltou para ele o lado perfeito do rosto.

— O senhor está sentindo falta do elemento feminino? — perguntou. — Não, essas não são moças de bar; isto aqui é um local sério, respeitável. Só mulheres acompanhadas por cavalheiros. Não são moças de bar, mas também não são senhoras. O senhor está procurando companhia?

Kringelein pigarreou.

— Obrigado, nem penso nisso. Mas se eu quisesse, já teria companhia para hoje. Sim senhor. Pois é. Uma moça me chamou para dançar.

— Ah, é? Ao senhor? Onde? — perguntou o Dr. Otternschlag, entortando metade da boca, num sorriso.

— Eu estava num cassino, não muito longe da Potsdamerplatz — observou Kringelein, procurando imitar o tom desembaraçado e mundano de Otternschlag. — Fantástico, fantástico, é o que lhe digo. Que iluminação feérica! — procurou uma palavra mais expressiva, mas depois se contentou com essa mesmo. — Uma iluminação feérica. Pequenas fontes luminosas, que sempre mudavam de cor. Caro, naturalmente. É preciso beber champanha. Cobram, por uma garrafa, vinte e cinco marcos. Infelizmente eu não aguento beber muito, não tenho muita saúde, o senhor compreende.

— Já sei. Já percebi. Quando alguém usa um colarinho dois centímetros mais largo do que o pescoço, não precisa me dizer mais nada.

— O senhor é médico? — perguntou Kringelein, sentindo um calafrio e um susto, e metendo, sem querer, dois dedos entre o colarinho. — É, está largo demais...

— Fui. Tudo passou. Fui mandado pelo governo para a África do Sul. Clima horroroso. Preso em setembro de 14. Campo de concentração em Nairóbi, na África Oriental Britânica. Horrível. Voltei à pátria porque dei a minha palavra de que nunca mais seria soldado. E, como médico, participei dessa grande porcaria até o fim. Granadas no rosto, e bacilos de difteria no ferimento, de que não me livrei até 1920. Dois anos no isolamento. Pois é. Basta. Ponto final. Tudo pertence ao passado. Quem é que se interessa por essas coisas?

Kringelein, assustado, não desprendia os olhos daquele homem atormentado, cujos dedos rígidos e inanimados estavam pousados sobre a mesa, separando-os. O bar acompanhava a sua conversa com uma espécie de ruído musical; adivinhava-se que tocavam um *charleston* no pavilhão amarelo. Kringelein pouco compreendera do despacho telegráfico de Otternschlag. Não obstante, subiu-lhe aos olhos uma aguinha quente. Ele se envergonhava de chorar com tanta facilidade, depois que fizera a operação, que aliás não adiantara nada.

— E o senhor, não tem ninguém que... quero dizer... O senhor vive sozinho? — perguntou, sem jeito. E pela primeira vez Otternschlag reparou em sua voz aguda, de timbre agradável, a voz de um homem, uma voz que vibrava, que procurava, que tateava... Estendeu seus dedos frios na mesa e retirou-os em seguida. Kringelein, pensativo, olhava para as inúmeras cicatrizes esbranquiçadas do rosto de Otternschlag, mas de repente abriu-se o começou a falar.

Sozinho — ele sabia o que isso significava, foi mais ou menos o que ele disse; também ele vivia sozinho em Berlim, de um modo geral. Cortara todos os laços, desligara-se de diversos vínculos que o prendiam — usava modos elegantes de expressar-se — e agora estava em Berlim. Quando se vivera em Fredersdorf, ficava-se um pouco perdido numa grande cidade. Ele conhecia pouco a vida, mas agora queria conhecê-la, conhecer a verdadeira vida, a vida propriamente dita, com V maiúsculo, e era para isso que estava ali naquele momento.

— Mas — disse Kringelein —, onde está a verdadeira vida? Eu ainda não a descobri. Estive no cassino, estou no hotel mais caro de Berlim, mas não é só isso o que eu quero. Desconfio de que a vida real, verdadeira, a vida propriamente dita, existe num outro lugar, e tem um aspecto bem diferente. Quando não fazemos parte dela, não é tão fácil atingi-la, o senhor compreende?

— E o que imagina o senhor que a vida seja? — replicou o Dr. Otternschlag. — Existirá mesmo essa vida que o senhor imagina? A coisa propriamente dita existe sempre num lugar diferente. Quando a gente é jovem, pensa: "mais tarde..." Mais tarde, lamentamos: "antigamente é que eu vivia". Quando estamos aqui, imaginamos a vida na Índia, na América, no Popocatepetl ou em outro lugar qualquer. Mas quando nos encontramos lá, a vida acabou de passar por ali e desaparecer, ficando à nossa espera aqui, aqui mesmo, de onde nós fugimos. Com a vida passa-se a mesma coisa que com os caçadores de borboletas e os lepidópteros que tentam pegar. Enquanto estão voando, são uma maravilha. Depois que os apanham, notam que as cores desapareceram e as asas se estragaram.

Kringelein ouvia pela primeira vez da boca do Dr. Otternschlag algumas

frases com certa sequência, e isso o impressionou; mas não acreditou no que ele estava dizendo.

— Não acredito nisso — disse com modéstia.

— Pode acreditar. Tudo se passa como com as banquetas de bar — replicou Otternschlag, que apoiara os cotovelos nos joelhos, e cujas mãos, pendentes, tremiam debilmente.

— Que banqueta de bar? — perguntou Kringelein.

— A banqueta de que o senhor falou há pouco. "As banquetas de bar não são tão altas assim", afirmou o senhor há pouco. "Eu imaginei que as banquetas fossem mais altas." Não é verdade? O senhor não disse isso? Pois é. Nós imaginamos tudo maior do que é, antes de vermos as coisas. O senhor acabou de chegar de viagem e veio lá do seu cantinho de província com ideias absurdas sobre a vida. O Grande Hotel, pensou o senhor. O hotel mais caro de Berlim, pensou o senhor. Deus sabe que milagres o senhor espera de um hotel assim. O senhor vai logo ficar sabendo o que é isto. Este hotel não vale nada, Herr Kringelein. A gente chega, fica algum tempo, depois parte. De passagem, compreende? Para uma estada curta, sabe? O que é que o senhor faz num hotel de luxo? Come, dorme, fica vadiando, faz negócios, flerta um pouquinho, dança um pouco, não é? Bem, e o que faz o senhor da sua vida? Centenas de portas num corredor, e ninguém sabe nada a respeito de quem mora ao lado de seu quarto. Quando o senhor vai embora, chega outro sujeito, deita-se na sua cama, e acabou-se. Fique sentado algumas horas no *hall* e preste bem atenção: ninguém é real. Essa gente não tem fisionomia própria! É tudo uma ilusão. Estão todos mortos e não sabem. É uma arapuca, um hotel de luxo. Grande Hotel, *bella vita*, hein? Bem, o importante é ter sempre as malas prontas...

Kringelein ficou pensando algum tempo. Teve então a impressão de ter compreendido o que Otternschlag dissera.

— É. Tem razão — disse ele, concordando. Havia seriedade demais nessa afirmativa. Otternschlag, que caíra numa leve sonolência, levou um susto.

— O senhor deseja alguma coisa de mim? Quer que eu o inicie na vida? Boa escolha a sua, magnífica. De qualquer maneira, estou à sua disposição, Herr Kringelein.

— Eu não queria incomodá-lo — respondeu Kringelein, meio atrapalhado e respeitoso. Pôs-se a refletir. Não se aguentava mais, usando essas frases elegantes. Desde que se encontrava no Grande Hotel, movia-se como se estivesse numa terra estranha. Falava o alemão como uma língua estrangeira, que tivesse aprendido em livros e jornais.

— O senhor foi bondosíssimo — disse. — Eu tinha esperanças... mas para o senhor as coisas são diferentes. O senhor já conhece tudo isso. Já está farto. Eu

tenho tudo pela frente... então fico impaciente... tenha a bondade de desculpar.

Otternschlag olhou Kringelein com atenção; até sua pálpebra costurada sobre o olho de vidro parecia olhar.

Olhou-o atentamente e viu uma figura magra, com um terno de funcionário, de um tecido de lã encorpado e grosseiro, já um pouco lustroso. Viu, sob o bigode de diretor de associação, os vincos tristonhos e ansiosos ao lado dos lábios anêmicos. Viu o pescoço descarnado dentro do colarinho duro, muito largo e já no fio, as mãos de escriturário, de unhas maltratadas; viu até as botinas pretas, um pouquinho viradas para dentro, sobre o espesso tapete. E, finalmente, viu os olhos de Kringelein, olhos de um homem, azuis, por detrás do *pince-nez* de guarda-livros, olhos em que se lia uma enorme ansiedade, um sentimento de espera, de admiração, de curiosidade: sede de vida — e certeza da morte.

Só Deus sabe o calor que irradiou desses olhos sobre a existência amortecida do Dr. Otternschlag. Ou talvez tenha sido por mero aborrecimento que ele disse:

— Está certo. Bem. O senhor tem razão. Oh! O senhor tem toda a razão. Eu já passei por tudo isso. Estou farto, sim. Já passei por tudo, até a última e insignificante formalidade. E o senhor pensa que tem tudo pela frente? Está com apetite, hein? Apetite psíquico, quero dizer. O que é que o senhor imagina? O costumeiro paraíso masculino? Champanha? Mulheres? Correr, jogar, beber? *Tiens!* E foi cair numa arapuca dessas, logo na primeira noite? E encontrou logo companhia? — disse Otternschlag, impassível, mas agradecido pelo calor do olhar vesgo de Kringelein.

— É, logo, logo. Uma moça queria por força dançar comigo. Uma mocinha linda. Talvez não fosse tão linda... quero dizer, era um pouquinho planta de estufa de cidade grande — disse planta de estufa de cidade grande porque estava habituado a ler isso no jornal *Mickenauer Tageblatt* —, mas elegantíssima. Bem-educada, também.

— Bem-educada, também! Veja só... veja só! E ficaram amigos? — murmurou Otternschlag.

— Infelizmente eu não sei dançar. É preciso saber dançar, parece ser muito importante isso — respondeu Kringelein, a quem o coquetel dera uma atividade febril, tornando-o tristonho, ao mesmo tempo.

— Muito importante. Muito, mesmo. Importantíssimo — replicou o Dr. Otternschlag com uma estranha vivacidade na voz. — É preciso saber dançar. A união de dois corpos no mesmo compasso, girar abraçado ao par, não é verdade? Não se pode dar tábua em uma moça. É preciso saber dançar. Oh! O senhor tem toda a razão, Herr Kringelein. O senhor se chama Kringelein, não é?

Kringelein olhou, com expressão de curiosidade e inquietação, por baixo do seu *pince-nez,* a fisionomia de Otternschlag.

— Que quer o senhor dizer com isso? — perguntou, convencido de que estavam zombando dele. Mas Otternschlag continuou sério.

— Pode acreditar-me — afirmou. — Pode acreditar-me, Kringelein: quem não tem atividade sexual é um homem morto. Garçom, quero pagar.

Kringelein também pagou, após essa conclusão abrupta, e levantou-se atrapalhado. Foi andando atrás dos ombros esqueléticos do Dr. Otternschlag, metidos em um *smoking* estreito, e saiu do bar; foi cambaleando até o porteiro e recebeu sua chave.

— Há cartas para mim? — perguntou Otternschlag ao porteiro da noite. O doutor parecia ter-se esquecido por completo de Kringelein.

— Não — respondeu o porteiro, sem verificar, pois este não era como o outro porteiro, e delicadeza de sentimentos não se adquire imediatamente, mal se coloca na cabeça o boné do fardamento.

— A chave de *madame, mademoiselle* já a levou — disse ele, em francês, a uma senhora; e Kringelein quase o compreendeu, graças ao seu conhecimento de línguas adquirido na prática de correspondência com o exterior.

A senhora passou por ele, e de sua capa dourada evolou-se um perfume tênue agridoce, quando a gola se abriu junto ao pescoço. Kringelein encarou a senhora, esquecendo as regras da boa educação, e ficou completamente pasmado. A senhora tinha os cabelos pretos e lisos, e usava um diadema na cabeça; suas pálpebras eram oblongas, azul-escuras, com um sombreado também azul-escuro sobre os olhos; as fontes, as faces e o queixo eram cor de marfim, com veiazinhas azuis. A boca, cor de carmim, quase roxa, e bem arqueada, com dois arcos bem altos, que se erguiam quase até as narinas. O cabelo caía de cada lado em dois bandos lisos e pretos, avançando sobre as faces e, no ponto em que terminavam, via-se na pele a sombra de uma leve tonalidade ocre, pintada com extrema arte. A senhora parecia alta, apesar de ser de tamanho médio, devido (Kringelein o percebeu) às proporções perfeitas de seu corpo e ao seu andar adejante. Estava acompanhada por um cavalheiro de idade, baixinho, que trazia um chapéu cilíndrico na mão e tinha o aspecto de um músico.

— Você pode estar no teatro amanhã às oito e meia, querido? — perguntou a senhora, no momento exato em que passava diante de Kringelein. — Eu queria trabalhar meia hora antes de começar o ensaio.

Kringelein, que nunca vira ninguém mais elegante do que esta senhora, ficou a sorrir, deliciado, de tanta admiração, e depois puxou Otternschlag pela manga, soprando-lhe a meia voz:

— Que espécie de mulher é essa?

— O senhor não a conhece, homem de Deus?! A Grussinskaia — disse Otternschlag impaciente, dirigindo-se com a sua perna de pau para o elevador.

Kringelein ficou parado no meio do *hall.*

— A Grussinskaia! — "Ó, diabo, a Grussinskaia!", pensou ele. A fama da Grussinskaia era tão grande que chegara até Fredersdorf. "Ela existe realmente. É assim que ela é. Não é só nos jornais que se leem notícias sobre ela. Ela é de carne e osso. Podemos esbarrar nela, tocá-la e aspirar o seu perfume, pois todo o *hall* fica perfumado quando ela passa. Preciso escrever ao Kampmann."

Apressou os passos para poder ver de novo a Grussinskaia e contemplá-la com atenção. Em frente ao elevador assistiu a uma pequenina cerimônia de troca de cortesias. Um homem de estatura fora do comum, elegante e bonito, afastou-se da porta do elevador, dando dois largos passos e deixando o caminho livre à Grussinskaia, com um gesto de mão negligente e ao mesmo tempo respeitoso, como se não se tratasse da entrada em um elevador, mas em um reino que um conquistador deposita aos pés da sua soberana. Otternschlag, que do outro lado abria alas sozinho, fez uma careta e rosnou consigo mesmo:

"Sir Walter Raleigh[1]".

[1] Navegador e escritor inglês (1552-1618), favorito de Elisabeth I. (N. do E.)

Kringelein, por seu lado, estava tomado de tal pressa que passou diante de Otternschlag e se meteu no elevador logo atrás dos ombros largos daquele amável jovem. Por essa razão, o seu protetor teve que ficar sozinho, pois a lotação do elevador não podia ultrapassar quatro pessoas. Iam todos muito apertados, naquele pequeno cárcere de vidro e madeira. O jovem bonito, principalmente, encolhia-se no seu canto.

— Ah! Está também em Berlim, barão? — perguntou-lhe o velho maestro Witte. E o Barão Gaigern respondeu:

— Pois é. Sim, senhor. Também estou aqui.

Kringelein ouvia cheio de respeito essa conversa entre pessoas distintas. O maneta girou a manivela e o elevador parou no primeiro andar. Sobre a passadeira cor de framboesa, eles se encaminharam aos seus quartos: na frente, a Grussinskaia; atrás dela, Witte; depois o barão, e por último Otto Kringelein. As portas 68, 69 e 70 foram abertas. Eram duas horas da madrugada, que um velho relógio de mesa, na esquina do corredor, bateu ameaçadoramente. Ouvia-se o ruído abafado da música a tocar a última contradança no pavilhão amarelo.

A Grussinskaia parou um momento entre as duas portas do seu quarto.

— Boa noite, querido — disse ela. Quando estava de bom humor falava em alemão com ele. — Muito obrigada por esta noite. Foi ótima, não foi? Oito chamadas. Ah, diga-me: quem era aquele moço? Nós já não o vimos em algum outro lugar? Em Nice?

— É isso, em Nice, Lisa. Ele se apresentou a mim. Jogamos *bridge* algumas vezes. Parece ser um grande admirador de Elisavieta.

— Ah! — disse a Grussinskaia. Tirou a mão de baixo da capa e acariciou a manga de Witte, distraidamente. — Estamos com um enorme cansaço. Boa noite, querido. Olhe: é o mais belo homem que já vi na minha vida, esse barão — acrescentou em russo. Disse-o com um tom de voz tão frio, como se falasse apenas de um objeto que se expõe em leilão para ser vendido.

Kringelein, que ficara hesitante à entrada de seu quarto, ouviu, sedento e ansioso de aventuras, aqueles sons estranhos. Tinha a nítida sensação de que o mundo era maior e mais excitante, e mais outras coisas do que ele tinha imaginado em Fredersdorf.

Por fim as portas se fecharam, portas duplas de hotel, que se fecham por detrás das pessoas, deixando-as sozinhas com os seus segredos.

Nem o mais leve resquício de movimento mundano se nota entre as oito e as dez da manhã nas salas e corredores do enorme hotel. Não há luzes acesas nem música tocando, não se veem senhoras — a não ser que se queira considerar um modelo de sedução feminina uma mulher de limpeza que, de avental azul, passa a vassoura no *hall*, sobre a serragem molhada. Mas Rohna não pensa assim. Já está de novo no seu posto, esse esforçado Conde Rohna, calado, obsequioso, bem barbeado, com a ponta do lenço de seda flamulando discretamente no bolsinho do paletó. Ele acha que só num hotel de segunda classe se faz limpeza na presença dos hóspedes, mas infelizmente isso não é da sua competência, mas sim atribuição da inspetora-chefe. Aliás, os hóspedes nem reparam nisso. Os hóspedes que se encontram no hotel pela manhã são todos senhores sérios, ativos, homens de negócios. Sentados no *hall*, vendem tudo, oferecendo os produtos em todas as línguas do mundo: papel, algodão em rama, lubrificantes *en gros*, patentes, filmes, terrenos; vendem planos e ideias, sua energia, seu cérebro e sua vida. Sua primeira refeição é muito farta, e a saleta do café fica cheia de fumaça dos charutos e cigarros, apesar de existir um quadrinho com um tímido aviso, fixado no tapete de damasco amarelo da parede, pedindo aos fumantes que fumem de preferência no salãozinho cinzento, ao lado. Em todas as mesas há jornais; as cabinas telefônicas estão todas ocupadas e assediadas, e o porteiro Senf não vê nenhuma possibilidade de receber qualquer notícia do hospital antes de uma hora da tarde. No corredor do quinto andar, atrás da lavanderia, os *grooms* são submetidos a uma espécie de revista, antes de começarem o serviço; e, defronte do hotel, no espaço que medeia entre a entrada 1 e a 3, o Grande Hotel pode fazer concorrência a uma Bolsa.

Se tomarmos como exemplo Preysing, diretor-geral da Indústria Algodoeira Saxônia S.A., esse enérgico industrial, que representa o tipo médio dos homens de negócios, ficamos a par da atividade dos homens da sua classe, no Grande Hotel, das oito às dez da manhã.

Preysing, homem avantajado, corpulento, pesadão, chegara ao hotel numa hora incrível, às seis e vinte da manhã, porque na infeliz localidade de Fredersdorf só param trens mistos. Até então não lhe fora possível, apesar de todo o empenho, conseguir um trem expresso. Mas ele devia estar satisfeito por ter conseguido para a fábrica uma linha de conexão, para o transporte das mercadorias. Mas voltemos ao assunto. Preysing estava, portanto, cansado e meio tonto pelos solavancos do trem quando chegou ao hotel, ficando pensativo ao tomar conhecimento de que o apartamento que lhe tinham reservado era um dos mais caros. Primeiro andar, com sala e banho, 71; diária de setenta e cinco marcos. Mas Preysing era um homem econômico: tinha por regra não levar seu carro para Berlim, a fim de economizar a hospedagem do chofer. Porém, como tinha mesmo que pagar um preço tão elevado pelo quarto com banheiro, a primeira coisa que fez foi estender-se na banheira, onde se demorou bastante tempo, gozando o prazer do banho. Exatamente como o outro hóspede de Fredersdorf, Herr Kringelein. Em seguida estendeu-se um pouco sobre a cama, mas não conseguiu libertar-se da sensação da noite mal dormida e dos calafrios da viagem. Ergueu-se novamente, vestiu-se, desfez com pedante minuciosidade a sua valise e pendurou os ternos nos cabides portáteis que trouxera consigo. As botinas, a roupa de baixo, os objetos de uso pessoal, cada coisa vinha dentro de um saquinho de linho muito alvo, e em cada um deles havia um monograma bordado com linha vermelha, em ponto de cruz: *K. P.*

Enquanto dava o nó na gravata, Preysing ficou olhando distraidamente para a rua, mergulhada ainda na névoa matutina. Era muito cedo, não clareara de todo, as máquinas de limpeza das ruas escovavam o asfalto e os ônibus amarelos aproximavam-se como navios, pela madrugada. Preysing ficou olhando para baixo, sem enxergar coisa alguma. O dia que o esperava não ia ser nada fácil. Era preciso concentrar-se e refletir bem sobre os assuntos a tratar. Tocou a campainha chamando o criado e entregou-lhe pessoalmente as botinas para engraxar, e também as graxas marrom e branca que trouxera. O quarto já se enchera com o cheiro indefinível das rápidas viagens de negócios: couro de valises, Odol, água-de-colônia, terebintina, fumo. Preysing, com os gestos pedantes, lentos e precisos que lhe eram característicos, tirou do bolso a carteira e contou o dinheiro. Na divisão interna estava um grosso maço de notas de mil marcos; por ocasião de negócios, nunca se sabia exatamente quanto dinheiro ia ser preciso. Preysing costumava molhar com a língua o polegar e o indicador, ao contar o dinheiro, com o gesto de um homem saído do nada, enriquecido com o próprio trabalho. Meteu no bolso a carteira e, não contente com isso, ainda prendeu com um alfinete de gancho o bolso interno do paletó de lã grosseira, cor de cinza. Andou pelo quarto, de um lado para outro, de chinelos de couro

vermelho, próprios para viagem, e ruminando em silêncio os diálogos que iria manter com o pessoal da Malharia de Chemnitz. Procurou um cinzeiro, mas não o encontrou, e, apesar de não gostar de jogar a cinza do charuto no tinteiro, teve de fazê-lo. Neste aposento também havia uma águia de bronze, semelhante à que deixara encantado Herr Kringelein, no 70. O diretor-geral ficou a tamborilar com os dedos durante alguns minutos nas asas abertas da águia, mergulhado em seus pensamentos; entretanto, o criado trouxe-lhe as botinas engraxadas, e às sete horas e cinquenta minutos Preysing pôde sair do quarto, e foi o segundo a chegar ao barbeiro do hotel. Apesar de estar preocupado, ao sentar-se à mesa, para o café, parecia um sujeito bem-humorado, gordo, sério, com o rosto bem barbeado. Às oito e trinta em ponto, conforme haviam combinado, Herr Rothenburger chegou. Era completamente calvo e não tinha sobrancelhas nem pestanas, o que lhe dava um ar de terno espanto que não combinava nada com o ceticismo de sua profissão. Era um misto de corretor da Bolsa e banqueiro, às vezes também intermediário e, além disso, membro do conselho fiscal de empresas menores. Sabia de tudo o que se passava, punha os outros a par de tudo que sabia, e metia-se em tudo.

Tinha sido o primeiro a divulgar a última notícia falsa a respeito da alta da Bolsa, e a espalhar sinistros boatos, que provocaram oscilações do câmbio. Em resumo, era um homem ridículo, perigoso e útil, esse Herr Rothenburger.

— Bom dia, Rothenburger — disse Preysing estendendo-lhe dois dedos, entre os quais segurava o charuto.

— Bom dia, Preysing — respondeu Rothenburger, empurrando o chapéu para a nuca. Depois sentou-se e pôs uma pasta sobre a mesa. — Aqui na terra, de novo?

— É... — disse Preysing. — Foi muito amável em ter vindo. Que quer tomar? Chá, conhaque, presunto com ovos estrelados?

— Vá lá um conhaque. Tudo bem em casa? Sua senhora? A senhorita sua filha? Tudo bem?

— Obrigado, vai-se vivendo. O senhor foi muito amável em enviar felicitações pelas nossas bodas de prata.

— Ora, era mais do que natural. E a firma, como se manifestou?

— Meu Deus, a firma! Deixei o carro velho para os negócios e recebi um novo em troca.

— É isso, é isso. *L’état c'est moi.* Um Preysing pode dizer: a firma sou eu, E como vai o senhor seu sogro?

— Obrigado. Otimamente. Ainda gosta de fumar o seu charuto.

— Meu Deus! Há quanto tempo eu o conheço! Quando me lembro como ele começou, com seis teares Jacquard num quartinho... e agora! É fantástico!

— É, o negócio vai indo — disse Preysing, com segunda intenção.

— Todos dizem isso. E dizem também que o senhor mandou construir uma *villa* magnífica, um verdadeiro castelo, com um parque...

— Nem tanto. Ficou bem bonito. Minha mulher gosta dessas coisas; sabe, fica completamente absorvida nisso. É, está bem bonita agora a nossa casa em Fredersdorf. O senhor precisa visitar-nos qualquer dia.

— Obrigado. Muitíssimo obrigado. É muito gentil da sua parte. Quem sabe se será possível realizar uma pequena viagem de negócios... para compensar as despesas.

Depois das formalidades e gentilezas de praxe, os dois cavalheiros passaram ao assunto principal.

— Ontem foi um dia meio inquieto na Bolsa, hein? — perguntou Preysing.

— Inquieto? Obrigado. Dalldorf é uma delícia, comparado a isto. Mas desde a alta das ações da Bega, todo mundo ficou maluco. Todos pensam que podem fazer negócios sem fundos. Mas ontem, vou-lhe dizer, a coisa estourou, baixa de trinta por cento, baixa de quarenta por cento. Há muita gente morta, que ainda não sabe que morreu. Quem se firmou na Bega... O senhor tem ações de lá?

— Tive. Retirei-me a tempo — disse Preysing; era mentira, uma pequena mentira usual nos negócios, e Rothenburger sabia disso.

— Ora, não se aborreça, eles se reerguem logo — disse ele à guisa de consolo, como se a negativa de Preysing significasse uma afirmativa. — Em que a gente pode ter confiança, se um banco como o Kuesel de Düsseldorf também quebra? Um estabelecimento como aquele! A Saxônia também está entre os credores, não é verdade?

— Nós? Não, absolutamente. Por que julga isso?

— Não? Pensei que estava. Ouve-se falar tanta coisa... mas se os senhores não estão perdendo nada com a bancarrota do Kuesel, então não sei realmente por que razão as ações da Indústria Algodoeira Saxônia baixaram tanto!

— É isso mesmo. Também penso como o senhor. Também não sei a razão. Vinte e oito por cento não é nenhuma bagatela. Muitos títulos se mantiveram firmes, estando já em pior situação do que os nossos.

— É certo. Os títulos da Malharia de Chemnitz mantiveram-se firmes — replicou Herr Rothenburger, sem rodeios. Preysing fitou-o através dos anéis de fumaça que separavam seus rostos de homens de negócios.

— Pois então fale em alemão claro — pediu Preysing, após curta pausa.

— O senhor é que precisa falar em alemão claro, eu não tenho segredos, Preysing. O senhor encarregou-me de comprar pelo melhor preço os títulos da Algodoeira Saxônia e eu comprei: títulos da Algodoeira Saxônia para a Algodoeira Saxônia. Bom. Provocamos uma alta considerável, realmente; cento

e oitenta e quatro é bastante. Começaram a dizer que o senhor ia firmar um contrato com a Inglaterra, a cotação subiu. Disseram que o senhor ia fazer sociedade com a Malharia de Chemnitz... as ações subiram. De repente, o grupo de Chemnitz lança todas as ações da Saxônia no mercado... a cotação caiu, naturalmente. Caiu muito mais do que se podia esperar, de acordo com a lógica. A Bolsa é sempre ilógica. A Bolsa é uma mulher histérica, Preysing; estou casado com ela há quarenta anos. O senhor perdeu com a bancarrota do Kuesel. Bom. Com a Inglaterra, nada feito. Também não tem importância. Mas, de qualquer modo, vinte e oito por cento de perda, em um só dia, é demais. Já significa alguma coisa.

— Sim, senhor. Mas o que significa? — perguntou Preysing, enquanto uma ponta da cinza do seu charuto caía na xícara de café já frio. Preysing não era um diplomata. Sua pergunta era tola e inoportuna.

— Significa que a Malharia de Chemnitz se retira. O senhor sabe disso tão bem quanto eu. O senhor veio correndo para cá para salvar o que ainda for possível salvar. Mas que posso aconselhar-lhe? O senhor não pode obrigar o grupo de Chemnitz a cair nos seus braços. Se Chemnitz lançou no mercado todas as ações da Saxônia que possuía, isso significa que não tem mais interesse na Algodoeira Saxônia. Agora trata-se de saber o que é possível salvar para o senhor, nesta desagradável situação. O senhor quer continuar a adquirir suas próprias ações? Agora pode comprá-las por preço baixo.

Preysing não respondeu logo, ficando a refletir, o que lhe custou enorme esforço. Era um homem às direitas, o diretor-geral, um homem correto, leal, limpo por dentro e por fora. Mas não era um gênio, como homem de negócios; faltava-lhe fantasia, talento persuasivo, envergadura. Bastava que se exigisse dele uma decisão firme e ficaria a escorregar como se estivesse patinando sobre gelo. Quando dizia uma inverdade, faltava-lhe força convincente. Conseguia apenas inventar umas pequeninas e insignificantes mentiras de ofício, sem nenhum alcance. Punha-se logo a gaguejar, e sob o bigode surgiam-lhe gotinhas de suor.

— Afinal, se o grupo de Chemnitz não aceitar a fusão, isso é com eles; eles precisam mais de nós do que nós deles. E se não tivessem adquirido esse novo processo de tingir, nós não teríamos nisso o menor interesse — disse ele finalmente, pensando ter dado uma resposta muito hábil. Rothenburger ergueu os seus dez grossos dedos e deixou-os cair de novo sobre a mesa do café, bem juntinho ao pote de mel.

— Mas Chemnitz está de posse do processo para tingir. E a Saxônia tem interesse nisso — disse ele amavelmente.

Preysing já tinha dez respostas prontas na ponta da língua. "Nós não

perdemos nada com o Kuesel", quis ele dizer. E também: "O negócio com a Inglaterra não está absolutamente fora de cogitação". E ainda: "A Malharia de Chemnitz faz baixar nossas ações exatamente porque quer fazer a fusão: é uma maneira de criar melhores condições para ela". Mas, afinal, não conseguiu dizer nada disso, apenas afirmando:

— Pois é, vamos ver o que acontecerá! Depois de amanhã tenho uma conferência com uns senhores da Chemnitz.

— Pfu! — exclamou Rothenburger, soltando ruidosamente a fumaça da garganta. — Uma conferência? Qual deles vai aparecer? Schweimann? Gerstenkorn? São espertos, esses senhores. Com eles é preciso estar de olho aberto. Para lidar com essa gente o seu sogro é que viria a calhar, não me leve a mal. Bem, quer dizer que a Saxônia ainda não está perdida? Preciso contar isso na Bolsa. Se não ajudar, mal também não faz. Bem, que se vai fazer? O senhor pretende que compremos de novo ações de algodão? Se hoje não aparecer alguém que sustente a coisa, assistiremos a uma bela quebra, é Rothenburger quem lhe diz. Então?

E Herr Rothenburger abriu o fecho da sua pasta e tirou dela uma ordem de pagamento.

Preysing ficara vermelho no alto do nariz, entre as sobrancelhas, quando Rothenburger aludira indelicadamente a seu sogro, e um passageiro rubor deslizou por sobre suas narinas. Tirou do bolso a caneta-tinteiro e, após ligeira hesitação, assinou o papel.

— Até quarenta mil, limitada por cento e setenta — disse com frieza, pondo um traço largo e arrogante sob sua assinatura. Era um protesto contra seu sogro e contra Herr Rothenburger.

# 4

Preysing ficou de péssimo humor na saleta do café, quando se viu só. Sentia um leve zunido nos ouvidos, pois sua pressão não estava em ordem; com frequência, durante conversas importantes, sentia um peso na nuca. No ano anterior ele tivera alguns contratempos, e o de agora também não parecia ser dos mais agradáveis. Não era coisa muito fácil continuar firme, agora que na Chemnitz queriam tirar o corpo fora. E o velho, sentado lá em casa na cadeira de rodas, nos seus acessos de caduquice, ficava a estourar de prazer sempre que acontecia algum contratempo ao genro. As negociações com as estradas de ferro estaduais a respeito do expresso não tinham levado a nada. O novo processo de tingir, que permitia dar a tecidos baratos cores que até então só se usavam para tecidos de primeira, tinha sido furtado sob suas barbas pela S.A. Malharia de Chemnitz. Com o contrato da Inglaterra lidavam há meses sem resultado, e Preysing já estivera por duas vezes em Manchester; cada vez que voltava as negociações iam de mal a pior, podendo considerá-las desde já como rompidas. O velho ficara sabendo da história com a firma de Chemnitz e tratara de fazer astutamente negociações preliminares; Gerstenkorn fora a Fredersdorf, visitar as instalações da fábrica, e trocaram um palavreado que não conduziu a nada. O célebre jurista Dr. Zinnowitz, perito em matéria comercial, apresentara um projeto de contrato, que não tinha sido firmado ainda: para cada duas ações do grupo de Chemnitz, uma da Saxônia. Era um bom negócio para a fábrica — e também não era muito mau para a firma de Chemnitz —, a Bolsa estava a par disso e o mundo de negócios têxteis também. De repente, a firma de Chemnitz começou a querer tirar proveito sozinha. E justamente agora, que a coisa estava mesmo uma porcaria, o velho mandava o pobre Preysing para remendar os rasgões.

— Diabo do inferno! — disse Preysing, que por descuido tomara um gole de café frio misturado com a cinza do charuto. Em seguida se levantou. Tinha as costas moídas, por causa da viagem no trem misto; bocejou com as mandíbulas contraídas e sentiu os olhos molhados. Desanimado e desejando ser confortado, dirigiu-se ao compartimento dos telefones, pedindo uma ligação urgente com Fredersdorf 48.

Fredersdorf 48 não era o telefone da fábrica, mas da *villa* de Preysing. A ligação não foi muito demorada, e Preysing colocou comodamente o cotovelo

sobre a mesinha do aparelho, para acalmar-se, conversando com sua mulher.

— Bom dia, Mulle — disse ele. — É, sou eu. Você estava dormindo, Mulle? Ainda está na cama?

— Que é que você está pensando? — respondeu o telefone com uma voz longínqua, mas de timbre arredondado e cheio, uma voz que o diretor-geral amava sincera e fielmente. — Já são nove e meia! Já tomei café e já reguei minhas plantas. E você?

— *All right* — respondeu Preysing, com exagerado entusiasmo. — Vou ter daqui a pouco uma conferência com o Zinnowitz. Está bonito o dia aí? Está sol?

— Está — a voz tinha um ligeiro acento saxão, conhecido e familiar. — O tempo está bom. Imagine só, as flores de açafrão abriram todas de uma vez esta noite.

Preysing via, através do telefone, as flores de açafrão, a sala do café com os móveis de vime, o abafador de ráfia sobre a cafeteira, a mesa posta, com os capuchinhos de tricô sobre os copinhos dos ovos. Via Mulle também, com o roupão azul e de chinelos, segurando o regador dos cactos, de bico pontudo.

— Sabe, Mulle, isto aqui está muito sem graça — disse ele. — Você devia ter vindo comigo. Sinceramente.

— Ora, deixe disso — respondeu o telefone satisfeito, rindo-se com a risada simpática de Mulle.

— Estou tão acostumado com você... Olhe, esqueci-me do aparelho de barbear, vou ter que ir diariamente ao barbeiro.

— Eu já sabia. Você o esqueceu no banheiro. Sabe, compre outro; em qualquer loja se pode comprar barato um aparelho; não é mais caro do que ir ao barbeiro todos os dias, e é mais agradável.

— É, sim... é verdade. Você tem razão — disse Preysing, agradecido. — Onde estão as meninas? Gostaria de dizer-lhes bom-dia.

O telefone sussurrou qualquer coisa incompreensível, muito de longe, e depois exclamou em tom claro:

— Bom dia, Peps!

— Bom dia, Pepsin! — respondeu Preysing, alegre. — Como vai?

— Bem! E você?

— Também vou bem. Babe está aí?

Sim, Babe também estava lá, e também perguntou, com sua voz de dezessete anos, como ele ia passando, se o tempo estava bom, e se lhe levaria de Berlim algum presente; as flores de açafrão tinham aberto; Mulle não a deixava jogar tênis; estava fazendo muito calor e Schmidt talvez pudesse preparar o campo, não? Mulle disse depois qualquer coisa, em seguida Pepsin, e por fim o telefone disparou aos gritos e risadas com três vozes diferentes, até que a telefonista se

meteu na conversa e Preysing desligou. Continuou por um instante na cabina e, sem que ele próprio o conseguisse explicar, teve a impressão de estar tomando sol no parapeito morno de uma janela, segurando nas mãos aquecidas um ramo de açafrão azul.

Sentiu-se aliviado, ao sair da cabina. Muitos diziam que o diretor-geral vivia preso às saias da mulher, e não deixavam de ter uma certa razão. Muito excitado, fez nova ligação, desta vez para o banco, a fim de tratar da cobertura para os quarenta mil marcos, uma quantia absurda, cuja ordem de pagamento ele, em desespero, assinara por conta própria a Herr Rothenburger. Durante os desagradáveis dez minutos em que o diretor-geral ocupou a cabina 4, Kringelein descera a escadaria do hotel, deliciando-se a cada passo que dava sobre o tapete vermelho-framboesa, sobre o qual podia andar com tanta distinção. Chegou, finalmente, à portaria. Trazia de novo uma flor na lapela, a mesma da noite anterior, que ele colocara no copo da escova de dentes, e se conservara relativamente fresca — um cravo branco. Kringelein considerava o seu aroma penetrante um complemento indispensável à sua elegância.

— O cavalheiro pelo qual o senhor perguntou ontem acaba de chegar — avisou o porteiro.

— Que cavalheiro? — admirou-se Kringelein.

O porteiro examinou o livro de registros de entradas.

— Preysing, o Diretor-Geral Preysing, de Fredersdorf — disse ele, olhando atentamente para o rosto miúdo e afilado do guarda-livros.

Kringelein respirou tão violentamente que mais parecia ter soltado um suspiro.

— Ah, sim. Está bem. E onde posso encontrá-lo? — perguntou, com os lábios pálidos.

— Deve estar na saleta do café.

Kringelein afastou-se, num estado de extrema tensão nervosa. Sua espinha se encurvou para trás, tal a sua excitação. "Bom dia, Herr Preysing", pensou. "Está bom o café? Pois é, eu também sou hóspede do Grande Hotel. É isso mesmo! Será que o senhor tem alguma coisa contra isso? Talvez seja proibido a pessoas como eu hospedarem-se aqui? Olhe! Também temos o direito de viver como bem entendemos."

"Ah!", pensou a seguir, "por que hei de ter medo de Preysing? Ele não pode fazer nada contra mim. Vou morrer logo, ninguém pode me prejudicar." Assaltou-o a mesma sensação sutil de liberdade que sentira na mata de Mickenau, com as framboesas. Cheio de coragem, entrou na saleta do café, movimentando-se já com bastante segurança naquelas dependências *fashionable.* Procurou Preysing. Queria falar com Preysing a todo custo. Tinha contas a

ajustar com Preysing. Aliás, era por isso que estava no Grande Hotel. "Bom dia, Herr Preysing!", diria.

Mas Preysing não estava na saleta do café. Kringelein foi-se arrastando pelo corredor, meteu a cabeça na sala de correspondência, no salão de leitura, procurou no boxe dos jornais, chegando ao exagero de perguntar ao *groom* 14 por Herr Preysing. Por toda a parte sacudiam a cabeça, ignoravam onde ele se encontrava. Kringelein, que já se aborrecera e estava quase estourando com a quantidade de coisas que queria desabafar, chegou à entrada de uma dependência que não conhecia ainda.

— Tenha a bondade de desculpar, conhece Herr Preysing, de Fredersdorf? — perguntou à telefonista.

Esta apenas inclinou a cabeça, sem dar resposta, porque estava muito ocupada. Apontou com o polegar por sobre o ombro. Kringelein ficou vermelho e em seguida empalideceu. Nesse momento, Preysing, pensativo, saía da cabina 4.

Então aconteceu o seguinte: Kringelein encolheu-se todo, curvou a nuca, sua cabeça inclinou-se, a espinha, que estava bem aprumada, afrouxou, as pontas dos sapatos se encolheram, a gola do paletó subiu até a nuca, os joelhos amoleceram e as calças formaram pregas transversais sobre as pernas bambas. No espaço de um segundo, o rico e distinto Herr Kringelein transformou-se em um pobre e insignificante guarda-livros; um ser subalterno que parecia esquecer-se de que dentro de poucas semanas não viveria mais, e portanto gozava de inúmeras vantagens em relação a Herr Preysing, que ainda teria que atormentar-se e consumir-se por anos e anos, com milhares de coisas aborrecidas. O guarda-livros Kringelein afastou-se, com as costas coladas à porta da cabina 2, atencioso, e murmurou com a cabeça inclinada, exatamente como na fábrica:

— Bom dia, senhor diretor-geral.

— Bom dia — respondeu Preysing, passando por ele sem lhe dirigir o olhar. Kringelein continuou ainda um minuto colado à parede, engolindo, cheio de vergonha, a saliva amarga. Sentia dores de novo, dores que pareciam perfurar-lhe o estômago, sua metade de estômago, enferma e moribunda, que destilava secretamente, e quando bem lhe parecia, os venenos de uma morte lenta.

Nesse ínterim, Preysing continuava o seu caminho, dirigindo-se ao *hall*, onde o conhecido advogado, Dr. Zinnowitz, especialista em assuntos comerciais, já estava à sua espera.

Há duas horas que o Dr. Zinnowitz e o Diretor-Geral Preysing se conservavam sentados num recanto sossegado do jardim de inverno, curvados sobre documentos. A pasta de Preysing esvaziara-se, o cinzeiro ao seu lado enchera-se de pontas de charutos e as costas de suas mãos estavam ligeiramente

suarentas, como costumavam ficar por ocasião de negociações difíceis. O Dr. Zinnowitz era um senhor idoso, baixote, com o semblante de um mágico chinês; pigarreou, como a se preparar para começar um discurso. Com atitude professoral, colocou a mão sobre a pasta, e disse:

— Caro Preysing, resumindo: vamos à conferência de amanhã com enormes desvantagens. É péssima a cotação de nossas ações — e ao dizer isso batia com os dedos sobre um bilhete que um *boy* lhe entregara um pouco antes do meio-dia, o qual trazia a notícia de uma nova baixa de sete por cento para as ações da Algodoeira Saxônia. — Nossas ações estão em má situação, e o momento psicológico, se assim me posso exprimir, foi mal escolhido para um encontro tão importante como este. O senhor também sabe que, se amanhã o grupo de Chemnitz disser não, a fusão vai por água abaixo. Não se pode tentar mais uma vez. E é possível, em vista da situação atual, que eles digam não. Não o quero afirmar com segurança, mas é natural que o façam, é muito provável, mesmo.

Preysing escutava, cheio de impaciência; estava nervoso. As palavras formais do advogado o irritavam. Zinnowitz falava como se estivesse sempre em assembleia-geral, mesmo quando estava completamente só. Quando ele apoiou as articulações dos dedos sobre a mesa, a leve mesinha de vime do jardim de inverno transformou-se em uma mesa de conferências, coberta de feltro verde, prenhe de decisões importantes e definitivas.

— Não será melhor bater em retirada?

— Não se pode bater em retirada sem causar uma péssima impressão. É preciso considerar também se, com uma prorrogação, iremos ganhar ou perder. De qualquer modo, ainda há algumas chances, que temos de abandonar por completo caso se bata em retirada.

— Que chances? — perguntou Preysing.

Ele não podia livrar-se do péssimo hábito de perguntar coisas que estava farto de saber. Por esse motivo, as negociações com Preysing se prolongavam indefinidamente, tornando-se pedantes e confusas.

— O senhor conhece as chances tão bem quanto eu — afirmou o Dr. Zinnowitz, em tom de censura. — Trata-se, como sempre, da situação em que se encontram as negociações com a Inglaterra. Conforme a minha opinião, Manchester, Burleigh & Son, de Manchester, é o ponto principal. A Malharia de Chemnitz quer ganhar o mercado para seus produtos manufaturados. Burleigh & Son tem, em grande parte, esse mercado nas mãos, e recebe continuamente grandes encomendas de produtos de malha manufaturados. Eles próprios só produzem a matéria-prima, mas gostariam de exportar o seu algodão para a Alemanha, recebendo em troca, na Inglaterra, o produto manufaturado de Chemnitz. Eles têm grande interesse em comerciar com Chemnitz. A razão por

que não fazem isso diretamente o senhor sabe tão bem quanto eu, meu caro Preysing: a firma de Chemnitz não dá aos ingleses a impressão de ser muito sólida. Estes estão hesitantes, porque o negócio não lhes parece ter uma base muito segura. A coisa muda de figura, caso a Saxônia S.A. se associe a Chemnitz. Burleigh & Son deposita grandes esperanças nisso. Parece que eles pensam, desculpe, meu caro, que o seu negócio, um pouco parado, receberia um impulso, e o grupo de Chemnitz, que é demasiado afoito, se consolidaria mais. Por conseguinte, Burleigh & Son só tem interesse na Saxônia caso ela se alie à Malharia de Chemnitz. E Chemnitz, por seu lado, só quer a fusão se o senhor fizer contrato com Burleigh & Son, assegurando assim o mercado inglês. Agora, cada firma está à espera de que o contrato entre o senhor e o outro esteja firmado. Quer saber a minha opinião? As negociações foram conduzidas de maneira desastrosa, do contrário não estaríamos neste beco sem saída. Quem entrou em negociações com Manchester?

— Meu sogro — respondeu Preysing apressadamente. Isso não era exato, e Zinnowitz, que estava bem informado a respeito da luta pela direção na Algodoeira Saxônia, sabia perfeitamente que Preysing não estava dizendo a verdade. Passou a palma da mão sobre a mesa, ignorando a resposta de Preysing. Seu gesto significava: deixemos isso de lado.

— Tenho mantido — continuou ele — permanente contato com o grupo de Chemnitz — Zinnowitz gostava de usar as expressões enérgicas do seu tempo de capitão da reserva —, e posso descrever-lhe com exatidão a disposição em que ele se encontra. Schweimann desistiu por completo da fusão, e Gerstenkorn já está vacilante. Por quê? A importante firma Companhias Reunidas S. J. R. fez sondagens com o grupo de Chemnitz, para saber se eles venderiam sem exigir a fusão. Se venderiam sem mais delongas. Naturalmente, nesse caso, Schweimann e Gerstenkorn participariam do conselho fiscal, e teriam, além disso, postos remunerados à parte, ao passo que agora ainda correm algum riscos. Pelo contrário, se o negócio com Burleigh estivesse esclarecido, então o que eu acredito que aconteceria — é esta a minha humilde opinião — é que eles recusariam a oferta da S. J. R., e optariam pela fusão com o senhor. É esta a situação em que eles se encontram. Quanto à sua situação, Preysing, com respeito a Manchester, não estou muito bem informado. Seu sogro escreveu-me, mas de modo pouco claro...

Preysing cortou de novo as claras considerações do jurista.

— Essa história da oferta da S. J. R. é um fato ou apenas falatório? Quanto ofereceram a Chemnitz? — perguntou ele.

— Isso não vem ao caso — respondeu Zinnowitz, que o ignorava.

Preysing esticou para a frente o lábio inferior, onde se apoiava um charuto, e

ficou a refletir. "Vem ao caso, sim", pensou, sem conseguir esclarecer, a si próprio e ao outro, qual a razão.

— O negócio com Burleigh não vai indo tão mal assim — disse ele, hesitante.

— Muito bem também não, ao que parece — replicou prontamente o jurista.

Preysing apanhou a pasta, largou-a, tornou a pegá-la, tirou o charuto da boca — já com a ponta toda mordiscada — e só no terceiro assalto tirou da pasta de couro um dossiê de papelão azul, onde se encontravam algumas cartas e cópias de outras.

— Aqui está a correspondência mantida com Manchester — disse apressadamente, estendendo ao jurista o dossiê. Arrependesse depressa. Nova camada de suor frio porejou nas costas de suas mãos; tentou fazer girar a aliança no dedo, num gesto que lhe era habitual, e não o conseguiu. — Mas tenho de pedir-lhe a máxima reserva, isto é estritamente confidencial — disse ele em tom implorante.

Zinnowitz lançou-lhe apenas um olhar enviesado, sem tomar conhecimento das cartas. Preysing calou-se. Podiam ouvir-se as delicadas batidas das toalhas, ao serem colocadas sobre as mesas, no salão de refeições. Sentia-se o cheiro característico de todos os hotéis do mundo, antes da comida: um leve cheiro de carne assada, que abre o apetite antes da refeição, e depois se torna insuportável. Preysing sentia fome. Lembrou-se, subitamente, de Mulle e da mesa posta, com as filhas em volta.

— É — disse o Dr. Zinnowitz, afastando as cartas e fitando, com olhar pensativo e absorto, a base do nariz de Preysing.

— Então? — perguntou Preysing.

— Volto agora — continuou Zinnowitz — ao ponto de partida. Por enquanto, as negociações com Burleigh & Son continuam e, por conseguinte, temos ainda essa chance importante nas mãos, para exercer pressão sobre o grupo de Chemnitz. Se adiarmos a conferência e Burleigh se retirar, o que é bem possível, de acordo com sua última carta, de... de 27 de fevereiro, perderemos essa chance. Então perderemos todas as chances, a bem dizer. Assim, em vez de nos sentarmos sobre duas cadeiras, sentaremos entre duas cadeiras.

De súbito, a testa de Preysing ficou roxa; uma onda de sangue subiu sob a sua pele ligeiramente enrugada, engrossando as veias. Às vezes ele tinha esses acessos de furor, esse afluxos de sangue, esses violentos acessos de cólera.

— Toda essa conversa não conduz a nada. Temos que conseguir a fusão — afirmou ele, elevando a voz e dando um murro em cima da mesa. O Dr. Zinnowitz esperou um instante para responder.

— Acho que a Saxônia não irá à falência, sem essa fusão.

— Não. É claro que não. Ninguém está falando em falência — respondeu Preysing, excitado. — Mas teríamos que diminuir nossos gastos. Teríamos de despedir operários na fiação. Teríamos de... sabe o que mais? Tenho de consegui-lo, e acabou-se. Há ainda o fato de... há outras razões. Trata-se de minha autoridade dentro da fábrica, o senhor compreende? Afinal, toda a organização da fábrica é obra minha. E a gente quer conservar o prestígio, também. O velho está ficando idoso demais. E com meu cunhado eu não me dou bem. Digo-lhe com toda a franqueza, o senhor conhece o rapaz, não me dou bem com ele. Esse rapaz trouxe certos costumes de Lyon que não aprecio nos negócios. Não gosto de blefes. Não gosto desses fogos de artifício. Meus negócios são feitos com base. Não construo castelos de cartas! Por enquanto eu estou lá, e quem manda sou eu!

O Dr. Zinnowitz olhava com interesse para o excitado diretor-geral, a dizer coisas que iam além do que ele podia garantir.

— O senhor é conhecido no seu ramo como um homem de negócios exemplar — observou ele, cortesmente; notava-se em suas palavras um leve tom de piedade.

Preysing parou de falar. Pegou em seu dossiê azul, e meteu-o, com os dedos trêmulos, na pasta de couro.

— Então estamos de acordo — disse Zinnowitz. — A conferência será realizada amanhã, e vamos procurar por todos os meios forçar a assinatura do contrato prévio. Mas eu gostaria de saber... Ouça — disse ele daí a um minuto, após haver refletido em silêncio. — E se o senhor me entregasse algumas cartas? As mais importantes, compreende, do início das negociações? Vou falar à tarde com Schweimann e Gerstenkorn. Não prejudicaria coisa alguma, se eu as mostrasse... naturalmente não mostraria todas, mas apenas algumas.

— É impossível — respondeu Preysing. — Prometemos a Burleigh & Son a maior discrição.

Zinnowitz sorriu ao ouvir isso.

— É a história de sempre — declarou. — Mas faça o que julgar melhor. A responsabilidade é sua. *Hic Rhodus, hic salta.* Se soubermos conduzir com jeito as negociações em Manchester, ganharemos a partida. Esse é o único ponto que poderia compensar o negócio quase perdido com Chemnitz. Seria necessário pôr nas mãos de Schweimann algumas cartas, como uma coisa sem importância e casual. As mais importantes, compreende? Algumas cópias. Mas faça o que quiser. O senhor é o responsável.

— Não me agrada fazer isso, é uma coisa pouco limpa — respondeu Preysing. A cobertura de quarenta mil marcos para Rothenburger comprar ações ainda lhe estava a dificultar a digestão; sentia de fato azia, de tanta excitação, e

suas têmporas zuniam, acaloradas. — As negociações com Chemnitz começaram antes do caso de Burleigh. Entre nós e Gerstenkorn nunca foi trocada uma só palavra a esse respeito. De repente tudo vira para esse lado. Se o grupo de Chemnitz nos quer aceitar apenas como um negócio dependente do assunto com a Inglaterra, e a coisa parece ser essa, como poderemos justificar a nossa correspondência? Não! Isso eu não faço.

"É teimoso como um jumento", pensou o Dr. Zinnowitz, e apertou o fecho da sua pasta, cuja fechadura deu um leve estalido.

— Com licença — disse ele. E, cerrando os lábios, pôs-se de pé.

De súbito, Preysing resolveu concordar.

— O senhor tem alguém que possa copiar algumas dessas cartas? De qualquer maneira eu poderia entregar-lhe duas cópias de cada. Os originais não saem de minhas mãos — disse ele apressadamente e elevando a voz, como se procurasse encobrir a de seu interlocutor. — É preciso que seja uma pessoa discreta e de confiança. Preciso ditar também um outro assunto de que necessito para a conferência. As datilógrafas arranjadas por intermédio do hotel não me agradam. Ficamos com a impressão de que elas vão contar ao porteiro os segredos comerciais. É preciso que seja logo depois do almoço.

— Infelizmente nenhum dos empregados do meu escritório dispõe de tempo — disse Zinnowitz com frieza, e ligeiramente surpreendido. — Ficamos com alguns assuntos importantes em atraso, e o meu pessoal há várias semanas tem feito trabalho extra. Mas espere um pouco... podia-se mandar a Flaemmchen para o senhor. A Flaemmchen serve-lhe. Vou mandar telefonar para ela.

— Para quem? — perguntou Preysing, chocado com o diminutivo.

— Para a Flaemmchen. A Flamm número dois. A irmã da minha secretária, a Flamm número um, que o senhor conhece, não é? Há vinte anos que está trabalhando comigo. A Flamm número dois nos tem auxiliado muitas vezes quando temos excesso de trabalho de cópias no escritório. Já a levei também numa viagem, porque a Flamm número um não podia ir. Ela é muito ativa e inteligente. Tenho que ter as cópias até as cinco horas. Farei isso como uma coisa à parte das negociações oficiais, durante o jantar com os senhores de Chemnitz. A Flaemmchen pode levar-me as cópias diretamente. Vou telefonar já à Flamm número um para que ela mande a irmã. Para que horas ficou marcada a conferência de amanhã?

O Dr. Zinnowitz e o Diretor-Geral Preysing, dois senhores corretos, com pastas já bem usadas debaixo do braço, saíram do jardim de inverno, atravessaram o corredor e, passando diante da portaria, chegaram ao *hall* onde se encontravam muitos outros senhores parecidos com eles, com pastas idênticas e conversando de maneira semelhante à deles. Algumas senhoras apareciam de

novo; acabavam de sair do banho e vinham perfumadas, com os lábios pintados recentemente. Com um gesto elegante e despreocupado, calçavam as luvas antes de passar pela porta giratória e sair para a rua, cujo asfalto escuro estava banhado pelo clarão amarelo do sol.

No momento em que atravessava o *hall* para ir ao compartimento telefônico, Preysing ouviu alguém pronunciar seu nome. O *groom* 18 veio correndo pelos corredores, chamando com sua voz clara e aguda de menino, a intervalos regulares:

— Senhor Diretor Preysing! Senhor Diretor Preysing, de Fredersdorf! Senhor Diretor Preysing!

— Estou aqui! — exclamou Preysing, estendendo a mão para pegar um telegrama. — Com licença — disse ele; abriu o telegrama e leu-o, enquanto atravessava o *hall* ao lado do Dr. Zinnowitz. Esfriou até a raiz dos cabelos, durante a leitura, e com um gesto mecânico colocou na cabeça o chapéu-coco.

O telegrama dizia:

*As negociações com Burleigh & Son fracassaram totalmente. Broesemann.*

Não adiantava mais. "Não é mais preciso mandar a moça, Dr. Zinnowitz. Não adianta. Ponto final com Manchester", pensou Preysing, continuando a caminhar em direção ao compartimento telefônico. Meteu o telegrama no bolso do sobretudo, apertando-o entre o polegar e o indicador. "Não adianta mais. Não preciso mais mandar fazer as cópias", pensou ele, pretendendo dizê-lo também.

Mas não o disse. Pigarreou, pois tinha ainda na garganta a fuligem da viagem noturna.

— O tempo ficou magnífico — disse ele.

— Já estamos em fins de março — retrucou Zinnowitz, que afastara as preocupações com os negócios e voltava a ser um particular que gostava de apreciar "meias de seda" a caminhar.

— A cabina 2 vai vagar logo — informou a telefonista, colocando os pinos vermelhos e verdes nos orifícios. Preysing apoiou-se à porta acolchoada da cabina, e seus olhos fixaram-se mecanicamente no postigo, num dorso largo que se encontrava lá dentro. Zinnowitz falou qualquer coisa que ele não compreendeu. Sentiu um ódio violento por Broesemann, e o sangue lhe subiu à cabeça. Ódio daquela vaca, daquele procurador que enviava um telegrama desses, justamente quando era preciso ter a cabeça bem erguida para um negócio tão difícil. Evidentemente, o velho estava por trás daquele telegrama, aquele velho caduco, com a sua maldade e a sua rabugice: a porcaria está feita, mostre agora do que é capaz. Estava realmente desesperado o pobre diretor-geral, com seus nervos arrasados, a cabeça cheia de preocupações e sua consciência tranquila, em meio a negócios confusos e complicações tremendas. Procurou

concentrar os pensamentos, que giravam, dispersos, em todas as direções. O Dr. Zinnowitz falava ao seu lado, no tom de um gozador empedernido, a respeito de uma nova revista toda prateada, tudo de prata. A porta da cabina contra a qual Preysing se apoiara cheio de desânimo fez pressão contra suas omoplatas. Depois forçaram suavemente a porta, e um homem alto, de excepcional beleza e amabilidade, vestido com uma capa azul, forçou a saída. Em vez de reclamar, o homem ainda se desculpou com algumas palavras corteses. Preysing, completamente absorto, fixou os olhos no rosto do homem que ele enxergava com toda a clareza, estranhamente próximo, e também se desculpou, conforme a praxe. Zinnowitz já estava dentro da cabina, pedindo ligação para a Flamm número dois, a Flaemmchen, talvez uma solteirona competente, que ia copiar cartas que já não tinham sentido nenhum, absolutamente nenhum. Preysing sabia que devia pôr um ponto final nisso tudo, mas não conseguiu reunir as energias necessárias para isso.

— Tudo arranjado — informou o Dr. Zinnowitz, saindo da cabina. — Às três horas a Flaemmchen estará aqui. Máquinas de escrever há em quantidade no hotel. Às cinco horas eu recebo as cartas. Ainda falarei com o senhor por telefone, antes de vencer esta dificuldade. Até logo, e bom apetite.

— Bom apetite — repetiu Preysing, dirigindo-se para as folhas de espelho da porta giratória em movimento, que levou o advogado para a rua. Lá fora fazia sol. Na rua, um pobre homenzinho vendia violetas. Ninguém se preocupava com fusões e acordos difíceis. Preysing tirou do bolso do sobretudo a mão direita, e com a esquerda pegou o telegrama, aquele telegrama que ele mantivera agarrado entre os dedos, até que o Dr. Zinnowitz desaparecesse num táxi. Dirigiu-se para uma mesa do *hall,* alisou cuidadosamente o papel, dobrou-o com cuidado e meteu-o no bolso interno de seu terno cinza-escuro, impecável.

Às três horas e cinco minutos, a campainha do telefone despertou Herr Preysing da sua sesta. Levantou-se da *chaise-longue* (descalçara as botinas, tirara o colarinho e o paletó), com a sensação de desamparo e desgosto que costuma sobrevir após uns minutos de sono roubado, nos hotéis. As cortinas amarelas estavam fechadas, o calor seco do aquecimento central enchia o aposento. Preysing tinha na face direita a marca do seu travesseiro de viagem. O telefone tilintava com impaciência. Uma senhora esperava pelo senhor diretor no *hall,* avisou o porteiro.

— Mande essa senhora subir — disse Preysing, ar-rumando-se às pressas. Dificuldades inesperadas foram comunicadas pelo telefone, com a máxima cortesia. O hotel tinha princípios e regulamentos. O chefe de recepção em pessoa, desculpando-se, e com o sorriso compungido de um homem traquejado, comunicou-o a Herr Preysing. Não era permitido receber visitas de senhoras nos

aposentos, e infelizmente não se podiam fazer exceções.

— Mas, meu Deus do céu, não se trata de uma visita. Essa moça é minha secretária, preciso trabalhar com ela, o senhor precisa compreender — disse Preysing, impaciente.

O sorriso telefônico do chefe de recepção acentuou-se. Rogava-se ao senhor diretor que tivesse a bondade de dirigir-se com essa senhora à sala de ditados, que estava à disposição dos hóspedes para esse fim. Preysing desligou, batendo com o fone no gancho. Sentia-se completamente fora de seus hábitos; era horrível. Lavou as mãos, gargarejou com água dentifrícia, lutou com o botão do colarinho e a gravata, e em seguida desceu para o *hall.*

Ali estava sentada a Flaemmchen, Fräulein Flamm número dois, irmã de Fräulein Flamm número um. Não era possível existir no mundo duas irmãs mais diferentes. Preysing recordava-se vagamente da Flamm número um como de uma pessoa de confiança, com cabelos incolores, um punho protetor na manga direita, um maço de papel sob o braço esquerdo, que, na sala de espera, com cara de poucos amigos, barrava a entrada aos visitantes indesejáveis, no escritório do Dr. Zinnowitz. A Flamm número dois, pelo contrário, não possuía absolutamente essa segurança. Estava sentada comodamente em uma poltrona *maple*, como se estivesse em casa, balouçando os pés calçados com sapatos de verniz azul; dava a aparência de alguém que se preparava para divertir-se à larga, e teria no máximo vinte anos de idade.

— O Dr. Zinnowitz mandou-me para bater as cópias. Sou a Flaemmchen, que ele prometeu mandar-lhe — informou ela, sem cerimônias.

Bem no centro da boca, a Flaemmchen pintara uma mancha redonda de batom, descuidadamente, às pressas, apenas porque estava na moda. Quando se levantou, viu-se que era mais alta do que o diretor-geral; tinha longas pernas, usava, na cintura extremamente fina, um cinto de couro bem apertado, e suas formas eram magníficas, da cabeça aos pés. Preysing ficou furioso com Zinnowitz, que o punha em situações idiotas assim. Compreendeu os escrúpulos do chefe de recepção. Ela estava perfumada, além do mais. Teve desejos de mandá-la embora.

— Acho que precisamos apressar-nos — disse ela com uma voz de timbre grave e ligeiramente rouco, que as menininhas costumam ter. Pepsin, a filha mais velha do diretor-geral, tinha uma voz assim, quando era pequena. — Então a senhora é a irmã de Fräulein Flamm? Eu conheço Fräulein Flamm — disse ele, num tom mais de grosseria que de surpresa.

Flamm número dois estendeu um pouquinho o lábio inferior e soprou um cacho de cabelo que lhe caía na testa, por debaixo da sua boinazinha de feltro. O caracolzinho dourado elevou-se e tornou a cair lentamente sobre a testa.

Preysing não o queria ver, mas não pôde deixar de fazê-lo.

— Irmã só por parte de pai — disse a Flaemmchen. — Eu sou filha da segunda mulher de meu pai. Mas nos damos muito bem.

— Ah, sim — disse Preysing, olhando-a com a vista turva.

Ela teria agora que copiar cartas que haviam perdido todo o sentido, todo o significado. Há vários meses ele vinha combinando tudo a respeito da sociedade com Burleigh & Son; não conseguia mudar subitamente o rumo de seus pensamentos. Não conseguia, de modo algum, riscar e apagar todo esse assunto. "Fracassaram totalmente. Broesemann. Totalmente." Era preciso ditar uma carta dirigida ao Broesemann, uma carta cheia de fel. Ao velho também, por causa dos quarenta mil marcos. Se Chemnitz desistisse, no dia seguinte, os quarenta mil para sustentar o câmbio teriam sido atirados à rua.

— Vamos. Vamos então para a sala de correspondência — disse Preysing, com expressão sombria, caminhando na frente dela pelo corredor. A Flaemmchen riu-se, divertida, atrás da nuca gorducha de Preysing.

A distância já se ouviam as máquinas de escrever, como um fogo distante de fuzilaria, e os sininhos tilintavam a espaços regulares. Quando Preysing abriu a porta, a fumaça dos cigarros saiu como uma enorme serpente azul.

— Ótima acústica — disse a Flaemmchen, erguendo as asas arredondadas de suas narinas.

Lá dentro, um senhor andava de um lado para outro, de mãos nas costas, o chapéu tombado para a nuca, ditando num americano mastigado. Era o *manager* de uma empresa cinematográfica; lançou à Flaemmchen um rápido olhar de conhecedor, e continuou a ditar.

— Qual! — disse Preysing, fechando a porta. — Não é possível. Quero um gabinete só para mim. Estas eternas chicanas aqui no hotel!

Desta vez foi caminhando atrás da Flaemmchen, pelo corredor. Estava agora encolerizadíssimo, e, em meio ao seu ódio, o balancear dos quadris da Flaemmchen provocava-lhe uma suave ardência no sangue.

No *hall*, a Flaemmchen também foi observada com admiração. Era um exemplar magnífico do seu sexo, quanto a isso não havia dúvida. Preysing achava desagradabilíssimo atravessar o *hall* com uma criatura tão espetacular, e deixou-a sozinha, indo conversar com Rohna sobre a possibilidade de não ser perturbado no compartimento das máquinas de escrever. A Flaemmchen, completamente indiferente aos olhares de que era alvo — santo Deus, estava tão acostumada a isso! — passou pó de arroz no nariz, descuidadamente, de pé, no meio do *hall*, depois tirou uma pequena cigarreira do bolso do casaco, com gestos de rapazinho, e se pôs a fumar. Preysing aproximou-se dela como de uma moita de urtigas.

— Temos de esperar dez minutos — disse ele.

— Bem — disse a Flaemmchen. — Mas depois precisamos trabalhar depressa. Tenho de estar às cinco no escritório de Zinnowitz.

— A senhora é tão pontual assim? — perguntou Preysing, de mau humor.

— Se sou!... — replicou a Flaemmchen com um sorriso travesso. Seu nariz ficou curto como o de um nenenzinho, e as meninas de seus olhos castanho-claros rolaram para os ângulos das pálpebras.

— Bem, então sente-se, enquanto isso — convidou Preysing. — E peça ao garçom qualquer coisa. Garçom, sirva esta moça — mandou ele, sem qualquer delicadeza, afastando-se em seguida.

— Um sorvete de pêssego Melba — pediu a Flaemmchen, inclinando a cabeça, satisfeita.

Soprou de novo a madeixa de cabelo, sem êxito. A Flaemmchen tinha formas perfeitas, como as de um cavalo de raça, e a impaciente impertinência de um cachorrinho novo.

O Barão Gaigern, que perambulava pelo *hall* há algum tempo, contemplou-a a distância, encantado. Após um instante, aproximou-se dela, cumprimentou-a e disse a meia voz:

— Posso sentar-me ao seu lado, minha senhora? Mas vejo que não está me reconhecendo. Nós dançamos juntos em Baden-Baden, lembra-se?

— Não é possível! Nunca estive em Baden-Baden — disse a Flaemmchen, olhando o jovem com atenção.

— Ah, minha senhora! Desculpe-me! Agora estou vendo que... devo ter-me enganado. Confundi-a com outra pessoa! — exclamou o barão, com ar hipócrita.

A Flaemmchen deu uma risada.

— Não é a mim que o senhor engana com esse velho truque — disse ela com secura.

Gaigern deu uma gargalhada.

— Então deixemo-nos de truques. Posso ficar sentado a seu lado? Posso? A senhora tem razão, não é possível confundi-la com ninguém. Como a senhora, só é possível existir no mundo uma pessoa, minha senhora. Mora aqui? Vem dançar no chá das cinco? Por favor, por favor, gostaria tanto de dançar com a senhora... Quer?

Colocou as mãos sobre a mesa. As da Flaemmchen já ali estavam pousadas. Havia um pequeno espaço entre os dedos dele e os dela, e o ar que os separava começou a vibrar. Os dois se olharam, simpatizaram mutuamente, e ambos se compreenderam, os belos jovens.

— Meu Deus, como o senhor é rápido! — exclamou a Flaemmchen, encantada.

Igualmente encantado, Gaigern respondeu:

— A senhora promete? Vem ao chá das cinco?

— Ao chá não posso. Tenho o que fazer. Mas à noite estou livre.

— Oh! Oh! À noite eu não posso. Mas amanhã, ou depois de amanhã... Às cinco horas? Aqui? No pavilhão amarelo? Com certeza?

A Flaemmchen lambeu a colher do sorvete e calou-se, com ar brejeiro. Para que muitas palavras? Trava-se conhecimento com alguém como se acende um cigarro.

Tiram-se umas tragadas somente para tomar o gosto, e depois a faísca se acende.

— Como se chama a senhora? — perguntou logo Gaigern.

Nesse momento, Preysing aproximou-se da mesa com ares de proprietário. Gaigern ergueu-se, cumprimentou-o e, com atitude amável, colocou-se por trás da cadeira.

— Já podemos começar — disse Preysing, aborrecido. A Flaemmchen estendeu a mão enluvada a Gaigern, enquanto Preysing olhava a cena com ar de desagrado. Reconheceu o jovem da cabina telefônica, e via novamente esse rosto com toda a nitidez, com todos os seus poros, com os menores detalhes.

— Quem é esse sujeito? — perguntou ele, caminhando meio de viés ao lado da Flaemmchen, com um andar bamboleante.

— Ah!... um conhecido — respondeu ela.

— É? A senhora deve ter muitos conhecidos, não?

— Assim, assim. A gente deve fazer-se um pouco de rogada. E não é sempre que tenho tempo.

Por motivos obscuros, esta resposta agradou ao diretor-geral.

— A senhora está empregada? — perguntou ele.

— No momento, não. No momento estou procurando emprego. Ora, logo se arranja. Sempre acabo arranjando alguma coisa — disse a Flaemmchen, com filosofia. — Eu gostaria de trabalhar no cinema. Mas é tão difícil o início da carreira... Se eu conseguisse começar, depois podia me arranjar. Mas o início da carreira é dificílimo!...

Olhou de frente para Herr Preysing com uma expressão preocupada e cômica. Agora, a Flaemmchen tinha o ar de uma gatinha. Toda a graciosidade felina parecia ter-se concentrado em seu rosto, numa expressão cambiante. Preysing, completamente alheio a esses conhecimentos, abriu a máquina de escrever, perguntando:

— Por que justamente o cinema? Todas vocês têm a mania do cinema — nesse "todas" incluía também sua filha Babe, de quinze anos, que era louca pela sétima arte.

— Ora, porque sim! Mas não tenho ilusões a esse respeito. Sou muito fotogênica, é o que todos dizem — continuou a Flaemmchen, tirando o casaco. — Devo estenografar ou escrever diretamente na máquina?

— Na máquina, faça o favor — respondeu Preysing. Sentia-se agora um pouco mais animado e de melhor humor. Afastara do cérebro o fato de Manchester ter ido por água abaixo, e, ao retirar do dossiê as tão promissoras cartas dessa correspondência, sentiu uma agradável impressão. A Flaemmchen continuava a falar sobre os seus assuntos particulares.

— Sou sempre fotografada para jornais e revistas, e também já posei para anúncios de sabonete. Como se consegue isso? Meu Deus! Um fotógrafo conta ao outro. Sou um ótimo nu artístico, sabe? Mas pagam pouquíssimo. Dez marcos por fotografia. Imagine o senhor. Ora! O que eu preferia era que alguém me levasse nesta primavera, de novo, como secretária, em alguma viagem. No ano passado estive em Florença com um senhor que trabalhava em um livro, um professor. Um encanto de homem! Talvez este ano apareça também qualquer coisa — disse ela, endireitando a máquina na mesa.

Era evidente que a Flaemmchen tinha preocupações, mas essas preocupações não pesavam mais do que o caracol da sua testa, que ela afastava com um sopro, de instante a instante. Preysing, que não conseguia introduzir no círculo de suas ideias a observação objetiva a respeito do nu artístico, quis falar qualquer coisa sobre negócios. Em vez de fazê-lo, pôs-se a observar atentamente as mãos da Flaemmchen, que colocavam na máquina a folha de papel, e disse:

— Que mãos morenas a senhora tem! Onde toma tanto sol assim?

A Flaemmchen observou com atenção as próprias mãos, levantou um pouco as mangas e fitou sua pele de cor parda com ar sério.

— É da neve, ainda. Fui esquiar em Vorarlberg. Um conhecido me levou. Uma beleza. O senhor devia ter-me visto quando eu voltei! ... Então, podemos começar?

Preysing dirigiu-se, por entre a fumaceira dos charutos, ao canto mais afastado da sala, e começou a ditar:

— A data, já pôs a data, senhorita? Prezado Herr Broesemann, Broese ... já escreveu? Com relação ao seu telegrama desta manhã, devo comunicar-lhe...

A Flaemmchen continuou a escrever com a mão direita, enquanto tirava com a esquerda o gorrinho, que parecia incomodá-la. A sala dava para um escuro poço de ventilação, as lâmpadas verdes do escritório estavam acesas. Em meio ao assunto comercial, Preysing pôs-se a pensar em uma cômoda antiga, uma velha cômoda de bétula, que se encontrava no vestíbulo, em Fredersdorf.

Só à noite se lembrou disso novamente, quando sonhou com a Flaemmchen e despertou. Seu cabelo tinha a cor e a cintilação da madeira antiga de bétula, com

reflexos claros e escuros. Deitado em sua cama, à noite, via esse cabelo com toda a nitidez, enquanto respirava o ar seco do quarto de hotel, vendo desfilar rapidamente as luzes do anúncio contínuo, nas cortinas fechadas. A pasta em cima da mesa, naquele quarto escuro, o enervava. Levantou-se de novo para fechá-la na mala; em seguida, gargarejou com Odol e lavou as mãos outra vez.

Este apartamento aborrece-o, é caro e sem conforto; consiste apenas em uma saleta minúscula com sofá, mesa e cadeiras, um quartinho de dormir estreito, e, ao lado, o banheiro. A torneira está pingando um pouco; pinga, pinga, por entre o sono de Preysing. Levanta-se novamente, sobressaltado, e vai acertar o despertador. Esqueceu-se de comprar o aparelho de barbear e precisa ir cedo ao barbeiro. Adormece mais uma vez, e torna a sonhar com a datilografa e seus cabelos cor de bétula. Desperta, e enxerga novamente o anúncio correndo sem cessar pelas cortinas; a noite passada numa cama estranha, angustiosa, dá-lhe uma impressão de nojo e confusão. Ele sente um medo incrível da conferência com Schweimann e Gerstenkorn; seu peito bate com um ruído surdo. Desde o momento em que mostrou as cartas da Inglaterra, não pode livrar-se de um sentimento estranho, como se as palmas de suas mãos estivessem sujas. Finalmente, já quase adormecendo de novo, ouve alguém andando lá fora, pisando na passadeira e assobiando baixinho. Ouve também o senhor do 69 colocando uns pares de despreocupados sapatos rasos, de verniz, diante da porta, como se a vida fosse um divertimento.

# 5

Kringelein, no 70, também o ouviu e despertou com o ruído. Havia sonhado com a Grussinskaia. Ela surgira na tesouraria onde ele trabalhava, apresentando contas atrasadas. Kringelein, o guarda-livros de Fredersdorf, que está sofrendo de claustrofobia, quer ainda agarrar a vida por uma fímbria, antes de morrer. Sente uma fome desmesurada, mas suporta muito pouco alimento. Com frequência, durante esses dias, seu corpo debilitado apodera-se da direção e o força a recolher-se ao quarto, em meio a todo aquele tumulto. Kringelein começa a odiar sua enfermidade, apesar de ela lhe ter dado coragem para sair de Fredersdorf. Comprou um remédio: Bálsamo de Vida do Dr. Hundt. A intervalos regulares toma um gole, cheio de esperanças, esforçando-se por não sentir o gosto amargo de canela, e em seguida sente algum alívio.

Distende os dedos enregelados, na escuridão, e se põe a fazer cálculos. É desagradável o fato de seus dedos terem tendência para morrer enquanto está dormindo. Esgueiram-se números no quarto, de rostos baixos, até que ele acende a luz e desperta completamente. É pena que o rico Herr Kringelein não possa libertar-se de um costume de Herr Kringelein pobre: ter de fazer contas. Dentro de sua cabeça os números desfilam incessantemente, maldosos, colocando-se em colunas, e somando-se e diminuindo-se sem o auxílio de Kringelein. Kringelein possui um caderninho que trouxe de Fredersdorf, diante do qual fica sentado durante horas. Nele anota as suas despesas, as despesas absurdas de um homem que aprende a gozar a vida, que gasta em dois dias o ordenado de um mês. Sente com frequência tonturas tão fortes que tem a impressão de ver as paredes forradas com tapeçaria de tulipas caírem em cima dele. Por vezes fica sentado na borda da cama, pensando que vai morrer em breve. Seu pensamento vai-se concretizando, e então, assustado, fica com as orelhas geladas, entortando os olhos, cheio de medo e angústia. Não consegue, entretanto, fazer a mínima ideia do que é a morte. Tem esperanças de que não seja muito diversa de uma narcose, com a diferença de que, após a narcose, a gente desperta, sente náuseas, e sobrevêm as dores (Kringelein batizou-as secretamente de dores azuis); espera também que todos esses vexames, bem seus conhecidos, sejam sofridos antes, e não depois. Depois de meditar em tudo isso, principiou a tremer; de fato, sucede por vezes a Kringelein tremer com medo da morte, apesar de não conseguir imaginar como ela seja.

Há muita insônia por detrás das portas duplas fechadas do hotel adormecido. Precisamente a essa hora, o Dr. Otternschlag coloca no lavatório uma pequenina ampola de injeção, joga-se na cama e esvai-se na leve nebulosidade das regiões morfínicas. Mas o Maestro Witte, cujo quarto, o 221, fica na ala esquerda, não consegue adormecer. Os velhos dormem pouco. Seu aposento fica exatamente defronte ao do Dr. Otternschlag, e em sua parede também gorgoleja a água; o elevador ronca aos solavancos. É quase um quarto de empregados, o quarto onde se hospeda. Sentado à janela, encosta na vidraça a testa abaulada de músico e fica olhando fixamente a parede fronteiriça. Trechos de uma sinfonia de Beethoven vêm-lhe à memória — nunca a dirigiu. Ouve Bach — o monumental "Crucifica-o", da *Paixão de São Mateus.* "Malbaratei a minha vida!", pensa o velho Witte. E toda a música que não foi cantada em sua vida se concentra em sua garganta, num aglomerado amargoso, que ele traga com esforço. Às oito e meia da manhã é o ensaio. Sentado ao piano, precisa repetir sempre a mesma marcha para os *pliés* das mocinhas, sempre a mesma *Valsa da primavera,* a *Mazurka,* a *Bacanal.* "Devia ter abandonado Elisavieta enquanto era tempo", pensa ele; agora não era mais possível. Elisavieta já estava velha e não se podia abandonar uma mulher idosa. Agora era preciso aguentar junto dela o pouco tempo que ainda restava.

E Elisavieta Alieksandrovna Grussinskaia também não consegue dormir, sentindo o tempo correr, no meio da noite, apressado, incessante; há dois relógios a tiquetaquear no quarto escuro: um de bronze, na escrivaninha, e o reloginho-pulseira, no criado-mudo. Ambos marcam os mesmos segundos e, no entanto, um bate mais depressa do que o outro, o que provoca palpitações do coração, quando se presta atenção ao seu tique-taque. Grussinskaia acende a luz, levanta-se, enfia os pés nos chinelos acalcanhados e vai até o espelho. No espelho também se evidencia o tempo, principalmente no espelho. Evidencia-se ainda nas críticas, na horrível falta de delicadeza da imprensa, no sucesso das bailarinas feias e com luxações, que estão agora na moda, no déficit das *tournées,* nos fracos aplausos, na maneira vulgar com que Meyerheim, o *manager,* se exprime — em toda parte, em toda parte se evidencia o tempo. Nas articulações fatigadas dos pés estão os anos passados a dançar; também na respiração opressa à trigésima segunda pirueta clássica; e também no sangue que, com frequência, nas ondas de calor da idade crítica, atravessa a garganta e aflui às faces. Faz calor no quarto, apesar de estar aberta a porta da varanda. Lá fora, as buzinas dos automóveis gritam durante toda a noite. A Grussinskaia tira seu adereço de pérolas da pequena *suitcase,* dois punhados de pérolas frias, e encosta-as ao rosto. Não adianta; as pálpebras continuam quentes, coloridas pela pintura e a iluminação da ribalta; os pensamentos são como gumes penetrantes;

os dois relógios disparam como cavalos a galope. Sob o queixo, a Grussinskaia tem uma atadura de borracha; suas mãos e lábios estão cheios de creme. Olha-se ao espelho quando passa por ele, e acha-se tão feia que apaga depressa a luz. No escuro, engole um veronal e desata num choro enraivecido, o pranto de uma mulher inconsolável e apaixonada. Depois, tomba sobre nuvens, e finalmente cai no sono.

Ao lado chegou alguém, no elevador, talvez o jovem de Nice. A Grussinskaia arrasta-o consigo em seu sonho pesado, sob a ação do veronal; o senhor do 69 — o homem mais belo que ela já viu em toda a sua vida.

Quando ele chega, vem assobiando baixinho, um assobio nada desagradável, exprimindo simplesmente alegria. Ao entrar no quarto fica mais cauteloso, veste o pijama e calça uns chinelos bonitos de couro azul; depois, desliza em silêncio, como um ser intermediário entre gato montes e moço bonito. Quando passa pelo *hall*, é como se num aposento gelado se abrisse uma janela ensolarada. Dança maravilhosamente bem, com frieza e paixão. Tem sempre no quarto algumas flores — adora as flores e gosta de sentir o seu perfume. Chega, por vezes, a lamber as suas pétalas tenras — como um bicho. Na rua, acompanha as moças com um andar bamboleante de pugilista, contentando-se, por vezes, em olhá-las, com enorme prazer; a umas, dirige algumas palavras, e a outras acompanha até a casa ou leva a um hotel de segunda classe. E quando, pela manhã, com uma expressão santarrona de gatão, entra no *hall* quase vazio do Grande Hotel, com ar distinto e morigerado, e pede a chave do quarto ao porteiro, este não pode deixar de sorrir. Às vezes vem bêbado, com uma bebedeira discreta e cheia de animação, que ninguém pode levar a mal. De manhã torna-se um pouco desagradável para quem está hospedado no quarto debaixo do seu, porque faz ginástica; ouve-se seu corpo cair no solo com um ruído suave, compassadamente. Usa pequeninas gravatas-borboleta, moles, e paletós bem folgados. Suas roupas caem sobre os músculos tão confortavelmente como a pele dos cachorros de raça pura. Por vezes sai em disparada no seu carrinho de quatro lugares, e não é visto durante dois dias. Passa horas e horas a perambular pelas agências de automóveis, observando os carros; enfia a cabeça sob a tampa, para ver o motor; aspira gasolina, óleo, metal em combustão; bate nos pneus; alisa a pintura brilhante, o couro da carroçaria — azul, vermelho, bege — e, se o deixassem sozinho, era capaz, talvez, de lamber tudo. Compra cordões de calçado a vendedores ambulantes, isqueiros inúteis, pequenas galinhas de borracha e dez caixas de fósforos. De repente tem desejos de ver cavalos; levanta-se às seis horas da manhã, vai de ônibus até Tattersall, fareja o ar repleto de poeira de serragem, de cheiro de arreios, estéreo e suor, trava amizade com algum cavalo, monta e vai até o jardim zoológico, fartando-se de passear em

meio à neblina cinzenta da manhã, que paira sobre as árvores de março, e retorna mais calmo ao hotel. Já o encontraram no pátio dos empregados, atrás da escada de serviço, parado junto de uma lata cheia de água de lavagem e restos de comida, olhando para cima, para os cinco andares do hotel, até o lugar em que a antena está presa, sob o céu descolorido. Talvez tivesse alguma pretensão de conquistar a única camareira bonita do hotel; bonita, imoral e já despedida. Trava muitos conhecimentos entre os hóspedes do hotel, distribui selos, aconselha, no caso de excursões, leva em seu carro senhoras idosas, serve de parceiro no jogo de *bridge*, e é grande conhecedor dos vinhos do hotel. No dedo indicador da mão direita usa um anel com sinete de lápis-lazúli, com o brasão dos Gaigern, um falcão sobre ondas. À noite, quando se deita, conversa com os seus travesseiros, em dialeto bávaro. *"Gruess Gott"*, diz ele, aproximadamente, "boa noite, você é muito boazinha, minha querida cama, e muito ajuizada." Adormece logo, e nunca incomoda os vizinhos com roncos inconvenientes, gargarejos e botinas atiradas ao chão. Seu chofer costuma contar, lá embaixo, na sala dos despachos, que o barão é um homem muito correto, mas bastante simplório. No entanto, também um Barão Gaigern, por detrás de portas duplas, tem seus segredos e seus escaninhos ocultos.

— Não há nada de novo? — perguntou ao chofer. O barão está no meio do tapete, completamente nu, fazendo massagem nas coxas. Tem uma plástica magnífica, com a caixa torácica um tanto abaulada, como a dos pugilistas; a pele de seus ombros e das pernas é morena, e só entre as coxas e o tronco há uma zona clara, no lugar em que um maio lhe cobriu o corpo durante o verão. — Então, você não sabe de nenhuma novidade?

— Ora, basta! — respondeu o chofer, que estava deitado na *chaise-longue* coberta com uma imitação de Kilim, o cigarro colado ao lábio inferior, pois estava fumando. — Você pensa que eles vão ficar esperando eternamente em Amsterdam? Schalhorn já desembolsou cinco mil marcos, você pensa que isso vai continuar indefinidamente? Emmy está entocada há um mês em Springe, à espera da nossa encomenda. Em Paris foi uma porcaria. Em Nice foi uma porcaria. Se você hoje não conseguir nada, vai ser de novo uma porcaria. Se Schalhorn não receber os cinco mil, vai achatar-nos.

— Schalhorn é o chefe? — perguntou o barão calmamente, despejando água-de-colônia nas palmas das mãos.

— Um chefe tem de ser atirado, é o que eu digo — rosnou o chofer.

— Tem de ser atirado quando está na hora de agir, é verdade. Não gosto da maneira como você e Schalhorn trabalham, não concordo. É por essa razão que acontece sempre alguma coisa com vocês. Comigo nunca aconteceu nada e Schalhorn sempre recebeu a parte que lhe cabe. Se Emmy está nervosa em

Springe, não me serve, foi o que lhe disse a última vez. Se ela nem é capaz de ficar sossegada na sua loja de objetos de arte aplicada, enquanto manda Moehl copiar os engastes antigos...

—- Pouco nos importam os engastes antigos. Trate antes de trazer as pérolas, depois pode mandar fazer os engastes antigos. Isso tudo foi ideia sua. Primeiro, parecia que tudo ia dar certo, as pérolas valem meio milhão. Bom, se descontarmos dois meses de despesas, ainda sobra alguma coisa. Talvez seja mais fácil livrar-se delas em engastes antigos, bom, concordo. Agora, Moehl, lá em Springe, está copiando as joias da sua avó, Emmy está ficando maluca, Schalhorn está ficando louco. Não confie nessa mulher; ela é bem capaz de lhe pregar uma peça, se perder a paciência. Então, quando vai ser a coisa? Quando é que o senhor barão vai parar de divertir-se e começar a trabalhar um pouquinho de novo?

— Você já está com apetite, hein? Já se esqueceu dos vinte e dois mil marcos de Nice, e está se arriscando a levar uma grande descompostura — disse o barão, ainda com bastante amabilidade; já tinha calçado meias de seda pretas, presas com ligas brancas de seda, e elegantes sapatos de verniz, com que costumava dançar. Mas ainda estava nu.

Qualquer coisa na sua nudez despreocupada e sem cerimônia excitava o chofer; talvez a queda suave dos ombros, ou o modo macio de as costelas se elevarem por sob a pele, enchendo de ar os pulmões. O chofer cuspiu a ponta do cigarro no meio do quarto e levantou-se.

— Quer saber de uma coisa? — disse ele, inclinando-se sobre a mesa. — Já estamos fartos de você. Você não é dos nossos. Você não leva nada a sério, compreendeu? Para você, tanto faz ir jogar ou apostar nas corridas de cavalos, surripiar com toda a gentileza a uma velha solteirona vinte e dois mil marcos ou ir buscar pérolas no valor de meio milhão; para você tanto faz. É tudo a mesma coisa, pensa você. Mas há uma diferença em tudo isso, quando alguém não sabe bancar o chefe. E se você não for embora por livre e espontânea vontade, será forçado a fazê-lo, compreendeu?

— Deita, já! — disse Gaigern amavelmente, e com um silencioso golpezinho de jiu-jítsu torceu o pulso do chofer. — Para ir-me embora não preciso de você. Preciso somente que você prepare o nosso álibi hoje à noite. Esta noite, às doze e vinte e oito, você pode partir para Springe com as pérolas, e de manhã, às oito e dezesseis, estará de volta. Às nove, mando que toquem a campainha no seu quarto, e você precisa ir logo para o batente; depois convidaremos qualquer pessoa para passear conosco. Se você pestanejar durante o escândalo que vai haver no hotel, amanhã, mando prendê-lo. Agora há pouco perguntei-lhe se havia alguma novidade.

O chofer, com estrias vermelhas em volta do pulso, pôs de novo a mão no bolso. Dava a impressão de não querer responder — mas respondeu.

— Ela agora costuma chegar ao teatro só às seis e meia, porque anda nervosa — rosnou ele, dominando-se a custo. — Depois do espetáculo há uma ceia de despedida na casa do embaixador francês. Não vai além das duas da madrugada. Amanhã, às onze, ela viaja, fica dois dias em Praga, depois segue para Viena. Estou realmente curioso para ver quando é que você vai surripiar as pérolas dela, entre o espetáculo e a ceia, se tudo correr sem percalços. Não existe no mundo um buraco tão favorável como esse pátio de teatro sem iluminação — acrescentou ele. Quis resmungar ainda qualquer coisa mas não olhou mais para o barão, que, nesse meio tempo, se transformara em um senhor de *smoking*.

— Ela não está mais usando as pérolas. Deixa-as no hotel — afirmou Gaigern, prendendo a gravata preta.

— Ela própria o contou a um repórter idiota que a foi entrevistar, você pode ler nos jornais.

— O quê? Ela as deixa simplesmente no quarto... não as entregou no hotel para serem guardadas no cofre? Como? Pode-se ir ao seu quarto buscá-las?

— É mais ou menos isso — disse o Barão Gaigern.

— Agora quero que me deixem em paz — disse ele cortesmente à boca idiota e espantada do seu companheiro. Via uma goela de um vermelho escuro e duas falhas de dentes. Sentiu um ódio ardente e repentino por aquela espécie de gente a que se ligara. Os músculos do seu pescoço se contraíram violentamente.

— Vamos — foi só o que disse. — Às oito, quero o carro em frente à porta principal.

O chofer, humilhado, olhou o rosto de Gaigern, e retirou-se, não dizendo nada do que queria dizer e que ficou entalado na sua garganta.

— O senhor do quarto 70 é inofensivo — murmurou como uma última consideração; e, com um movimento subserviente de lacaio, apanhou no chão o pijama azul.

— É um ricaço esquisitão, recebeu uma herança enorme e agora está esbanjando a fortuna.

O barão já não o ouvia mais. O chofer, supersticioso, parando entre as duas portas, cuspiu três vezes para trás; depois fechou o trinco sem fazer barulho.

Pouco antes das oito da noite, o barão apareceu no *hall*, animado e muito bem disposto, vestido de *smoking* e de impermeável azul. Nem mesmo Pilzheim, o detetive do hotel, desconfia que esse Apoio amável está preparando um álibi. O Dr. Otternschlag, que está bebendo café no *hall* com o extenuado Kringelein, antes de irem juntos ao espetáculo da Grussinskaia, com o dedo erguido em riste, aponta para o barão.

— Olhe, Kringelein: era assim que deveríamos ser
— disse ele, zombeteiramente e com inveja.

O barão põe um marco na mão do *groom* 18 e diz:

— Meus cumprimentos à senhorita sua noiva! — e se aproxima da portaria. O porteiro Senf olha para ele com expressão obsequiosa, mas sonolenta. É já a terceira noite que o porteiro Senf tem que esconder suas preocupações pessoais, por ter a mulher no hospital.

— O senhor arranjou para mim as entradas para o teatro? Quinze marcos? Muito bem — disse ele ao porteiro. — Se alguém perguntar por mim, estou no Teatro Alemão, e depois no Clube do Oeste. Vou ao Clube do Oeste — disse, e, dando dois passos, dirigiu-se ao Conde Rohna: — Imagine o senhor quem eu encontrei lá: Ruetzow, aquele sujeito alto! Ele esteve com o senhor e o meu irmão no batalhão Ulanos de 74. Está trabalhando agora no ramo de automóveis. Vocês todos são pessoas trabalhadoras; só eu é que sou um boa-vida, um lírio do campo, hein? O meu chofer está lá fora, porteiro?

Com o barão, entrou uma brisa quente pela porta giratória, e o *hall* sorriu com agrado para ele. Entrou no seu carrinho e partiu, atrás do álibi. Às dez e meia deram um telefonema para o hotel, do Clube do Oeste.

— Aqui fala o Barão Gaigern. Alguém perguntou por mim? Estou no Clube do Oeste, e só daqui a duas horas, ou um pouco mais tarde, chegarei ao hotel. Meu chofer pode ir deitar-se.

Ao mesmo tempo que essa voz preparava cavalheiresca e precavidamente um álibi, Gaigern estava colado à parede da frente do Grande Hotel, entre duas pedras que imitavam cantaria. Sua situação não era das mais cômodas, mas ele se sentia alegre, com a satisfação entusiástica do caçador, do lutador e do alpinista. Conservava para a sua empresa o pijama azul-escuro, despreocupadamente; calçava leves sapatos de pugilista, com solas de cromo, e por precaução enfiara, sobre eles, meias de lã, meias para esportes de inverno, que evitavam indesejáveis pegadas. Gaigern calculara o caminho para o quarto da Grussinskaia, da sua própria janela; devia ter pouco menos de sete metros, e ele já estava no meio do caminho. As pedras imitando cantaria do Grande Hotel eram cópias das lajes ásperas do Palazzo Pitti, e tinham uma aparência pomposa; se não se partissem agora, estava tudo bem. Gaigern colocava as pontas dos pés, cuidadosamente, nas reentrâncias do reboco. Usava luvas, que durante o percurso o estavam atrapalhando. Não podia tirá-las, enquanto subia pela parede do segundo andar como um escaravelho.

— Diabo! — exclamou ele, quando a argamassa e o reboco se quebraram sob as suas mãos, indo bater com um ruído seco no andar de baixo, no parapeito de metal de uma janela.

Sentiu a garganta seca e controlou a respiração, como um corredor da Aschenbahn. Firmou-se de novo, balanceou o corpo, durante um instante, sobre a ponta do dedo maior, com perigo de vida, e impeliu a outra perna meio metro para a frente. Assobiou baixinho. Estava agora excitadíssimo e por isso assobiava, fingindo sangue-frio, como um meninote. No principal, que eram as pérolas, ele não pensava de modo algum durante esses minutos. Afinal de contas, essas pérolas poderiam ser conseguidas também de outra maneira. Um soco na cabeça de Suzette, sobre seu chapeuzinho de feltro já cocado, quando ela saísse à noite do teatro, com a *suitcase.* Um assalto à noite ao quarto da Grussinskaia; finalmente, quatro passos pelo corredor, uma chave falsa e uma expressão inocente, ao ser descoberto em um quarto em que entrara por engano. Mas não era do seu feitio fazer isso, não o fazia de modo algum. "Cada um deve agir conforme a sua natureza", tinha dito Gaigern ao seu bando, procurando explicar-lhes seu modo de agir. Esse bando era um grupo de espertalhões, que há dois anos ele procurava conservar unido, mas estava sempre à beira da revolta. "Não gosto de pegar a caça na armadilha; não subo montanhas com corda. O que não posso ir buscar com minhas próprias mãos, tenho a impressão de que não é meu."

É natural que essa conversa provocasse uma atmosfera de incompreensão entre ele e o seu bando. A palavra "coragem" não era de uso corrente entre eles, apesar de cada um deles possuir uma boa dose de coragem. Emmy, em Springe, com sua cabeça dura como um coco, procurara certa vez explicar o que acontecia com Gaigern. "Para ele isso é um esporte", afirmava ela; e como tinha muita intimidade com Gaigern, devia ter razão. Pelo menos, nesse momento, às dez e vinte da noite, escalando a fachada do Grande Hotel, ele tinha o aspecto de um esportista, um turista numa passagem difícil, um chefe de expedição, avançando em local perigoso.

O lugar perigoso era a reentrância angulosa, por trás do banheiro da Grussinskaia. Ali, a fantasia do arquiteto idealizara uma superfície lisa: também não havia cornija na janela, o banheiro escondia-se numa reentrância, dando para aquele pátio, onde certa vez o barão foi visto a observar as antenas. Mas, depois desses dois metros e meio lisos, começavam já as barras de ferro da grade da varanda do 68. Ligeiramente arquejante, ora assobiando, ora soltando pragas, Gaigern parou na última saliência que lhe podia oferecer segurança, antes do trecho liso que se seguia. Os músculos de suas coxas tremiam, e nas articulações dos pés sentia a vibração quente e latejante provocada pelo violento esforço. Afora isso, estava satisfeito com a situação, pois tudo correspondia ao que ele calculara uma centena de vezes.

Gaigern não podia ser visto lá de baixo, naquela rua formigante de gente da

grande cidade, porque estava completamente protegido pelo enorme refletor que o hotel mandara colocar na fachada, há pouco tempo. Quem olhasse para cima ficaria ofuscado pelos feixes claros da luz. Era completamente impossível perceber uma figurinha azul-escura, por detrás dessa luz agressiva, a se mover na sombra. Gaigern tinha visto, num teatro de revistas, o truque de um mágico que enviara na direção do público uma luz ofuscante como essa, enquanto, diante do pano de fundo de veludo escuro, executava suas mágicas, serrando moças ao meio e fazendo voar esqueletos no palco. Gaigern descansou atrás do segundo refletor e olhou para a rua, lá embaixo; do ponto em que estava, enxergava aquele trechinho do mundo completamente contorcido e achatado. A parede que descia reta olhava para ele com uma aparência hostil e maldosa. Inclinou a cabeça justamente nesse momento, e olhou para baixo, prendendo a respiração, sem piscar sequer. Não tinha a menor sensação de vertigem; apenas no pulso, por debaixo das luvas, a vibração suave e excitante, bem conhecida dos alpinistas. A torre redonda de Ried, no castelinho de Gaigern, era mais alta ainda. Quando ele fugia à noite de Feldkirch, era preciso escorregar pelo para-raios. Os Drei Zinnen, nos Dolomitos, também não eram brincadeira. Os dois metros e meio até o terraço não eram fáceis de atravessar, mas havia coisa pior. Gaigern não olhou mais para baixo, e ergueu os olhos por um momento. Defronte, um anúncio luminoso, contínuo, passava no telhado, e de uma taça de champanha borbulhavam lâmpadas elétricas, como espuma. Céu, não havia; a cidade terminava ali mesmo, junto aos telhados, fios e antenas. Gaigern moveu os dedos dentro da luva; estavam colados, provavelmente sangravam. Experimentou respirar, e conseguiu de novo. Concentrou suas forças, retesou os músculos e, com um salto de peixe-voador, lançou-se no vácuo. O ar zuniu de encontro aos seus ouvidos, e em seguida suas mãos agarraram as barras de ferro da varanda, que lhe cortaram os dedos, com suas arestas. Deixou-se ficar pendurado durante um segundo, com o coração a palpitar com força, e depois, com um impulso, pulou por sobre a varanda e soltou o corpo. Sim, agora se encontrava na varanda, diante da porta aberta do quarto da Grussinskaia.

— Até que enfim! — exclamou satisfeito, deixando-se ficar onde tinha caído, no pavimento de pedra da varandinha; aspirou profundamente o ar, abrindo a boca; ouviu um avião roncar bem por cima dele, e viu acima de seus olhos abertos os reflexos redondos da luz da cabina passando silenciosamente por entre as nuvens avermelhadas da grande cidade. A rua mandava para cima um ruído compacto e cheio — Gaigern sentiu-se por uns instantes em uma ilha de cansaço e de semi-inconsciência —, lá embaixo as buzinas dos automóveis disputavam a passagem, porque a Liga dos Filantropos dava uma festa, no pequeno salão, e muitas capas de noite se moviam como escaravelhos dourados,

saindo pelas portas dos carros, subindo três degraus e entrando pelo portal. "Santo Deus, o que eu daria agora por um cigarro!", pensou Gaigern com os nervos frouxos; mas de modo algum podia pensar nisso agora. Ainda deitado, puxou a luva da mão direita e começou a chupar o corte do indicador; uma pata sangrando não tinha a menor utilidade para o seu trabalho. Engoliu com raiva o gosto sutil de metal, e suas costas úmidas sentiram o frescor agradável do pavimento de pedras. Por entre as grades da varanda, mediu o trecho que percorrera, e calculou o difícil retorno. Trouxera uma corda. Depois, seria preciso sair depressa da varanda, e, com um impulso de pêndulo, cair do outro lado. "Parabéns!", disse a si mesmo, no tom amável de oficial de Exército da sua vida passada. Tornou a calçar as luvas, como a se preparar para uma visita de cerimônia, levantou-se e passou da varanda para o quarto da Grussinskaia. A porta não se moveu, apenas a cortina ficou levemente enfunada; as tábuas do soalho também se conservaram caladas e acolhedoras. No quarto às escuras, tiquetaqueavam dois relógios, um quase duas vezes mais depressa do que o outro. Havia um cheiro forte de enterro e de forno crematório. Do anúncio luminoso do lado oposto caía um clarão triangular amarelado sobre o chão, até à borda do tapete. Gaigern tirou do bolso uma lanterna barata de forma cilíndrica, como essas que as cozinheiras usam, nas suas levianas rondas noturnas, e iluminou o quarto com cuidado. Graças ao seu curto diálogo com Suzette, à entrada do aposento, já conhecia a disposição dos móveis. Dispusera-se a descobrir todas as perfídias desse quarto, a procurar as pérolas em todos os esconderijos, a forçar fechaduras de malas, a arrombar portas de armários e a decifrar segredos de fechaduras. Mas, ao seguir o fio de luz oval da lâmpada de bolso e avistar a própria imagem triplicada no espelho, em sua frente, ficou agradavelmente surpreendido, com uma surpresa quase cômica.

Na mesinha do espelho estava pousada a *suitcase*, calma e desprotegida, e o filete de luz brincava inocentemente sobre o seu couro. "Vamos com calma!", pensou Gaigern, e isso significava uma ordem de comando, porque sentia a febre do caçador ferver dentro de sua cabeça. Primeiro enfiou no bolso a mão direita sangrando, como se fosse um objeto; tinha de conservá-la ali dentro, pois era preciso impedi-la de fazer qualquer travessura e de deixar vestígios. Colocou a lanterna na boca. Com a mão esquerda enluvada, pegou cuidadosamente a *suitcase*. De fato lá estava ela, podia apalpar com os dedos o seu couro de um brilho fosco. Ergueu a malinha, que não estava vazia. Apagou a lanterna, largou-a, e ficou pensando um momento. O quarto cheirava a enterro, um cheiro que fazia parar a respiração, um cheiro de avô morto e de solene panegírico de cerimônia fúnebre. Gaigern pôs-se a rir no escuro, quando compreendeu. "Louros!", pensou ele, fazendo suas as palavras de Suzette. *"Madame* recebe

muitos louros, *monsieur.* O embaixador francês enviou-nos uma enorme cesta de louros." Ajoelhou-se diante do guarda-roupa — mas, dessa vez, as tábuas rangeram, maldosas e vivas — e com a mão esquerda agarrou a maleta no escuro. "Não, não", pensou ele, largando-a de novo. Essas coisas dão azar. Pastas, malas, carteiras de dinheiro são coisas nefastas; custam a queimar, flutuam nos rios em que são atiradas, são encontradas nas águas do esgoto pelos encarregados da limpeza dos canais, e acabam parando nas mesas dos tribunais, como desagradáveis corpos de delito. Além disso, uma *suitcase* pesando cerca de dois quilos não era nada cômoda de se carregar nos dentes, quando era preciso atravessar dois metros e meio de uma fachada lisa e escorregadia. Gaigern retirou a mão e pôs-se a refletir. Acendeu a lanterna e ficou olhando a fechadura dupla da maleta, absorto. Deus sabe que segredos a Grussinskaia teria para fechar o seu tesouro. Gaigern pegou as ferramentas e empurrou o disco redondo e metálico da fechadura.

A fechadura abriu.

A maleta não estava fechada a chave.

Gaigern assustou-se com o pequeno estalido, que não esperava em absoluto; ficou com uma cara de imbecil.

— Ora vejam, ótimo! — disse ele duas ou três vezes. — Ora vejam, ótimo! — levantou a tampa e apertou o botão do estojo de joias; de fato, lá estavam as pérolas da Grussinskaia. Afinal, não eram tantas assim, apenas um punhadinho de bolinhas cintilantes, caso se prestasse bem atenção; de modo algum correspondiam à lenda que haviam espalhado a respeito desse presente de um grão-duque assassinado, para enfeitar o pescoço de uma bailarina. Um lindo e antiquado *sautoir,* um colar de pérolas de tamanho médio, mas bem iguais, três anéis, um par de brincos de pérolas enormes, incrivelmente redondas; preguiçosamente pousadas no seu leitozinho de veludo, elas descansavam, enquanto a lanterna as fazia cintilar com um brilho amortecido. Com extrema precaução, Gaigern tirou-as do estojo com a mão esquerda enluvada e enfiou-as no bolso. Parecia-lhe sumamente ridículo encontrar as pérolas largadas em uma maleta aberta, e chegou a sentir uma espécie de desilusão ou indiferença, o cansaço de uma exagerada tensão que não teria sido necessária. Durante um instante ficou pensando se não seria melhor experimentar sair simplesmente do quarto, regressando ao seu aposento pelo corredor. "Talvez essas mulheres tenham deixado também a porta do quarto aberta", pensou ele, com o mesmo sorriso de incredulidade que punha a descoberto seus dentes superiores, dando ao seu rosto uma expressão tola e infantil, desde que avistara as pérolas.

Porém a porta estava fechada. No corredor ouvia-se, a espaços irregulares, o elevador subir e — clique — fechar a grade, porque o quarto 68 ficava defronte

dele, em diagonal. Gaigern sentou-se por uns minutos em um *fauteuil*, no escuro, recuperando forças para o retorno. Sentia um enorme desejo de fumar, o que era impossível naquele momento, para não deixar vestígios de cheiro do cigarro. Tinha a precaução de um selvagem a guardar o seu tabu. Pensou em uma infinidade de coisas ao mesmo tempo, e, com mais lucidez, no armário de armas de seu pai. Na prateleira superior, ficavam sempre as grandes latas de tabaco herzegovino, e em dias alternados o velho Barão Gaigern colocava em cada lata uma fatia de cenoura. Gaigern sentiu por momentos o perfume adocicado e penetrante daquele tabaco, e retornou ao lar, descendo as escadas lustrosas de Ried, deixando-se ficar esquecido, durante um bom tempo, a recordar-se do tempo em que era ainda um voluntário de dezessete anos e fumava fechado em seu quarto. Sem usar de delicadezas, tratou de retornar ao seu empreendimento. — Atenção! — disse a si mesmo. — Nada de cochilos. Vamos! — Pôs-se a chamar-se por apelidos, dirigindo-se a si próprio com amizade e carinho, elogiando e xingando os membros de seu corpo.

— Seu porco — repreendeu o dedo cortado, que estava colando e sangrava; — seu porco, não pode me deixar em paz? — E dando palmadinhas nas coxas, como se acariciasse cavalos, elogiava-as: — Vocês são muito boazinhas, são animais valentes, bons animais. Atenção!

Afastou-se do aroma de louros do 68, meteu o nariz na varanda, farejando, e suas narinas aspiraram aquele indefinível odor de Berlim, em março, um cheiro de gasolina e de umidade de jardim zoológico. Enquanto se enfiava por entre as cortinas levemente enfunadas, pôde observar que as coisas não se apresentavam exatamente como deviam. Só após alguns segundos percebeu com clareza que batia agora em seu rosto e seu corpo uma claridade que há pouco não havia ali; viu os reflexos sedosos nas mangas do seu pijama, e insensivelmente voltou com toda a presteza para a escuridão do quarto, como um animal atingido por uma réstia de luz, que se esgueira, a farejar, na escuridão da mata. Estacou, ofegante e com os músculos tensos. Ouvia com extrema nitidez o tique-taque dos dois relógios, e em seguida, muito ao longe, e a distância, na enorme cidade, o relógio da torre de uma igreja bater onze horas. As paredes das casas do outro lado da rua ora se iluminavam, ora escureciam, pestanejando e fazendo prestidigitações.

— Que porcaria! — rosnou Gaigern, indo para a varanda, e mostrando-se impaciente desta vez, e muito senhor de si, como se estivesse em casa, no 68.

Os refletores haviam desaparecido. A nova instalação elétrica estava mais uma vez a fazer das suas; no salãozinho de festas, a Liga dos Filantropos estava no escuro, e no porão os eletricistas se esforçavam inutilmente por descobrir o que havia na instalação elétrica. Lá embaixo, na rua, um punhado de gente

olhava divertida para a fachada do hotel, onde os quatro refletores se acendiam e se apagavam alternadamente. Um guarda acorrera. Os automóveis excitavam-se, porque o leito da rua não estava livre. O anúncio luminoso, do outro lado, cintilava graciosamente, derramando champanha em profusão no meio da noite, esforçando-se por iluminar a fachada do hotel e torná-la visível. Finalmente, dois homens de blusão azul saíram se arrastando de uma janela da sobreloja, sentaram-se sobre a coberta de vidro, que avançava do portal, e começaram a examinar a instalação que não funcionava. O caminho de volta, pelos sete metros da fachada do hotel, que agora criara vida, estava fechado. "Parabéns!", pensou Gaigern de novo, rindo com raiva. "Agora tenho que ficar aqui dentro. Agora tenho de arrombar a porta, se quiser sair daqui."

Foi buscar sua ferramenta e a lâmpada, experimentou com todo o cuidado desprender a fechadura, em redor do buraco da chave do 68, mas sem êxito. Um penteador ao lado da porta criou vida, caindo com um deslizar sedoso sobre o seu rosto, assustando-o horrivelmente. Ele sentiu as artérias do pescoço agitarem-se como máquinas. O corredor também despertara. Estava cheio de ruído de passos, de tosse, o elevador rangia, subia, descia, subia, descia. Uma camareira falou qualquer coisa, passou correndo, outra respondeu. Gaigern abandonou a fechadura enfeitiçada, e se esgueirou de novo para a varanda. Três metros abaixo dele os eletricistas cavalgavam a coberta de vidro, com fios na boca, muito admirados lá da rua. Gaigern fez uma das suas grandes brincadeiras. Inclinou-se sobre o parapeito e gritou:

— O que aconteceu com a luz?

— Curto-circuito — respondeu um eletricista.

— Quanto tempo vai demorar? — perguntou Gaigern.

Lá de baixo, encolheram os ombros. "Idiotas", pensou Gaigern, furioso. O modo fanfarrão e convencido desses dois sujeitos impertinentes, sobre a coberta de vidro, desgostava-o profundamente. "Em dez minutos eles vão desistir", pensou; olhou ainda um momento para baixo, e depois entrou de novo no quarto. De repente, teve a sensação de estar em perigo, mas isso durou apenas um segundo — e desapareceu. Ficou parado no meio do quarto, com suas meias de lã que não deixavam pegadas.

"Só não posso pensar em dormir", pensou ele. Para conservar-se desperto, tirou do bolso as pérolas, que estavam quentes pelo contato de seu corpo, e descalçou as luvas, porque sentiu desejos de apalpar aquela superfície lisa e preciosa. Seus dedos se deliciaram. Ao mesmo tempo lembrou-se de que o chofer não conseguiria apanhar o trem para Springe, e era preciso fazer outros planos. Estava saindo tudo diferente do que ele tinha planejado. As pérolas não estavam fechadas na maleta, não lhe haviam dado nenhum trabalho, e a pequena

escalada tinha sido demasiada para isso. Em meio aos seus pensamentos, veio-lhe uma ideia que o fez sorrir. "Que espécie de mulher é essa?", pensou ele. "Que espécie de mulher é essa, que simplesmente deixa suas pérolas largadas no quarto?" Sacudiu a cabeça, admirado, e deu uma risada surda. Conhecia muitas mulheres; mulheres agradáveis, mas que não provocavam nenhuma admiração. Uma mulher que saía, deixando tudo o que possuía perto da porta da varanda, aberta, ao alcance de qualquer um, era para ele uma coisa fantástica. "Deve ser desleixada como um cigano", pensou. "Ou deve ter um grande coração." Apesar de tudo, sentia sono. Por entre a escuridão, encaminhou-se para a porta, levantou do chão o penteador que tinha caído e o cheirou com curiosidade. Um perfume desconhecido, sutil e acre, muito tênue, se desprendia dele, e não combinava com a mulher de tarlatana que aborrecera tantas vezes Gaigern nos espetáculos de balé. Aliás, ele desejava a essa Grussinskaia tudo de bom, não sentia antipatia por ela. Pendurou o penteador negligentemente, deixando dez levianas marcas digitais na seda, e se encaminhou lentamente para a varanda. Lá embaixo os dois morcegos azuis ainda batiam as asas em torno do seu curto-circuito. "Bom divertimento!", desejou Gaigern a si próprio — e conservou-se, até segunda ordem, de pé, entre o reposteiro e a cortina de renda, ereto e desperto como um soldado na guarita.

Kringelein olhava para o palco, por detrás das suas lunetas. Lá em cima passavam-se coisas muito estranhas, e com enorme rapidez. Ele gostaria de observar com mais atenção uma das moças, a moreninha da segunda fila, que sorria sempre, mas não era possível. Não havia intervalo no *ballet* da Grussinskaia, tudo cintilava e saltitava incessantemente, em enorme confusão. Por vezes as moças vinham em fila para os dois lados do palco, colocando as mãos, pendentes das articulações dos pulsos, sobre a fímbria dos saiotes, para ceder lugar à própria Grussinskaia.

Depois, ela veio se aproximando a voltejar, com o rosto e os braços de um branco de cera, sobre as pontas dos pés que se fincavam nas tábuas do palco com tanta firmeza e segurança como se estivesse sendo fixada ali, com uma chave de parafuso. Finalmente, desapareceu por completo o seu rosto, e ela se transformou em um pião branco com listras prateadas. Kringelein sentiu o estômago um pouco enjoado, antes mesmo que a dança terminasse.

— Magnífico! — disse ele, admirado. — Ótimo! Que agilidade ela tem nas pernas! É perfeita. É de se ficar mesmo extasiado! — Sentiu uma grata admiração, apesar de não estar passando muito bem.

— O senhor está gostando realmente? — perguntou o Dr. Otternschlag, aborrecido. Estava sentado no camarote, com a face metralhada virada para o palco, e o seu aspecto, aos reflexos amarelos da luz dos refletores vinda do

palco, era de arrepiar. Realmente, era difícil a Kringelein responder a essa pergunta.

Para ele, desde o momento em que entrara no quarto 70, tudo no mundo parecia irreal. Tudo tinha sabor de sonho e de febre. Tudo se movimentava depressa demais, sem cessar, não chegando a satisfazê-lo completamente. Otternschlag, em vista de seus contínuos pedidos de conselho e de companhia, arrastara-o desde manhãzinha por todas as excursões costumeiras, um giro em redor da cidade de Berlim, museus, Potsdam e, no fim, a subida à torre da emissora, onde o vento soprava a três vozes, e donde se divisava Berlim estendida sob um lençol de névoa de fuligem, bordado de luzes. Kringelein não se admiraria nada se acaso despertasse e se encontrasse de novo, após uma pesada narcose, no leito do hospital. Sentia os pés gelados; tinha as mãos endurecidas pelo frio e o queixo rijo. Sua cabeça era um globo quente, dentro do qual haviam atirado coisas demais, e começava a sibilar e derreter-se.

— Está satisfeito agora? Sente-se feliz? Está contente com a vida? — perguntava Otternschlag de tempos em tempos. E Kringelein respondia, atento e obediente:

— Sim, senhor.

O teatro, nessa noite do quinto espetáculo da Grussinskaia, tinha pouca gente, estava praticamente vazio. A plateia, com raros espectadores, parecia carpida, como se tivesse sido comida pelas traças. Na primeira fila, a gente sentia frio e se envergonhava, no meio de tantas cadeiras vazias. Kringelein sentia frio e vergonha. Além da frisa do proscênio, que tinham comprado a conselho de Otternschlag — Kringelein desse momento em diante só queria ocupar os melhores lugares, no cinema bem atrás, no teatro bem na frente, e no *ballet* na primeira fila —, além da frisa deles, que custara quarenta marcos, só havia mais uma ocupada, a do empresário Meyerheim, que nessa noite economizara a claque, que não adiantava mais: o déficit já era bem grande. Antes do intervalo principal uns escassos aplausos. Pimenoff mandou subir depressa o pano e a Grussinskaia apareceu e sorriu: sorriu para uma plateia silenciosa, porque os fracos aplausos haviam morrido ao nascer, e já todos se dirigiam, apressados, para a saída que dava para o bufê. No semblante da Grussinskaia também parecia ter morrido alguma coisa, quando ela ficou no palco agradecendo aplausos que já haviam cessado. Por sob o suor e a pintura, sua pele enregelou. Witte pôs de lado a batuta e subiu correndo pela escadinha que levava ao palco. Estava preocupado com Elisavieta. Lá em cima, Pimenoff dava a impressão de estar assistindo a um enterro, os operários do palco roçavam armações de cenário nas costas do seu velho fraque, curvado e justo no corpo __todas as noites ele vestia para os espetáculos o seu fraque, como se o Grão-

Duque Serguei ainda fosse chamá-lo à frisa. Michael, com uma pelezinha pintalgada, imitando pele de leopardo, sobre o ombro esquerdo, e as coxas nuas e empoadas, esperava ao lado do inspetor, em atitude humilde. Todos tremiam de medo, esperando um dos acessos de cólera da Grussinskaia; os joelhos, as mãos, os ombros e os dentes de todos eles tremiam realmente.

— Desculpe-me, *madame* — sussurrou Michael —, *pardonnez-moi*. O culpado fui eu. Eu a fiz irritar-se.

A Grussinskaia, que vinha se aproximando com o olhar absorto, arrastando atrás de si o velho casaco de lã, por entre a poeira e o ruído do palco onde estavam desmontando o cenário, parou ao lado dele e o olhou com uma doçura que assustou a todos.

— Você? Não, querido — disse ela em voz baixa, pois necessitava concentrar e fortificar a voz, que se debilitara com o cansaço e que ela ainda não recuperara após o esforço da última e dificílima dança. — Você foi muito bem. Está hoje em ótima forma. Eu também. Nós todos nos portamos muito bem...

Virou-se de repente e caminhou apressadamente para longe dali, levando consigo a frase inacabada, até a escuridão do fundo do palco. Witte não teve coragem de segui-la. A Grussinskaia sentou-se no degrau de uma escada de madeira pintada de dourado, largada lá atrás, no meio de um montão de trastes, e ali ficou, durante todo o tempo que durou a montagem do novo cenário. Primeiro colocou as mãos sobre a malha de seda cor de carne que cobria suas panturrilhas, amarrou mais uma vez, mecanicamente, os cordéis cruzados das sapatilhas e em seguida acariciou durante alguns minutos a perna fatigada, coberta de seda e levemente suja, distraída e com certa piedade, como se fosse um animal estranho. Depois tirou as mãos da perna e pousou-as no pescoço nu. Sentia uma enorme falta das pérolas. Para acalmar-se costumava passa-las pelos dedos, como um rosário. "Que mais? Que mais? Que querem vocês ainda?", pensou ela no seu íntimo. "Não posso dançar melhor do que dancei hoje. Nunca dancei tão bem como agora. Nem quando era jovem, nem em São Petersburgo, nem em Paris, nem na América. Naquele tempo eu era tola, e não me esforçava muito. Agora

— oh, agora eu trabalho realmente. Agora eu sei o que faço. Agora sei dançar. Que querem de mim? Mais ainda? Mais do que isso eu não tenho. Deverei dar de presente as pérolas? Devo doá-las? Pois que seja, Ah! Deixem-me em paz, vocês todos. Estou cansada."

— Michael — murmurou ela, ao ver esgueirar-se uma sombra que reconheceu por trás do pano de fundo descido.

— *Madame?* — perguntou Michael, com tato e timidez. Já tinha trocado de roupa, agora vestia um gibãozinho de veludo e trazia o arco e a flecha na mão,

porque, após o intervalo, tinha de principiar a *Dança do arqueiro.*

— Não quer ir aprontar-se, Gru? — perguntou ele, esforçando-se o mais possível por não deixar transparecer na voz qualquer sentimento de piedade ao avistar a Grussinskaia, pequenina e aniquilada, encolhida no meio de todos aqueles trastes. As campainhas dos inspetores tocaram em oito pontos diferentes ao mesmo tempo.

— Michael, estou cansada — disse a Grussinskaia.

— Estou com vontade de ir para o hotel. A Lucille que dance o meu número. Ninguém se incomodará com isso. Para essa gente, tanto faz eu como qualquer outra dançar.

Michael levou tal susto, que todos os músculos de seu corpo se retesaram. A Grussinskaia, ali no seu degrau, tinha os olhos perto dos joelhos do moço, e viu que o músculo da sua coxa se arredondou, contraindo-se sob a pele. O movimento inconsciente desse corpo que ela conhecia tão bem consolou-a um pouco. Michael, pálido sob a pintura, disse:

— *Nonsense!*

O susto o fez tornar-se indelicado. A Grussinskaia pôs-se a sorrir docemente, estendeu um dedo e tocou a perna de Michael.

— Quantas vezes eu já lhe disse que você devia dançar de malha — replicou ela com estranha amabilidade, você nunca ficará bem agasalhado nem suficientemente flexível, sem a malha. Acredite em mim, seu revolucionário.

Deixou a mão, durante alguns segundos, pousada sobre a pele quente e empoada daquele moço de vinte anos, sob a qual os músculos se moviam. Não, sua carícia não encontrou nenhuma repercussão. As campainhas tocaram pela terceira vez; no palco, atrás do pano de fundo com seus pequenos templos pintados, as sapatilhas das bailarinas já se aparelhavam sobre o tablado. No corredor do camarim, a medrosa Suzette corria de um lado para outro como uma galinha assustada, porque *madame* se deixava ficar sentada num canto, em vez de ir trocar de roupa. Witte, que já estava embaixo, no seu púlpito, pegou na batuta com mão trêmula, e, com o olhar fixo, ficou à espera do sinal vermelho para começar a próxima dança, que já estava atrasada.

— Em que o senhor está pensando? — perguntou o Dr. Otternschlag, lá em cima, na frisa. Kringelein havia se lembrado ligeiramente de Fredersdorf, da mancha de sol que costumava cintilar nas tardes de verão na parede lateral de um verde sujo da escura tesouraria, mas voltou imediatamente e com agrado a Berlim, ao Teatro do Oeste, à profusão de dourados que datavam da fundação do teatro, e à frisa de veludo vermelho, que custara quarenta marcos.

— Está com saudades? — perguntou Otternschlag.

— Nem penso nisso — replicou Kringelein com *non-chalance* e absoluta

frieza. Embaixo, Witte levantou sua batuta, e a música começou.

— Que porcaria de orquestra — disse Otternschlag, a quem o papel de amável mentor, nessa triste noite de espetáculo de bailado, causava engulhos. Mas dessa vez Kringelein não se deixou influenciar. Estava gostando da música. Mergulhou na música como no banho quente do hotel. Sentia no estômago uma sensação de peso e de frio, como se tivesse nas vísceras uma bola de metal. Isso era apenas o sintoma grave, dissera o médico. Nem causava dores; conservava-se sempre no desagradável estado em que se espera uma dor que não vem. Isso era tudo. E uma coisa tão insignificante provocava a morte. A música vinha chegando até ele e o consolava um pouco, com os planíssimos das flautas sobre os trêmulos das violas. Kringelein, esquecendo-se de suas mazelas, mergulhou no mundo dos sons e elevou-se nas asas da música a uma atmosfera azulada de luar, com um pequeno templo pintado numa costa marítima. Lá embaixo, o programa continuava. Michael apareceu com seu traje de arqueiro, de coxas brancas como farinha e um gibãozinho de veludo marrom; distendia seu corpo de efebo, a pular em disparada pelo palco, com saltos de peixe-voador; elevava-se com elasticidade e subia aos ares como se estivesse a saltar sobre cordas esticadas. Pelos seus gestos alegóricos, percebia-se que ele queria atirar em um pássaro, uma pomba que pertencia ao pequeno templo. Atirou sobre o palco um fogo de artifício de saltos e de piruetas, e finalmente saiu correndo atrás de sua flecha, que atirara em direção do bastidor da direita.

Aplausos. *Pizzicato* na orquestra. A Grussinskaia aparece em cena. Ofegante e apressadamente, vestiu afinal o traje de pomba ferida, com uma enorme gota de sangue cor de rubi a oscilar em seu corpete de seda branca. Está mortalmente cansada, mas sente-se muito leve, levíssima, e corre com tênues e tremulantes batidas de braços, imitando asas, na direção da sua comovedora morte. Esforça-se, três vezes seguidas, para elevar-se aos ares, mas não consegue mais voar. Por fim, seu delicado e longo pescoço tomba para a frente, ela pousa a cabeça sobre o joelho, e morre, pobre pomba ferida mortalmente. E sobre o enorme ferimento em seu coração, o eletricista envia um efeito de luz, com um disco azul.

Desce o pano. Aplausos. Bastantes aplausos mesmo, considerando-se que o teatro está vazio, e que há muito poucas mãos para fazerem ruído.

— *Da capo?* — pergunta a Grussinskaia, que continua tombada no centro do palco.

— Não — murmura-lhe Pimenoff com um sussurro alto, desesperado e agudo, lá dos bastidores.

Os aplausos pararam. Acabou-se. A Grussinskaia jaz ali durante alguns minutos, leve como uma pluma, morta na dança, e cheia da poeira do tablado nas

mãos, nos braços e nas têmporas. Pela primeira vez em sua vida não houve um *da capo* depois dessa dança. "Não posso mais", pensou ela. "Não, já chega o que eu fiz, não posso mais."

— Intervalo para desmanchar o cenário! — grita o chefe dos maquinistas. A Grussinskaia não tem vontade de levantar-se, deseja ficar ali caída, no meio do tablado, e adormecer, afastando-se de tudo com o sono. Finalmente, Michael aproximou-se dela, levantou-a e a fez ficar de pé.

— *Spassibo* — ("obrigada"), diz ela em russo, e, endireitando o corpo, afasta-se, dirigindo-se ao camarim das senhoras. Michael encaminha-se para o primeiro bastidor à esquerda e prepara-se para o *pas de deux.*

A Grussinskaia esgueira-se até seu camarim e, com a ponta da sapatilha, abre a porta; lá dentro, cai sentada na cadeira, diante do espelho, e fica a olhar, de olhos estarrecidos, para a ponta de seda empoeirada e ligeiramente puída da sapatilha. Seus pés estão cansados, indescritivelmente cansados, pesados, fartos, fartíssimos de dançar. Sob a luz forte da lâmpada do espelho aproxima-se o rosto envelhecido e preocupado de Suzette, com um frufru do traje para o *pas de deux.*

— Deixe-me — murmurou a Grussinskaia em tom seco. — Estou me sentindo mal. Não posso. Deixe-me! Deixem-me, todos vocês!... Dê-me qualquer coisa para beber — acrescentou ainda; tinha vontade de dar um tapa no rosto perplexo e murcho de Suzette, porque de repente achou que ele tinha uma semelhança, difícil de definir, com sua própria fisionomia. — *Fiche-moi la paix!* — disse ela em tom imperioso.

Suzette sumiu. A Grussinskaia ainda ficou ali largada alguns minutos; depois arrancou dos pés, de repente, as sapatilhas de seda. "Basta!", pensou, "basta! basta!"

De malha, com o traje de pomba, a Grussinskaia resolveu fugir — uma estranha fuga. Arrancara apenas os sapatos de *ballet,* calçando outros, e jogara aos ombros o velho casaco; e assim, com a garganta repleta de angústia, saiu do teatro. Suzette, ao vir correndo da cantina com um copo de vinho do Porto, encontrou o camarim vazio e em silêncio. No espelho estava um bilhete: "Não posso mais. A Lucille que dance em meu lugar". Suzette saiu pelo palco a tropeçar; em seguida, todos no teatro ficaram tresloucados durante dez minutos, mas depois o pano subiu e o programa foi executado, como em todas as noites: com danças nacionais russas, *pas de deux* e *Bacanal.* Pimenoff e Witte dirigiram o espetáculo como dois velhos generais, cujo soberano desertara, necessitando ocultar a retirada, após a derrota.

Mas enquanto no palco o corpo de *ballet* agitava seus véus bacânticos de musselina, espargindo no tablado, à medida que dançava, quatrocentas rosas de

papel, enquanto Michael executava saltos faunescos e Suzette, no escritório do teatro, mantinha conversações perplexas com o chofer inglês Berkley — enquanto se passava tudo isso —, a Grussinskaia, cega, desesperada, empreendia a sua fuga, a tropeçar pela Tauentzinstrasse.

Berlim estava clara, ruidosa e repleta de gente. Berlim olhava para ela com curiosidade e ironia, observando seu rosto desfigurado, meio inconsciente. Berlim era uma cidade cruel, e a Grussinskaia, atravessando a rua, já mais calma, amaldiçoou a cidade. Apossara-se dela um tremor convulsivo, apesar de nessa noite de março a atmosfera estar cheia de umidade tépida, e seu velho casaco de lã estar desprendendo vapor. A Grussinskaia proferia breves palavras, soltas, soluçantes, que ficavam entaladas na garganta, causando dor. Ela pensou que estava chorando, mas não estava. Seus olhos, sob as pálpebras azuis, pintadas para a cena, ficavam cada vez mais quentes, cada vez mais secos. "Nunca mais", pensou a Grussinskaia, "nunca mais. Nunca mais. Basta. Acabou-se. Nunca mais." Caminhava rapidamente, com passos vacilantes, como se esse pensamento a perseguisse, abandonada pelas Graças, sem domínio sobre o corpo, que inclinava a cada passo que ela dava. A luz branca de uma loja de flores se estendia diante de seus pés, e ela parou e ficou olhando. Grandes jarros com ramos de magnólias, cactos, vasos sinuosos onde cresciam orquídeas. Um consolo? Não, não lhe vinha o mínimo consolo da suave beleza das flores. Tinha as mãos frias, só então percebeu, e começou a procurar as luvas nos bolsos do velho casaco. Era um gesto completamente sem sentido, porque há oito anos que só usava esse casaco no palco, para proteger-se contra a corrente de ar que sopra em todos os teatros do mundo. Teve uma visão de gambiarras, de portas de ferro sob a luz de lâmpadas muito fracas, de um declive forte e escorregadio do tablado, diante de seus pés. "Nunca mais!", pensou ela, "nunca mais! nunca mais!" O casaco fora de moda era comprido e cobria seu traje de bailado, mas atrapalhava-lhe os passos. Levantou-o um pouco quando se afastou da vitrina das flores e tomou inconscientemente o caminho de ruas mais calmas. Na sua caminhada, viu um Buda no mostrador de outra vitrina, querendo apaziguar o mundo da Grussinskaia, que se esboroava. "Nunca mais vou dançar, nunca mais, nunca mais." Para consolar-se, lembrou-se de nomes, que saíam como soluços de sua garganta. — Serguei! — exclamou ela — Gabriel, Gaston! — chamava pelos nomes de seus poucos amantes, por Anastásia, sua filha, e finalmente por Pompon, o seu netinho de Paris, que nunca tinha visto. Mas continuou sozinha e ninguém a consolou. De repente, parou, assustada. "Mas que estou fazendo?", pensou ela. "Saí fugida do teatro? Não pode ser. Não é possível. Vou voltar." No relógio de uma igreja soaram onze badaladas, pausadas e nítidas, bem perto dali, apesar de não se avistar nenhum campanário. A Grussinskaia tirou as mãos dos

bolsos do casaco e deixou-as caídas diante de si; havia algo da morte da pomba ferida nesse gesto. É tarde demais, diziam as mãos. O espetáculo devia estar quase terminando. Endireitou a cabeça de novo, e olhou a rua em que sua fuga a atirara. Não sabia onde estava. Um portalzinho tinha uma moldura com letras amarelas, e o letreiro dizia: *Bar Russo.* Atravessou a rua, parou na entrada do bar, limpou o nariz como uma criança e se pôs a pensar. "Bar Russo", pensou ela, "e se eu entrasse? Eles me reconheceriam. Os membros da orquestra, vestindo blusas vermelhas, tocariam a *Valsa Grussinskaia.* Que sensação!"

"Sensação nenhuma", pensou logo depois, morta de tristeza. "Não posso entrar. Que aspecto eu tenho agora? Talvez ninguém me reconheça mais. E se me reconhecerem — como eu estou agora —, *tant pis."*

Fez sinal para uma pequena e mísera carruagem de aluguel, e com repentina expressão de frieza e fixidez no rosto, mandou seguir para o hotel.

Gaigern continuava ereto como uma sentinela, entre a cortina e o *store* do quarto 68, à espera de que os homens de blusão azul terminassem seu trabalho. Mas eles não terminavam. Arrastavam-se de um lado para outro pelas cortinas das janelas do primeiro andar, tinham trazido fios e pequenas tenazes, e gritavam com enorme afã "oh" e "aha", mas os refletores continuavam apagados. Em compensação, toda a fachada do hotel estava iluminadíssima pelos arcos voltaicos, pelas luzes da entrada dos cinco portões e do anúncio contínuo, lá defronte, que ora anunciava uma marca de champanha, ora um chocolate especial. Aliás, devia fazer uns vinte minutos que Gaigern estava esperando, quando a porta do quarto 68 se abriu e a luz se acendeu, e a Grussinskaia apareceu com um aspecto completamente normal e de acordo com o hotel.

# 6

Do ponto de vista de Gaigern, isso era uma porcaria em toda a extensão da palavra, um negócio imundo. O susto atravessou-o como uma faca gelada, enterrando-se pelas suas costelas e pelo estômago. Com os diabos, que tinha essa mulher que fazer no hotel, às onze e vinte da noite? Onde se iria parar, quando não se podia mais ter certeza absoluta da duração de um espetáculo teatral? "Que azar", pensou Gaigern, rangendo os dentes. De azar, ele tinha medo. E todas essas malditas complicações davam mesmo a impressão de que ele se encontrava numa incômoda e azarenta armadilha. Os reflexos do lustre coavam-se pela cortina de rendas, atrás da qual ele se encontrava, estendendo na varanda a sombra do desenho contorcido. Gaigern ordenou a si próprio calma e bom humor. O colar de pérolas, em seu bolso, adquirira calor humano. As pérolas corriam entre seus dedos, como ervilhas. Durante um instante teve a impressão de que era completamente absurdo e sem sentido julgar que esse punhado de bolinhas redondas de madrepérola valia uma fortuna. Quatro meses à espreita, sete metros em perigo de vida — e quando este perigo passasse, viria um outro, uma sequência de perigos. Uma cadeia de perigos, era isso a sua vida. Um colar de pérolas — a vida da Grussinskaia. Gaigern, sorridente, sacudiu a cabeça em meio à situação complicada em que se encontrava. Não era um pensador. Costumava sorrir para a vida com esse sorriso admirado e divertido, quase maluco. Sorria para a vida, que era uma coisa que ele não compreendia. No entanto, controlou-se, voltou-se por trás da cortina de rendas, pondo-se de frente para o quarto, e ficou à espera.

A Grussinskaia, primeiro, ficou parada quase um minuto no meio do quarto, bem debaixo das taças de vidro do lustre, e seu rosto dava a impressão de que se tinha enganado de quarto. Esperou até que o casaco de lã caísse pelo próprio peso ao longo de seus braços pendentes, e em seguida, passando por cima dele, aproximou-se da mesinha do telefone. Passaram-se alguns minutos até que ela conseguisse ligação para o Teatro do Oeste, e mais alguns minutos até que Pimenoff viesse ao aparelho; mas ela estava de tal modo cansada que não lhe era possível sentir impaciência.

— Alô, Pimenoff? É, sou eu, Gru. Sim, estou no hotel. Desculpe-me, sim? É, de repente me senti mal. O coração, compreende? Fiquei sem respiração. Sim, exatamente como em Scheveningen. Não, agora estou melhor. Deixei você em apuros, eu sei. Como dançou a Lucille? Como? Ah, regularmente. E o público?

Que é que você disse? Não, não fico nervosa, você pode dizer se houve escândalo. Não? Nenhum escândalo? Tudo calmo? Poucos aplausos? Você está pensando em outro programa? Bom, depois falaremos nisso. Não, vou me deitar. Não, por favor, não mande o médico, nem Witte. Não, não, não! Não quero que venha ninguém, nem a Suzette. Quero apenas sossego. Vocês me façam o favor de ir à Embaixada da França, e peçam desculpas por mim. Obrigada. Boa noite, querido! Boa noite, Pimenoff! Escute, Pimenoff: dê lembranças a Witte. Ao Michael também. É, lembranças a todos. Não, não se preocupe comigo. Amanhã estará tudo bem de novo. Boa noite!

Colocou o fone no gancho.

— Boa noite, querido — disse mais uma vez, com voz muito baixa, julgando-se completamente só, naquele quarto de hotel.

Tinha sido o coração; "ela se sentiu mal", pensou Gaigern, que seguira a muito custo, e com atenção, aquelas frases apressadas, ditas em francês. "É por isso que ela veio de repente para cá, na pior hora. Está com uma aparência miserável, mesmo. Paciência. Ela vai se deitar, e então espero poder despedir-me. É preciso não perder a calma." Encostou-se com cuidado ao parapeito da varanda, e olhou para baixo. Os dois idiotas azuis continuavam lá, a se consultar. Haviam pendurado duas bonitas lanternas e parecia que estavam preparados para trabalhar muitas horas extras, durante toda a noite. O desejo que Gaigern tinha de fumar começou a aumentar doentiamente. Abriu a boca num bocejo, que se encheu de fumaça úmida de gasolina. A Grussinskaia, dentro do quarto, aproximou-se nesse momento do espelho de três folhas, em cujo aparador estava a *suitcase* vazia... A caixa torácica de Gaigern pareceu querer estourar, tão fortes eram as batidas de seu coração — mas ela empurrou a maletinha de couro para um lado, sem olhar para ela, acendeu a lâmpada sobre o espelho central, e se agarrou com as duas mãos à moldura do espelho, aproximando-se tanto dele, que dava a impressão de querer atirar-se por ele abaixo. A atenção com que observou seu próprio rosto tinha algo de penetrante, de ávido, de cruel. "Que animais esquisitos são as mulheres", pensou Gaigern, atrás da sua cortina. "Animais estranhíssimos. O que é que ela está vendo no espelho, para estar com uma expressão de tanto horror?"

Ele estava vendo uma mulher bela, incontestavelmente bela, apesar da pintura que lhe escorria pelas faces. Seu pescoço, principalmente, refletido duas vezes pelos espelhos laterais, era de uma delicadeza e de um torneado sem par. A Grussinskaia, de olhos fixos em seu próprio rosto, parecia olhar o rosto de uma inimiga. Com pavor, ela enxergava os anos, as rugas, a pele frouxa, o esforço demasiado, o emurchecer; as fontes já começavam a deprimir-se, as comissuras dos lábios tombavam, as pálpebras, sob a pintura azul, estavam enrugadas como

papel de seda. Enquanto se via no espelho, foi tomada de um novo tremor de frio, mais forte ainda do que o tremor que a assaltara na rua. Experimentou controlar os lábios, mas não conseguiu. Apressadamente, caminhou pelo quarto e foi apagar a luz fria do lustre, acendendo em seguida o abajur, mas isso não bastou para aquecer o ambiente. Com gestos impacientes arrancou do corpo seu traje de palco, atirou-o no chão, e com o busto nu e a malha até acima das coxas, aproximou-se do aparelho de aquecimento central e encostou o peito no encanamento pintado de cinzento. Fez isso quase irrefletidamente, procurando apenas calor. "Basta", pensou ela, "basta! Nunca mais. Acabou-se. Basta." Balbuciava em todas as línguas, por entre os dentes a bater de frio, palavras definitivas, irrevogáveis. Foi ao banheiro, despiu-se completamente e pôs as mãos debaixo da torneira de água quente, deixando o calor escorrer pelas veias de seus pulsos, até lhe causar dor. Apanhou uma escova e com ela esfregou os ombros; mas, de súbito, cheia de tédio, desistiu de tudo, veio para o quarto, nua e a tremer de frio, e pegou no telefone. Por duas vezes precisou começar, com seus lábios trêmulos, até conseguir falar.

— Chá — pediu ela. — Bastante chá. Bastante açúcar.

Aproximou-se de novo do espelho, nua como estava, e observou-se com severidade. Mas seu corpo era de uma beleza perfeita e única. Era o corpo de uma aluna de *ballet* de dezesseis anos, que o trabalho disciplinado e duro de uma vida inteira havia conservado intacto. De repente, o ódio que sentia por si própria transformou-se em ternura. Colocou as mãos nos ombros e acariciou seu brilho fosco. Beijou a curva do braço direito. Colocou os seios, pequeninos e perfeitos, nas palmas das mãos, como em duas taças, acariciou a depressão delicada do ventre e as sombras esguias das coxas. Inclinou a cabeça até os joelhos e beijou aqueles pobres joelhos, magros e duros como ferro, como se fossem uns filhinhos enfermos e muito queridos.

— *Biednaiaia, malenkaia* — murmurou ao mesmo tempo; era uma designação carinhosa dos tempos passados. *Biednaiaia, malenkaia.* Coitada, pequenina, era o que significavam essas palavras.

O rosto de Gaigern, por entre as cortinas, adquiriu inconscientemente uma expressão atenciosa e compassiva. O que se apresentava aos seus olhos deixava-o confuso. Ele conhecia muitas mulheres, mas nunca vira nenhuma com um corpo tão delicado e perfeito como esta. Mas isso, a bem dizer, era coisa de somenos importância. O que o enchia de suave e doce opressão, fazendo-o arder até as orelhas, era o desamparo, o tremor, a expressão desesperançada, confusa e lastimosa da Grussinskaia diante do espelho. Apesar de ser um sujeito que se desviara do bom caminho, e de ter no bolso pérolas roubadas no valor de quinhentos mil marcos, Gaigern estava muito longe de ser um homem

desnaturado. Largou as pérolas que segurava e tirou as mãos dos bolsos. Sentiu passar pelas palmas das mãos, pelos braços, um ansioso desejo de erguer essa pequenina e solitária mulher, de levá-la dali, de consolá-la e aquecê-la, para fazer cessar aquele horrível tremor de frio e o murmúrio quase insensato que se desprendia de seus lábios.

O criado de quarto bateu na porta dupla, e a Grussinskaia pegou no seu penteador — o mesmo que havia assustado Gaigern na escuridão — e enfiou os pés nos míseros chinelos. O criado ofereceu o chá, discretamente, pela porta. A Grussinskaia fechou-a atrás do garçom, que se afastava. "Agora já está na hora", pensou ela. Encheu a xícara de chá, e foi buscar a caixinha de veronal. Engoliu um pozinho e bebeu o chá; depois tomou mais uma xícara. Levantou-se e começou a andar pelo quarto de um lado para outro, muito depressa, como se fugisse, de uma parede até a outra, quatro metros para lá, quatro para cá.

"Para que tudo isso?", pensava ela. "Para que viver? Que posso esperar ainda? Para que tantos tormentos? Oh, estou cansada, vocês não sabem como estou cansada. Prometi a mim mesma afastar-me do palco, quando chegasse o tempo. *Tiens.* Já é tempo. Devo esperar até que assobiem para mim da plateia?

"Já é tempo, *malenkaia,* coitada, pequenina. Gru não vai partir amanhã para Viena, Gru vai desistir. Gru vai dormir. Vocês não sabem como a gente sente frio, quando é célebre. Não há ninguém que me faça companhia, ninguém. Possibilitei a tanta gente um meio de vida, e nunca ninguém viveu para mim. Ninguém. Nem uma só pessoa. Só conheço pessoas vaidosas ou medrosas. Estive sempre sozinha. Oh, e quem vai se interessar por uma Grussinskaia que não dança mais? Acabou-se. Não ficarei passeando em Monte Cario, com o corpo rijo, gorda e velha como todas essas velhas célebres. Sozinha eu sempre vivi. Eles deviam ter-me visto no tempo em que o Grão-Duque Serguei ainda vivia! Não, essa vida não me serve. E para onde deverei ir? Cultivar orquídeas em Tremezzo, criar dois pavões brancos, ter preocupações de dinheiro, ficar completamente só, em completa decadência, e morrer? É isso: finalmente a morte. Nijínski está no hospício esperando a morte. Pobre Nijínski! Pobre Gru! Não quero esperar. Demora tanto... Depressa, depressa, depressa." Ela ficou parada, atenta, como se alguém a estivesse chamando. Em seus ouvidos já soava o sonolento zumbido do veronal, a indiferença que o agradável narcótico trazia. "Gaston!", pensou ela, dirigindo-se à mesa. "Pobre Gaston, você foi bom para mim, outrora. Como você era jovem! Há quanto tempo isso aconteceu! Agora você é ministro, barrigudo, com barba e careca. *Adieu,* Gaston! *Adieu pour jamais, n'est-ce pas?* Existe um meio tão fácil para não se ficar velha..." Encheu de novo a xícara de chá. Agora fazia um pouquinho de pose, representava uma pequena comédia, triste e doce. Havia forma e graça no seu desespero e na sua

decisão. Com um movimento brusco, pegou o vidrinho de veronal e jogou todos os tabletes no chá, esperando até que se derretessem. Estava demorando muito. Impaciente, bateu com a colher na xícara. Levantou-se, aproximou-se de novo do espelho e passou mecanicamente pó de arroz no rosto, que de repente se cobrira de um suor fino e frio. Seus lábios deixaram de tremer e sorriram, um sorriso fixo, como no palco. Cobriu o rosto com as mãos e sussurrou:

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

Ela também sentia agora o cheiro de enterro que subia das cestas de flores e pairava murcho no quarto. Foi-se arrastando lentamente até a mesa onde estava o chá, e o provou com a ponta da colher. Tinha um gosto muito amargo. Com a pinça pegou vários tabletes de açúcar e mergulhou-os no chá, esperando até que eles se dissolvessem. Devia ter durado um minuto, talvez mais. Os dois relógios apostavam corrida em meio ao silêncio.

A Grussinskaia levantou-se e foi à porta da varanda. Respirava com dificuldade. Tinha desejos de ver o céu. Afastou a cortina de renda e deu de encontro com uma sombra.

— Por favor, não se assuste, minha senhora — disse Gaigern, inclinando-se.

O primeiro movimento que a Grussinskaia fez não foi de susto, mas — estranho — de pudor. Fechou mais o quimono e olhou para Gaigern, atônita e calada. "O que é isso?", pensou ela. "Já vi coisa parecida?" Talvez sentisse até um certo alívio, porque ocorrera um adiamento entre ela e a xícara de veronal. Ficou parada diante de Gaigern quase um minuto, a olhá-lo e a observar suas sobrancelhas arqueadas e finas, que se juntavam na base do nariz. Os lábios da Grussinskaia continuavam tremendo e uma respiração cada vez mais rápida e ofegante se pôs entre ela e o moço.

Os dentes de Gaigern também pareciam querer bater uns nos outros, mas ele os conservou bem firmes. Nunca se encontrara em situação tão perigosa como nesse momento. Todos os seus empreendimentos, até então — haviam sido somente três ou quatro —, tinham sido muito bem preparados, e executados com tal cuidado que nunca caíra sobre ele a menor suspeita. Mas ali estava ele agora, com pérolas no valor de quinhentos mil marcos no bolso, apanhado num aposento alheio; entre ele e a penitenciária havia apenas a campainha branca do hotel, com o pequeno letreiro de esmalte, pedindo que batessem duas vezes para chamar o criado de quarto. Um ódio ardente, insensato, irrompeu dentro dele; Gaigern não o deixou explodir, mas concentrou-o em seu íntimo, até que se transformou em força e calma. Precisou de um grande esforço sobre si próprio para não derrubar essa mulher. Parecia uma enorme locomotiva sob nuvens de vapor, cheia de combustível, e com uma pressão de muitas atmosferas vibrando interiormente, e pronta a passar em disparada por cima de tudo. No momento,

limitou-se a inclinar-se. Poderia ter tentado uma fuga desesperada pela fachada do hotel. Poderia ter matado a Grussinskaia, poderia tê-la feito calar-se, com ameaças. Fora o instinto da sua natureza amável que, em vez de violência e de um assassinato, o fizera inclinar-se numa curvatura irrefletida mas elegantíssima. Ignorava que suas olheiras estavam azuladas; muito vagamente, chegava a sentir prazer no perigo, uma sensação de embriaguez ou de queda infindável, como num sonho.

— Quem é o senhor? Como veio parar aqui? — perguntou a Grussinskaia em alemão. Seu tom de voz era quase cortês.

— Desculpe-me, minha senhora; entrei sorrateiramente no seu quarto. Eu estou... É horrível a senhora ter-me encontrado aqui. A senhora veio mais cedo para o hotel do que de costume. Foi um azar. Que desgraça! Não posso lhe explicar nada.

A Grussinskaia retrocedeu uns passos dentro do quarto, sem perdê-lo de vista, e girou o comutador do lustre, que se acendeu com sua luz fria. É possível que ela tivesse gritado por socorro, se encontrasse no terraço um homem desgrenhado e feio. Mas o homem que estava ali era o mais belo homem que ela vira em toda a sua vida — recordou-se sob o efeito do veronal —, e esse homem não lhe causava medo. O que a enchia estranhamente de confiança, antes de mais nada, era o bonito pijama de seda que Gaigern vestia.

— Mas o que o senhor veio fazer aqui? — perguntou ela, passando insensivelmente a falar francês, língua mais mundana.

— Nada. Queria apenas me sentar aqui. Só queria estar em seu quarto — disse Gaigern em voz baixa.

Encheu o peito de ar, dilatando a caixa torácica. Agora tratava-se de contar histórias a essa senhora — percebeu ele com leve esperança. As meias de ladrão por cima de seus sapatos o atrapalhavam. Com um movimento habilidoso, tirou-as dos pés às escondidas. A Grussinskaia meneou a cabeça.

— No meu quarto? Meu Deus... mas para quê? — perguntou ela com sua voz russa, de passarinho, aguda e frágil, e um ar de estranha expectativa refletiu-se em seu rosto.

Gaigern, que ainda se encontrava no balcão, respondeu:

— Vou dizer a verdade, minha senhora. Não é a primeira vez que entro no seu quarto. Estive aqui diversas vezes, muitas vezes mesmo, quando a senhora estava no teatro. Fiquei respirando este ar. Coloquei na jarra uma florzinha para a senhora. Perdoe-me.

# 7

O chá com veronal esfriara. A Grussinskaia sorriu ligeiramente, mas quando o percebeu, parou de sorrir e perguntou com ar severo:

— Quem o deixou entrar? A criada de quarto? Ou a Suzette? Como conseguiu entrar?

Gaigern tentou um golpe arriscado. Apontou por sobre o ombro para a atmosfera noturna da rua.

— Por ali — disse ele. — Vim do balcão do meu quarto.

De novo a Grussinskaia teve a impressão de já ter passado por aventura semelhante. De repente, veio-lhe a recordação. Num dos castelinhos de veraneio, no sul, em Abas-Tuman, aonde o Grão-Duque Serguei costumava levá-la, escondera-se certa noite em seu quarto um homem, um oficial bem jovem ainda. Arriscara a vida nessa tentativa; mais tarde ele veio de fato a falecer num acidente de caça pouco esclarecido. Isso tinha acontecido pelo menos há trinta anos. Enquanto a Grussinskaia ia para o balcão e olhava na direção em que a mão de Gaigern apontava, de repente o passado se apresentou de novo com toda a clareza. Ela via o rosto do jovem oficial. Chamava-se Pavel Jerilinkov. Lembrou-se de seus olhos e de alguns beijos. Estava enregelada, e sentiu que o homem ao lado dela no balcãozinho irradiava calor. Olhou rapidamente para os sete metros da fachada do hotel, que ficavam entre o balcão do seu quarto e o do quarto vizinho.

— Mas isso é perigoso — observou ela inadvertidamente, recordando-se mais de Jerilinkov do que pensando no momento presente.

— Não é tanto assim — replicou Gaigern.

— Está fazendo frio. Feche a porta — disse a Grussinskaia, passando depressa diante dele e entrando de novo no quarto. Gaigern obedeceu, e foi caminhando atrás dela; fechou a porta, puxou as duas cortinas, e depois ficou com as mãos pendentes: não passava de um jovem belíssimo, modesto mas um pouco amalucado, que fazia garotices românticas, para entrar no quarto de uma bailarina célebre. Afinal de contas, ele também possuía um pouco de talento para ator, o que era uma exigência da sua profissão. E agora representava, por uma questão de vida ou de morte. A Grussinskaia curvou-se, levantou o traje de *ballet* que atirara no chão, e o levou para o banheiro. A gota de sangue, de contas vermelhas de vidro lapidado, cintilou. Ela sentiu uma dor cortante e aguda.

Nenhum *da capo.* Nenhum escândalo, quando uma outra dançava. Um público cruel. Berlim era cruel. Solidão cruel. Ela já havia sobrepujado um pouquinho essa dor — e agora a dor a acometia de novo, causando-lhe uma angústia no peito. Durante alguns segundos esqueceu-se por completo do intruso, que se parecia com o falecido Jerilinkov, mas de repente virou-se para ele e perguntou, sem olhá-lo:

— Por que fez isso? Por que faz coisas perigosas? Por que está escondido no meu quarto? Deseja alguma coisa de mim?

Gaigern fez uma investida e preparou-se para o ataque. — *"Hop-là,* avante!", pensou Gaigern. Não ergueu os olhos para ela.

— A senhora já sabe a razão, é porque a amo — respondeu em voz baixa.

Disse isso em francês, porque se o dissesse em alemão teria sido extremamente penoso. Depois ficou esperando em silêncio pelo resultado. "É simplesmente idiota", pensou ao mesmo tempo. Essa comédia lhe causava uma vergonha atroz, humilhante. Tinha horror de tudo o que feria o bom gosto. De qualquer modo, se ela não chamasse pelo camareiro, talvez ele estivesse salvo.

A Grussinskaia engoliu essas breves palavras francesas com a boca bem aberta. Absorveu-as como um remédio; dentro de poucos segundos até o tremor de frio cessou. Pobre Grussinskaia! Há muitos anos que ninguém lhe dizia coisa semelhante. Sua vida corria diante dela como um trem expresso vazio. Ensaios, trabalho, contratos, carros-dormitórios, quartos de hotel, excitação no palco, uma excitação cruel, e mais trabalho e mais ensaios. Sucesso, fracasso, críticas, entrevistas, recepções oficiais, discussões com empresários. Três horas de exercícios de solista, quatro horas de ensaios de *ballet,* quatro horas de espetáculo; os dias se seguiam um ao outro sempre iguais. O velho Pimenoff. O velho Witte. A velha Suzette. A não ser essas pessoas, mais ninguém, nenhum calor, nunca, nunca. Colocava as mãos nos canos de aquecimento central dos hotéis, e pronto. E depois, quando estava tudo terminado, quando o fim de tudo e da vida estava iminente, encontrava-se um homem à noite no quarto, e esse homem pronunciava palavras há muito desaparecidas, de que outrora
o mundo estivera repleto. A Grussinskaia não suportava mais. Sentia um sofrimento atroz, como se estivesse prestes a dar à luz. Mas foram apenas duas lágrimas que finalmente brotaram da tensão dessa noite, e ela as sentiu em seu corpo inteiro, nos artelhos e nas pontas dos dedos das mãos, depois no coração, e por fim elas chegaram aos seus olhos; rolaram pelas longas e rígidas pestanas pretas de pintura, caindo nas palmas abertas de suas mãos.

Gaigern assistiu à evolução desse fenômeno, e encheu-se de calor. "Pobre animalzinho", pensou ele. "Pobre bichinha. Está chorando, agora. Que coisa idiota!"

Depois que a Grussinskaia deu à luz essas duas lágrimas dolorosas, a coisa se tornou mais fácil. Começou com um leve aguaceiro, ao mesmo tempo cálido e fresco como uma chuva de verão — Gaigern pôs-se a pensar nos canteiros de hortênsias do jardim de Ried, sem saber por quê. Depois, esse aguaceiro se transformou numa torrente apaixonada, uma torrente negra, porque a pintura das sobrancelhas se dissolveu por completo. E, por fim, a Grussinskaia atirou-se ao leito, soluçando um tropel de palavras russas nas mãos em concha, que conservava encostadas à boca. Gaigern, ao assistir a essa cena, transformou-se. De ladrão de hotel, prestes a tirar a vida de uma mulher, passou a ser simplesmente um homem, um sujeito grandão, simples e bondoso, que não podia ver uma mulher chorar sem querer auxiliá-la. Agora não sentia mais medo, absolutamente nenhum; agora, o que o fazia sentir o coração pequeno e palpitante era a simples compaixão. Inclinou-se sobre o leito, pondo os braços dos dois lados do pequenino corpo a soluçar, e assim, curvado sobre a Grussinskaia, principiou a sussurrar em meio aos seus soluços. Não era nada de especial o que ele dizia; com as mesmas palavras teria consolado uma criança a chorar, ou um cão enfermo.

— Coitadinha — foi mais ou menos o que ele disse —, pobrezinha, pobrezinha da Grussinskaia, ela está chorando. Faz bem chorar assim, faz? Pois então chore, pode chorar. Que foi que lhe fizeram? Foram maus para você? Você gosta que eu esteja ao seu lado? Posso ficar aqui? Está com medo? É por isso que está chorando, é? Você... bobinha!

Levantou um dos braços que apoiara ao leito, tirou da boca da Grussinskaia as mãos que ela apertava de encontro aos lábios e beijou-as; estavam molhadas de lágrimas e pretas como as de uma menininha; seu rosto também estava todo lambuzado das lágrimas negras caídas dos seus olhos pintados. Gaigern não pôde deixar de rir. Apesar de continuar a chorar, a Grussinskaia viu o movimento bondoso, próprio dos homens fortes, o movimento de ombros que fazem quando riem. Gaigern afastara-se do leito e tinha ido ao banheiro. Voltou com uma esponja e enxugou com muito cuidado o rosto da bailarina; tinha trazido também um lenço. A Grussinskaia tinha parado de chorar, e conservou-se deitada tranqüilamente, enquanto ele lhe limpava o rosto. Gaigern sentou-se à beira da cama e sorriu para ela.

— E então? — perguntou ele.

A Grussinskaia murmurou qualquer coisa que ele não compreendeu.

— Fale em alemão — pediu Gaigern.

— Você... criatura... — sussurrou a Grussinskaia.

Essas palavras o comoveram. Chocaram-se de encontro ao seu coração como uma bolinha de tênis atirada com força, e quase o magoaram. As damas com as

quais ele tinha relações não costumavam usar palavras carinhosas. Para elas, a gente se chamava coisinha, menininho, queridinho, ou "o barão grandão". Gaigern percebeu o sentimento contido nesse apelo, que despertou em seu íntimo recordações da infância, vindas de uma esfera que ele abandonara. Afastou-o de si. "Se ao menos eu tivesse um cigarro", pensou ele, cheio de languidez. A Grussinskaia tinha olhado para ele um momento, com um olhar que exprimia confusão e quase felicidade. Depois ela se sentou, estendeu seus longos artelhos à procura dos chinelos que haviam caído e de repente se transformou em uma senhora.

— Ora essa! — disse ela. — Que sentimentalismo! A Grussinskaia está chorando? Como? É uma coisa que vale a pena ver. Há muito tempo, há anos que ela não chorava. *Monsieur* me assustou. *Monsieur* é o culpado por esta triste cena.

Falava na terceira pessoa, queria criar distância, retirar o repentino "você", mas esse homem já estava muito próximo dela, para que o pudesse chamar de "senhor". Gaigern nada pôde responder.

— É horrível como o teatro ataca os nervos — continuou ela em alemão, com a impressão de que ele não a tinha compreendido. —- Disciplina! Isso sim, disciplina nós temos. A disciplina é um coisa penosa e difícil. Disciplina é fazer sempre o que não se deseja, como posso explicar... o que a gente não gosta de fazer. Você sabe o que significa ficar exausto por excesso de disciplina?

— Eu? Eu não. Faço sempre o que quero — disse Gaigern.

A Grussinskaia ergueu a mão, com um gesto em que todas as Graças haviam retornado.

— Sim, *monsieur.* Sente-se vontade de entrar no quarto de uma senhora... e entra-se. Sente-se vontade de pular varandas, com risco de vida... e faz-se o que se quer. E qual é o desejo de *monsieur,* agora?

— Eu gostaria de fumar — respondeu Gaigern francamente. A Grussinskaia esperava outra resposta, e achou que o pedido era cavalheiresco e gentil. Foi até a escrivaninha e ofereceu a Gaigern sua pequena cigarreira. Com o quimono chinês, já muito usado, mas legítimo, e os chinelos acalcanhados, tinha a mesma aparência de há vinte anos, quando viajava por todos os continentes, cheia de uma graciosidade cristalina e tilintante. Parecia ter-se esquecido de seus olhos avermelhados, e de seu aspecto lamentável.

— Pois então fumemos o cachimbo da paz — disse ela, erguendo para Gaigern as pálpebras amarfanhadas. — E depois faremos a nossa despedida!

Gaigern tragou avidamente a fumaça pelo nariz e pelo pulmão. Sentiu-se aliviado, apesar de sua situação ser ainda delicada. Não podia abandonar esse quarto com as pérolas no bolso, quanto a isso não havia dúvidas. Se conservasse

as pérolas, agora que conhecia a bailarina, teria que fugir nessa mesma noite, e no dia seguinte pela manhã a polícia o estaria perseguindo. Isso não fazia absolutamente parte dos seus planos. Agora tratava-se de ficar ali a qualquer preço, até que as pérolas pudessem retornar ao seu estojo. A Grussinskaia sentara-se diante do espelho e empoava o rosto, com expressão séria. Esfregou alguns riscos e pontinhos da pele e ficou novamente linda. Gaigern aproximou-se dela, pondo-se, com seu grande vulto entre a *suitcase* vazia e a mulher. Fitando seus ombros, ele dirigiu-lhe um sorriso tentador, doce como mel.

— Por que esse sorriso? — perguntou ela ao espelho.

— Porque vejo no espelho uma coisa que você não pode ver — disse Gaigern.

Dizia simplesmente: "você". O cigarro lhe tinha dado coragem, e ele se animou. "Avante", pensou ele, encorajando-se.

— Estou vendo de novo o que estava vendo há pouco, lá do balcão — disse ele inclinando-se sobre a mulher —, estou vendo no espelho uma mulher belíssima, como nunca vi outra igual. Essa mulher está triste. E está nua... Ela é... não, não posso dizê-lo, isso me faz ficar louco. Não sabia que era tão perigoso espiar em um quarto alheio uma mulher que se despe.

E, realmente, enquanto Gaigern formava no seu francês convencional essas frases galantes, via a imagem da Grussinskaia no espelho, como há pouco, e sentia ao vê-la a mesma admiração e o mesmo calor que sentira no balcão. A Grussinskaia ouviu-o atenta e com expressão inquiridora. "Como me tornei fria", pensou com tristeza, percebendo que não estremecia ao ouvir aquelas palavras entusiásticas. Sentia a intensa vergonha das mulheres frias. Voltou-se para Gaigern com um movimento elegante e calculado do longo pescoço. Gaigern segurou os pequenos ombros da mulher com suas mãos quentes e hábeis, e em seguida beijou-a no lindo sulco entre as omoplatas, como um conhecedor.

Esse beijo, principiado com frieza entre dois corpos estranhos, prolongou-se. Mergulhou como uma agulhazinha quente na espinha dorsal da mulher, cujo coração começou a palpitar com força. Seu sangue correu mais pesado e doce; sim, esse coração que já esfriara agora palpitava, e começou a vibrar; seus olhos se fecharam; ela tremia. Gaigern tremia também, quando a largou e endireitou o corpo; uma veia intumesceu, muito azul, na sua testa. De repente sentiu a Grussinskaia dentro dele. inteirinha, sua pele, seu perfume acre, seu estremecimento ansioso de prazer, que fora despertando aos poucos. "Com os diabos!", pensou ele de repente. Suas mãos estavam cheias de avidez, e ele as estendeu.

— Eu acho que o senhor deve retirar-se agora — disse a Grussinskaia com voz fraca, à imagem do moço no espelho. — A chave está na porta.

Sim, lá estava a malfadada chave; agora era possível retirar-se quando quisesse. Mas Gaigern não desejava retirar-se — por várias razões.

— Não — disse ele, com súbito sentimento de dominador, como o macho de uma pequenina mulher, trêmula como um violino a vibrar. — Não vou embora. Você sabe que não vou. Você pensa realmente que vou deixá-la agora aqui sozinha? Que vou abandoná-la ao lado de uma xícara de chá cheia de veronal? Você pensa que eu ignoro o que se passa com você? Eu vou ficar aqui. Está dito.

— Está dito? Está dito? Mas eu quero ficar sozinha....

Gaigern aproximou-se rapidamente da Grussinskaia, que estava de pé no meio do quarto, e puxou até seu peito os pulsos da bailarina.

— Não — disse ele com veemência. — Isso não é verdade. Você não quer ficar sozinha. Você tem um medo pavoroso de ficar sozinha, percebo perfeitamente o medo que você sente. Sei o que você está sentindo, eu a conheço, pequerrucha, mulher estranha. Você está representando uma pequena comédia para me enganar. O seu cenário é de vidro, eu vejo através dele. Há pouco você estava desesperada. Peça para eu ficar com você, peça!

Pôs-se a sacudir as mãos dela. Segurou-a pelos ombros e sacudiu-a. Pela dor que sentiu, ela pôde perceber a excitação do moço; Jerilinkov havia implorado, lembrou-se ela; este ordenava. Fraca e aliviada, ela deixou cair a cabeça sobre o peito coberto pelo pijama de seda azul.

— Sim, fique mais um minuto — murmurou ela. Gaigern, a olhar por cima de seus cabelos, respirava ofegante, soltando o ar por entre os dentes cerrados. Sua tensão de medo começou a se distender; um turbilhão de imagens desfilou rapidamente, cinematograficamente, diante dele; a Grussinskaia, morta em seu leito, com uma dose violenta de veronal no sangue, ele a fugir pelos telhados, investigações na casa de Springe, penitenciária — ele não fazia a menor ideia do aspecto de uma penitenciária, no entanto enxergava tudo perfeitamente, e também viu sua mãe, morrendo de novo, apesar de já estar morta há muito tempo. Quando voltou ao quarto 68, o medo e o perigo já vencidos transformaram-se de repente em embriaguez. Tomou nos braços o corpo leve da Grussinskaia, levou-o até a cama, onde a deitou como uma criança.

— Venha, venha, venha — murmurou ele de encontro às fontes da mulher, com uma voz subitamente grave e profunda.

A Grussinskaia há muito tempo não sentia o próprio corpo, e agora estava sentindo-o. Durante muitos anos não fora mulher, e agora sentia-se mulher. Um céu negro e sonoro começou a girar sobre ela, e ela se atirou nele com ímpeto. Um gemido brando de passarinho, expelido por uma boca entreaberta, transportou Gaigern, de uma fingida paixão, a profundidades de prazer que ele desconhecia. A xícara de chá, na mesa do hotel, estremecia de leve todas as

vezes que passava algum automóvel. Primeiramente, a luz branca do lustre se refletiu no líquido envenenado; depois, apenas o vermelho da lâmpada de cabeceira, depois apenas a luz cambiante do anúncio móvel que penetrava pelas cortinas. Dois relógios apostavam corrida; o elevador rangia no corredor; a torre longínqua da igreja badalou uma hora, por entre as buzinas noturnas dos automóveis — e dez minutos mais tarde já cintilavam novamente os refletores, na fachada do Grande Hotel.

— Você está dormindo?

— Não!

— Está bem acomodado?

— Estou.

— Agora você está de olhos abertos. Sinto suas pestanas no meu braço, quando você abre e fecha os olhos. Que engraçado! Um homem tão grande, com pestanas de criança. Diga-me, você está satisfeito?

— Nunca me senti tão feliz como agora.

— Que é que você disse?

— Nunca me senti tão feliz com uma mulher como agora.

— Repita isso de novo, repita!

— Nunca me senti tão feliz — murmurou Gaigern de encontro à carne fresca e branca do braço em que sua cabeça repousava. Ele estava dizendo a verdade. Sentia-se indescritivelmente repousado e agradecido. Nunca sentira coisa semelhante em suas aventuras de amor barato; essa embriaguez sem ressaibos, esse repouso trêmulo após o amplexo, essa profunda confiança do próprio corpo em outro corpo. Seus membros repousavam, distendidos e satisfeitos, ao lado dos membros da mulher; havia profunda compreensão mútua entre a pele dela e a sua. Sentia qualquer coisa que não tinha nome, nem mesmo o nome de amor: um retorno, após prolongada ausência. Ele ainda era jovem, mas nos braços da Grussinskaia, já perto da velhice, sob a ação de suas carícias amorosas, suaves, conscientes e delicadas, tornava-se mais jovem ainda.

— Que pena... — murmura de encontro ao braço da mulher; levanta um pouco a cabeça, e a pousa no ninho da axila da companheira, um pequenino e cálido lar, com aroma de mãe e de prado.

— Pelo seu perfume eu a encontraria em qualquer parte do mundo, de olhos vendados — diz ele, farejando como um cãozinho. — Que perfume é esse?

— Deixe disso, e diga-me: pena por quê? Você... Deixe esse perfume... tem o nome de uma florzinha que cresce nas campinas: *Neuwjada*. Não sei como se chama em alemão. Tomilho? É feito em Paris para mim. Diga, pena por quê?

— Pena que se comece sempre com a mulher errada. Que se continue idiota durante uma infinidade de noites, pensando que é assim que se goza, que o

prazer é essa coisa corrupta, e depois fria e desagradável como um estômago enjoado. E é pena que a primeira mulher com quem dormi não tivesse sido como você.

— Deixe disso... menino mimado — murmura a Grussinskaia, pousando os lábios nos cabelos dele, naquela peliça dura, espessa e quente, cheirando a macho e a cigarro, sempre bem penteada e alisada, e agora completamente em desordem. Ele roça com as pontas dos dedos, a respirar docemente, o flanco da sua companheira.

— Sabe? Você é tão leve! Levíssima! Um pouco de espuma numa taça de champanha — diz ele com carinho e admiração.

— Pois é. É preciso ser leve — responde a Grussinskaia.

— Estou com vontade de vê-la, agora. Posso acender a luz?

— Não, não! — exclama ela afastando dele o ombro. Ele percebe que a assustou, que assustou essa mulher, cuja idade ninguém sabe com certeza. Sente novamente uma compaixão simples e espontânea. Vai escorregando o corpo para junto dela, e por fim os dois ficam em silêncio, pensando. A luz da rua paira no forro, como um reflexo, estreito e agudo como uma espada, penetrando no quarto pela abertura das cortinas. Quando passa lá embaixo um automóvel uma sombra se espalha rápida no reflexo do forro.

"As pérolas", pensa Gaigern, "para o diabo. Se eu tiver sorte e tudo correr bem, posso metê-las de novo no estojo, quando ela dormir. Vai haver um escândalo com o meu pessoal, se eu for me encontrar com eles sem as pérolas. Contanto que o chofer não faça alguma loucura, contanto que esse animal não tome hoje de noite uma bebedeira de raiva e me estrague tudo... Que azar! Só Deus sabe onde é que vamos arranjar dinheiro, agora. Talvez seja possível sangrar esse herdeiro de província, que geme durante a noite no quarto ao lado, no -70. Ora! Que diabo! Não adianta ficar pensando nisso. Talvez eu possa simplesmente lhe pedir as pérolas. Talvez amanhã eu lhe conte simplesmente do que se trata. Se eu souber fazer as coisas direitinho, não será ela quem me mandará prender amanhã, não fará isso, essa pequerrucha leve e maluca. Deixar as pérolas rolando, numa maleta aberta! Que mulher engraçada, agora eu a conheço. Nem se importa com pérolas! Para ela, nada tem importância, tudo é indiferente. Se eu não tivesse aparecido, ela já não precisaria mais se incomodar com as joias. Para que ainda precisa de pérolas? Deve me fazer presente das pérolas, ela é tão boa... Ah, como é boa! Parece uma mãe, uma minúscula mamãezinha, com quem a gente pode dormir."

A Grussinskaia pensa: "Às onze horas o trem parte para Praga. Contanto que esteja tudo em ordem! Hoje eu abandonei tudo, e amanhã nada estará em ordem. Pimenoff é muito mole para lidar com a *troupe;* as meninas o levam pela ponta

do nariz. Mas quem perder o trem amanhã será despedido, com certeza. Se Pimenoff esta noite não se preocupou com os cenários, amanhã eles não estarão empacotados; os empregados do palco deveriam ter trabalhado horas extras à noite. Mas as coisas que eu não faço ficam sempre por fazer. E as contas a acertar com Meyerheim? Meu Deus, como é possível que eu tenha abandonado tudo? Witte, se a gente não presta atenção nele, esquece até a própria cabeça no hotel. Preciso sempre pensar por todos, e esta noite não estive lá. Vai haver uma *débâcle* horrorosa. A Lucille há muito tempo que tem vontade de se revoltar. Para vocês nunca são suficientemente grandes as letras dos seus nomes nos cartazes, não é verdade? Sua propaganda nunca é bem feita. Mas vocês, sozinhos, não fazem nada, é preciso fazê-los trabalhar com o *knut*, para que vocês se conservem em forma. Vocês me fizeram ficar má, convencida e cansada. Meu Deus, como eu estava cansada ontem... Faltou muito pouco para vocês verem se são capazes de alguma coisa sem a Grussinskaia. Mas agora não me sinto cansada, agora poderia me levantar e dançar todo o programa, ou mesmo um outro programa, um bailado novo. Preciso falar com Pimenoff, ele precisa criar um novo bailado: a dança do medo. Oh, essa dança eu poderia dançar agora para vocês. Primeiro num lugar só, apenas um tremor, e depois três círculos nas pontas, ou mesmo sem ser nas pontas, talvez uma coisa completamente diferente.

"Mas estou viva", pensa ela, abalada, "estou viva, e vou criar novos bailados, vou ter sucesso. Uma mulher que é amada tem sempre sucesso. Vocês me fizeram passar fome desde... há mais de dez anos, foi isso. É estranho que um bobinho que pulou o balcão para vir aqui possa dar à gente tanta energia! Um rapaz simpático, que do amor só conhece o *jargon* das mocinhas..."

Ela puxa o cobertor e cobre Gaigern, como se ele fosse uma criancinha. Ele sussurra, agradecido, faz-se pequenino e fraco, e enfia o nariz na carne dela. Seus corpos já se conhecem, mas seus pensamentos se distanciam para lados distintos, dentro da noite. Em todos os leitos do mundo, os amantes ficam deitados muito unidos, mas tão separados!...

É a mulher quem primeiro procura adivinhar o que se passa na outra alma. Toma a cabeça do homem nas mãos, como se fosse um fruto grande e pesado colhido ao sol, e murmura em seu ouvido:

— Eu ainda não sei como você se chama, meu amigo.

— Costumam chamar-me de Felix. Meu nome todo é: Felix Amadei Benvenuto, Barão von Gaigern. Mas você precisa me dar um novo nome, precisa me batizar também. Quero ter um nome dado por você.

A Grussinskaia pensa um pouco, depois dá uma risadinha.

— Sua mãe devia ter esperado muita coisa de você, quando você nasceu,

para lhe dar nomes tão bonitos — disse ela. — O venturoso. O amado de Deus. O bem-vindo. Você chorou ao ser batizado?

— Não me lembro muito bem.

— Ah! Sabe? Eu também tenho uma filha. Que idade você tem, Benvenuto?

— Hoje, tenho dezessete anos, de novo. Estou pela primeira vez com uma mulher. Mas minha idade comum é trinta anos.

Aumentou um pouco a idade, por estranha delicadeza para com a mulher que sente medo da luz elétrica e da própria idade. Apesar disso, ela se sente magoada. "Ele poderia ser o pai do meu neto Pompon, de oito anos", pensa a Grussinskaia sem querer. *"Passons!"*, ordena a si mesma.

— Como era você em criança? Muito bonito? Ah, é claro, era muito bonito.

— Simplesmente encantador. Cheio de sardas, de galos e arranhões, e muitas vezes cheio de piolhos também. Tínhamos ciganos para tratar dos nossos cavalos; isso é muito comum na fronteira, onde ficava a nossa propriedade. Os meninos ciganos eram meus amigos. Eles me passavam toda espécie de bichos e de sarna. Quando me lembro da minha infância, sinto sempre um cheiro de estéreo de cavalo. Depois me tornei durante alguns anos o terror de vários companheiros de seminário. Por fim estive por pouco tempo na guerra. Da guerra eu gostei. Na guerra eu me senti em casa. Por mim, tudo podia ter sido muito pior do que foi. Se houver guerra de novo, tudo estará bem para mim, novamente.

— Agora as coisas não vão bem para você, seu *condottiere?* Que vida você leva? Que espécie de indivíduo é você?

— E você? Que espécie de mulher é? Nunca conheci nenhuma como você. Em geral as mulheres não têm muitos segredos. Mas a você tenho curiosidade de conhecer, preciso perguntar-lhe muitas coisas. Você é muito diferente das outras.

— Sou apenas antiquada. Sou de um outro mundo", de um século diferente do seu, é apenas isso — disse a Grussinskaia com voz sonhadora. Ao mesmo tempo sorriu nas trevas, e lágrimas ardentes lhe vieram aos olhos. — Educaram-nos como soldadinhos, a nós, bailarinas, com severidade, com pulso de ferro, no Instituto de Ballet Imperial de São Petersburgo. Pequenos regimentos de recrutas para o leito dos grão-duques, é o que nós éramos. Dizem que, nas meninas que aos quinze anos começavam a engordar, colocavam argolas de aço em volta dos seios, para que eles não crescessem mais. Eu era pequena e magra, mas dura como um diamante. Orgulhosa, sabe; tinha o orgulho no sangue, como pimenta e sal. Uma máquina do dever, trabalhando, trabalhando, trabalhando. Sem descanso, sem tempo para descansar, nunca! E depois: quem se torna célebre fica completamente só. Com o sucesso, a gente se sente gelada e solitária como no pólo norte. Sabe o que significa ter sempre sucesso, durante três, cinco, dez,

vinte anos, sempre, sempre? Mas o que é que eu lhe estou contando? Você está me compreendendo? Ouça: muitas vezes a gente passa por uma estação de estrada de ferro, ou à noite passa de automóvel por uma pequena cidade. As famílias estão sentadas diante das portas, todos muito rígidos, com cara de idiota, com as manoplas pousadas no colo, e ninguém se move. É isso, veja, é isso! É isso o que nós desejamos: sentirmo-nos fatigados, e ficar simplesmente sentados, com as mãos imóveis, pousadas no colo. Mas se você for uma pessoa célebre, procure desaparecer do mundo, descanse, deixe que as outras bailarinas dancem, essas alemãs feias e com luxações nos músculos, essas negras, toda essa gente que não sabe nada; deixe que elas dancem, descanse! Veja, Benvenuto, isso não é possível, é absolutamente impossível. Odeia-se o trabalho, amaldiçoa-se o trabalho, mas não se pode existir sem o trabalho. Três dias de descanso, e vem o medo: vou perder a forma, estou ficando pesada, minha técnica está indo embora. É preciso dançar, como uma loucura, nem a morfina e a cocaína, nenhum vício no mundo é tão venenoso como o trabalho e o sucesso, acredite-me. É preciso dançar, somos obrigados a dançar. E isso também é importante. Se eu parar de dançar, não existe mais ninguém no mundo que saiba realmente dançar, acredite-me. Todas as outras são diletantes; mas é preciso que haja alguém que saiba dançar, que saiba o que significa a dança, em meio a um realismo histérico, horrível! Eu aprendi com as antigas celebridades; com a Kocressínskaia, com a Trefilovna, e elas, por sua vez, aprenderam com os grandes do bailado, há quarenta, há sessenta anos. Às vezes tenho a impressão de que tenho de dançar contra o mundo inteiro, contra o brado de "atualidade!" De um lado, estão vocês, um teatro repleto de ganhadores da vida e homens-máquinas, participantes da guerra e acionistas... e do outro, estou eu. Uma pobre e pequenina Grussinskaia, velha, não é verdade? Tão sentimental, tão antiquada, com os seus passos já conhecidos há duzentos anos. E, no entanto, eu os atraio ainda, e vocês choram, riem, desesperam-se e extasiam-se; e tudo por quê? Por causa desse balezinho fora da moda? Será tão importante, isso? Certamente, porque só tem sucesso mundial aquilo que tem importância para o mundo, aquilo de que o mundo precisa. Mas, ao lado disso, tudo se despedaça, dentro de nós nada mais resta. Nem marido, nem filhos, nenhum sentimento, nenhum conteúdo. Deixamos de ser indivíduos humanos como os outros, compreende? Não somos mulheres, somos apenas uma migalha esgotada de responsabilidade, que perambula pelo mundo. No dia em que termina o sucesso, no dia em que perdemos a crença de que somos indispensáveis, a vida acaba para nós. Você está me ouvindo? Está me compreendendo? Gostaria tanto que você me compreendesse — disse a Grussinskaia, em tom implorante.

— Não compreendi tudo... mas quase tudo. Você fala francês muito depressa

— respondeu Gaigern.

Durante os meses em que ficou à espreita, atrás das pérolas, ele frequentou inúmeras vezes os espetáculos de *ballet* da Grussinskaia, aborrecendo-se sempre, em geral. Ficou profundamente admirado ao saber que a Grussinskaia, conforme parecia, arrastava consigo, como um martírio, os rodopios do *ballet.* Ela está colada com tanta leveza às coxas de Gaigern, tem uma vozinha delicada, com um gorjeio colorido e modulado e fala coisas tão sérias!... Que se pode responder a isso? Ele suspira. Fica pensando.

— Foi muito bonito o que você disse das pessoas à noite, com as mãos imóveis. Você devia dançar isso — declarou ele finalmente, confuso.

A Grussinskaia contentou-se em rir.

— Dançar isso? Mas não se pode dançar uma coisa assim, *monsieur.* A não ser que me queiram ver no papel de uma velha com um pano na cabeça, com gota nos dedos, dura como um pau, apenas repousando...

Cortou a frase no meio. Enquanto falava, seu corpo já tinha se apossado da imagem, contraindo-se e enrijecendo. Ela já estava vendo o cenário, conhecia um jovem pintor amalucado, em Paris, que poderia pintar uma coisa assim; já via o bailado, já o sentia nas mãos e na nuca curvada. Ficou calada, com a boca entreaberta, na escuridão. Nem respirava, tal a excitação que sentia. O quarto se encheu de personagens que ela nunca dançara, e que poderiam ser dançadas, de centenas de vultos reais e viventes. Uma mendiga a tremer, estendendo os braços, uma velha campônia dançando mais uma vez no casamento da filha... Diante de um balcão de feira encontrava-se uma mulher magra, apresentando umas míseras prestidigitações, uma prostituta esperava por homens sob uma lanterna. Uma menininha, que havia quebrado uma chave e levava uma surra; uma criança de quinze anos, que era forçada a dançar nua diante de um homem imponente, enorme e cintilante, um senhor, um grão-duque, e também a espinhosa paródia de uma governanta; uma mulher que corria como se a estivessem perseguindo, apesar de não ser esse o caso; uma outra que queria dormir e não podia; uma que tinha medo de espelho; e ainda uma outra que bebia veneno e morria.

— Fique quieto... não diga nada... não se mexa — sussurrou a Grussinskaia olhando para o forro, em que se via a espada luminosa. O aposento adquirira o aspecto estranho e misterioso que os quartos de hotel às vezes gostam de apresentar. Lá embaixo os automóveis lançavam fumaça pelo escapamento, buzinavam, parecendo animais, porque a Liga dos Filantropos terminara a sua festa, e começava a saída pelo portão 2. A noite esfriou. Do turbilhão das ideias e dos rostos, a Grussinskaia voltou ao quarto com um leve arrepio. "Pimenoff vai pensar que eu estou louca, ele, com seus *baileis* de borboletas. Quem sabe se

estou louca mesmo?" Da sua divagação de um minuto, havia retornado ao leito, como se voltasse de uma longa viagem. Gaigern ainda continuava deitado. Ela quase se assustou ao encontrar de novo o homem encostado ao seu ombro, com seus cabelos, suas mãos e sua respiração.

— Que espécie de homem é você? — perguntou ela mais uma vez, nas trevas, com o rosto bem sobre o dele. Ela sentia intimamente, nesse instante, o espanto de se encontrar tão próxima de uma coisa tão estranha e diferente dela. — Ontem eu ainda não o conhecia. Quem é você? — perguntou ela de encontro à cálida umidade da boca do homem.

Gaigern, que já estava quase adormecendo, deixou os dois braços tombarem sobre as costas da mulher, e ela teve a impressão de ser a esguia cadela galga de sua casa, a Biche.

— Eu? Não há muita coisa a contar — respondeu ele, obediente, mas sem abrir os olhos. — Sou um filho pródigo. Sou uma ovelha negra de um bom curral. Sou um *mauvais sujet*, e vou acabar na forca.

— É verdade? — perguntou ela, dando uma risadinha arrulhante.

— É verdade — disse Gaigern, convencido. Começara a cantarolar como uma ladainha, e por brincadeira, aquelas velhas frases e advertências dos professores do seminário; mas, ao perfume cálido de tomilho daquela cama, veio-lhe o desejo de confessar-se e de ser sincero.

— Sou um devasso — continuou ele a falar na escuridão. — Não tenho caráter, e sou de uma curiosidade incrível. Não consigo me adaptar a nada, sou um sujeito inútil. Em casa aprendi a montar e a ser o *senhor.* No seminário aprendi a rezar e a mentir. Na guerra, a atirar e a procurar pôr-me a salvo. Mais do que isso não sei fazer. Sou um cigano, um marginal, um aventureiro.

— Ah, você... E o que mais?

— Sou um jogador, e não me importo de fazer trapaças. Também já roubei. A bem dizer, eu devia estar é na prisão. Mas ando por aí, e me sinto às mil maravilhas, e faço tudo o que me dá na veneta fazer. Às vezes me embebedo também. E, além do mais, sou preguiçoso de nascença.

— Continue — murmurou a Grussinskaia, encantada. Sua garganta estava vibrando, de tanto conter o riso.

— Pois bem, sou um criminoso. Um homem que escala muros de fachadas — disse Gaigern, sonolento —, um assaltante.

— E que mais ainda? Talvez um assassino, também?

— Isso mesmo. É claro. Um assassino também. Estive a ponto de matá-la — afirmou ele.

A Grussinskaia ainda se riu, um pouco inclinada sobre o rosto de Gaigern, que ela sentia, apesar de não o ver, mas de repente ficou muito séria. Cruzou as

mãos por detrás do pescoço dele e murmurou em surdina ao seu ouvido:

— Se você não tivesse vindo ontem, eu não estaria viva agora!

"Ontem?", pensou Gaigern. "Agora?" A noite no 68 parecia ter durado uma eternidade, devia ter sido há alguns anos que ele estivera no balcão e enxergara a mulher no quarto. Levou um susto. Apertou-a em seus braços com força, como um lutador de luta livre: os músculos flexíveis da bailarina resistiram — ele o sentiu com estranho prazer.

— Você nunca mais deve fazer uma coisa dessas.

Você tem de ficar aqui. Não a deixarei ir-se embora mais. Preciso de você — afirmou.

E ficou a ouvir a própria voz, ao pronunciar tão curiosas palavras, com uma voz diferente, rouca, que parecia provir do fundo palpitante de seu coração.

— Não, agora tudo mudou. Agora está tudo bem. Agora você está comigo — murmurou a Grussinskaia; mas Gaigern não a compreendeu, porque ela falou em russo.

Ele sorveu a entonação da sua voz, e a noite começou de novo a rumorejar. Pássaros de sonho saíram das trepadeiras da tapeçaria que forrava as paredes do hotel... O homem se esqueceu das pérolas no bolso do seu pijama azul e a mulher se esqueceu do insucesso e dos veronais na xícara de chá.

Nenhum dos dois se atreve a pronunciar esta palavra caduca: "amor". Juntos, deslizam no confuso turbilhão da noite de amor, passando dos abraços aos murmúrios, dos sussurros a um breve sono e aos sonhos, e dos sonhos a um novo abraço: duas pessoas vindas de dois pontos opostos do mundo, para encontrar-se por algumas horas no leito do quarto 68, onde tanta gente já dormiu...

# 8

Na vida da Grussinskaia o amor não havia representado um papel importante. Tudo o que o corpo e a alma possuíam de paixão fluía para a dança. Tinha tido alguns amantes, porque isso fazia parte da vida de uma bailarina célebre, assim como as pérolas, o automóvel, os vestidos das boas casas de moda de Paris e de Viena. Rodeada de admiradores, requisitada e perseguida por apaixonados, não acreditava apesar de tudo na existência do amor. Ele não lhe parecia mais real do que os cenários pintados, os templos de amor e as sebes de roseiras diante dos quais seus bailados eram executados. Apesar de permanecer fria e de não conseguir entusiasmar-se, passava por uma amante maravilhosa, única. Por seu lado, praticava o amor como um dever da sua profissão, como uma peça de teatro, por vezes agradável, mas sempre exaustiva, requerendo uma arte requintada. Toda a flexibilidade do seu corpo, seu flutuar etéreo, a sutilidade, o requinte, a delicadeza e a suavidade, o impulso e o arrojo, a emoção e a debilidade, todos os impecáveis requisitos da sua dança, ela levava consigo para os amigos com quem passava as noites. Sabia embriagar de prazer, mas não se embriagava a si mesma. Na dança, era capaz de enlouquecer, de esquecer-se de si própria, e por vezes seus *partners* ouviam-na soltar gritinhos abafados, como um passarinho, durante as posições mais difíceis e movimentadas. No amor, porém, nunca perdia a consciência de si mesma, estava sempre se observando. Era estranho: não acreditava no amor — e no entanto não podia viver sem amor.

Porque o amor — ela o sabia — era uma parte do sucesso. Enquanto fora jovem, e seu camarim transbordava de flores e de cartas, enquanto em todo o seu percurso os homens se postavam, prontos a arruinar-se, a fazer por ela qualquer espécie de loucura, a abandonar a fortuna e a família, ela sentia que o sucesso a bafejava. Nas confissões de amor, nas ameaças de suicídio, nas perseguições por toda parte, pelo valor dos presentes que recebia dos conquistadores podia-se perceber o sucesso, do mesmo modo que nos aplausos, nas críticas e no número de chamadas ao proscênio. Ela não o sabia, mas o amante que a encantava e lhe causava prazer era, a bem dizer, um público perante o qual ela tinha sucesso. E pela primeira vez percebeu, horrorizada, que o sucesso diminuía, quando Gaston a abandonou, para casar-se com uma moça sem muitos dotes, mas de boa família. A atmosfera que a rodeara durante anos esfriou e se tornou sombria,

uma atmosfera noturna, incompreensível. Era uma escadaria que ia descendo por centenas de degrauzinhos, tão pequenos que quase não a deixavam aperceber-se dela. E, no entanto, era vastíssimo o caminho que conduzia aquela Grussinskaia de antes da guerra, que dançara para um mundo cheio de romantismo e de êxtase, à atual Grussinskaia, que mendigava um pouco de aplauso de um punhado de pessoas céticas, indiferentes e maldosas. O seu fim, como última consequência, era a completa solidão, e uma dose forte de veronal.

Por essa razão, o homem do balcão significava para a Grussinskaia mais do que um simples homem. Era um milagre que acontecia no último instante no 68, para salvá-la; era o sucesso evidente que a procurava; o mundo que penetrava cheio de ardor em seu quarto; era a prova de que os tempos românticos ainda não haviam passado, os tempos em que um jovem Jerilinkov se deixava matar com um tiro por ela. Ela se deixara cair, mas encontrara alguém que a erguia do solo.

Havia no programa da Grussinskaia um bailado em que a morte dançava um *pas de deux* com o amor; os poetas que lhe escreviam, por vezes, enviavam-lhe versos em que voltava sempre o banal pensamento de que a morte e o amor eram irmãos. Nessa noite, a Grussinskaia comprovava em si própria a verdade desse lugar-comum. A vertigem dolorosa da noite passada transformou-se em embriaguez, num torvelinho de gratidão, num anseio febril de receber e de dar, de sentir e conservar. Os anos gelados se derretiam. O vergonhoso segredo da sua frieza, que escondera durante toda a vida, desfazia-se, deixava de existir. Há tantos anos se sentia de tal modo pobre e solitária, que às vezes mendigava à pele jovem e cálida do seu *partner,* Michael, uma esmola de calor. Nessa noite, nesse quarto indiferente de hotel, nessa cama comum de metal brilhante, ela se sentia arder, transformava-se, descobria o amor, que não acreditava que existisse.

Os quartos 68 e 69 eram tão parecidos que, ao despertar, Gaigern não sabia muito bem onde se encontrava. Quis virar-se para a parede do seu quarto, mas encontrou o vulto pequenino da Grussinskaia, que dormia e respirava docemente. Recordou-se. A maravilhosa e profunda confiança do primeiro sono dormido junto repousava em seus membros como um peso suave. Retirou seu braço, que adormecera debaixo do pescoço da mulher, e com leve e ' solene comoção rememorou os acontecimentos dessa noite. Não havia dúvida — estava apaixonado, e além disso, de um modo completamente novo e grato. Sem que as pérolas influíssem no seu sentimento, não podia deixar de pensar, envergonhado: somos uns porcos. Não era a história gorada das pérolas que influía no seu sentimento. Sobe-se a um quarto alheio: inventa-se uma comédia atroz, representa-se — e a mulher acredita em tudo. Faz questão de acreditar. Os homens representam e as mulheres acreditam neles. A bem dizer, no começo a

gente é sempre um embusteiro e um assaltante; mas em seguida, a mentira transforma-se em verdade. "Eu gosto muito de você, pequenina Mouna, querida e boa *Neuwjada*, eu te amo, *je t'aime, je t'aime.* Você fez uma bela conquista, mulherzinha, você..."

Fazia frio no quarto; lá fora já devia estar amanhecendo; a rua estava silenciosa, uma réstia de luz crepuscular penetrava por entre as cortinas, e o desenho da tapeçaria das paredes começava a esgueirar-se pela madrugada. Gaigern levantou-se com o maior cuidado. A Grussinskaia dormia profundamente, com o queixo enterrado no próprio ombro. Agora, que passara o tumulto da noite, as duas cápsulas de veronal pareciam estar fazendo efeito. Gaigern tomou-lhe a mão, que pendia para fora do leito, repousou na sua palma as pálpebras quentes, e depois enfiou aquela mãozinha frouxa sob o cobertor, como se a Grussinskaia fosse um bebezinho. Foi caminhando com cuidado, na meia escuridão do quarto, até o balcão, e abriu lentamente as cortinas. A Grussinskaia não despertou. "Agora tenho que pôr em ordem o negócio das pérolas", pensou Gaigern. Admirou-se de sentir-se satisfeito com a solução. "Um *round* perdido", pensou ele sem se aborrecer. Gostava de usar essas expressões de esporte, em seus empreendimentos aventureiros. Tateou à procura do pijama, e sorriu ao encontrar as diversas partes do seu vestuário atiradas por todo o quarto; em seguida entrou no banheiro. Ao contato da água, o ferimento da sua mão direita começou a arder e a sangrar; lambeu-o com indiferença e não se importou mais com isso. O aroma acre e murcho de louros, no aposento, acentuara-se. Gaigern, desejoso de respirar ar fresco, foi ao balcão e aspirou profundamente; seu peito ainda estava repleto de uma doce e desconhecida angústia.

Lá fora paira, sobre a rua que desperta, uma neblina fria que o vento leva. Nem automóveis nem gente. A distância, ouve-se o sibilar de um bonde a correr nos trilhos. Não surgiu ainda o sol, mas há uma luz leitosa e igual. Uns passos martelados, na esquina, e novamente o silêncio. Um pedaço de papel flutua como um passarinho enfermo sobre o asfalto, e depois pousa no chão. A árvore plantada não muito longe do portão 2 balouça os galhos sonhadores. Um sonolento passarinho de março, bem lá em cima, pousado na haste delicada de um botão, experimenta a voz no tumulto da grande cidade. Um caminhão cheio de caixas com garrafas de leite segue aos solavancos, muito cheio de si; a neblina que desliza cheira a maresia e a gasolina; a grade do balcão tem um brilho úmido. Gaigern encontra suas meias de larápio no balcão, e enfia-as depressa no bolso, junto das luvas, da lanterna de bolso e das pérolas de quinhentos mil marcos, de que ainda precisa se livrar. Torna a entrar no quarto, deixando as cortinas abertas; a luz pálida cai em triângulo no tapete, estendendo-

se até o leito em que dorme a Grussinskaia.

Agora ela está estendida de costas, com a cabeça tombada de lado, dando a impressão de que a cama é grande demais para o seu corpo delicado e pequenino. Gaigern, para quem a maioria das camas de hotel são curtas, achou graça e sentiu-se comovido. Teve um súbito pensamento, uma ideia carinhosa. Foi buscar a xícara de veronal na mesinha e também os tubinhos de vidro vazios, e dirigiu-se com eles ao banheiro. Com os cuidados de uma ama, lavou a xícara, depois de esvaziá-la, e secou-a com um lenço. Ao encontrar o roupão de banho da Grussinskaia, com um gesto infantil, beijou-o na manga. Não havendo lugar para colocar os vidrinhos, guardou-os no bolso, junto das pérolas. A Grussinskaia suspirou dormindo, quando ele se aproximou de novo da cama. Inclinou-se sobre ela, franzindo a testa, mas ela continuou a dormir. Já clareara um pouco. Agora ele podia ver bem de perto, e com clareza, o rosto dela. Os cabelos caíam para trás, muito lisos, deixando descobertas as fontes reentrantes, estreitas e sombreadas. Por baixo dos olhos fechados evidenciava-se a idade, em dois sulcos profundos. Gaigern o percebeu, porém sem desgosto. A boca era linda, acima do queixo delicado, mas já murcho. Um pouco do pó de arroz pálido ainda ficara em sua testa, perto da franjinha. Gaigern lembrou-se, divertido, de que durante a noite ela tirara de baixo do travesseiro um estojinho de pó de arroz, antes de permitir-lhe que acendesse a lâmpada. "Agora eu a estou vendo bem", pensou ele com o sentimento primitivo de triunfo de um assaltante de mulheres. Começou a observar o rosto da mulher, como se fosse uma paisagem desconhecida, em que se passeia à procura de aventuras. Observou duas misteriosas riscas simétricas que partiam das fontes, ao longo das orelhas, indo até a garganta, uma linhazinha mais clara do que o resto da pele. Passou o dedo com cuidado sobre a linha; era uma delicada cicatriz que rodeava seu rosto, como a fímbria de uma máscara. De repente, Gaigern compreendeu do que se tratava. Eram as cicatrizes da vaidade, cortes na pele para esticá-la e rejuvenescer — ele já lera qualquer coisa a esse respeito. Sorrindo, sacudiu a cabeça, com um ar de incredulidade. Sem querer, apalpou suas próprias têmporas, que eram bem lisas, e vibravam com batidas fortes e saudáveis.

Encostou com a maior delicadeza o seu rosto no da Grussinskaia, como se pudesse assim transmitir um pouco do seu ser para a companheira. Admirou-se ao perceber quanto a amava nesse momento, com um amor terno e compassivo. Teve a impressão de estar sendo um sujeito limpo e correto, ligeiramente ridículo, sem dúvida, nos sentimentos que dedicava à pobre mulher, cujos segredos ele tinha descoberto.

Afastou-se da cama e ficou por uns minutos diante do espelho, com a testa enrugada, a boca ligeiramente aberta, mergulhado em pensamentos. Estava

pensando se não seria possível, apesar de tudo, ficar com as pérolas. Não, não era possível. Por enquanto, ele continuava a ser o Barão von Gaigern, um homem um tanto leviano, que convivia com uma gente ordinária. Com dívidas, sim, mas ainda digno de confiança. Se saísse do quarto com as pérolas, então a polícia seria avisada dentro de poucos minutos e sua existência de cavalheiro estaria terminada. Seria um criminoso perseguido pela polícia, como qualquer outro. Isso não lhe convinha, em absoluto. Não fazia parte do seu programa ter-se tornado o amante da Grussinskaia, mas era um fato consumado, e modificava todo o resto. Pesou as chances, como teria pesado as chances de um pugilista ou de um tenista. Empreendimentos como esse das pérolas eram o seu esporte e, desta vez, o jogo lhe estava sendo desfavorável. Não era possível roubar essas pérolas; na situação atual, só poderia recebê-las de presente, caso tivesse paciência. "E preciso esperar", pensou Gaigern, suspirando profundamente. Suas reflexões eram objetivas e realistas, mas ele não queria admitir que no fundo havia ainda outra coisa por trás disso tudo. Não queria ter a consciência do próprio ridículo, e detestava sentimentalismos. Olhou para o espelho e fez uma careta para si próprio. "Em resumo", pensou aborrecido, "não é do meu feitio roubar o adereço de pérolas de uma mulher com quem dormi. Agora não tenho a mínima vontade de fazer tal coisa. Eu sofreria com isso — e acabou-se!

*"Neuwjada",* pensou ele com súbito carinho, olhando para a cama; "bondosa Mouna, eu preferia poder oferecer-lhe algum presente, muitos presentes, uma coisa bonita e valiosa, alguma coisa que lhe causasse prazer, pobrezinha." Puxou de dentro do bolso o colar de pérolas, com precaução e sem ruído. Já não gostava mais delas. Talvez até fossem falsas, apesar de todas as lendas dos jornais; talvez nem fossem tão valiosas como a propaganda dizia. De qualquer modo, ele se separava agora delas com a maior facilidade.

Quando a Grussinskaia procurou despertar, sua cabeça estava envolta no sono como em espessos véus. "É o veronal", pensou, continuando com os olhos fechados. Nos últimos tempos ela tinha medo de despertar, tinha medo do choque que sentia ao defrontar-se com os aborrecimentos da vida. Tinha a vaga sensação de que nessa manhã alguma coisa boa e agradável a esperava, mas não descobriu logo do que se tratava. Lambeu os lábios, pensando encontrar neles o gosto sonolento e seco da noite. Movimentou os dedos das mãos, como um cão a mover-se em sonhos. Seu corpo estava cansado, exausto, mas satisfeito, como após um enorme sucesso, após uma noite com muitos *da capo,* em que é preciso esgotar completamente as forças. Sentiu sobre as pálpebras fechadas a claridade matutina, e por um instante pensou que estava em Tremezzo com os reflexos da superfície do lago, em seu quarto de dormir cinzento-rosado. Decidiu abrir os olhos.

Primeiro, viu sobre os joelhos um cobertor que não conhecia, da altura de uma montanha; depois, a tapeçaria das paredes do hotel, com o desenho de frutas tropicais vermelhas, pendentes de frágeis hastes, um desenho que dava a impressão de observá-la fixamente, com um olhar febril e absorto.

Nessas tapeçarias das paredes dos hotéis colava-se todo o tédio da sua vida sem parada. O canto perto da escrivaninha estava sombrio; ali, a cortina estava fechada e não podia saber as horas. A porta do balcão estava aberta e deixava entrar uma brisa fresca. Ao lado da mesa do espelho, virada para a claridade da varanda, a Grussinskaia, ainda sonolenta, percebeu a silhueta larga e escura de um homem. Estava de costas, com as pernas meio abertas, firme e imóvel, com a cabeça inclinada, observando qualquer coisa que ela não podia ver. "Sonhei com alguma coisa parecida há pouco", pensou primeiro, ainda meio apalermada de sono, sem se assustar. "Já aconteceu coisa parecida na minha vida", pensou em seguida. "Jerilinkov", pensou finalmente. De repente, seu coração disparou como um motor, ela acordou totalmente, e lembrou de tudo.

Respirou com a boca fechada, sem ruído, mas profundamente, e com o ar que aspirou ocorreu-lhe a lembrança de tudo o que se passara durante a noite. Retirou um braço de baixo do cobertor, sentindo-o muito leve, com vontade de voar. Tateou, à procura do estojinho de pó de arroz, e, dirigindo um olhar sério ao minúsculo espelho redondo, começou a se arrumar. O delicado perfume do pó de arroz lhe causou prazer; sua imagem agradou-lhe. Sentia amor por si própria, como há muitos anos não sentia. Segurou seus pequeninos seios, como costumava fazer, mas nessa manhã isso lhe causou um prazer especial. Gostou de sentir a própria pele, lisa, fresca e satisfeita. "Benvenuto", disse em pensamento; e em russo "Chelani". Mas como só pronunciou esse nome para si mesma, o homem não pôde ouvi-la. Lá estava ele, de pernas abertas, com seus belos ombros, como um dos carrascos de Signorelli — descobriu a Grussinskaia, encantada —, ocupado com algum objeto pousado na mesinha do espelho. Ela se levantou e olhou-o sorrindo.

Gaigern estava com as mãos dentro da maleta em que se encontravam suas pérolas. Ela ouviu claramente o ruído de um dos estojos, reconhecendo o estalido agudo e surdo; era o estojo comprido de veludo azul, onde ficava o colar de cinquenta e duas pérolas de tamanho médio. No primeiro momento a Grussinskaia não percebeu por que razão esse ruído a assustava mortalmente. Seu coração parou, e depois voltou a bater com pancadas pesadas e sonoras, que ecoavam dolorosamente por todo o corpo. Doíam-lhe as pontas dos dedos, que se tornaram rígidas. Os lábios também. Mas ainda continuava a sorrir; esquecera-se de retirar da boca o sorriso, que permaneceu, enquanto seu rosto

esfriava, tornando-se branco como papel. "É um ladrão", pensou a Grussinskaia, adivinhando tudo. E esse era um estranho pensamento, silencioso e definitivo, como um corte que lhe atravessasse o coração. Julgou perder a consciência, desejando-o com ardor, mas ao invés de acontecer isso, uma infinidade de pensamentos lhe passou pela cabeça durante um segundo, claros, cortantes, entrecruzando-se, entrechocando-se; um duelo de pensamentos.

O sentimento torturante de ter sido enganada atrozmente; vergonha, medo, ódio, cólera, uma dor medonha. E, ao mesmo tempo, uma fraqueza profunda como um abismo; não queria ver, não queria compreender, não queria acreditar na verdade, só desejava abrigar-se na piedade da mentira.

— *Que faites-vous?* — murmurou às costas do carrasco. Pensou que estava gritando, mas apenas sussurrou por entre os lábios rígidos: — Que está fazendo?

Gaigern levou tal susto que sua cabeça se virou de súbito; e seu susto era uma confissão de culpa. Na mão ele guardava o estojinho cúbico de um dos anéis; a *suitcase* estava aberta, o colar de pérolas estendia-se sobre a placa de vidro da mesinha do espelho.

— O que está fazendo aí? — sussurrou mais uma vez a Grussinskaia, causando dó, realmente, vê-la sorrir, com o rosto pálido e desfigurado.

Gaigern compreendeu-a logo, de novo se encheu de piedade, uma piedade ardente, que ele sentia palpitar nas têmporas. Dominou-se com energia, e conteve-se.

— Bom dia, Mouna — disse amavelmente. — Encontrei aqui um tesouro, enquanto você dormia.

— Como é que encontrou as minhas pérolas? — perguntou a Grussinskaia, com voz rouca. "Minta, minta", pedia seu olhar esgazeado.

Gaigern aproximou-se dela, e pousou a mão sobre seus olhos, como um guarda-sol. "Pobre bichinho, pobre femeazinha."

— Estive remexendo em suas coisas. Estava procurando um adesivo, um pedaço de atadura, qualquer coisa... imaginei que iria encontrar alguma coisa na valise. E lá estava o seu tesouro. Tenho a impressão de ser Aladim na gruta.

Até mesmo a cor dos olhos dela desaparecera; eles pareciam agora de chumbo, e só pouco a pouco lhes foi voltando sua cor negra azulada. Gaigern estendeu diante dela a palma da mão ferida, a sangrar ligeiramente, como prova do que dizia.. A Grussinskaia, lânguida e com os nervos frouxos, pousou nessa mão os lábios. Gaigern pousou a outra em seus cabelos, e puxou sua cabeça de encontro ao peito aberto do pijama de seda azul. Ele podia mostrar-se bastante brutal e ordinário com as mulheres com quem costumava encontrar-se. Mas esta, sabe o Diabo por quê, despertava nele todos os bons instintos. Era tão frágil, tão maltratada pela vida, necessitava tanto de auxílio — e ao mesmo tempo era tão

forte... Pela existência que ele levava, que parecia estar sempre a pender de um fio, Gaigern compreendia a dela.

— Bobinha — disse ele com carinho. — Será que você pensou que eu estava cobiçando as suas pérolas?

— Não — mentiu a Grussinskaia. Essas duas inverdades foram a ponte sobre a qual os dois amantes se puderam encontrar. — Aliás, eu não as uso mais — acrescentou ela, respirando aliviada.

— Não as usa mais? E por quê?...

— Você não compreende essas coisas. É uma superstição. Antigamente elas me davam sorte. Depois me trouxeram infelicidade. E agora que deixei de usá-las, me dão sorte de novo.

— É mesmo? — perguntou Gaigern pensativo, procurando vencer o mal-estar e o acanhamento que sentia.

As pérolas repousavam de novo, em ordem, em seu pequeno leito. *"Adieu!"* Até logo, pensou ele, como uma criança. Meteu as mãos nos bolsos, num gesto decidido; lá se encontravam as ferramentas de ladrão, mas nenhuma presa. Sentia-se felicíssimo, com uma sensação de leveza e de satisfação, espantosamente renovado e farto. Abriu bem a boca e soltou uma exclamação de júbilo, emitindo um som forte e cheio. A Grussinskaia começou a rir. Gaigern atravessou o quarto correndo, aproximou-se dela e mergulhou em sua pele seu grito de prazer, deixando-se cair sobre a mulher, com a boca, o olhar e o sentimento. Ela tomou suas mãos e beijou-as; esse gesto exprimia uma gratidão humilde, em parte real, em parte representada.

— Está sangrando — disse ela, com a boca sobre o pequeno ferimento.

— Seus lábios são como os de um cavalo — respondeu Gaigern —, macios como um potrinho preto, de magnífico *pedigree.*

E ajoelhou-se, abraçando os joelhos da mulher, cujos tendões vibravam por baixo da pele. Justamente quando a Grussinskaia fez menção de se curvar sobre ele, alguma coisa ronronou na escrivaninha; um tilintar breve, depois longo, novamente breve.

— O telefone — disse a Grussinskaia.

— O telefone? — repetiu Gaigern.

A Grussinskaia suspirou profundamente. Não adianta, exprimia a sua fisionomia, ao erguer o fone do gancho com um gesto cansado, como se ele pesasse uma tonelada. Suzette estava ao telefone.

— São sete horas — anunciou sua voz matinal rouca. — *Madame* precisa levantar-se. É preciso arrumar as malas. Posso mandar o chá? E se *madame* quiser que lhe faça massagem, já está na hora — e Herr Pimenoff pede que lhe telefone imediatamente, assim que *madame* se levantar.

*Madame* ficou pensando durante um segundo.

— Daqui a dez minutos, Suzette... não, dentro de quinze minutos você pode trazer o chá, e depois faremos um pouco de massagem.

Colocou o fone no gancho, mas continuou a segurá-lo, enquanto estendia a outra mão a Gaigern, que ficara no meio do quarto, a balançar o corpo sobre as solas finas de cromo dos seus sapatos de pugilista. Ela ergueu imediatamente o fone, de novo, e lá de baixo o porteiro respondeu com uma voz diligente e serviçal, apesar de não ter pregado olho durante toda a noite, porque sua mulher não estava passando muito bem na clínica.

— Que número, por favor? — disse ele com voz enérgica.

— Wilhelm, sete, zero, dez! Com Herr Pimenoff! Pimenoff não estava hospedado no hotel, mas numa pensão de segunda classe, que uma família de imigrantes russos abrira no quarto andar de uma casa em Charlottenburg. Parece que lá ainda estavam dormindo. Enquanto a Grussinskaia esperava, viu em espírito o velho Pimenoff, correndo ao telefone com seu surradíssimo pijama de seda, com os pés magros, que ele mantinha sempre com as pontas um pouco abertas para fora, como se estivesse fazendo a quinta posição. Finalmente ele atendeu, com sua voz delicada e nervosa de velho.

— Ah, Pimenoff, é você? Bom dia, *dobroie utro*, meu caro! Sim, obrigada, dormi bem, não, não tomei muito veronal, só dois comprimidos; obrigada, tudo *ali right*, coração, cabeça, etc, etc. Como? O que aconteceu? O Michael está com um derrame de sangue no joelho? Mas, meu Deus, por que é que você não me disse isso ontem à noite? É horrível! Custa muito a passar, muito mesmo... Nós sabemos o quanto demora! E que providências você tomou? Como? Não fez nada, ainda? Mas é preciso mandar imediatamente um telegrama ao Tcherenov, ouviu? Imediatamente, ele precisa vir ajudar. Meyerheim que vá telegrafar. Onde está metido o Meyerheim? Vou chamá-lo logo pelo telefone. É cedo demais? Com licença, querido, por que razão para nós não é cedo demais, e para Herr Meyerheim... Não, por favor! E os cenários, já foram levados para a estação? Mas, por favor, com o primeiro despacho, quando começa a ser feito o primeiro despacho? Às seis? Se os cenários não estiverem lá, você é o responsável, Pimenoff. Nem uma palavra mais, você é o mestre de *bailei*, é quem deve cuidar dos cenários; não tenho nada que ver com isso. É, espero sua resposta dentro de meia hora no máximo, vá você mesmo à estação. *Adieu!*

Dessa vez ela nem chegou a pousar o fone; apenas fez pressão no gancho com dois dedos. Chamou Witte, que costumava levantar-se pela manhã um pouco apalermado, e que, apesar dos inúmeros anos de *tournées*, ficava sempre como uma pilha, e fazia uma confusão medonha. Depois, a Grussinskaia chamou Michael, que estava hospedado num hotelzinho e se pôs a lamentar-se como um

cãozinho pisado, sobre o derrame de sangue. A Grussinskaia gritou-lhe severas ordens e conselhos pelo telefone; ela ficava furiosa, e era injusta sempre que qualquer elemento da *troupe* adoecia. Chamou três médicos, antes de encontrar um que pudesse ir ver logo o Michael, para dispensar-lhe os cuidados necessários e levar-lhe ligaduras com compressas de terra argilosa e vinagre. Chamou Meyerheim ao telefone, discutiu com ele num francês excitado, e intimou-o a comparecer às oito e meia no hotel para acertar as contas. Enviou pelo telefone um telegrama a Tcherenov e, por precaução, outro a um jovem bailarino, que dançava bem e estava sem contrato em Paris. Em seguida, com o auxílio do porteiro Senf, ligou para o expresso de Paris, pelo qual o jovem bailarino poderia chegar a tempo em Praga, e depois procurou passar um terceiro telegrama.

— Por favor, *chéri,* abra a torneira do banheiro — disse ela apressadamente a Gaigern, entre uma ligação e outra, matraqueando em seguida uma série de ordens em inglês, pelo telefone, ao chofer Berkley, porque o carro não devia seguir com eles, mas nesse meio tempo ir para uma garagem, a fim de ser limpo. Gaigern foi ao banheiro e obedeceu-lhe, abrindo a torneira. Fez mais ainda: estendeu sobre o aparelho de calefação o roupão de banho, para aquecê-lo. Procurou a esponja com que no dia anterior lavara o rosto desfigurado da Grussinskaia e levou-a para o banheiro, enquanto ela continuava a falar no telefone. Encontrou sais de banho e jogou um punhado na água, que já estava transbordando. Teria de bom grado feito mais alguma coisa para ela, mas não encontrou mais nada para fazer. A Grussinskaia também parecia ter terminado, por enquanto, seus telefonemas.

— Você está vendo?... todos os dias é assim — disse ela, procurando dar à voz uma entonação de queixa; mas sua voz só exprimia uma vitalidade exuberante e o prazer de arrumar as malas para a viagem.

— É preciso fazer isso tudo. E depois o Michael diz: há sempre espalhafato em torno da Grussinskaia. Ele dá a isso o nome de *chi-chi*, como se tudo não passasse de uma brincadeira.

Gaigern, de pé diante dela, estava faminto por um pouco de carinho, de intimidade, e estendeu-lhe ambas as mãos; mas ela estava distraída. Pensava no derrame de Michael. Ouvia de novo o tique-taque dos dois relógios.

Tomou depressa do telefone e chamou Suzette mais uma vez.

— Espere mais dez minutos, Suzette — pediu ela com muita cortesia, e com a consciência da própria culpa.

Seu olhar aflorou à mesa e à xícara de chá da noite anterior. Lá estava a xícara, muito bem lavada, com uma expressão de profunda inocência e candura, o brasão dourado do hotel a cintilar na porcelana grossa.

"Que noite maluca", pensou a Grussinskaia. "Não, essas coisas não se fazem. E bailados como os que imaginei hoje não se podem dançar. Foi apenas o resultado de uma excitação nervosa. Os vienenses me vaiariam se eu apresentasse bailados como imaginei, em vez da pomba ferida e das borboletas. Em Viena o público é diferente do de Berlim; lá eles sabem o que é *ballet."*

Apesar de Gaigern a estar olhando fixamente, de frente, ela não o via. Ele sentiu uma ligeira dor, desconhecida até então, uma dor estranha e viva, que lhe cortava a respiração.

— Tomilho! *Neuwjada!* — disse ele baixinho, indo buscar as palavras no profundo tumulto da noite. Elas conservavam seu perfume agridoce, e a inesquecível recordação. E, realmente, ao ouvir-se chamar desse modo, a Grussinskaia voltou a olhar para ele, e sua fisionomia assumiu uma expressão tensa de sofrimento, embora sorrisse.

— Acho que precisamos nos separar agora, querido — disse ela com um tom de voz propositadamente forte e inflexível, para evitar que a voz se quebrasse.

Havia esquecido, apagado por completo as lembranças das pérolas. Tinha apenas um sentimento de apego e aconchego, por essa mulher, um desejo infinito de ser bom para ela, muito, muito bom. Com uma sensação de desamparo, girou no dedo o anel de sinete com o brasão dos Gaigern, em lápis-lazúli.

— Tome — disse ele estendendo a mão e oferecendo-lhe o anel, com um gesto desajeitado de menino. — É para que você não se esqueça de mim.

"Não o verei mais?", pensou a Grussinskaia. Esse pensamento a fez sentir um ardor nos olhos, e a fisionomia bonita de Gaigern foi desaparecendo em meio das suas lágrimas. Esse era um pensamento que não se devia exprimir. Ela ficou esperando. "Deixe-me ficar com você. Vou ser muito bom para você", pensou Gaigern. Apertou os lábios com força e obstinação e não disse nada.

— Você vai para Viena? — perguntou ele.

— Primeiro para Praga, por três dias. Depois catorze dias em Viena. Vou ficar hospedada no Bristol — acrescentou.

Silêncio. Tique-taque de relógios. Buzinas de automóveis diante do hotel. Cheiro de enterro. O arfar da respiração.

— Você não pode viajar comigo, querido? Preciso de você — disse finalmente a Grussinskaia.

— Eu... para Praga não posso ir. Não tenho dinheiro. Preciso primeiro arranjar o dinheiro.

— Eu lhe dou — respondeu ela prontamente. Com a mesma pressa Gaigern respondeu:

— Não sou um gigolô!

De repente caíram ambos nos braços um do outro, impulsionados por

qualquer coisa de grande, num abraço forte, unidos no momento em que tinham de se separar.

— Obrigado — disseram ao mesmo tempo —, obrigado, obrigado — repetiram em três línguas: alemão, russo e francês, num balbucio confuso, num tom de soluço, num sussurro .choroso, em júbilo: — Obrigada, *merci, bolchoie spassibo, danke.*

Nesse instante Suzette está recebendo das mãos do criado de quarto, com ar de ofendido, a bandeja com o chá. São sete horas e vinte e oito minutos. O relógio na escrivaninha corre, sem fôlego; o outro, de cansaço, parou. Continue, continue, continue, bate ele, em tom de reprimenda.

— Então, em Viena? — diz a Grussinskaia, com as bordas das pestanas úmidas. — Daqui a três dias? Você segue depois que eu partir. E depois se encontra comigo em Tremezzo; vai ser ótimo, vai ser maravilhoso estarmos juntos! Vou tirar umas férias, de seis a oito semanas, e nós vamos*viver, querido, vamos somente viver, deixando tudo para trás, tudo isso que não tem sentido; vamos apenas viver, ficaremos idiotas de tanta preguiça e felicidade; e depois você vai comigo para a América do Sul. Você já conhece o Rio? Eu... não, chega. Está na hora. Vá! Vá! Querido! Obrigada!

— Daqui a três dias o mais tardar — diz Gaigern. A Grussinskaia ainda faz pairar em seu redor, às pressas, um pouco da sua graça de dama da alta-roda.

— Tome cuidado para chegar ao seu quarto sem me comprometer muito — pediu ela, fechando as duas portas, uma após a outra.

Quando Gaigern, em silêncio, soltou a mão da mão dela, sentiu-a dolorida. Sangrava de novo. O corredor está silencioso, as inúmeras portas vão-se perdendo na longa perspectiva. Nas soleiras, as botinas dormem, com as orelhas pendidas. O elevador vem descendo e, no terceiro andar, alguém corre para não perder o trem. No *hall* da escada, uma das janelas de vidro leitoso está aberta, deixando sair para o pátio a fumaça dos cigarros dessa noite. Gaigern se esgueira, com suas solas de pugilista, por sobre o tapete de ananases; entra no 69, seu próprio quarto, e fecha a porta com uma gazua. A chave ainda está na caixa, na portaria.

A Grussinskaia, depois de tomar banho, deita-se de bom grado, para entregar-se às mãos de massagista de Suzette. Sente-se forte, elástica e cheia de energia. Tem uma vontade enorme de dançar, e está ansiosa pelo próximo espetáculo. Sente que terá sucesso agora, pois em Viena se tem sempre sucesso; ela o sente nas pernas, nas mãos, no pescoço, que inclina para trás, repentinamente, e na boca, que tem sempre desejos de sorrir. Veste-se e sai correndo, como um pião. Com enorme *élan,* atira-se às ocupações da manhã, à discussão com Meyerheim, à luta subterrânea com as perfídias da *troupe,* ao

trabalho paciente com Pimenoff e Witte.

# 9

Às nove horas o *groom* 18 traz um buquê de rosas: "Até logo, querida boca", está escrito num pedacinho rasgado de papel do hotel. A Grussinskaia beija o anel de sinete com o brasão dos Gaigern. — *Porte-bonheur* — sussurra, como a falar com um velho conhecido. Agora ela já tem de novo um talismã. "Michael tem razão. Vou doar as pérolas... para as crianças pobres", pensa ela. Suzette segura com luvas de tricô a alça da *suitcase,* enquanto o criado leva o resto da bagagem. Sem saudades, a Grussinskaia deixa o quarto do hotel, tão cheio de aventuras, com aquela tapeçaria da parede que lhe fazia mal aos nervos. No Hotel Imperial de Praga já está reservado para ela um outro quarto com banheiro privativo dando para o pátio, o número 184. Também no Rio, em Paris, em Londres, em Buenos Aires, em Roma foi feita igual reserva; espera-a uma infindável perspectiva de quartos de hotel com portas duplas e água corrente, e o cheiro indefinível de incessante movimento e de coisas desconhecidas.

Às nove horas e dez a camareira, que não dormiu durante a noite, tira muito mal o pó do quarto 68, joga fora as cestas de flores secas, leva a xícara de chá e finalmente traz roupa de cama limpa — ainda úmida da passagem a ferro — para o próximo hóspede.

O relógio, pérfido como todos os despertadores, deixou de acordar o Diretor-Geral Preysing, com seu tilintar pontual e enérgico. Às sete e meia tilintou apenas durante um segundo, e isso foi tudo. Preysing, que dormia com a boca aberta e seca, mexeu-se ligeiramente, as molas do colchão gemeram, e por trás do reposteiro amarelo o sol brilhou um pouco. Às oito horas o porteiro, muito cumpridor de seus deveres, despertou o diretor chamando-o ao telefone, mas já era tardíssimo. Preysing pôs a cabeça meio tonta de sono embaixo da ducha, praguejando baixinho por ter-se esquecido de trazer o aparelho de barbear. Um pedante como ele perdia toda a alegria com uma coisa assim. Apesar de estar atrasado, levou alguns minutos escolhendo o terno que ia vestir. Depois de já ter escolhido o *cut,* despiu-o com raiva. Calculou — e talvez com razão — que não seria vantajoso vestir o *cut;* o terno cinzento de viagem, pelo contrário, demonstraria imediatamente aos senhores de Chemnitz que não estava tão interessado assim por todo aquele negócio. Apressou-se o mais que pôde, mas até que arrumasse todos os saquinhos e estojos, que procurasse todas as

chavinhas, as encontrasse e enfiasse nas fechaduras, folheasse mais uma vez seus documentos e contasse mais uma vez o dinheiro, já eram mais de nove horas. Com a cabeça quente, saiu correndo do apartamento e, no corredor, deu um encontrão em um homem.

— Desculpe! — disse Preysing, parando diante da porta de seu quarto, para conseguir enfiar o outro braço no casaco.

— Não foi nada! — replicou o cavalheiro, continuando seu caminho sobre a passadeira. Preysing julgou reconhecer esse modo de manter as costas. Quando chegou ao elevador, o homem já ia descendo; o diretor pôde vê-lo também de frente e julgou reconhecê-lo igualmente, sem se recordar de onde. Teve a impressão de que ele sorria zombeteiramente, enquanto descia no elevador, diante do seu nariz. Preysing, excitado e impaciente, desceu a escada correndo e foi em disparada pelos corredores até o subterrâneo de azulejos, onde o barbeiro do hotel tinha o seu salão; ali cheirava a água estagnada de porão e a Peau d'Espagne. No salão estavam sentados muitos cavalheiros, metidos em batas brancas, como *babies* esperançosos, entregues às manipulações dos barbeiros vestidos com jaquetas brancas. Preysing, impaciente, começou a dançar sobre suas grossas solas de crepe.

— Vai demorar muito para chegar a minha vez? — perguntou ele, roçando o rosto por barbear, nas palmas das mãos.

— No máximo dez minutos. Há só um senhor na sua frente — responderam-lhe.

O tal senhor que havia chegado antes dele era o homem que descera no elevador, e Preysing olhou-o com desagrado. Era um sujeitinho insignificante, magro e modesto, meio vesgo por trás de uns óculos a escorregarem, e com o nariz pontudo inclinado sobre um jornal. Preysing tinha uma vaga ideia de já ter tratado de negócios com esse homem, mas não conseguia recordar-se em que circunstâncias. Postou-se diante dele, fez uma leve curvatura, e procurando ser amável disse:

— Por favor, o senhor podia me fazer a gentileza de me ceder a sua vez? Estou com muita pressa.

Kringelein, que se encolhera todo atrás do jornal, juntou suas forças. Mostrou a cara por trás do artigo de fundo, estendeu o pescoço fino, voltou-se para o diretor-geral olhando-o de frente e respondeu:

— Não!

— Desculpe... mas é que estou com muita pressa — tartamudeou Preysing em tom de reprimenda.

— Eu também — replicou Kringelein. Preysing, furioso, virou as costas e saiu do salão de barbeiro. Como um vencedor, um herói, mas completamente

exausto e vazio pela desmedida tensão nervosa, Kringelein, ofegante, continuou sentado, envolto no aroma das essências dos sabões de barbear.

Atrasado, com a barba por fazer e com a ponta da língua doendo, por tê-la queimado no café fervendo, o diretor-geral entrou na sala de conferências. Os outros senhores já tinham soltado na sala uma bela fumaceira azul de charuto. A sala, com seu pano de mesa verde, a imitação de tapeçaria de damasco nas paredes e o retrato a óleo do fundador do Grande Hotel, tinha um aspecto de conforto e solidez. O Dr. Zinnowitz já havia colocado seus documentos na mesa, na sua frente; o velho Gerstenkorn estava sentado na cabeceira da compridíssima mesa, presidindo a sessão, e, para cumprimentar, ergueu apenas a metade do corpo, porque ele pertencia à geração robusta do sogro de Preysing, conhecera o diretor-geral ainda moço e não o tinha em grande conta.

— Está atrasado, Preysing? — perguntou ele. — Quarto de hora acadêmico? Não passou bem ontem de noite? É isso, Berlim tem dessas coisas! — riu-se com a tosse grossa e encatarrada dos bronquíticos, e apontou para a cadeira a seu lado.

Preysing sentou-se defronte de Schweimann com a desagradável impressão de ter levantado com o pé esquerdo, e seu lábio superior, sob o bigode, estava úmido antes mesmo de começar a luta. Schweimann, que tinha pálpebras espessas e uma boca grande e de lábios grossos, uma boca elástica de macaco, apresentou um terceiro senhor:

— O nosso síndico, o Dr. Waitz — disse ele.

O Dr. Waitz era jovem ainda; tinha um ar distraído, mas não o era em absoluto, e durante as conversações podia tornar-se bem desagradável, com sua voz dominadora e agressiva de trombeta. Tinha sido trazido também pelos senhores de Chemnitz.

— Nós já nos conhecemos — disse Preysing com pouco entusiasmo.

Schweimann ofereceu, por sobre a mesa, um charuto ao diretor-geral. O Dr. Zinnowitz tirou do bolso do colete uma caneta-tinteiro e a colocou à sua frente, ao lado dos documentos. Bem afastada, sentada à mesa, do outro lado da garrafa de água e dos copos que ofuscavam facilmente os olhos e vibravam sobre uma bandeja preta, sempre que passava lá fora algum ônibus, estava uma personagem apagada: a Flamm número um, com o bloco de estenografia na mão, envelhecida e insignificante, com uma leve penugem branca de traça nas faces, calada, cumpridora dos seus deveres, impossível de ser confundida com a Flamm número dois.

— Bonita caneta — observou Schweimann a Zinnowitz. — De que marca é? Muito bonita.

— Gosta? Recebi-a de Londres. É bonita, não é verdade? — respondeu

Zinnowitz, escrevendo sua assinatura fluente num caderninho de notas. Todos olharam.

— Quanto custa uma caneta assim, se me permite perguntar-lhe? — informou-se Preysing, tirando sua própria caneta do bolso do colete e colocando-a na mesa. E todos os presentes olharam também para a caneta inglesa.

— Umas três libras, sem pagar a alfândega. Um conhecido me trouxe — esclareceu o Dr. Zinnowitz.

— Que coisa prática! Muito prática.

Todos estenderam as cabeças por sobre a mesa, como meninos de escola, e observaram a caneta-tinteiro de malaquita verde, de Londres. Esse objeto merecia de fato que cinco participantes adultos de uma conferência se ocupassem dele durante três minutos.

— Bem, agora vamos tratar de negócios — disse afinal o velho Gerstenkorn com sua voz encatarrada, e imediatamente o conselheiro Zinnowitz apoiou seus dedos alvacentos sobre a coberta verde da mesa e começou, com palavras fluentes e preparadas de antemão, uma exposição do assunto, fazendo ressoar a voz na atmosfera azul da sala de conferências.

Preysing permitiu-se uma pequena pausa para se acalmar. Ele próprio não era bom orador, e se sentia agradecido por Zinnowitz ter assumido essa tarefa, e por suas frases se ensarilharem, fluentes e claras, como atiradas por uma máquina. E isso não era mais que a introdução. Primeiro falou de coisas que já haviam sido há muito tempo ruminadas em negociações preliminares. Expôs mais uma vez a situação em que as negociações estavam, enquanto ia pescando, na pasta dos documentos, ora este ora aquele papel, levando as longas colunas de números bem próximo dos olhos míopes para poder lê-las com mais facilidade.

Tornando a repetir, era este o ponto em que estavam as negociações: a Algodoeira Saxônia S.A., que fabricava principalmente tecidos de algodão e cobertores, e com o refugo fabricava uma qualidade muito apreciada de serapilheira, era uma firma de boa envergadura e grande capital. Seu ativo em terrenos, prédios e maquinaria, em mercadorias em bruto e manufaturadas, em patentes, etc, e principalmente em crédito, totalizava um capital considerável. Os impostos anuais e o produto líquido conservavam-se numa sólida média, os dividendos haviam somado, ainda no ano passado, nove e meio por cento.

Zinnowitz ia lendo as cifras, mais ou menos satisfatórias, e Preysing o ouvia com agrado. No seu empreendimento estava tudo limpo e em ordem, e a produção com o refugo, que sozinha trazia trezentos mil em bruto, fora organizada por ele. Olhou para Gerstenkorn. Este, com a maneira pensativa e meio simplória dos velhos manhosos, balançava de um para outro lado a cabeça grisalha, à escovinha. Schweimann aspirava seu charuto, parecendo não estar

ouvindo. Waitz controlava as cifras que eram lidas, uma a uma, olhando para um caderninho com capa de couro, onde ele tomara notas. A Flamm número um, verdadeira mestra, na arte da secretária particular, em não fazer notar sua presença, com olhar fixo fitava os reflexos na água, em que a caneta tomava o aspecto tremulante de uma pequena e aguda baioneta. Zinnowitz tirou outro maço de papéis de entre os documentos colocados uns sobre os outros e passou então a tratar da situação da Malharia de Chemnitz. Sua barba longa e fina de chinês subia e descia quando ele falava.

A Malharia de Chemnitz era — deduzia-se das cifras — um empreendimento muito menor. Mal possuía a metade desse ativo, e seu balanço demonstrava uma situação bastante precária. Ele tinha anotado apenas o principal, mas, não obstante, tivera de lançar uma elevadíssima participação de lucros. Os impostos anuais eram altos. O lucro líquido mal chegava à altura dos impostos. Considerando tudo isso, as cifras do balanço da Chemnitz mantinham-se espantosamente elevadas. Zinnowitz colocou um amável e pequeno sinal de interrogação por trás das últimas cifras que lera, e fitou o velho Gerstenkorn.

— Suba. Pode arredondar para duzentos e cinquenta mil marcos, pode fazê-lo.

— O senhor não pode fazer as contas assim — observou Preysing, que tinha ficado nervoso. — O senhor precisa amortizar o preço das novas máquinas para o novo processo. Nesse caso, o senhor não poderá anotar nem mesmo suas velhas máquinas.

— Mesmo assim. Mesmo assim — insistiu Gerstenkorn, teimoso.

O Dr. Waitz trombeteou:

— Poderemos considerar as nossas cifras muito mais desvalorizadas do que valorizadas.

O Dr. Zinnowitz pôs em cima da mesa um papel para o diretor-geral, e este, forçando a vista, aprofundou-se nos seus cálculos. O resultado ele já conhecia. A Malharia de Chemnitz era um empreendimento de pouca solidez, fundado com pouco capital, e com o crédito quase estourando. Mas impunha-se, tinha bons lucros, parecia estar se desenvolvendo, tinha as conjunturas a seu favor. Enquanto isso, a Algodoeira Saxônia ficava para trás, ia adormecendo, sólida e bem fundada como era. Algodão, cobertores e serapilheira. O mundo não se interessava, no momento, por cobertores e serapilheira. E o velho de Fredersdorf sabia por que razão ele insistia, nas atuais circunstâncias, em agarrar a oportunidade dos tecidos de malha, e trazer assim um lucro para o seu empreendimento.

— Isso não tem importância. Vamos adiante — disse o diretor, com a condescendência de um homem que está em posição inferior. Gerstenkorn tirou

da mão dele o balanço e, alisando delicadamente o papel, tossiu uma risada.

Zinnowitz, com palavras fluentes, já havia tratado da situação das ações, havendo, nesse ponto, um erro evidente. O capital efetivo da Saxônia era quase duas vezes maior do que o ativo dos senhores de Chemnitz. Partindo dessa premissa, todas as outras negociações preliminares haviam decorrido de modo que, na fusão das duas firmas, duas ações da Chemnitz equivalessem a uma ação da Saxônia. Mas as ações da Chemnitz haviam subido, as da Saxônia baixado, o equilíbrio tinha-se modificado sensivelmente, e o Dr. Zinnowitz, com um gesto conciliante da mão, teve que conceder — a base das trocas se modificara, em razão da espantosa subida das ações da Malharia de Chemnitz. Preysing ouvia com desagrado a voz polida do seu advogado, que com muitas frases, impecáveis e condicionais, trazia à luz uma quantidade de coisas desagradáveis, que ele estava farto de saber. Seu charuto já não lhe dava mais prazer; tirou ainda algumas baforadas enérgicas, e acabou pondo-o de lado. Num certo ponto da exposição de Zinnowitz, o Dr. Waitz saltou, como um ator na sua deixa, bateu rapidamente com a palma da mão no pano verde da mesa, e opôs suas objeções. Começou a ler cifras no seu caderno de notas, sem olhá-lo sequer, novos números, números diferentes — Preysing contraiu de tal modo os músculos da testa, que seus olhos saltaram das órbitas, tal o esforço que fazia para conservar na memória todas aquelas coisas, para perceber tudo e não perder de vista o aspecto geral do assunto. Puxou para o seu lado alguns papéis de carta do hotel, que estavam em cima da mesa, e se pôs a rabiscar notas às escondidas, e excitado como um mau aluno. O conselheiro Zinnowitz, por seu lado, havia apenas lançado um olhar à Flamm número um, e a boa moça já estava a estenografar as agressivas palavras e provas no seu bloco, com riscos azuis. O Dr. Waitz apresentou o conjunto de suas trombeteadas objeções: não, não era possível exigir dos acionistas da Malharia de Chemnitz um prejuízo de metade do seu capital, no caso de tal fusão. Conforme sua opinião, não havia nenhum motivo plausível para, no caso de uma eventual fusão — ele frisou o "eventual", como um ator de província —, conceder a primazia à Saxônia, com relação à sociedade de Chemnitz, para de certo modo colocar num plano de dependência essa firma em plena florescência, para pô-la simplesmente a um canto.

Zinnowitz olhou para Preysing, e este, obediente, se pôs a falar. Tinha o hábito de falar de coisas importantes com voz nasal e abafada, num tom aborrecido e monótono; pelo fato de se sentir intimamente um homem pouco seguro de si, empregava tais meios para demonstrar aos outros calma e superioridade. As palmas de suas mãos estavam úmidas, quando se atirou à luta. Os olhos de Schweimann arrastaram-se para fora das órbitas vermelhas em que habitavam, como camundonguinhos cinzentos, e Gerstenkorn colocou os

polegares nas cavas do colete, com a expressão de uma pessoa que está se divertindo. As paredes de damasco falso ouviam tudo, com indiferença. Conferências como essa se realizavam diariamente no Grande Hotel; nesse enorme *Kaff* eram cozidas muitas sopas, que em seguida os acionistas tinham que engolir. O açúcar subia de preço, as meias de seda barateavam, o carvão desaparecia, tudo isso e milhares de coisas mais dependiam do decorrer dessas lutas na sala de conferências do Grande Hotel.

Preysing ia falando. Quanto mais ele falava, com uma voz que ressoava como se a tivesse posto sobre a neve, e quanto mais minucioso se tornava, tanto mais perdia terreno. As interrupções breves e concludentes de Gerstenkorn assobiavam por entre suas frases como balas de revólver. Houve momentos em que Preysing teria de bom grado fugido dali, meia-volta, marchar, marchar, abandonando toda essa história imunda de fusão, para voltar para a companhia de Mulle, Pepsin e Babe, em Fredersdorf. Mas era um diretor-geral, e o mundo não era um negócio tão simples assim; dessa fusão muito se esperava para a fábrica, e dela dependia tudo para a sua própria posição dentro da fábrica, pelo que aguentou o repuxo. Puxou mais uma vez do seu ativo, essa prova mais do que sólida de um empreendimento mais do que sólido, e se agarrou a isso com unhas e dentes. Caceteou os senhores da Chemnitz, caindo em pormenores excessivos, e o conselheiro precisou por várias vezes pô-lo em movimento, como a um barco encalhado e lento. Preysing fazia uma confusão medonha, insistia em alguns pontos secundários, teimava sem a mínima razão; caceteava os senhores da Chemnitz com minuciosas descrições da fabricação de tecido de serapilheira, feito com refugo do material, pois era do que mais gostava de falar, esquecendo-se de aludir a assuntos importantes que tinha sublinhado no papel de carta diante dele. Finalmente ficou parado no meio de uma frase que começara como. uma fanfarra e terminou num beco sem saída. Tirou do bolso o lenço e enxugou o suor do bigode; pôs na boca um novo charuto, que tinha gosto de feno. De repente teve a impressão de estar sentado em uma mesa entre contrabandistas, pessoas sem seriedade e sem princípios; sentiu a amargura do homem honesto que e tido por tolo.

Então, Gerstenkorn tirou das cavas do colete seus dedos redondos de burguês atrasado e começou a expor a sua opinião. Esse senhor Gerstenkorn, com sua cabeça quadrada à escovinha e sua voz bronquial, era um orador claro e combativo. Empregava toda espécie de dialetos, para dizer sem rodeios o que queria dizer. Saxão, berlinês, iídiche e mecklemburguês eram o tempero da sua conversa sobre negócios.

— Agora o senhor faça ponto final, e deixe os adultos falarem — observou ele, conservando na boca o charuto, o que tornava sua linguagem, comumente

vulgar, mais vulgar ainda, e era o que ele queria. — As coisas de que a Saxônia é capaz o senhor já nos contou, e nós já sabíamos disso tudo. Música também ela não sabe fazer. Já repetimos e tornamos a repetir isso tudo aos nossos principais acionistas, e qual foi o resultado? Receio, um enorme receio, um fundamentado receio da fusão. É engraçado, como é que os acionistas, por causa do seu algodão, iriam meter a mão no caldeirão para tirar as salsichas quentes? Em poucas palavras: a nossa situação melhorou muito desde a primeira vez que o senhor se dirigiu a nós. A sua situação não se modificou, se quisermos ser amáveis e não dissermos que piorou. Nessas condições, nós, falo em alemão claro, meu prezado Preysing, perdemos o interesse na fusão. E estamos aqui com a incumbência de parar com as negociações, nessas circunstâncias. Quando o senhor se dirigiu a nós, as perspectivas eram outras.

— Mas nós não nos dirigimos aos senhores — disse Preysing com rapidez.

— Homem de Deus, o que aconteceu com o senhor? Dirigiram-se a nós, sim! Dr. Waitz, faça o favor de me passar os dados. O senhor dirigiu-se a nós em... aqui está... em 14 de setembro, por carta.

— Não é verdade — teimou Preysing, puxando o maço de documentos que estava diante do conselheiro Zinnowitz. — Nós não nos dirigimos aos senhores. Antes dessa carta já tinha havido uma troca pessoal de impressões, pedida pelos senhores.

— Trata-se disso? Pois um mês antes o seu velho já tinha batido à minha porta, a título particular, com toda a amabilidade.

— Nós não nos dirigimos em primeiro lugar — respondeu Preysing, apegando-se a esse fato absolutamente sem importância, como se isso pudesse salvar alguma coisa. Zinnowitz bateu com os pés estreitos debaixo da mesa, pedindo socorro. De repente, Gerstenkorn pôs fim à discussão, e passou a palma da mão quadrada sobre o pano verde da mesa.

— Está bem — disse ele —, *bon.* Pois então não se dirigiram, se assim lhe agrada. E, tenham ou não se dirigido, as circunstâncias naquela época eram diferentes, o senhor tem que concordar, *Herr* diretor-geral — ele disse *"Herr* diretor-geral", e a mudança da maneira amistosa de falar para esse tom oficial soava ameaçadoramente. — Naquela época tínhamos motivos para desejar uma sociedade com a Algodoeira Saxônia. Hoje, que motivos temos?

— Os senhores precisam de um capital maior — disse Preysing, com toda a razão.

Gerstenkorn, com dois dedos, varreu da mesa a objeção.

— Capital! Capital! Se emitirmos hoje novas ações nos atirarão quanto dinheiro quisermos. Capital! O senhor se esquece de uma coisa: o seu bom tempo foi durante a guerra, naquela ocasião a gente podia arranjar a vida fazendo

tecido para o Exército e cobertores. Agora o tempo está bom para nós, entende? Nós não precisamos de capital. Precisamos de matéria-prima barata, para aproveitar o nosso novo processo, e precisamos de novos mercados no exterior. Digo-lhe com toda a franqueza, e diretamente, a opinião da nossa sociedade, *Herr* diretor-geral. Se a fusão com os senhores for proveitosa para nós, então a concretizaremos. Do contrário, não a faremos. Faça o favor, diga o que pensa sobre isso.

Pobre Preysing! Tinha que expor o seu pensamento. Agora haviam chegado naquele ponto que o amedrontava, desde que pisara o trem misto em Fredersdorf. Lançou um olhar de coelho a Zinnowitz, mas este olhou com um ar de recusa as próprias unhas, bem tratadas e pálidas.

— Não é nenhum segredo o fato de possuirmos ótimas relações no exterior. Só para os Bálcãs exportamos anualmente sessenta e cinco mil marcos de tecido de serapilheira — observou ele. — É natural que, no caso de uma fusão, faríamos o possível para atrair ainda o mercado externo para o produto de malha manufaturado.

— Quais são os motivos que o levam a afirmar isso com tanta certeza? — perguntou o Dr. Waitz, lá na ponta da mesa, erguendo um pouco o busto, conforme um antigo hábito seu, do tempo em que fora juiz criminal. Dava a impressão de ainda usar a toga, e falava num tom de voz próprio para intimidar a testemunha insegura. O diretor-geral se deixou intimidar.

— Não sei a que motivos se refere — respondeu ele, com seu lamentável costume de perguntar coisas que estava farto de saber.

Schweimann, bem em frente dele, ainda não tinha aberto sua enorme e elástica boca de macaco. Agora a abria.

— Trata-se da planejada sociedade com Burleigh & Son — afirmou ele, sem rodeios.

Gerstenkorn balançava com a máxima atenção a longa ponta de cinza do seu charuto.

— Infelizmente, não estou em condições de dar informações a esse respeito — respondeu Preysing imediatamente. Preparara de antemão essa resposta, e a sabia de cor.

— Que pena! — disse o velho Gerstenkorn.

Em seguida ficaram todos calados durante alguns minutos.

A garrafa de água tilintou levemente na bandeja, porque lá fora passava um ônibus, e o reflexo estreito e contorcido do sol batendo na água parada tremulou na parede sobre a moldura do retrato a óleo do fundador do Grande Hotel. Preysing, durante alguns segundos, se pôs a refletir febrilmente. Não sabia se o Dr. Zinnowitz havia mostrado ao pessoal da Chemnitz as cópias daquelas cartas

agourentas, sem o menor valor e importância. Sentia novamente nas mãos aquela impressão de falta de asseio e de trato. Seu rosto por barbear começou a cocar de um modo ridículo. Lançou um olhar inquiridor e implorante ao conselheiro, lá na ponta da mesa. Zinnowitz, procurando acalmá-lo, baixou as pálpebras oblíquas e inteligentes de seus olhos de chinês, um movimento quase invisível, que tanto podia significar sim, como não, ou mesmo não significar absolutamente nada. Preysing dominou-se. "Preciso consegui-lo", pensou ele; era mais um sentimento do que um pensamento.

— Meus senhores — disse ele, levantando-se; é que o forro esticado de veludo da cadeira causava no seu traseiro uma sensação desagradável de calor —, mas, meus senhores, vamos tratar do que importa. A base sobre a qual foram feitas até agora todas as negociações entre nós foi o balanço e a situação da fábrica de Fredersdorf. Os senhores puderam fazer uma ideia bem clara da situação, o senhor conselheiro comercial Gerstenkorn pôde certificar-se pessoalmente das condições em que se encontra a nossa fábrica, e eu faço questão de que hoje não se trate de coisas vagas e imponderáveis nas nossas negociações. Não somos especuladores, eu não sou um especulador, em absoluto, trabalho com fatos e não com boatos. Não passa de um boato da Bolsa, isso de que vamos fazer sociedade com Burleigh & Son, em Manchester. Mandei desmentir isso, não posso permitir que...

— O senhor não vai querer ensinar uma lebre velha a correr, não é? Nós sabemos muito bem o que significa um *démenti* — replicou Gerstenkorn.

Schweimann agora estava animado; farejava, com as suas narinas dilatadas e a boca de macaco, como se já cheirasse a possibilidade do mercado inglês. Preysing foi-se enfurecendo.

— Não aceito! — exclamou ele. — Não aceito que considerem como um fator importante nos nossos negócios esse assunto da Inglaterra; não aceito isso. Não faço cálculos com castelos na Lua, nunca fiz isso, a nossa fábrica não tem necessidade de fazer semelhante coisa. Conto com coisas reais, com fatos, com cifras, com o nosso balanço, aqui está — exclamou ele batendo três vezes com a palma da mão na pilha de documentos que se encontrava diante dele —, é isso que tem valor... e não permito que se trate de outra coisa. Nós oferecemos agora o que oferecemos desde o primeiro dia, e se isso de repente não basta para a sua firma, sinto muito!

Parou espantado, pois tinha galopado como se corresse sobre um pântano. "Estou assustando os outros com a minha gritaria", pensou ele horrorizado, "preciso atraí-los, e em vez disso estou estragando tudo." Encheu o copo de água e bebeu. Era um líquido grosso, morno e sem sabor, como óleo de rícino. O conselheiro Zinnowitz deu uma risadinha e tentou endireitar a coisa.

— O diretor-geral Preysing é de uma consciência modelar — declarou ele. — Não sei, mas talvez os seus receios de levar de certo modo em consideração o negócio com Manchester sejam injustificados, pelo menos exagerados. Por que não se poderá deixar pesar na balança uma coisa que oferece tão boas perspectivas, mesmo que isso ainda não esteja em preto no branco? Por que...

— Por quê? Porque não posso me responsabilizar por isso — interrompeu-o Preysing. Zinnowitz, que teria de bom grado lhe pisado no pé, mas não o podia fazer, ergueu a voz, dirigindo-se ao diretor-geral. Preysing sentou-se de novo no assento quente da cadeira de veludo, e não disse mais nada. Esteve a ponto de declarar a verdade. Bom, se Zinnowitz não o deixava falar, então o célebre perito em matéria comercial que se arranjasse como pudesse. "A coisa vai mal", pensou Preysing, "já não tem mais conserto, está tudo acabado, morto e enterrado. As negociações fracassaram definitivamente. Está bem." Oferecera a todo mundo uma firma sólida, e tudo que um homem correto pode oferecer. Mas o mundo não queria coisas assim. O mundo queria mercados fictícios, boatos falsos, especulações, por trás dos quais nada havia, a não ser um pouquinho de fanfarronice. Artigos de malha, *jumper* e *sweater,* meias de cores variadas de Chemnitz, pensou o diretor-geral, amargurado... E chegou a ver realmente, nesse momento, tais coisas, modernas, coloridas e levianas, que conquistavam o mundo no corpo de moças também levianas.

Zinnowitz continuava o seu sermão; Flamm caíra de novo em sua letargia profissional. Gerstenkorn e Schweimann, no entanto, mal ouviam; com a cabeça metida entre os ombros, conversavam sem nenhuma delicadeza, a meia voz, sobre um assunto qualquer.

— O nosso amigo Preysing — recomeçou o conselheiro — talvez vá um pouco longe demais com os seus escrúpulos. Dizem que a sua fábrica está para firmar um contrato muito vantajoso com a próspera e antiga firma Burleigh & Son. E que faz o nosso caro Preysing? Procura negar isso, como se acaso se tratasse de uma bancarrota. Considerando que se trate apenas de um boato... não há boato algum que não contenha um fundo de verdade, todos nós sabemos. E um velho homem de negócios como o conselheiro comercial Gerstenkorn há de concordar que há boatos que têm mais valor do que muito contrato pronto e assinado. Mas como antigo advogado da fábrica de Fredersdorf, posso afirmar: isso é mais do que um boato, há certos ajustes por trás disso. Desculpe-me, caro Preysing, se não guardo a discrição férrea que o senhor guarda. Não tem nenhum sentido insistir em negar, desde que já se realizaram inúmeros entendimentos a esse respeito. Talvez hoje ainda não se possa saber com certeza se eles conduziram a um resultado positivo. Mas isso é um fato, e um fato menos desfavorável do que o seu balanço. Acho extremamente correto e delicado Herr

Preysing não querer juntar ao ativo da sua fábrica esse fato, acho isso realmente de uma correção e distinção fora do comum. Mas dessa maneira não se vai para a frente. Desculpe-me, portanto, se eu confio essas coisas a estes senhores.

Zinnowitz continuou a murmurar um palavreado conciliante, com muitos "no entanto" e "como também" e “se acaso" e "por outro lado". Preysing tinha empalidecido; teve a sensação, ao sentir nas fontes uma pontada do sangue a fugir, o sentimento de que havia realmente empalidecido. "Ele lhes mostrou as cartas", pensou. "Mas, Deus do céu, isso já é intriga, já é quase uma fraude. *Negociações fracassaram definitivamente. Broesemann"*, pensou ele, enxergando as letras azul-escuras e apagadas do telegrama. Meteu a mão no bolso do colete do seu terno cinzento de funcionário, onde guardara o telegrama, mas retirou-a no mesmo instante, como se a tivesse metido num forno quente. "Se eu agora não me levantar imediatamente, e não disser o que está se passando, então a coisa está perdida", pensou, levantando-se. "Porém, se eu falar agora, estes senhores se afastarão, a fusão vai por água abaixo e eu voltarei para Fredersdorf completamente desacreditado", refletiu, sentando-se de novo. Procurou disfarçar seus movimentos indecisos e inoportunos, e, colocando água num copo até o meio, sorveu-a, como se fosse um remédio.

Enquanto isso, Schweimann e Gerstenkorn tinham-se animado. Eram duas cabeças de comerciantes, finórias e lustrosas de unção. Sua atenção foi despertada para o fato de Preysing ter negado com tanta veemência o negócio com a Inglaterra, tentando pôr de lado o assunto. Seu olfato sentia alguma outra coisa por trás disso: mercados, proveitos, talvez concorrência. Gerstenkorn teve uma ideia, que murmurou à enorme orelha direita de Schweimann:

— Se se tratasse de qualquer outra pessoa, um desmentido assim seria quase o mesmo que uma afirmação. Mas com esse animal que é o Preysing, é possível até que ele esteja falando a verdade.

Gerstenkorn deu uma investida brutal.

— Não adianta o conselheiro estar gastando o seu latim — disse ele, inclinando-se sobre a mesa. — Antes de continuarmos a nossa conversação, quero pedir a Herr Preysing o favor de nos dizer sem rodeios até que ponto chegaram as negociações com Burleigh & Son.

— Recuso-me a isso — afirmou Preysing.

— Insisto, caso continuemos a negociar — retrucou Gerstenkorn.

— Então — replicou Preysing — peço-lhe que, no decorrer das negociações, esse assunto seja dado por encerrado.

— Nesse caso preciso admitir que as perspectivas de sociedade com Burleigh & Son malograram? — perguntou Gerstenkorn.

— Admita o que bem lhe parecer — respondeu Preysing.

Em seguida todos se calaram por quase um minuto. Flamm número um folheou discretamente o seu bloco de estenografia, e o ruído delicado das folhas de papel que ela virava ressoou no silêncio da sala de conferências. Preysing parecia um bebezinho zangado; às vezes, sucedia meter a cabeça por trás da fisionomia do diretor-geral um menino cabeçudo e teimoso. Zinnowitz, com a sua caneta de malaquita, desenhava resignados triângulos na capa de um documento.

— Acho que por enquanto não tem sentido nenhum continuarmos a nossa conversa — disse finalmente Gerstenkorn. — Acho que podemos continuar a nos entender por escrito.

Ele se levantou, e a sua cadeira deixou sulcos fundos no tapete espesso, legítimo, da sólida sala de conferências. Mas Preysing continuou sentado. Tirou cuidadosamente um charuto do bolso, cortou-lhe a ponta cerimoniosamente, acendeu, tirou uma tragada e começou a fumar, com uma expressão absorta e profundamente pensativa; suas bochechas se tinham avermelhado, cheias de veiazinhas salientes.

Não há dúvida de que o Diretor-Geral Preysing é um homem honestíssimo, de caráter, bom esposo e bom pai, um homem ordeiro e organizado, da mais consolidada burguesia. Sua vida está toda em ordem, tudo registrado e em cartas, oferecendo um aspecto agradável: uma vida de caixas de fichas, de pastas de documentos, de muitas gavetas e muito trabalho. Preysing nunca cometeu a mínima falta de correção. No entanto, deve existir nele um ponto fraco, onde a vida o quer segurar e abater; uma insignificante inflamação, uma manchinha microscópica na limpeza burguesa de seus trajes, deve existir, no entanto...

Ele não chamou por socorro, nesse momento em que a conferência se interrompeu, apesar de se sentir muito mal, com a sensação de que precisava pedir auxílio e gritar por socorro. Levantou-se com o charuto na boca, segurando-o fortemente entre os dentes, e teve a impressão perfeita de estar bêbado, quando pôs as mãos nos bolsos.

— Que pena — disse ele negligentemente, admirando-se do tom despreocupado dessa frase que roçou subitamente o charuto em sua boca. — É realmente pena. Adiar é o mesmo que terminar. Pois então, ponto final. E agora que os senhores desistiram do negócio, posso dizer-lhes que o contrato com Burleigh & Son está firmado. Desde ontem à noite. Recebi hoje de manhã a notícia.

Tirou a mão do bolso do colete, e nela estava metido o telegrama dobrado: *Negociações fracassaram definitivamente. Broesemann.* Foi tomado de um infantil e triunfal prazer de enganar os outros, enquanto dizia aquela mentira enorme, que raiava a fraude, e punha o telegrama sobre o pano verde da mesa.

Ele próprio não sabia se queria passar um blefe nos outros ou estava procurando uma boa saída para sua posição desacreditada. Schweimann, o mais indisciplinado dos dois homens da Chemnitz, estendeu o braço, num movimento instintivo para pegar o telegrama. Preysing, muito calmo, abriu o telegrama, dobrou-o novamente, e, com um gesto calmo e refletido, meteu-o de novo no bolso do colete. O Dr. Waitz, lá na ponta da mesa, fez uma cara de idiota. O conselheiro Zinnowitz soltou um assobio leve e agudo, realmente estranhável, partindo da sua boca sábia de chinês.

Gerstenkorn começou a rir, com acessos de tosse bronquial.

— Meu caro — tossiu ele —, caríssimo! O senhor é muito mais sabido do que parece! Homem de Deus! O senhor nos pregou uma boa! Olhe aqui, precisamos conversar sobre isso!

Gerstenkorn se sentou. O diretor-geral, ainda por alguns segundos com um sentimento de vazio, como se todos os seus ossos tivessem ficado ocos e como se sentisse um esquisito e brando tremor nos joelhos, sentou-se também. Tinha mentido pela primeira vez na vida, e ainda por cima de um modo idiota, completamente simplório e sem base. E com essa mentira — justamente com ela — havia conseguido pela primeira vez, após tantos fracassos, impor-se de novo. De repente ouviu a própria voz a falar, e a falar bem. Sentiu-se tomado de uma estranha e desconhecida embriaguez; ouvia a própria voz, e tudo o que dizia tinha pés e cabeça, energia e visão. O fundador do Grande Hotel olhava fixamente para ele, muito admirado, lá do alto do seu retrato a óleo, com seus olhos pintados cintilantes. A Flamm número um curvara o rosto penugento sobre o bloco de estenografia, e estenografava rapidamente — porque agora, parecia, chegariam a um acordo final, cada palavra proferida se tornava importante.

Até o fim da conferência, que durou ainda três horas e vinte minutos, Preysing conservou-se nesse novo estado de ânimo, que lhe dava a impressão de estar voando. E só quando pegou a caneta-tinteiro de malaquita verde para assinar seu nome ao lado da assinatura de Gerstenkorn, no contrato prévio, notou que as suas mãos estavam úmidas e estranhamente sujas.

# 10

— O 218 quer que o despertem às nove horas — disse o porteiro ao praticante Georgi.

— Ele vai embora? — perguntou o rapazinho.

— Embora por quê? Qual nada, ele vai ficar.

— Pensei que ia. Ele nunca pediu que o acordassem ... — disse Georgi.

— Pois agora pode acordá-lo — respondeu o porteiro.

E assim, às nove horas em ponto, o telefone tilintou no quartinho ridiculamente minúsculo do Dr. Otternschlag.

Apressado como um homem cheio de ocupações, Otternschlag esforçou-se por libertar-se da nebulosidade dos sonhos e despertar, e em seguida admirou-se de estar acordado.

— O que foi? — perguntou a si próprio e ao telefone. — O que foi?

Depois ficou em silêncio durante alguns minutos, concentrando-se e procurando lembrar-se, com o rosto desfigurado encostado no linho macio do travesseiro do hotel. "Atenção", pensou ele, "é aquele homem, é o Kringelein, esse coitado. Precisamos mostrar-lhe o que é a vida. Ele está à minha espera. Já está sentado à mesa, na sala do café, esperando."

— Vamos levantar-nos e nos aprontar? — perguntou a si mesmo. — Vamos sim — respondeu depois de fazer um esforço, porque ainda tinha uma bela dose de morfina nos ossos. Apesar disso, seu rosto e seus movimentos, enquanto se vestia, pareciam exprimir um certo entusiasmo. Alguém esperava por ele. Alguém precisava dele. Alguém lhe demonstrava gratidão. Com um pé de meia na mão, sentado na beira da cama, começou a fazer planos e decidir o que fazer. Fez o programa para o dia, ocupado como um guia de viagens, um mentor, um homem importante e procurado. A camareira que tinha ido buscar no quarto vizinho ao 218 a vassoura e o balde ouviu, admiradíssima, o Dr. Otternschlag cantarolar com voz incerta uma melodia, enquanto ia escovando os dentes.

Entretanto, Kringelein se encontrava na sala de café, ainda exausto, excitado e animado, após sua cansativa vitória sobre o senhor Diretor-Geral Preysing, no barbeiro; há dez minutos tinha travado relações, com extremo prazer, com o Barão von Gaigern, relações distintas, encantadoras. Gaigern tinha agido depressa. Saíra da noite com a Grussinskaia sem as pérolas, e passara diretamente a uma explicação murmurada, mas dura como granito, com o chofer. Logo em seguida — após tomar banho, fazer ginástica e friccionar o corpo com água de alfazema — atirara-se sobre o senhor provinciano do 70, com o qual ele

talvez pudesse arranjar de um modo ou de outro os milhares de marcos de que precisava com mais premência. Estava transbordando de impaciência, uma impaciência radiante de felicidade, tensa e ardente. Havia-se separado da Grussinskaia há uma hora apenas, e já sentia uma saudade louca, uma saudade alegre e delicada. Sua cabeça queria estar de novo com ela, sua pele, seus dedos, seus lábios, tudo a desejava novamente, o mais depressa possível. Gaigern sorveu, faminto de vida e de energia, esse sentimento desconhecido como costumava acolher dentro de si as novas experiências. O *élan* com que ele aguardava a tentativa com Kringelein era enorme. Com uma rapidez que se poderia chamar de tempo recorde, em quinze minutos conseguiu ganhar uma grande dose de confiança. Esmagado, Kringelein abriu sua pequena alma de funcionário, indecisa, ansiosa de vida e preparada para a morte — e o que ele não disse ou não soube exprimir Gaigern adivinhou. Quando Kringelein, às nove horas e catorze minutos, limpou no pequeno guardanapo do hotel o seu esforçado bigode, os dois já eram amigos.

— Imagine, senhor barão — dizia Kringelein —, imagine que eu tenha recebido por acaso algum dinheiro, depois de ter vivido sempre uma vida modestíssima, realmente modestíssima. Uma pessoa como o senhor barão não pode fazer sequer uma ideia de uma vida assim. É o medo da conta do carvão, o senhor compreende? Ou então não se pode ir ao dentista, vai-se deixando de um ano para outro, e de repente perdem-se quase todos os dentes, não se sabe como. Mas não quero falar dessas coisas. Anteontem comi pela primeira vez na vida caviar, ou coisa parecida. Quando o nosso diretor-geral tem reuniões em casa, manda vir caviar de Dresden, aos quilos. Bem, caviar, champanha e todos esses luxos não são a vida, dirá o senhor barão. Mas o que é a vida? Veja, barão, eu não sou mais um homem moço, sou meio doente, e de repente fiquei com receio de não poder aproveitar a vida. Eu não quero deixar passar a vida sem aproveitá-la, o senhor compreende?

— Nunca deixamos de aproveitar a vida! Ela está sempre ao nosso dispor, nós vivemos e é quanto basta. A gente vai vivendo, é isso — disse Gaigern.

Kringelein fitou aquele moço bonito e animado, e talvez suas olheiras, por detrás dos óculos, se tenham ruborizado um pouco.

— Pois é. Naturalmente, para o senhor, a vida está sempre presente, cada minuto que passa. Mas para gente como nós...? — disse ele baixinho.

— É engraçado. O senhor fala da vida como se ela fosse um trem que vai passando, e que o deixa para trás. Há quanto tempo o senhor anda atrás dela? Há três dias? E ainda não conseguiu pegá-la pela cauda, apesar do champanha e do caviar? O que o senhor fez ontem, por exemplo? Museu Kaiser-Friedrich, Potsdam, à noite teatro? Meu Deus do céu! Do que foi que mais gostou? De que

quadro? Como? Não reparou... naturalmente. E no teatro... a Grussinskaia? É... a Grussinskaia — repetiu Gaigern, sentindo no coração, ao pronunciar esse nome, um calor repentino, como se fosse um rapazinho tolo. — O que está dizendo? O senhor ficou triste, era tão poético? Pois é, é mais ou menos isso. Mas tudo isso não tem nada que ver com a vida, senhor diretor. — Dizia "senhor diretor" por pura amabilidade, porque não gostou do nome de Kringelein, ridículo e desataviado; e Kringelein corou, feliz e intrujão. — A vida, a vida é... veja: às vezes encontram-se na rua esses caldeirões de piche, fervendo, em ebulição, soltando fumaça, fedendo como a peste a quilômetros de distância. Mas aproxime-se de um caldeirão desses e conserve a cabeça sobre ele, meta o nariz na fumaceira do alcatrão. É uma coisa estupenda, quente, com um cheiro forte e acre, que quase nos derruba no chão, e as gotas grossas e pretas brilham, e há força ali dentro, nada de doçuras nem de coisas insossas. Ah! Caviar! O senhor quer aproveitar a vida, e se eu lhe perguntar que cor têm os bondes de Berlim, o senhor não sabe, porque nunca reparou neles. Aliás, ouça, senhor diretor: com uma gravata como a sua, o senhor nunca poderá tomar o trem da vida; dentro de um terno como o seu ninguém pode se sentir feliz. Digo-lhe isso abertamente, porque não tem sentido nenhum ficar fazendo cumprimentos. Se o senhor confiar um pouco em mim, para apressar as coisas, precisamos primeiro ir ao alfaiate. O senhor está com dinheiro, livro de cheques... não. Faça o favor de arranjar dinheiro, mesmo! Enquanto isso eu vou buscar o meu carro na garagem. O meu chofer está de licença, deixei que o rapaz fosse ver a noiva em Springe; eu mesmo vou guiar.

Kringelein tinha a impressão de que um vento forte lhe batia nos ouvidos. A observação a respeito da sua gravata — comprada por dois marcos e cinquenta — e o seu bonito terno, na verdade, o haviam magoado. Pôs timidamente a mão no colarinho, largo demais.

— Pois é — disse Gaigern —, é muito grande, e vê-se o botão. Assim não pode, naturalmente!

— É que eu pensei... Eu não queria gastar dinheiro em roupa — murmurou Kringelein, vendo bailar vertiginosamente as cifras em seu caderno de notas. — Em outras coisas eu gasto de boa vontade, mas não em roupa.

— E por que não em roupa? Isso é o principal.

— Porque... não vale mais a pena — respondeu Kringelein, baixinho, com as amaldiçoadas lágrimas soltas a queimar-lhe de novo o canto dos olhos. Que maldição! Ele não podia se lembrar do seu fim próximo sem ficar comovido. Gaigern olhou para ele, descontente. — Não vale a pena, realmente... quero dizer... não terei por muito tempo a oportunidade de usar roupas novas. Pensei que... que as velhas ainda fossem servindo — sussurrou com um sentimento de

culpa.

"Meu Deus, será que todos os homens têm uma xícara de chá com veronal preparada para tomar?", pensou Gaigern, a quem as carícias dessa noite haviam tornado sensível.

— Não se deve calcular assim — disse ele amavelmente. — Não se deve calcular, Herr Kringelein. Os cálculos nos saem errados. No momento adequado o senhor deve estar com a disposição adequada. Eu sou um homem do momento, e tenho-me dado bem com isso. Vamos, ponha no bolso algumas notas de mil marcos, e depois veremos se a vida não é uma coisa divertida. Avante!

Kringelein se levantou, obediente; tinha a sensação de rodopiar perigosamente dentro do turbilhão de uma cratera. "Algumas notas de mil marcos", pensou ele, como se estivesse atrás de um nevoeiro. Já estava acompanhando Gaigern, enquanto seus pensamentos ainda resistiam, e as paredes da sala de café dançavam à sua volta. Os pés desenraizados de Kringelein, metidos nas botinas de cano alto, iam tropeçando passivamente pelos corredores do hotel; ele sentia medo. Sentia um medo doido de Gaigern, das despesas, do alfaiate caro, tinha medo do automóvel cinza-claro, em que se meteram no assento da frente, perto da direção, tinha medo da vida que, no entanto, não queria deixar de aproveitar. Apertou com energia seus molares estragados, calçou as luvas de tricô, e começou seu dia feliz.

O Dr. Otternschlag, que às dez para as dez andava ao longo das paredes do *hall*, à procura de Kringelein, recebeu do porteiro uma carta entregue pessoalmente.

*Prezado Dr. Otternschlag!* — estava escrito. — *Infelizmente, por motivos imprevistos, vejo-me impedido de comparecer ao nosso encontro. Saudações respeitosas do amigo At. Obr. Otto Kringelein.*

O estilo era de Kringelein, ainda, mas sua ortografia tinha-se modificado um pouco. Na escrita fluente de guarda-livros, haviam-se imiscuído uns traços informes, e os pingos dos *ii* pareciam querer voar como balões que se desprendem do fio para estourar nos céus, solitários e com um pequenino e trágico estampido que ninguém ouve.

O Dr. Otternschlag ficou com a mão estendida, segurando a carta. O *hall* era um deserto, cheio de horas infindáveis e vazias. Passou pelo balcão dos jornais, pelas flores, por pessoas que saíam do elevador, pelas colunas, até chegar ao seu lugar habitual. "Horrível", pensou ele. "Terrível. Medonho." As pontas de seus dedos, plúmbeas e cor de fumo, lhe pendiam das mãos, e com o olho cego ele fitava a mulher da limpeza que, em desacordo com os regulamentos, começava a varrer com serragem úmida, em pleno dia, o *hall* do Grande Hotel.

É intensa a angústia que Kringelein sente, de pé, na sala de provas da enorme

alfaiataria para homens. Três elegantes cavalheiros estão ao seu redor, ocupadíssimos, e doze Kringelein deploráveis refletem-se nos espelhos, aproximando-se uns dos outros em ângulos agudos. Um senhor elegante está ao lado, observando Herr Kringelein com as pálpebras meio cerradas, um olhar de conhecedor, e murmurando palavras incompreensíveis. Sentado num banquinho estofado, sob os retratos de artistas de cinema incrivelmente belos, está o Barão Gaigern, batendo as luvas pespontadas na palma da mão, e desviando de Kringelein o olhar, como se se envergonhasse dele.

Começaram a vir à luz coisas lamentáveis, segredos do guarda-livros Otto Kringelein, de Fredersdorf. Seus suspensórios estão rasgados, costurados, rasgados de novo, e finalmente muito mal consertados, com um barbante. O colete, que lhe ficara muito largo, fora ajustado por Anna, que lhe fez nas costas duas pregas costuradas ao enchimento por meio de pespontos.

Kringelein usa as camisas de seu pai, grandes demais para ele, pelo que meteu umas ligas na parte superior dos braços, para arregaçar as mangas compridíssimas. Usa abotoaduras de tempos pré-históricos, redondas, do tamanho de discos de chapa de fogão, tendo no centro uma esfinge de esmalte vermelho diante de uma pirâmide de esmalte azul. A gigantesca camisa é de um tecido grosso de cor indefinível, tendo na frente apenas um pedacinho de zefir listrado, como uma pequena vitrina na fachada principal. Debaixo da camisa de lã espia ainda qualquer outra coisa também de lã, um coletinho já no fio, cerzido com pontos grosseiros. Por baixo disso, um pedacinho de pele de gato, o que parece ser bom contra dores de estômago e calafrios misteriosos. Os cavalheiros elegantes não mudam de expressão — Kringelein teria preferido que fizessem caçoada dele ou o consolassem.

— Nunca me incomodei muito com a moda. Sou um homem antiquado — diz ele em tom implorante, desculpando-se diante da cortesia gelada dos homens. Ninguém lhe responde. Vão lhe tirando as camadas, uma após outra, como de uma cebola. É um tanto cruel o que está sucedendo com Kringelein, completamente indefeso. Pouco a pouco ele vai se sentindo mal, como na sala de operações, pois agora também há uma claridade vítrea nas coisas, e tudo parece estar muito próximo dele. Depois, os três cavalheiros começam a vesti-lo.

Gaigern se anima, e dá conselhos.

— Fique com isso — diz ele; e —, não fique com isso.

Parece que não é possível contrariar as suas decisões. Kringelein olha de lado para os papeluchos com o preço, presos às peças de vestiário, reparando sempre apenas no preço; não ousa fazer perguntas, a princípio, mas por fim se enche de coragem e começa a querer saber os preços.

Assusta-se de tal modo que tem vontade de sair correndo; a sala de provas

parece uma cela com quatro guardas severos e paredes de espelho. Kringelein está todo suado, apesar de o terem libertado de seus agasalhos de lã, que estão enrolados num montinho sobre uma cadeira, com um aspecto de ilimitada miséria, repulsivos. De repente, eles deixaram de pertencer a Kringelein; causam-lhe nojo tais peças de vestuário, remendadas, suarentas e de cor indefinível, essa roupa de um pobre-diabo. Mas, de um momento para outro, qualquer coisa se passa com ele. Fica gostando da camisa de seda que o forçaram a vestir.

— Ah! — diz Kringelein, com a cabeça inclinada e a boca aberta, como se fosse ouvir algum segredo. — Ah, ah!

Sua pele se alegra e trava amizade, gostosamente, com a camisa de seda de delicado padrão. O colarinho se ajusta exatamente ao pescoço, não esfrega, não é nem largo nem apertado demais, a gravata nova cai lisa e macia sobre o peito de Kringelein, onde o coração bate agora como em misteriosa festa — forte, um tanto dorido, mas aliviado. Agora colocam diante dele meias e sapatos, com grande solicitude; Gaigern explicou, em poucas palavras, que o senhor diretor está enfermo, e então trazem dos quatro andares da casa de artigos para homens tudo o que um homem distinto precisa para se vestir. Kringelein envergonha-se medonhamente de seus pés; de súbito tem a impressão de que toda a miséria e o aperto da sua vida estão visíveis nesses pés com joanetes crescidos, pelo que procura se esgueirar com as novas meias e botinas para um canto, coloca suas costas curvas entre si mesmo e os outros, como uma parede, e começa, sem nenhuma prática, a lutar com os cordões. Em seguida vestem-lhe um novo terno, escolhido pelo barão.

— O senhor diretor está com uma aparência maravilhosa — diz um daqueles cavalheiros. — Assenta-lhe como se fosse feito sob medida.

— Não é preciso modificar nada — diz o segundo.

— Perfeito. Nós temos poucos fregueses com um corpo tão esbelto — afirma o terceiro.

Empurram Kringelein para a frente do espelho, e o obrigam a girar no seu eixo como se fosse uma boneca de madeira, magra e paciente.

# 11

E, justamente no momento em que Kringelein voltou do espelho para o seu interior, sentiu pela primeira vez, como um pressentimento, que estava vivendo. Sim, tinha a sensação de existir, conhecia-se a si mesmo, com um abalo tão violento como se o atingisse um raio. Nesse momento, um homem estranho, de porte delicado e distinto, aproximou-se dele com expressão confusa, um homem que era ele próprio, de modo extremamente íntimo, o verdadeiro Kringelein, o Kringelein enterrado, de Fredersdorf — mas isso logo passou. No instante seguinte já não era novidade, o milagre da transformação já se dera.

Kringelein respirou profundamente, com energia, porque parecia querer despertar em seu corpo uma dorzinha aguda.

— Acho que este terno me fica bem, não? — perguntou ele, de modo infantil, a Gaigern.

O barão ainda fez mais; aproximou-se e, com suas próprias mãos, grandes e quentes, arrumou o novo terno nos ombros de Kringelein.

— Sou de opinião que este terno é o suficiente — disse Kringelein aos três cavalheiros.

Apalpou o tecido com os dedos, às escondidas, porque entendia bastante de tecidos, isso se sabia em Fredersdorf, mesmo quando só se trabalhava no escritório.

— É um bom tecido; sou conhecedor — afirmou ele, respeitosamente.

— Artigo inglês legítimo. Nós mandamos trazê-lo diretamente de Londres, de Parker Brother & Co. — respondeu o senhor de pálpebras fechadas.

"Preysing não usa tecidos assim", pensou Kringelein. Os ternos de Preysing costumavam ser daquele mesmo tecido sólido de estamenha cinzenta, de que a fábrica ainda possuía um estoque antigo, e todos os anos, pouco antes do Natal, era vendido aos empregados por baixo preço. Kringelein decidiu-se. Tomou posse desse terno, enfiando ambas as mãos nos bolsos novos e limpos.

Seu medo transformou-se repentinamente na felicidade de comprar e de possuir; pela primeira vez na vida Kringelein tem a sensação de vertiginosa leveza que acompanha o ato de gastar dinheiro. Ele passa através dos muros, por trás dos quais ele morou toda a vida. Compra, compra, sem perguntar o preço, vai comprando. Apalpa tecidos, sedas, alisa abas de chapéus, experimenta coletes, gravatas, cintos, coloca uma cor perto de outra e sorve com delícia a

combinação harmoniosa de tons.

— O senhor diretor tem um extraordinário bom gosto — diz um dos cavalheiros.

— Um gosto delicado — afirmou o outro —, correto, distintíssimo.

Gaigern assiste a tudo sorrindo, um tanto impaciente, e faz elogios. Caceteado, olha as próprias mãos; a direita está tão vazia, desde que ele deu o anel de sinete de presente... Disfarçadamente, leva-as até o rosto, para ver se ainda conservam um pouco do perfume dessa noite, agridoce, ao mesmo tempo perigo e calma, *Neuwjada*, a florzinha que cresce nas campinas.

Kringelein compra um terno marrom, muito confortável, de um tecido cardado inglês, uma calça cinza-escura, com delicadas listras claras, que combina com um paletó estreito; compra também um *smoking*, no qual é preciso mudar apenas alguns botões; roupa de baixo, camisas, colarinhos, meias, gravatas, uma capa igual à de Gaigern, um chapéu macio, espantosamente leve, com a marca dourada de uma firma de Florença, e finalmente, pegando um par de luvas de camurça pespontadas, iguais às de Gaigern, dirige-se à caixa. Ali estão a fazer uma conta amabilíssima — Kringelein fala com rapidez e facilidade, porque ouve o jargão dos livros-caixa, tão seu conhecido, desde o livro-razão ao livro-matriz. Paga mil marcos à vista, e o resto em três prestações.

— Então! — exclamou Gaigern, satisfeito.

Uma fila de dorsos inclinados, numa saudação, acompanha Kringelein, encantado e transformado, até a porta de espelhos da loja. Lá fora faz sol, mas está frio. O ar tem um sabor de vinho gelado, acha Kringelein, de passagem. Até agora ele sempre se arrastou. Agora ele anda. Tem que dar três passos, da entrada da loja de primeira ordem até a limusine cinza-clara, e ergue três vezes, do calçamento da rua, as solas novas dos seus sapatos.

— Está satisfeito? — pergunta Gaigern, rindo-se e dando a deixa. — Está notando alguma coisa? Sente uma sensação agradável?

— Fantástico! Maravilhoso! Ótimo! — replica Kringelein, tomando a expressão de um homem experimentado, sentado ao volante do carro.

Tira os óculos e esfrega com o polegar e o indicador a beirada dos olhos; é um gesto cansado e que lhe é habitual.

Vem-lhe ao pensamento a ideia de que não estará mais vivo, quando vencer a última prestação.

Gaigern sentia a impaciência nos dedos, causava-lhe comichão como ácido carbônico, entre as mãos e a direção. Nos cruzamentos das ruas havia lâmpadas vermelhas, verdes e amarelas, guardas que o ameaçavam com a mão, sorridentes. O carro passava em disparada pelas casas, pelas árvores, colunas de

cartazes, ajuntamentos de pessoas nas esquinas, pelas carroças de frutas, muros com cartazes e velhas senhoras amedrontadas, que, com passos miúdos, andavam no leito da rua sem observar o sinal de trânsito, velhas senhoras vestidas de preto e de saias compridas, em pleno mês de março. O sol brilhava, úmido e amarelo, no asfalto. Quando um ônibus pesadão impedia o caminho, o carrinho de quatro lugares gritava com duas buzinas; parecia o latido de cães excitados.

Em Fredersdorf havia muita gente que nunca tinha andado de automóvel. Anna, por exemplo, nunca tinha andado de carro. Mas Kringelein estava andando. Apertou os lábios com força, inteiriçou os músculos sob as axilas, e seus olhos ficaram lacrimejantes pelas correntes de ar. Assustava-se nas curvas, e seu coração arfava sob a camisa de seda nova. Era o mesmo prazer medroso da infância, quando na feira anual de Mickenau, no outono, se podia andar de carrossel três vezes seguidas, por um *groschon.*

Kringelein arregalava os olhos para ver Berlim, que rapidamente se entremostrava sob aspectos deformados. Ainda se recordava bem da grande cidade. A Porta de Brandenburgo, por exemplo, reconheceu-a de longe, assim como a Gedaechtniskirche, à qual dirigiu um olhar respeitoso.

— Para onde estamos indo? — gritou ele ao ouvido direito de Gaigern. O ronco do motor lhe parecia fortíssimo, e ele se sentia no meio de estrondos e de uma tempestade.

— Para os arredores da cidade, a fim de almoçar. Para lá do Avus — respondeu Gaigern com jovialidade.

A rua parecia penetrar dentro do carro, cada vez com mais velocidade. Chegaram às proximidades da torre da emissora. Kringelein já estivera ali no dia anterior, com o Dr. Otternschlag, numa noite nublada, cansado, impossibilitado de receber novas impressões. Os estranhos átrios, lisos, novos e por terminar, na parte exterior, o haviam acompanhado nos sonhos e, agora, a realidade e o sonho se apresentavam em duas camadas sobrepostas, um tanto ameaçadoras e incompreensíveis.

— Ainda vão terminar isso? — gritou Kringelein apontando para os átrios da exposição.

— Já está pronto — foi a resposta.

Kringelein admirou-se. Era tudo nu como uma fábrica, mas não feia, como a de Fredersdorf.

— Que cidade engraçada — exclamou ele, sacudindo a cabeça e ficando ainda mais vesgo.

Levou um choque com um solavanco do carro, e a pele do seu crânio se encolheu, mas foi coisa sem importância. É que Gaigern havia parado na porta

norte do Avus, e em seguida continuaram de novo a viagem.

— Agora nós vamos mesmo — afirmou Gaigern; e, antes que Kringelein pudesse perceber do que se tratava, ele partiu.

Começou com uma corrente de ar que foi esfriando lentamente, e que batia contra o rosto de Kringelein cada vez com mais força, como bofetadas. O carro começou a cantar com um som grave que se foi elevando, e ao mesmo tempo aconteceu uma coisa pavorosa com as pernas de Kringelein. Ele tinha a sensação de que elas se enchiam de ar, cujas bolhas lhe subiam aos joelhos, que pareciam querer estourar. Por vários segundos incríveis ele não podia respirar mais, e durante um instante pensou que iria morrer.

— Isto é a morte. Vou morrer.

Com o peito comprimido, aspirava o ar com dificuldade; o carro deslizava por coisas irreconhecíveis, vermelhas, verdes, azuis; árvores que se atiravam de encontro aos seus óculos; depois, um ponto vermelho se transformou em um automóvel e, logo a seguir, caiu no vazio, por trás do seu carro — e Kringelein continuava sem conseguir respirar. Seu diafragma conhecia agora novas sensações, nunca antes imaginadas. Kringelein tentou virar o rosto em direção a Gaigern, e, vejam só, conseguiu virá-lo sem se machucar. Gaigern estava meio inclinado sobre a direção, e tinha calçado as luvas de camurça, mas sem abotoá-las; por qualquer motivo, isso dava a sensação de calma e ausência de perigo. Justamente quando o pedacinho de estômago que restava a Kringelein queria começar a subir à garganta, Gaigern se pôs a rir com os lábios fechados. Apontou com o queixo, sem tirar os olhos do fuso sibilante da estrada do Avus, para um lugar qualquer, e Kringelein lançou um olhar obediente. Como não era tolo, compreendeu, após refletir um pouco, que havia sido o marcador dos quilômetros, diante dele. O ponteirinho vibrava de leve, mostrando o número 110. "Que diabo!", pensou Kringelein. Engoliu seu amedrontado pomo-de-adão e inclinou-se para a frente, entregando-se ao impulso da velocidade. Súbito tomou posse dele o prazer da sensação de perigo, um prazer penetrante e assustador. Mais depressa! pedia dentro dele um novo Kringelein, desconhecido e delirante. O carro concordou: 115. Durante alguns segundos parou nos 118, e Kringelein desistiu, de uma vez, de respirar. Tinha vontade de se precipitar, sibilando, nas trevas. "Avante, para a frente, explosão, choque, ponto final da corrida desenfreada!", era o pensamento que lhe ocorria. "Nada de leito de hospital," pensou; "é preferível uma fratura no crânio." À passagem do carro, em disparada, ainda continuavam a bramir os anúncios; as distâncias entre eles foram aumentando; depois, os trapos cinzentos ao lado da estrada se transformaram em bosques de pinheiros. Kringelein via árvores que se iam aproximando e em seguida se desviavam do carro. Era como no carrossel de

Mickenau pouco antes de parar. Nas tabuletas de anúncios ele lia agora nomes de marcas de óleos, de pneus e de automóveis; a correnteza de ar tornou-se mais branda, e deslizava por sua garganta adentro. O ponteiro caiu para 60, a agulha oscilou um instante ainda, entre 50 e 45, e eles deixaram o Avus pela porta sul, desfilando burguesmente por entre as *villas* do Wannsee.

— Puxa, agora me sinto mais leve! — disse Gaigern, abrindo o rosto num sorriso. Kringelein tirou as mãos das almofadas de couro em que se agarrara até então, e foi relaxando com todo o cuidado os músculos contraídos das mandíbulas, dos ombros e dos joelhos. Sentia-se completamente exausto e absolutamente feliz.

— Eu também — respondeu ele, e estava dizendo a verdade.

Falou muito pouco enquanto estiveram sentados no terraço envidraçado, completamente vazio, de um restaurante à margem do Wannsee, olhando os barcos a vela cobertos com lonas, balançando à tona da água. Precisava refletir sobre a sensação que experimentara, o que não era assim tão fácil. "O que é a velocidade?", pensou. "Não a vemos nem tocamos, e isso de medi-la deve ser uma impostura. Como é possível que ela vá passando, e seja mais linda do que a música?" Ainda sentia tudo girando, mas era uma sensação agradável. Tinha trazido o frasquinho de Bálsamo de Vida do Dr. Hundt, mas não tomou o remédio.

— Preciso agradecer-lhe este passeio maravilhoso — disse ele, procurando com ar solene expressões escolhidas, de acordo com os ambientes em que estava vivendo agora.

Gaigern, que só comia alimentos baratos, espinafre com ovos, sacudiu a cabeça: — Eu me divirto com essas coisas — disse ele. — O senhor sente isso pela primeira vez. É raríssimo encontrarmos pessoas que tenham uma sensação pela primeira vez...

— Mas o senhor também não dá a impressão de ser um homem *blasé*, se me permite esta observação — replicou Kringelein com desembaraço.

Já se sentia à vontade em suas novas roupas, já estava em casa dentro da sua camisa de seda; sentava-se de outra maneira, comia de outra maneira, e suas mãos, que lhe pareciam mais delgadas, avançando pelos punhos da camisa, com as unhas feitas por uma bonita manicura, no subterrâneo do hotel, lhe davam enorme prazer.

— Meu Deus do céu, eu, *blasé?* — exclamou Gaigern, satisfeito. — Não. De modo nenhum. Mas é que gente como eu tem uma vida cheia. — Não pôde deixar de sorrir. "O senhor tem razão. Para gente como eu também existem coisas inteiramente novas, que se experimentam pela primeira vez, coisas engraçadas...", acrescentou consigo mesmo.

Bateu de leve seus bonitos dentes uns nos outros, pensando na Grussinskaia. Seus ossos estavam cheios de ávida impaciência. O tempo que tinha de esperar para que pudesse ter de novo em seus braços a figurinha delicada, tão necessitada de amparo, e ouvir novamente seu gorjeio tristonho de passarinho, parecia-lhe uma extensão imensurável e deserta. Deu um prazo de três dias a si próprio, sapateando, interiormente, de impaciência, para arranjar de qualquer modo alguns milhares de marcos que acalmariam seus companheiros e lhe facultariam a viagem a Viena. Por enquanto, empenhava-se, com a maior amabilidade, em agradar Kringelein, com a esperança em qualquer solução favorável.

— E agora, qual é a continuação do programa? — perguntou Kringelein, dirigindo para ele uns olhos fiéis e agradecidos. Gaigern simpatizava com esse provinciano calmo, sentado diante dele como uma criança durante a distribuição dos presentes de Natal. A amabilidade e a simpatia humanas estavam de tal modo enraizadas na personalidade de Gaigern, que suas vítimas recebiam sempre uma boa parte do seu calor.

— Agora vamos voar — disse ele, com o tom acalentador de uma ama de leite. — É muito agradável e não tem o menor perigo, é muito menos perigoso do que uma corrida desenfreada de automóvel.

— Corremos perigo, há pouco? — - perguntou Kringelein, admirado.

O medo que sentira parecia-lhe agora quase um prazer, depois de vencido.

— Sem dúvida — afirmou Gaigern. — Cento e dezoito quilômetros não é brincadeira, e a estrada estava úmida... Parece incrível que, com um tempo destes, ela fique tão escorregadia. Não há dúvida de que o carro corre sempre o risco de derrapar. A conta — disse, voltando-se com cortesia para o garçom, e pagando seu espinafre com ovos. Sobravam-lhe na carteira apenas vinte e quatro marcos.

Kringelein também pagou; havia tomado apenas umas colheradas, de sopa, porque não confiava ao seu estômago coisas excitantes e indigestas. Quando meteu no bolso a carteira que trouxera ainda de Fredersdorf, teve a visão fugaz e agora pouco importante do seu caderno de despesas, com capa de oleado. Até esse dia havia anotado suas despesas, *Pfennig* por *Pfennig,* desde os nove anos de idade, em caderninhos assim. Agora acabou-se. Nunca mais faria isso de novo. Mil marcos numa tarde não era possível anotar. Uma parte da ordem do mundo concebida por Kringelein tinha se destruído, numa derrocada silenciosa e sem estardalhaço. Kringelein, que Gaigern foi seguindo pelo terraço vazio do restaurante até o carro, movia os ombros com delícia, sob o novo sobretudo, o novo terno e a nova camisa. Agora, por onde quer que ele passasse, havia indivíduos que se inclinavam. "Bom dia, senhor diretor-geral", pensou ele,

vendo-se colado a uma parede, a parede caiada de verde-cinza do segundo andar dos escritórios de Fredersdorf. Guardou no bolso os óculos ao sentar ao lado de Gaigern, expondo os olhos nus à fresca e cintilante atmosfera de março, e com um vivo sentimento de simpatia e de confiante gratidão ouviu o ruído do motor.

— A Chaussee ou o Avus de novo? — perguntou Gaigern.

— O Avus, de novo — respondeu Kringelein. — E na mesma velocidade — acrescentou em voz baixa.

— Ah!... O senhor tem coragem — disse Gaigern, pondo o pé no acelerador.

— É... coragem eu tenho — respondeu Kringelein, com os músculos tensos e o corpo inclinado para a frente, de lábios entreabertos, preparado para entregar-se inteiramente à vida.

Kringelein, debruçado na grade branca e vermelha do aeroporto, procura habituar-se a esse mundo assombroso que, desde a manhã desse dia, vem ao encontro dele. Ontem — há um século — ele subia no elevador, para ir ao restaurante da torre da emissora, fatigado, sonolento, imerso em sonhos; não estava se divertindo, e os comentários pessimistas do Dr. Otternschlag ainda tornavam tudo mais problemático e fantasmagórico. Anteontem — há mil anos — ele era um auxiliar de guarda-livros no escritório de contabilidade da Algodoeira Saxônia S.A., de Fredersdorf, um empregadinho enfezado, entre trezentos outros empregadinhos enfezados, de terno de sarja cinzenta e com um ordenado minguado, do qual era preciso tirar ainda o desconto para a Caixa de Previdência. Hoje, agora, ele está à espera do piloto que, por um alto preço, vai levá-lo em um enorme voo circular, em viagem especial. É um desses pensamentos impossíveis de serem levados até as últimas consequências, apesar de Kringelein se sentir animado e concentrado como nunca.

É uma enorme mentira, a sua coragem. Tem um medo de cão, um medo horrível do divertimento que o espera. Ele não quer voar, não quer voar de modo algum. Tem desejos de voltar para casa — não, para Fredersdorf não, mas para o hotel, para o seu quarto 70, com os móveis de mogno e a colcha de seda; gostaria de estar deitado e não precisar voar.

Quando Kringelein saiu de casa para ir à procura da vida, pairava diante dele uma ideia nebulosa e informe; mas era uma coisa acolchoada e fofa, com pregueados e franjas, e arabescos enormes; leitos macios, pratos cheios, mulheres sensuais, em quadros e reais. Agora, que está experimentando a vida, e que, aparentemente, mergulhou em cheio nela, tudo se apresenta sob um aspecto diferente; é preciso satisfazer a uma série de exigências, a ventania corta-lhe as orelhas, e é preciso forçar paredões de angústias e de perigo para conseguir chegar a uma doce e embriagante gota de gozo da vida. "Voar", pensa

Kringelein. Ele conhece a sensação do voo que se tem em sonhos. Seu sonho se apresenta assim: Kringelein se encontra no tablado da sala de Zickenmeyer; ao seu redor está o coral da associação, e ele canta um solo. Ouve sua bonita voz de tenor, canta notas agudas, cada vez mais agudas, cada vez mais. É facílimo, ele não precisa fazer nenhum esforço, é um prazer puro, fácil e naturalíssimo.

Finalmente, ele se deita no som mais agudo e suave, e voa sobre ele, acompanhado pela música das nuvens. A Associação Coral o acompanha com o olhar; primeiro, ele sobrevoa ainda abaixo do telhado local de Zickenmeyer, depois voa completamente só, à sua volta não se vê mais nada, e só bem no finzinho ele percebe que tudo não passou de um sonho, e que precisa voltar ao seu leito matrimonial, onde Anna dorme o sono deletério dos seus quarenta anos maltratados e rixentos. A queda é medonha, e o despertar é um grito na escuridão do quarto abafado, com as pequeninas vidraças, os armários cheirando a naftalina e o pequeno fogareiro de ferro, apagado, com uma panela cheia de água em cima.

Kringelein põe-se a piscar. "Voar", pensa ele retornando ao Aeroporto de Tempelhof. Ali também há cores fortes, como na torre da emissora e ao longo do Avus; amarelo, azul, vermelho e verde, em tons bem vivos. Torres misteriosas erguem-se no ar, tudo é simples e econômico, um vento cheio de poeira sopra sobre as manchas de asfalto do outro lado da grade, e as sombras das nuvens se apressam, para atingir a pista de decolagem. O pequeno aparelho que vai decolar já está pronto, três homens estão atarefados em torno dele; o motor ronca, sua hélice gira apenas por brincadeira. Diante de suas rodas baixas há uns blocos, suas asas prateadas, com estrias, estão vibrando. Outros pássaros pousam, saudados pelos gritos roucos de uma sereia — é assim que a fábrica de Fredersdorf chama, às sete horas da manhã — ou talvez tudo isso tenha sido apenas um sonho?... Outros pássaros se elevam, baixam pesados à terra, e erguem-se, muito leves, ao ar, ora cor de chumbo prateado, ora dourados, com firmes asas de madeira, e outros ainda, brancos, enormes, com quatro asas, e três hélices girando. O campo de pouso é tão grande, tão estranhamente silencioso... Os homens que estão ali são todos esbeltos, queimados de sol, alegres e calados, envolvidos em seus ternos folgados e seus barretes justos. Só os aparelhos têm voz, e latem com um latido rouco, como cães enormes, quando vão rodando sobre o campo.

Gaigern aproxima-se com o piloto, um senhor amável, com as pernas em O de antigo oficial de cavalaria.

Gaigern parece um cliente habitual, todos o cumprimentam e o conhecem.

— Vai partir logo — anuncia Gaigern. Kringelein, que já sabe por experiência própria o que significa o "partir" de Gaigern, leva um susto.

"Socorro", pensa ele, "socorro, não quero voar!", mas não o diz, de forma alguma.

— Já vamos decolar? — perguntou com ar de homem experimentado, orgulhando-se da palavra que está usando pela primeira vez na vida.

Depois, Otto Kringelein senta-se, amarrado pela cintura com uma correia, em uma cômoda cadeira de couro, e arregala os olhos para o céu azul-cinza de março. Ao seu lado está Gaigern, assobiando baixinho, e isso o consola, nesse momento de debilidade total.

No começo, não é diferente de uma viagem de automóvel, aos solavancos; depois, o aparelho começa a fazer um ruído, rápido, infernal. De repente bate no solo com um solavanco, para trás, e eleva-se no ar. Não paira no espaço, tem mais dificuldades do que o tenor Kringelein, a cantar e a voar no seu sonho; o aparelho salta por impulsos no ar, como sobre degraus de vácuo; salta, cai um pouquinho, salta, cai um pouquinho, salta, cai um pouquinho, salta, cai. Agora a sensação desagradável não é nas pernas, como na viagem a cento e vinte quilômetros por hora, mas na cabeça. Os ossos do crânio de Kringelein zumbem, tornam-se muito delgados, completamente vítreos, de modo que ele precisa fechar os olhos por um momento.

— Está enjoado? — pergunta Gaigern gritando em seu ouvido, pensando se seria possível, ali no avião, conseguir que Herr Kringelein lhe desse cinco mil marcos, ou mesmo três mil, ou que seja tudo pelo amor de Deus, cento e cinquenta que fossem, que já dariam para pagar a conta do hotel e a viagem até Viena. — Está se sentindo mal? Acha que basta de voar? — pergunta ele com muita cortesia.

Kringelein faz um violento e corajoso esforço para dominar-se, e responde um animado "não". Abre os olhos, a cabeça zune, vítrea; prende-os primeiro ao chão do avião, como a um ponto firme, depois vai subindo, até chegar à vidracinha oval da parede fronteiriça. Lá estão de novo os números e as agulhas trêmulas. O piloto vira o rosto de traços fortes para trás, e sorri para Herr Kringelein como para um bom amigo e camarada. Kringelein recebe esse olhar como um tônico e uma honra.

— Trezentos metros de altitude, cento e oitenta de velocidade! — grita Gaigern ao seu ouvido, que zune e crepita.

De repente, tudo se torna macio, leve e liso. O aparelho não se eleva mais, vai cantando com a voz metálica dos seus motores, fazendo uma curva, deslizando como um pássaro sobre a cidade, agora pequenina. Kringelein cria coragem e olha para fora.

Primeiro vê as asas estriadas, expostas ao sol, que parecem ter criado vida, e, bem embaixo, Berlim, dividida em quadradinhos, cúpulas verdes, uma ridícula

estação, em meio à exposição de brinquedos. Uma manchinha verde é o jardim zoológico, uma manchinha cor de chumbo, com quatro pontinhos brancos de velas, é o Wannsee. Os limites do pequenino mundo ficam bem longe, o terreno vai subindo em suaves elevações, há também montanhas, florestas, terras lavradas pardacentas, Kringelein abre num sorriso infantil os lábios comprimidos. Está voando. Conseguiu suportar o voo. Sente-se muito bem, e tem uma sensação diferente de si próprio, enérgica e nova. Pela terceira vez lhe acontece, nesse dia, perder o medo, e ver esse medo transformar-se em prazer.

Toca de leve no ombro de Gaigern, e em resposta ao seu olhar inquiridor diz qualquer coisa que o ruído dos motores devora.

— Não é tão mau assim — respondeu Kringelein. — Não é preciso ter medo, não é nada mau.

Com essas palavras, Kringelein refere-se não só à conta elevada do alfaiate, à viagem ao longo do Avus e ao voo — mas a tudo isso junto, e mais alguma coisa; é que ele vai morrer em breve e, com a morte, afastar-se desse pequeno mundo, abandonar o grande medo, elevar-se, se for possível, acima dos aviões.

As ruas por trás do campo de Tempelhof, quando eles vieram de volta, falaram ao coração do novo Kringelein. Assemelhavam-se às melancólicas ruas de Fredersdorf, com as chaminés crescendo por trás dos caminhos, e ele alargou as narinas para sentir o cheiro de cola da seção de imprensagem dos tecidos. Com vivacidade duplicada, ele sentia, ao avistar essas pobres ruas, que usava um sobretudo novo, e se encontrava num automóvel. Procurou palavras que exprimissem esse duplo sentimento, mas não encontrou. Somente na porta do hangar ele se animou de novo — tiveram de esperar meio minuto —, o vôo ainda lhe pesava nos membros como uma silenciosa mas forte embriaguez, e, ansioso e amável, perguntou:

— Quais são agora os planos do senhor barão?

— Agora preciso cuidar de negócios particulares, no hotel. Tenho um encontro às cinco horas. Venha comigo, vou dançar um pouquinho — acrescentou ao perceber nos olhos de Kringelein uma expressão de desânimo e de real aflição.

— Muitíssimo obrigado. Acompanho-o de bom grado. Gosto de ver os outros dançar. Infelizmente não sei dançar.

— Ora, qual! Qualquer pessoa sabe dançar! Kringelein foi pensando nisso até chegarem à Friedrichstrasse.

— E depois? Que se poderia fazer depois? — perguntou insistente, na sua insaciabilidade.

Gaigern não deu resposta, mas acelerou a marcha até o próximo solavanco,

quando travou o freio diante da lâmpada vermelha da Leipzigstrasse.

— Diga uma coisa, senhor diretor — perguntou ele, durante a parada do carro. — O senhor é casado ou não?

Kringelein ficou a refletir por tanto tempo que, enquanto isso, as lâmpadas amarela e verde se acenderam, e já estavam de novo a caminho, quando ele respondeu:

— Fui casado. Já fui casado, senhor barão. Separei-me de minha mulher. Pois é. Conquistei a liberdade, se posso falar assim. Há casamentos, senhor barão, em que cada cônjuge é um peso para o outro, um chega a enojar-se do outro, não pode ver a cara do outro sem se enfurecer. Não podemos ver o pente com os fios de cabelo da mulher, de manhã cedo, sem que isso nos estrague o dia; isso não é justo, é claro, ela não tem culpa de que seus cabelos caiam... Ou quando se quer ler um pouco à noite, a mulher se põe a falar sem parar, e quando não fala, canta na cozinha. E se a gente gosta de música, essa gritaria nos deixa doente. E toda noite, quando a gente está cansado, e quer ler, ouve-se a mesma cantilena: "Vá cortar lenha para amanhã cedo". Custa apenas oito *Pfennige* a mais cada feixe de lenha picado, o que faz dois *Pfennige* por dia, mas isso não é possível, de modo nenhum. "Você é um gastador", diz a mulher, "se a gente fosse pela sua cabeça, acabaria esticando as canelas." E olhe que o sogro tem um armazém que a mulher vai herdar, de modo que ela está com o futuro garantido. Então achei melhor conquistar minha liberdade. Minha mulher nunca combinou comigo, essa é a verdade, porque eu sempre gostei das coisas boas, e isso ela nunca me pôde perdoar. Quando meu amigo Kampmann me deu de presente cinco velhas coleções da revista *Kosmos*, minha mulher vendeu-as como papel velho; recebeu por elas catorze *Pfennige*. É este o retrato acabado dessa mulher, senhor barão. Agora eu me separei dela. Não faz muita diferença, umas semanas a mais ou a menos, já que ela tem mesmo que se arranjar sem mim. Então ela poderá ir de novo às lojas, vender aos empregados solteiros arenques enrolados e salsichas para o jantar. Foi assim que eu a conheci. Talvez ainda encontre outro trouxa. Quando me casei com ela, eu era completamente idiota, não fazia nenhuma ideia da vida, nenhuma ideia do que é uma mulher. Desde que cheguei a Berlim, e estou vendo tantas senhoras lindas, elegantes e amáveis, é que meus olhos estão se abrindo. Mas para essas coisas já é tarde demais.

Tal confissão, que partiu do fundo do coração de Kringelein, durou desde a Leipzigstrasse até a Unter den Linden.

— O dia inteiro não é noite — replicou Gaigern, meio distraído, porque estava atravessando um trecho difícil do caminho, na Porta de Brandenburgo, e diante dele seguia um chofer que não sabia dirigir. A atmosfera de uma cozinha

minúscula e miserável, que se evolava das palavras de Kringelein, o sufocava, tirando-lhe o entusiasmo com que ele estivera prestes a pedir emprestados três mil marcos.

Esse Kringelein de camisa de seda, que andava de automóvel, teria também de boa vontade retirado parte daquilo que revelara com as suas palavras.

— Então nós vamos dançar — disse ele com desembaraço, para disfarçar. — Ficarei gratíssimo, se o senhor barão me tomar sob sua proteção. E que se poderia fazer à noite?

Kringelein tinha a esperança oculta de receber uma resposta que correspondesse a desejos irrealizados dentro de si, alguma coisa semelhante a certos quadros de museus, porém mais palpável, o que, nos jornais que ele lia, denominavam orgia. Tinha o pressentimento de que homens distintos da cidade guardavam a chave e a entrada de coisas assim. No dia anterior o Dr. Otternschlag havia acedido ao seu vago desejo de feminilidade, levando-o ao *bailei* da Grussinskaia. Pois é. Isso — julgava Kringelein — tinha sido errado; o *ballet* era lindo, mas poético, comovente, e demasiado maravilhoso; ficava-se cansado, com sono, sentimental, e finalmente sentia-se dor de estômago. Mas hoje...

— A melhor coisa que o senhor poderá fazer hoje é ir comigo à grande luta de boxe no Sporthalle — disse Gaigern. — Vamos ver se o porteiro ainda tem entradas.

— Não me interesso muito por boxe — respondeu Kringelein, com o orgulho do leitor do *Kosmos.*

— Não se interessa? O senhor já assistiu a alguma luta? Então! Pois vá, que há de se interessar — garantiu Gaigern peremptoriamente.

— O senhor também vai, senhor barão? — perguntou Kringelein, afobado. Sentia-se muito bem disposto, depois da viagem de automóvel e do voo, animado e enérgico, preparado para o que desse e viesse, mas tinha a impressão de que despencaria como uma arvorezinha de borracha no instante em que o barão o abandonasse.

— Tenho uma vontade louca de ir também — replicou Gaigern. — Mas infelizmente não posso. Não tenho dinheiro.

Nesse ínterim haviam se afastado das ramagens floridas do jardim zoológico, e a fachada do hotel já aparecia, lá embaixo. Gaigern deixou a velocidade cair para doze quilômetros, a fim de dar tempo a que Herr Kringelein se manifestasse. Kringelein ficou a remoer a observação sorridente de Gaigern. Pararam defronte ao portão 5, subiram, e ele não conseguira se livrar daquilo.

— Vou levar o carro à garagem! — exclamou Gaigern, depois que fez Kringelein descer do carro, com as pernas um tanto rijas e adormecidas; por fim

desapareceu na esquina.

Kringelein meteu-se, pensativo, na porta giratória, cujo mecanismo já não o deixava mais estupefato. "Não tem dinheiro", pensou ele. "Está sem dinheiro. É preciso fazer alguma coisa."

Rohna, o porteiro, os *boys,* e até o maneta do elevador, notaram a transformação que ele sofrerá, mas, discretamente, não o deram a perceber. O *hall,* de onde se evolava um aroma de *mokka,* estava repleto de pessoas que conversavam. O relógio marcava quatro horas e cinquenta minutos. O Dr. Otternschlag estava sentado em sua habitual cadeira *maple,* tendo ao lado, no solo, uma pilha de jornais. Fitou Kringelein com uma expressão indefinível de ironia e tristeza. Kringelein, não muito seguro de si, aproximou-se dele e estendeu-lhe a mão.

— O novo Adão — observou Otternschlag sem lhe estender a sua, que estava fria e úmida, o que o tornava tímido. — A borboleta saiu do casulo. E por onde esteve voando, se me permite perguntar-lhe?

— Fiz umas compras. Fui passear de automóvel pelo Avus, almocei no Wannsee. Depois fiz um voo de avião — respondeu Kringelein. Seu tom de voz, ao falar com Otternschlag, mudara um pouco, sem que ele próprio *o* percebesse.

— Magnífico — disse Otternschlag. — E agora?

— Às cinco tenho um encontro. Vou dançar. — Ah! e depois?

— Depois, estou com vontade de ir a uma grande luta de boxe, no Sporthalle.

— Ah, é? — retorquiu Otternschlag. Disse apenas isso. Pôs o jornal diante dos olhos e começou a ler, ofendido. Na China houvera tremores de terra, mas a bagatela de quarenta mil mortos não bastava para fazer desaparecer o aborrecimento de Otternschlag.

Quando Gaigern chegou ao segundo andar para trocar de roupa, encontrou Kringelein diante da porta de seu quarto, à sua espera.

— Então? — perguntou impaciente. Pouco a pouco lhe atacava os nervos estar preso a esse homenzinho exótico.

— O senhor barão estava caçoando de mim ou é verdade que está em dificuldades financeiras? — perguntou Kringelein, repentinamente. Foi uma das frases mais difíceis que jamais pronunciou, e apesar de a ter preparado de antemão, disse-a gaguejando.

— É a absoluta verdade, senhor diretor. Estou arrasado, com um azar dos diabos, só tenho no bolso vinte e dois marcos e trinta *Pfennige,* e amanhã sou obrigado a enforcar-me no jardim zoológico — disse Gaigern, abrindo o rosto bonito em um largo sorriso. — Mas o pior de tudo é que preciso estar em Viena dentro de três dias; apaixonei-me por uma mulher, sabe, de um modo incrível,

uma paixão fulminante, e tenho que acompanhá-la por onde ela andar. E estou numa pendura completa. Se pelo menos alguém me emprestasse algum dinheiro que desse para eu arriscar hoje no jogo...

— Também estou com vontade de jogar — observou Kringelein, pressuroso, com verdadeiro entusiasmo. Sentiu de novo a sensação dos cento e vinte quilômetros por hora, do voo do avião, e disparou, zunindo, pelo espaço infindável.

— *Tiens!* Eu vou buscá-lo no Sporthalle, e vamos a um clube elegante. O senhor arrisca mil marcos e eu vinte e dois! — exclamou Gaigern. Dizendo isto, fechou a porta do seu quarto e deixou Kringelein sozinho, do lado de fora. Por enquanto estava farto dele. Atirou-se, vestido, para cima da cama, e fechou os olhos. Foi tomado de um sentimento de desânimo e enfado. Procurou recordar-se da menina do cachinho louro na testa, com quem tinha marcado um encontro às cinco horas, no pavilhão amarelo, mas não o conseguiu. Apresentava-se sempre uma outra recordação, o abajur da Grussinskaia, a grade do balcão, uma nesga do Avus, uma nesga do campo de aviação, o suspensório rasgado de Herr Kringelein. "Dormi pouco hoje à noite", pensou ele, acalorado, contente e com os nervos frouxos. Caiu num sono de três minutos, num saco de trevas e de restauração, como aprendera a fazer na guerra. Uma camareira bateu à porta, despertando-o; era uma carta de Kringelein.

*Prezado senhor barão!*, escrevia Kringelein. *Permitiria que o abaixo-assinado o considerasse hoje à noite seu convidado, e ao mesmo tempo me faria a fineza de aceitar o insignificante empréstimo que junto a esta? Peço-lhe apenas que me mande um recibo. Seria uma honra para mim poder ser-lhe útil, e, no meu caso, o dinheiro já nada significa. Cumprimentos respeitosos do seu*

*Amgo. Crdo. Obr.*
*Otto Kringelein Anexo: uma entrada*
*duzentos marcos.*

# 12

O envelope com o endereço do hotel continha um bilhete alaranjado para a luta de boxe no Sportpalast, e duas cédulas amarrotadas de cem marcos, numeradas a tinta num dos cantos. Na assinatura de Kringelein faltavam os pingos nos *ii*. Ele os perdera definitivamente no turbilhão insano que o arrastara nesse dia memorável.

Preysing, com os ossos ocos e vazios, ficou no *hall* depois de terminada a conferência, depois de assinado o contrato prévio, e da despedida do Dr. Zinnowitz, desejando-lhe felicidade e sorte. A sensação de uma grande vitória, a consciência de haver passado um blefe nos cavalheiros da Chemnitz, a tensão nervosa de discursar e de vencer sob uma base insegura, tudo isso era completamente novo para o diretor-geral, e o transportou a um estranho estado de atordoamento, nada desagradável. Olhou para o relógio do hotel — já passava das três horas —, encaminhou-se mecanicamente para a cabina telefônica, a fim de pedir uma ligação com a fábrica, e depois demorou-se bastante no banheiro dos homens, deixando escorrer água quente pelas mãos, enquanto se olhava no espelho com um sorriso idiota. Passou por último à sala de refeições, que estava quase vazia, e escolheu o *menu* sem prestar atenção; durante os dois minutos de espera até chegar o *consommé*, impacientou-se e pôs-se a fumar um charuto, que lhe pareceu delicioso, acima de qualquer crítica. Enquanto observava a lista dos vinhos, trauteou uma melodia, e sentiu desejos bem definidos de beber vinho doce, que aquecesse a língua; encontrou um Wachencheimer Mandelgarten 1921, que lhe pareceu prometedor. Pouco depois surpreendeu-se a sorver ruidosamente a sopa; quando ficava distraído, acontecia-lhe, por vezes, praticar algum mau costume do começo da sua vida. Sentia que estava numa situação feliz, mas de imprevisíveis consequências. O embuste — ele próprio usava essa expressão forte, que o transportava estranhamente a uma nova espécie de sensação de orgulho — que ele usara durante a conversação só poderia valer, no melhor dos casos, por três dias. Nesses três dias era preciso acontecer alguma coisa, se não quisesse sofrer as consequências de uma catástrofe. A assinatura do contrato prévio poderia ser retirada dentro de catorze dias. Preysing, que vertera depressa demais, pela goela seca, os dois primeiros copos do vinho frio e excitante, adoçado pelo sol, ficou meio tonto, e, em meio à sua tontura, viu a chaminé principal da fábrica explodir, separando-se em três pedaços. Isso não

tinha importância, era uma reminiscência de um sonho que Preysing, a intervalos regulares, costumava ter. Estava comendo o peixe, quando um *groom* gritou "Chamada interurbana para Herr Preysing!" por entre o burburinho da discreta sala de refeições. Preysing ainda engoliu rapidamente um gole de vinho e dirigiu-se à cabina telefônica 4. Esqueceu-se de acender a luz, e na escuridão postou-se diante do fone com a sua mais férrea expressão de diretor da fábrica, famosa em Fredersdorf. Por entre o assobio agudo de um pequeno desarranjo na linha, anunciou-se Fredersdorf.

— Com Herr Broesemann — disse o diretor-geral, com a voz inexpressiva que usava no desempenho de suas funções. Demorou meio minuto até que encontrassem o gerente. Preysing considerou uma ofensa essa demora, e bateu com o salto do sapato no assoalho.

— Puxa... finalmente! — exclamou ele, quando Broesemann atendeu.

Adivinhavam-se, através do telefone, as curvaturas de Broesemann, e Preysing as recebeu como um merecido tributo.

— O que há de novo, Broesemann, além do telegrama inútil de ontem? Não... ao telefone não, sobre isso falaremos depois. Por enquanto eu me esforço por considerar esse assunto como inexistente, compreendeu? Ouça, Broesemann, agora eu quero falar com o velho. Está dormindo? Sinto muito, é preciso acordá-lo. Não, sinto muito. É, sim, imediatamente. Até logo, Broesemann. Não, as outras ordens o senhor as receberá por escrito. Estou esperando.

Preysing ficou à espera. Arranhou a tábua da estante do telefone com as unhas, tomou a caneta-tinteiro e pôs-se a tamborilar com ela na parede, pigarreou, e seu coração disparou triunfalmente, com batidas claras e definidas. O bocal do telefone, diante de sua boca, cheirava a desinfetante e, ao passar a mão por ele na escuridão, sentiu que a beirada estava lascada. Então o velho falou, lá de Fredersdorf.

— Alô, bom dia, papai, desculpe incomodá-lo. A conferência durou até agora, pensei que o senhor se interessaria em saber logo do resultado. Trata-se do seguinte: o contrato prévio está assinado... não, assinado, assinado ... — disse ele gritando, porque o velho tinha o teimoso costume de fingir-se mais surdo do que era realmente.

— Difícil, o senhor acha? Ora, mais ou menos. Obrigado, obrigado, não preciso de aplausos. Ouça, papai: preciso viajar imediatamente para Manchester; é, é absolutamente necessário, absolutamente. Vou para Manchester, bom, bom, eu lhe escrevo a esse respeito com mais pormenores. Como? O senhor está satisfeito? Eu também. Sim, senhorita, terminei. Até logo.

Preysing continuou na cabina escura, e só então se lembrou de apertar o botão da lampadazinha. "Mas, que história é essa?", pensou, espantado. "Como é

que vou viajar para Manchester? Como foi que essa ideia me ocorreu? É isso mesmo... vou para Manchester. Aqui eu aguentei firme, lá também vou aguentar. É muito simples. Muito simples", pensou ele, sentindo-se novamente mais seguro de si, e enfunando-se como um balão. Um êxito casual, insignificante e incerto, transformara um homem hesitante, de terno de sarja cinzenta, em um sujeito empreendedor e aventureiro, de princípios vacilantes e dúbios.

— A ligação custa nove marcos e vinte — avisou a telefonista.

— Ponha na conta — respondeu Preysing, caminhando imerso em pensamentos.

Sentia uma estranha antipatia em falar com Mulle. Na sala de refeições de sua casa fazia agora um calor excessivo; Mulle gostava de quartos bem aquecidos; Preysing teve a impressão de que a sala de refeições de Fredersdorf cheirava a couve-flor; teve a impressão de ver nas faces cheias e sonolentas de Mulle a marca vermelha das pregas do travesseiro, no momento em que ela segurava o fone, após a sesta. Não se decidiu. Não a chamou. Voltou à sala de refeições, onde, entretanto, um garçom perfeito colocara para ele o vinho no gelo, e pratos limpos e aquecidos sobre a mesa.

Preysing comeu, esvaziou seu copo de vinho, acendeu o charuto e, com as têmporas acaloradas e os pés frios, voltou ao quarto. Tinha uma sensação estranha, agradável e nebulosa, mas ao mesmo tempo sentia-se completamente vazio, em consequência da conferência. Teve vontade de tomar um banho bem quente, e abriu a torneira do banheiro. Justamente quando fez menção de despir-se, refletiu melhor, lembrando-se de que não é bom tomar banho com o estômago cheio; sentiu, no espaço de um instante de medo, as palpitações que o ameaçavam na banheira esmaltada, e soltou de novo a água, cheia de vapor. A impressão de cansaço e desconforto que sentiu materializou-se numa coceira no rosto e, quando tentou coçar-se, percebeu que não estava barbeado. Apanhou o chapéu e o sobretudo, como ao preparar-se para um negócio importante; não quis ir ao barbeiro do subterrâneo do hotel, com quem ainda estava zangado, por causa do que acontecera de manhã, e procurou nas ruas circunvizinhas um barbeiro de mais confiança.

Então o Diretor-Geral Preysing viveu uma experiência notável; esse homem de princípios sólidos, mas sem aparelho de barba, teve uma experiência; esse homem de intenções corretas, mas que, apesar de tudo, praticara uma ação duvidosa, um azarado, a quem pela primeira vez o êxito bafejara, ao qual esse bafejo levava... para onde? Podia parecer um acaso, talvez fosse o destino que lhe estava reservado. A experiência foi esta:

A pequena barbearia em que Preysing entrou era asseada e simpática. Havia quatro cadeiras, e dois senhores sentados; um deles era servido por um

empregado jovem, simpático, de cabelos encaracolados, e o outro pelo dono da barbearia, um homem idoso, com a aparência e os modos de um camareiro imperial. Preysing foi cumprimentado, alojado na terceira cadeira e envolvido numa capa e num peitilho. O cavalheiro que tivesse um momento de paciência, o primeiro oficial de barbeiro tinha ido almoçar, foi o que lhe participaram com toda a cortesia, pondo-lhe em seguida, nas mãos, um pesado maço de revistas ilustradas. Preysing, excessivamente cansado para opor qualquer resistência, reclinou a cabeça no pequeno encosto da cadeira, e respirou o aroma agradável que pairava na barbearia. Depois, com os nervos acalmados pelo ruído das tesouras, começou a folhear as revistas.

Primeiro pôs-se a ler, de uma maneira indiferente, quase a contragosto, porque não apreciava esse passatempo leviano, preferindo leituras instrutivas e sérias. Mas, após uns instantes, ele já se ria com uma ou outra piada, soltando uma risadinha curta e nasal; voltou as folhas para trás, para observar melhor uma mulher decotada, e em seguida virou uma página, e deixou-a aberta durante todo o tempo em que ficou sentado na cadeira de barbeiro. Realmente, concentrou-se de tal modo na observação dessa gravura, dessa fotografia de revista, que se sentiu estorvado quando o primeiro oficial voltou da sua refeição e se preparou para barbeá-lo.

A fotografia que o atraía desse modo nada tinha de especial; fotografias como essa eram encontradas às centenas em revistas cuja orientação desagradava a Preysing. A gravura representava uma mocinha nua, nas pontas dos pés, tentando olhar por sobre um biombo muito mais alto do que ela. Seus braços estavam levantados, e os delicadíssimos seios, com esse movimento, erguiam-se com uma graça especial, de modo tentador. No dorso esguio via-se o desenho delicado da musculatura. Na cintura, esse corpo se estreitava de um modo incrível, e abaixo do dorso delgado os quadris se encurvavam suavemente, prolongando-se nas linhas das coxas. Aqui, o corpo virava-se ligeiramente de lado, de modo que o ventre da mocinha mal se adivinhava como uma sombra suave, enquanto as coxas e os joelhos se distendiam, como a exprimir uma elástica curiosidade. Essa figura encantadora de mulher, de formas invulgarmente perfeitas, tinha também um rosto; e o que tornava a gravura extremamente excitante para o diretor-geral é que ele conhecia esse rosto. Era a carinha de gata da Flaemmchen, de nariz curto, com uma expressão animada e inocente, era o sorriso meigo de Flamm número dois, era o seu caracolzinho na testa, sobre o qual o esperto fotógrafo colocara um propositado reflexo luminoso; e, antes de mais nada, era a completa naturalidade, o modo simples e ingênuo com que ela o chamara de modo objetivo e modesto — Preysing recordou-se nesse instante — de um "bom nu". Preysing corou, enquanto teve

diante dos olhos essa gravura; um súbito e ardente rubor subiu à sua testa, impedindo-o de pensar com clareza, como lhe acontecia nos seus acessos de cólera, que faziam tremer toda a fábrica. Depois, suas veias, uma a uma, começaram a latejar dentro dele, ele o sentia, sentia o sangue a refluir nas veias, como há muito tempo não lhe acontecia.

Preysing era um homem de cinquenta e cinco anos; não era um velho, mas uma pessoa pacata, o esposo pouco exigente de Mulle, mulher já envelhecida, papaizinho inocente de filhas crescidas. Trotara atrás da Flamm número dois pelo corredor do hotel sem sentir a mínima excitação, e o borbulhar suave de seu sangue, nessa ocasião, aplacara-se de modo próprio. Agora, diante desse nu artístico, mal podia respirar.

— Com licença, cavalheiro — disse o barbeiro; e, com um gesto elegante, pousou o fio da navalha em sua face.

Preysing conservou a revista na mão, enquanto se reclinava para trás e fechava os olhos. Primeiro viu tudo vermelho, e depois enxergou a Flaemmchen. Não a Flaemmchen vestida, diante da máquina de escrever, nem a Flaemmchen despida da fotografia cinzenta, mas uma mistura vivaz e excitante de ambas. Uma Flaemmchen de carne e osso, de pele moreno-dourada e sangue rubro e palpitante, que continuava nua, com o busto erguido, a olhar com curiosidade por cima de um biombo. O Diretor-Geral Preysing não estava habituado a deixar sua fantasia trabalhar. Mas agora ela trabalhava. Havia soltado a manivela, desde que ele, pela manhã, colocara na mesa o telegrama, dizendo, de um modo descarado, uma mentira absurda. Agora sua imaginação se afastava rapidamente com ele, o que era apavorante e embriagador ao mesmo tempo. Enquanto a navalha deslizava com leveza e perícia em seu rosto, Preysing sentia coisas incríveis, coisas fantásticas, com a Flaemmchen nua, coisas incríveis consigo mesmo, que ele nunca julgara que pudessem acontecer.

— Quer que lhe raspe o bigode? — perguntou o barbeiro.

— Não — disse Preysing, estorvado em meio aos seus pensamentos. — Por quê?

— É que as pontas estão um pouco grisalhas, e isso envelhece. Se me permite um conselho, o cavalheiro aparentaria dez anos menos, sem bigode — sussurrou o barbeiro, com o sorriso bajulador de todos os barbeiros a refletir-se no espelho.

"Mas eu não posso me apresentar a Mulle sem bigode, como um macaco", pensou Preysing, olhando-se no espelho. Realmente, seu bigode estava grisalho, e sob o bigode havia sempre gotas de suor no lábio superior. "Ora, a Mulle...", pensou ele — e nesse instante, a bem dizer, o adultério já estava cometido.

— Está bem, pode raspá-lo. A qualquer momento posso deixar crescer de

novo o bigode.

— É claro, é facílimo — concordou o barbeiro, indo buscar em seguida mais sabão de barbear, para o grande empreendimento.

Preysing levantou a revista para olhar de novo a fotografia — mas isso só já não lhe bastava. Ele não queria mais ver, queria pegar, queria apalpar, queria sentir a Flaemmchen, palpitante e ardente.

No hotel repararam imediatamente no que acontecera ao bigode, mas não deram a perceber. Meu Deus do céu, estavam tão acostumados a observar as estranhas metamorfoses pelas quais passavam os cavalheiros que vinham da província para ficar uns dias no hotel... Preysing, que perguntava, apressado e ofegante, se havia correspondência para ele, recebeu uma carta de Mulle, que lhe colocaram na mão. Meteu-a simplesmente no bolso, sem a ler, e sem nenhum sentimento de carinho. Dirigiu-se então à cabina telefônica. "Preciso falar com Mulle", pensou, "mas posso chamá-la mais tarde." Entrou na cabina para ligações locais, pediu para falar com o gabinete do conselheiro Zinnowitz, e teve uma breve conversa com a Flamm número um. Desejava saber se a senhorita sua irmã estaria por acaso no gabinete.

Não, não estava mais.

Desejaria saber onde poderia ser encontrada.

Ah, respondeu a Flamm número um, hesitante, talvez ela se houvesse atrasado um pouco. Mas, nesse caso, a qualquer momento ela apareceria no hotel.

Preysing, diante do fone, ficou com uma cara de idiota.

— No hotel? Aqui? No Grande Hotel? Por quê?

— Pois é — disse a Flamm número um, precavida e indecisa. Isso pelo menos é o que ela entendera. Flaemmchen tinha ido para o hotel, e então ela, a Flamm número um, julgara que a irmã fora chamada de novo para datilografar. Mas talvez a Flaemmchen tivesse algum encontro, o que nunca se podia saber com certeza, pois, nesse ponto, a Flaemmchen era muito esquisita, muito diferente dela, a Flamm número um. Mas pontual ela era; quando prometia qualquer coisa, cumpria o prometido; por isso, iria com certeza ao hotel.

Preysing agradeceu e pôs o fone no gancho, atrapalhado. Dirigiu-se de novo, inquieto, à portaria, atravessando o *hall*. Ouvia-se perfeitamente a música saltitante que vinha do pavilhão amarelo.

— Minha secretária perguntou por mim? — informou-se ele com Herr Senf. O porteiro voltou para ele o rosto muito atento e tolo.

— Quem, por favor?

— Minha secretária. A senhorita a quem eu ditei cartas ontem — informou Preysing, excitado.

O pequeno Georgi meteu-se na conversa.

— Ela não perguntou nada, mas esteve no *hall*, há uns dez minutos, a moça loura, magra, não é isso? Eu acho que ela está no chá das cinco, no pavilhão amarelo, do outro lado do *hall*, segundo corredor atrás do elevador; o senhor vai perceber pela música.

Seria próprio de um diretor-geral, vestido com um terno de sarja, andar atrás dos sons apimentados de uma orquestra de *jazz*, através de corredores desconhecidos, à procura de uma jovem e leviana datilografa, com quem ele nada tinha que ver, do ponto de vista jurídico? Mas é que Preysing está quase a desviar-se do bom caminho, quase a escorregar, e não o percebe. Só percebe que seu sangue corre de modo diferente do costume, diferente dos quinze ou vinte últimos anos, e ele quer a qualquer preço agarrar-se a esse sentimento, tirar proveito dele. O bigode está raspado, não foi feita nenhuma ligação telefônica para a Mulle, e, quando ele abre a porta do pavilhão amarelo e sente a atmosfera desconhecida dessa sala, o assunto complicado com Chemnitz e Manchester, incerto e ainda por esclarecer, fica quase esquecido.

A essa hora, às cinco horas e vinte minutos, o pavilhão amarelo está diariamente entupido de gente. As cortinas de seda amarela, franzidas vaporosamente, estão fechadas diante das janelas altas; nas paredes estão acesas lampadazinhas amarelas, e nas mesinhas também há lampadazinhas acesas, com abajures amarelos. Está quente, ali dentro; dois ventiladores zunem, e paira no ar o burburinho humano. As pessoas estão sentadas bem perto umas das outras; cada um sente o calor do seu vizinho, porque uniram as mesinhas, para dar mais espaço aos que estão dançando no centro da sala. No forro abobadado estão pintadas formas vagas de bailarinos, em lilás e prateado; por vezes, quando tudo se movimenta, o forro causa a impressão de um espelho embaciado, em que se refletem os dançarinos cá de baixo. Tudo o que se passa ali dá uma impressão estranha de ângulos e de ziguezagues; a dança não é circular, mas apenas um estremecimento que se eleva e abaixa; e Preysing, que foi soprado até ali pelos rumores de seu sangue, para procurar uma certa Flaemmchen, ficou completamente tonto. Não via mais as pessoas inteiras, mas tudo se separava em confusão, só tinham cabeça ou coxas, como certa espécie de quadros modernos, que Preysing, em razão da loucura que representavam, não podia suportar. Porém, o mais importante e digno de reparo no pavilhão amarelo era a música. Era executada por sete cavalheiros indescritivelmente satisfeitos, de camisas brancas e calças curtas, a célebre Eastman Jazzband, cuja música era de uma vivacidade maluca, tamborilava sob as solas dos pés, fazia cócegas nos músculos dos quadris. Havia dois saxofones que choramingavam e outros dois que zombavam deles com um jeito satírico e sarcástico. O *jazz* serrava, estalava,

teimava, matraqueava, cacarejava, pondo ovos sobre a melodia, ovos que eram em seguida esmagados — e quem caísse dentro do círculo dessa música ficava prisioneiro do ritmo convulsivo da sala, parecia até enfeitiçado.

Preysing, no entanto — empurrado de um lado para o outro pelos garçons que levavam bandejas cheias de taças com gelo —, ficara parado à porta, e reparou que começou a contrair os músculos das pernas enquanto, mal-humorado, procurava enxergar a Flamm número dois. Seu lábio superior, nu e remoçado, cobriu-se novamente de suor; ele tirou do bolso o lenço, enxugou o rosto, e depois meteu o lenço no bolsinho exterior do paletó, onde em geral só costumava guardar a caneta-tinteiro. Com um olhar de esguelha, muito encabulado, arranjou a ponta do lenço, deixando-o cair como uma graciosa bandeirola; isso parecia legitimar o seu direito de pertencer a essa parte animada do Grande Hotel. Aliás, ninguém se importava com ele. Poderia ficar ali o tempo que quisesse, e procurar entre duzentas jovens e esbeltas dançarinas uma determinada senhorita.

— Quando vi que o senhor não estava aqui às cinco e dez pensei: ele vai dar um bolo. Você vai ver, ele vai dar um bolo, pensei — disse a Flaemmchen, que estava dançando com Gaigern uma lânguida variação do *charleston,* uma dança nova, com uma pequena síncope, que dava um golpe na perna. Seus corpos se ajustavam plenamente na dança.

— Absolutamente. Pensei o dia inteiro na senhora, e me alegro de poder revê-la — disse Gaigern.

Essa frase lhe saiu com a mesma leveza e languidez, com a mesma facilidade com que ele dançava. Gaigern era apenas alguns centímetros mais alto do que a Flaemmchen, e fitou com um leve e amável sorriso os olhos de gatinha da moça. Ela estava vestida com um vestidinho de seda leve, azul; ao pescoço trazia um colar de contas de vidro lapidado, e usava um chapeuzinho, desses fabricados em série e vendidos por um marco e noventa. Estava encantadora, com os requisitos de uma elegância rebuscada.

— É verdade mesmo que o senhor se alegrou? — perguntou ela.

— Metade verdade, metade invenção — replicou Gaigern com sinceridade. — Passei o dia hoje caceteadíssimo — acrescentou suspirando. — Estou servindo de cicerone para um senhor de idade, por necessidade, é claro.

— E por que faz isso?

— Preciso conseguir uma coisa dele.

— Ah! — disse a Flaemmchen, compreensiva.

— A senhora também precisa dançar com ele — disse Gaigern, apertando-a de leve.

— Que nada!

— Não é isso. Mas eu vou lhe pedir encarecidamente. Ele não sabe dançar, compreende? Mas tem tanta vontade de aprender! A senhora dá apenas algumas voltas com ele — para me fazer um favor.

— Bem, vamos ver! — prometeu a Flaemmchen. Continuaram a dançar, calados. Gaigern trouxe mais para perto o corpo da moça, sentindo que as costas dela obedeciam documente aos movimentos de sua mão. Isso, porém, não o alegrava, pelo contrário, causava-lhe raiva, até.

— Então, que aconteceu? — perguntou a Flaemmchen, pressentindo o que se passava.

— Ah!... Não é nada! — resmungou Gaigern, sentindo ódio de si próprio.

— Que está querendo? — perguntou a Flaemmchen com solicitude. Achava-o lindo, com aquela boca, e a cicatriz no queixo... E os olhos também, um pouco oblíquos. Sentia forte inclinação por ele.

— A gente tem vontade de fazer qualquer coisa maluca, já que não acontece nada. Agora tenho vontade de mordê-la, ou de brigar com a senhora. Ou de esmurrá-la, até. Ora! Hoje à noite vou à luta de boxe; ali, pelo menos, acontece alguma coisa.

— Ah, é? — disse a Flaemmchen. — O senhor vai hoje à noite à luta de boxe? Ah, sei.

— Com aquele senhor de idade — afirmou Gaigern.

— Se o senhor... acabou — disse a Flaemmchen, quando a música parou. Ela se pôs então a bater palmas freneticamente, deixando-se ficar onde estava. Gaigern fez menção de tirá-la do meio da sala e levá-la a uma mesinha, onde ele deixara Kringelein diante de uma xícara de café. A música começou de novo, quando os dois já se encontravam a meio caminho, entre a confusão e o aperto.

— Tango! — exclamou a Flaemmchen, excitada.

E a moça tomou posse de Gaigern, simplesmente. A palma de sua mão encostava-se à dele, implorando e aquiescendo. Suas coxas já se emparelhavam no passo lânguido e arrastado do tango. Fez-se um vazio na sala, em redor deles, porque dava prazer vê-los dançar.

— O senhor conduz otimamente — sussurrou a Flaemmchen, como se fizesse uma declaração de amor. Gaigern nada tinha a replicar. — Ontem o senhor estava tão diferente... — disse um pouco mais tarde.

— É... ontem — respondeu Gaigern. Disse isso como se estivesse a dizer: há cem anos. — Aconteceu uma coisa de ontem para hoje — acrescentou.

Sentia que uma compreensão simples e natural os unia, e de repente teve desejos de se confiar a ela.

— Esta noite eu me apaixonei, uma paixão muito séria, compreende? — disse ele baixinho, dançando o tango que vibrava no ar. — Isso vira a cabeça da

gente. É um sentimento avassalador. É como se...

— Mas isso não é nada de extraordinário — observou a Flaemmchen, ironicamente, sentindo-se triste, desiludida.

— É sim, é uma coisa extraordinária. A gente tem vontade de se transformar por completo, compreende? De repente acha que só existe uma mulher no mundo, só essa mulher, e o resto não tem mais nenhum valor. A gente acha que não é mais capaz de dormir, a não ser com essa mulher. É como se passasse por nós um furacão. Como se nos tivessem posto dentro de um canhão, e depois atirado à Lua ou a outro lugar qualquer, onde tudo é diferente.

— E como é ela? — perguntou a Flaemmchen — e qualquer outra em seu lugar teria perguntado o mesmo.

— Ah! Como ela é? Aí é que está... É muito velha e magra, muito leve, sou capaz de levantá-la do chão com um dedo. Tem rugas, aqui e aqui, e olhos pisados. E fala numa linguagem de baixo calão, como um *clown;* tem-se vontade de rir e de chorar ao mesmo tempo, ao ouvi-la. E isso tudo me agrada de um modo incrível, não há nada a fazer. É o grande amor.

— O grande amor? Mas isso não existe — disse a Flaemmchen. Ao afirmar isto, ela tinha uma carinha espantada e teimosa de gata, como às vezes os amores-perfeitos têm nos canteiros.

— Como não, como não? Existe, sim — disse Gaigern.

A Flaemmchen ficou tão impressionada com essas palavras, que parou um segundo, em meio ao tango, e sacudindo a cabeça olhou Gaigern.

— São frases, apenas — murmurou ela ao mesmo tempo.

Nesse momento exato os olhos de Preysing descobriram finalmente o vulto procurado, no meio da confusão erótica e lânguida do tango. Com um sentimento de zanga e extrema impaciência, esperou que a dança lenta terminasse e depois foi-se espremendo entre os pares, até a mesinha em que a Flaemmchen tomara lugar entre dois senhores, que Preysing tinha a impressão de conhecer. No hotel, essa espécie de conhecimentos de vista eram correntes; passava-se por alguém no elevador, encontrava-se com alguém na sala de refeições, no banheiro e no bar, girava-se um diante do outro na porta giratória, nessa porta que estava sempre a rodar, deixando entrar e sair gente, para dentro e para fora do hotel.

— Boa tarde, Fräulein Flamm — disse o diretor-geral com a voz tornada rouca e grosseira pela timidez; postou-se ao lado da cadeira da moça, encolhendo a barriga para dar passagem ao garçom.

A Flamm número dois apertou as pálpebras, até conseguir registrar a presença imprevista de Preysing.

— Ah, é o senhor diretor — disse então, amavelmente. — O senhor também

dança? — ela olhou a fisionomia contraída dos três homens; estava habituada a ver essa expressão nos semblantes dos homens que a rodeavam. — Os senhores já se conhecem? — perguntou com um gesto distinto de mão, que copiara de uma estrela de cinema.

Não podia apresentá-los, porque não sabia como se chamavam os seus cavalheiros. Preysing e Gaigern murmuraram algo, e o diretor-geral apoiou na mesa uma mão repleta de sentimento de posse, enquanto passava rente a ele, à altura da cabeça, uma perigosa bandeja com copos de laranjada, que o garçom equilibrava.

— Boa tarde, Herr Preysing — disse de repente Kringelein, sem erguer-se da cadeira.

Cada uma das suas vértebras lhe doía, por causa do enorme esforço que teve de fazer para não ser atacado de tremedeira e não cair estatelado, voltando a ser o miserável Kringelein da caixa da fábrica. Ficou de ombros contraídos; tudo nele se contraiu; lábios, dentes, até mesmo as narinas, que tomaram um aspecto redondo e feio, como as dos cavalos. Mas ele se portou à altura do grave momento; forças nunca pressentidas fluíam do seu jaquetão preto de corte impecável, da sua roupa de baixo, da sua gravata, de suas unhas bem cuidadas, enchendo-o de energia. O que quase o fez perder o *aplomb* foi o fato de Preysing também ter se transformado; continuava a usar o mesmo terno de Fredersdorf, mas não tinha mais bigode.

— Não sei bem... desculpe-me... mas acho que já nos conhecemos... — disse Preysing com a maior amabilidade que lhe permitia a excitação que sentia por causa da Flaemmchen.

— Sim, senhor. Kringelein — afirmou este. — Trabalho na fábrica.

— Ah — disse Preysing, esfriando. — Kringelein. Nosso representante, não é? — acrescentou, reparando na elegância de Kringelein.

— Não. Guarda-livros. Auxiliar de guarda-livros no *bureau* de pagamentos. Sala 23. Edifício C. Terceiro andar — informou Kringelein conscienciosamente, mas sem devoção.

— Ah — repetiu Preysing, pensativo. Seu desejo era afastar nesse momento a aparição indesejável e incompreensível de um auxiliar de guarda-livros de Fredersdorf no pavilhão amarelo do Grande Hotel. — Preciso falar com a senhora, Fräulein Flamm — disse ele, retirando a mão do encosto da cadeira da Flaemmchen. — Trata-se de um novo serviço de datilografia — acrescentou num tom de chefe, que feriu os ouvidos do sujeito de Fredersdorf.

— Está bem — concordou a Flaemmchen. — Quando é melhor para o senhor? Às sete, sete e meia?

— Não, já — disse Preysing em tom ditatorial, enxugando o suor do rosto.

Aquele indivíduo de Fredersdorf tinha também um lenço no bolso do paletó, uma flamulazinha de seda, revolucionária e leviana.

— Infelizmente, já, já não é possível — disse a Flaemmchen amavelmente. — Já estou comprometida. Não posso deixar estes senhores aqui. Ainda preciso dançar uma vez com Herr Kringelein.

— Herr Kringelein vai ter a amabilidade de desculpá-la — disse Preysing, contendo-se. Era uma ordem. Kringelein sentiu que os vinte e cinco anos de um sorriso subalterno queriam insinuar-se em seus lábios paralisados. Controlou-o, fazendo-o recuar para a pele do rosto, engelhada e quase fria. Procurou auxílio e forças em Gaigern. O barão tinha um cigarro no canto da boca, e a fumaça subia ao longo das pestanas de seu olho esquerdo, que ele piscou com expressão brejeira e compreensiva.

— Não penso absolutamente em desistir — comentou Kringelein. Após lhe escaparem estas palavras, ficou imóvel como uma lebre, que finge estar morta no carreiro de um campo. De repente, Preysing, ao ver aquela expressão obstinada, recordou-se de um relatório a respeito de Kringelein, que lhe haviam apresentado há poucos dias.

— É estranho — disse ele com a voz nasal e temida da fábrica. — É estranhíssimo. Agora já sei do que se trata. O senhor participou à fábrica que estava doente, não é? Herr Kringelein, hein? Sua mulher pediu um subsídio ao Fundo de Auxílio aos Doentes, por causa de moléstia grave. Nós lhe demos férias de seis semanas, pagas. E o senhor se encontra em Berlim, divertindo-se, hein? Anda atrás de divertimentos que não condizem nem com a sua posição nem com o seu ordenado. É muito estranho. Estranhíssimo, Herr Kringelein. Nós vamos rever com cuidado os seus livros, pode estar certo disso. Vamos deixar de pagar-lhe as férias, já que o senhor está tão bem de saúde, Herr Kringelein! Vamos...

— Olhem, meninos, nada de brigas aqui. Vão entender-se no seu escritório — disse a Flaemmchen, com modos afáveis e conciliantes. — Nós estamos aqui para nos divertir. Vamos, Herr Kringelein, agora vamos dançar.

Kringelein firmou-se nas pernas, esticando os joelhos, que pareciam de borracha, mas que se consolidaram a olhos vistos quando a Flaemmchen colocou o braço no ombro dele. A música tocava aos solavancos uma coisa rapidíssima, algo semelhante à corrida de automóvel a cento e quinze quilômetros por hora, e ao motor de avião. Isso lhe deu forças para dizer as frases que vinha preparando há vinte e cinco anos, em sua vida de empregado subalterno. Arrastado pela Flaemmchen para o meio da sala, falou em voz alta, virando a cabeça para trás:

— Quem sabe se o mundo pertence só ao senhor, hein, Herr Preysing? O senhor será diferente de mim? Quem sabe se as pessoas como eu não têm o

direito de viver?

— Que é isso, que é isso! — exclamou a Flaemmchen. — Aqui não se fala aos berros, aqui se dança. E agora, não olhe para os pés, olhe para o meu rosto, e vá andando, vá andando calmamente, vou guiá-lo.

— Mas que impostor! — rangeu Preysing por entre os dentes, por trás deles. E ficou diante da mesa, trêmulo de cólera. Gaigern, a fumar, ouvindo essas palavras, sentiu um impulso raro, uma espécie de compassivo coleguismo, misturado a uma repulsa, violenta e sarcástica, pelo corpulento e suarento diretor-geral. "Era preciso colocar-lhe um par de sanguessugas na pele, amiguinho", pensou ele.

— Deixe que o pobre-diabo se divirta! — disse a meia voz. — Basta olhar para a cara dele para ver que está às portas da morte.

"Não lhe pedi nenhum conselho", pensou Preysing, mas não teve coragem de dizê-lo, porque sentia obscuramente a raça superior do barão.

— Peço-lhe o favor de dizer a Fräulein Flamm que a espero no *hall*, para um assunto urgente. Se ela não aparecer até as seis, dou o assunto por terminado — disse ele, curvando-se ligeiramente. Em seguida retirou-se.

Intimidada por esse ultimato, a Flaemmchen apareceu no *hall* três minutos antes das seis. Preysing ergueu-se das brasas ardentes em que estivera sentado nesse ínterim, e sorriu com profunda satisfação. Como ele sorria raramente, essa amabilidade o tornou mais bonito, e causou efeito imprevisto.

— Cá está a senhora — disse ele, estonteado.

Há muitas horas ele se contorcia, se martirizava, ardia, com um único pensamento: saber se a Flaemmchen era conquistável. Suas experiências com mulheres eram modestas, e datavam de muitos anos atrás. Dessa geração nova de mocinhas, ele fazia apenas uma ideia vaga, apesar de, nas reuniões masculinas, e em conversas íntimas nas viagens profissionais, dizerem com frequência que essa espécie de meninas era fácil de conquistar. Pôs-se a observar a Flaemmchen, as suas pernas cruzadas, com meias de seda, o colar de pedras de vidro imitando cristal, sua pintura, que ela nesse instante renovava, apertando os lábios, e ficou sem saber em que se basear, nessa pessoa despreocupada, para as suas suposições.

A Flaemmchen fechou o estojinho de pó de arroz e perguntou:

— Então, de que se trata?

Preysing apertou o charuto entre os dedos, e desembuchou:

— Trata-se do seguinte — começou ele: — preciso viajar para a Inglaterra, e preciso levar comigo uma secretária. Em primeiro lugar, por causa da correspondência; depois, porque desejaria ter com quem conversar durante a viagem. Sou muito nervoso, muito nervoso, mesmo — afirmou, apelando

inconscientemente para a compaixão da moça —, e preciso ter alguém na viagem que se ocupe de mim. Não sei se a senhora me compreende. Ofereço-lhe um emprego de confiança, em que a senhora... em que..

— Já estou compreendendo — disse a Flaemmchen, baixinho, ao perceber a atrapalhação dele.

— Acho que nos daremos bem na viagem — afirmou Preysing.

O delicioso fluir e latejar do seu sangue nas veias diminuíra durante tão difíceis negociações, mas quando ele fitou a Flaemmchen consolou-se, sentindo que ela iria fazer com que tudo isso despertasse de novo, assim que o desejasse.

— A senhora contou-me que no ano passado também viajou com um cavalheiro, e isso me fez ter esta ideia... eu acho que seria muito agradável, se a senhora quisesse. A senhora quer?

A Flaemmchen pensou durante cinco longos minutos.

— Preciso pensar primeiro — respondeu ela, com expressão ajuizada e preocupada, fumando o seu indefectível cigarro. — Para a Inglaterra? — perguntou depois. A cor moreno-dourada da sua pele clareou um pouco, o que talvez significasse que empalidecera. — Ainda não conheço a Inglaterra. E por quanto tempo?

— Por... não sei lhe dizer ainda com exatidão. Isso depende. Se os meus negócios lá correrem bem, tiro talvez mais catorze dias de férias, e podemos ficar em Londres, ou ir para Paris.

— Bom, pode-se arranjar; já sei mais ou menos do que se trata, pelas cartas — disse a Flaemmchen com segurança.

O otimismo era o elemento em que ela se movia. Preysing sentiu-se animado ao perceber que ela estava a par dos seus negócios, e profetizava o sucesso.

— A senhora ainda precisa me dizer quanto quer de ordenado — declarou ele, com o tom de quem dizia um galanteio.

Desta vez demorou mais, até que a Flaemmchen respondesse. Tinha que fazer um extenso balanço. A renúncia à aventura principiada com o belo barão se incluía nele, os pesados cinquenta anos de Preysing, sua gordura, seu fôlego curto. Pequenas dívidas aqui e ali. A necessidade de roupa de baixo nova, de sapatos bonitos — os azuis não iam durar muito. O pequeno capital de que necessitava para iniciar carreira no cinema, na revista, em qualquer parte. A Flaemmchen pesou calmamente e sem sentimentalismo a oportunidade do negócio que lhe era proposto.

— Mil marcos — disse ela, achando que era suficiente; não tinha ilusões a respeito das quantias que hoje em dia se depunham aos pés das mulheres bonitas. — Talvez um pouquinho mais para a roupa de viagem — acrescentou, um pouco mais tímida do que de costume. — O senhor há de querer que eu tenha uma

bonita aparência...

— Para isso a senhora não precisa se vestir. Pelo contrário — disse Preysing, excitado. Ele julgou que tinha dito uma frase espirituosa. A Flaemmchen sorria melancolicamente, o que deu um aspecto estranho à sua saudável carinha de amor-perfeito. — Então está combinado? -— perguntou Preysing. — Amanhã ainda tenho umas coisas a fazer aqui; é preciso também arranjar os passaportes, e poderemos viajar depois de amanhã. Está contente por ir conhecer a Inglaterra?

— Muito — respondeu a Flaemmchen. — Então amanhã eu trago a minha máquina de escrever portátil e o senhor pode ir logo ditando.

— E hoje à noite... se a senhora concordar... pensei que hoje à noite poderíamos ir a um teatro... Temos que tomar um copo de vinho para festejar o nosso contrato, não é? O que acha?

— Hoje, já? — disse a Flaemmchen. — Bom. Hoje, já.

Ela soprou o seu caracolzinho para cima, e atirou o cigarro amassado no cinzeiro. Podia ouvir perfeitamente a música do pavilhão amarelo. "Não se pode ter tudo", pensou. "Mil marcos. Vestidos novos. E Londres também não é para desprezar."

— Preciso telefonar para minha irmã — disse ela, levantando-se. Preysing sentiu-se percorrido por uma onda de calor, apaixonada e grata, que o inundou completamente; colocou-se então por trás dela e pegou delicadamente, com ambas as mãos, seus cotovelos, que ela apertava de encontro ao corpo.

— Quer ser boazinha para mim? — perguntou ele em voz baixa.

E igualmente baixinho, com os olhos voltados para a passadeira cor de amora, a Flaemmchen respondeu:

— Se não tiver muita pressa...

# 13

Kringelein, o automobilista, o aviador, o vencedor, continuava sua corrida, nesse dia em que se sentia viver. Talvez os artistas malabaristas que fazem o *looping the loop,* chegando à beira da morte, se sintam também como ele. Kringelein principiou a atirar-se de cabeça para baixo num círculo, e agora é arrastado de acordo com leis que ele não tem mais o poder de controlar. Tomar a direção contrária significaria a queda, e por isso ele continua a correr, para a frente, para baixo, para cima, ele não sabe mais para onde, porque perdeu a direção. Transformou-se em um pequeno cometa, a zumbir pelo espaço, que em breve vai se dispersar em átomos.

O automóvel buzina outra vez ao longo do Kaiserdam, novamente eles se encontram no entroncamento de uma moderna Berlim, o facho de luz da torre da emissora vai circulando, a cortar trechos claros da cidade; diante do Sportpalast aglomera-se gente, lembrando uma nuvem escura como abelhas diante do orifício de entrada da colmeia, com um zumbido ritmado e ativo. Kringelein nunca vira um ambiente tão grande como esse estádio, nem tanta gente reunida num lugar só. Atrás de Gaigern, que caminha diante dele como uma torre, ele é arrastado até o seu lugar, na frente, bem perto da claridade crua do quadrado iluminadíssimo, ao qual se dirigem catorze mil pares de olhos. Gaigern vai explicando muitas coisas, mas Kringelein não compreende nada. Sente medo de novo, meu Deus, tem medo, porque não gosta de ver sangue, nem luta ou brutalidade. Com horror ele se recorda nesse momento do seu trabalho como auxiliar de enfermeiro, que lhe reservaram na guerra, porque não era apto para outra coisa. Timidamente, admira os homens musculosos a desfilar, vê-os despir os roupões de banho e expor sua carne rija, ouve com respeito o alto-falante, e bate palmas quando todos batem palmas. "Quando ficar muito impressionante, eu olho para outro lado", pensa ele em segredo, ao começar o primeiro *round.* Mas, no início, tem a impressão de que aqueles dois sujeitos lá em cima, de porte delicado e magro, e nariz achatado, estão apenas brincando. Brincando como gatinhos novos, diz a si mesmo, começando a sorrir com certo alívio. Gaigern, pelo contrário, está tão sério e concentrado que Kringelein fica impressionado. O estádio está silencioso, e os pugilistas também; às vezes, pode-se ouvi-los respirar cautelosamente pelo nariz, e seus passos de bailarinos, com os sapatos delicados de pugilistas, são quase inaudíveis. Depois, em meio ao silêncio, o

som abafado e redondo da luva de couro — e a sala, pela primeira vez, ruge de alto a baixo, até lá em cima na atmosfera enfumaçada onde a galeria, com milhares de rostos, desaparece por sob o vigamento do teto. "Mais", pensa Kringelein, a quem o rumor do soco encheu de uma satisfação doce e febril, que imediatamente se transforma em ânsia. Pancada de gongo, homens saltando por cima das cordas, baldes, cadeiras, esponjas, toalhas voam por sobre as cordas, os pugilistas estão caídos nos seus cantos e respiram de línguas pendentes como cães perseguidos; borrifam água neles, água que não é para ser engolida. A água chega perto do lugar de Kringelein, que enxuga respeitosamente as gotas da sua capa, com um sentimento de companheirismo esquisito pelo homem que está ali no canto. Gongo. Imediatamente o foco de luz se dirige de novo para a luta, o estádio cessa de súbito o seu murmúrio e todos prestam atenção. Soco, soco, soco. Gritos na galeria, silêncio. Soco. O primeiro sangue corre sobre o olho de um deles, e o homem ri-se. Soco, soco, e um arquejar. Kringelein sente seus pulsos contraídos nos bolsos da capa, como dois objetos duros, estranhos. Gongo. Novamente movimento nos cantos, as toalhas voando, as batidas, as massagens; os corpos já estão luzidios de suor, cá embaixo todos os rostos são verdes e frios ao reflexo da luz, e os homens se levantam de suas cadeiras e discutem, excitados.

— Agora vai começar, finalmente — disse Gaigern, logo após começar o terceiro *round,* e Kringelein ouve com um leve arrepio esse aviso de Gaigern, que faz prever acontecimentos excitantes. Os pugilistas lá em cima — ele não consegue distinguir um do outro, porque os dois têm o osso do nariz quebrado, e só na pausa ele toma partido a favor do homem no canto perto dele. Os dois, agora, atiram-se como selvagens um de encontro ao outro, agarram-se violentamente, e por vezes isso causa a impressão de uma carícia furiosa e impertinente.

— Arrebenta! — grita o estádio por catorze mil gargantas. Kringelein também grita. Aqueles dois sujeitos lá em cima devem dar murros, e não ficar apoiados à corda, cambaleantes. Por tudo desta vida ele deseja ouvir de novo aquele rumor abafado e cheio, redondo, com que a luva atinge a carne.

— Blynx está grogue. Não aguenta por muito tempo — murmurou Gaigern, e sua dentadura perfeita de cão fica visível por sob o lábio superior que se eleva. Lá em cima o juiz, de camisa de seda branca, pula entre os corpos musculosos e ensanguentados, separando-os sempre. Kringelein acha muito amável que os homens suportem essa intervenção. Fica de olhos grudados no homem que parece estar grogue, expressão técnica para um final completamente inconsciente. Esse homem, o Blynx, tem agora uma bolha azul, pendente como um fruto sobre seu olho direito, suas costas e seus ombros estão lambuzados de

sangue, e às vezes ele cospe sangue diante dos pés do juiz. Conserva a cabeça completamente inclinada, o que pode estar certo, mas causa ao inexperiente Kringelein a impressão de extrema covardia. Cada vez que esse tal de Blynx recebe um soco, Kringelein se alegra de um modo excessivo e bestial, que sobe das profundezas de seu sangue. Tudo o que está vendo ainda é pouco para ele. Cada soco em cheio ele acompanha com um gritinho de alívio, para ficar à espera imediatamente, de boca aberta e cabeça estendida, do próximo soco. Gongo. Pausa. Gongo. *Round.* Gongo. Pausa. *Round.* Pausa. *Round.*

No sétimo *round* Blynx foi derrotado. Cambaleou para a frente, caiu no chão, virou de costas e ficou estatelado. As vinte e oito mil mãos do estádio vibravam numa saraivada de aplausos. Kringelein ouviu sua própria voz a uivar, rouca, e viu suas próprias mãos aplaudindo de um modo maluco. O que se passava lá em cima, no ringue, ele só compreendia em parte. O homem de camisa de seda colocou-se sobre o derrotado e contou com um braço que parecia um martelo. Em certo momento Blynx fez um movimento, como os cavalos tombados no gelo escorregadio, mas não conseguiu erguer-se. Nova gritaria na sala. O povo trepava nas cordas, abraços, beijos, ruído de alto-falante, tumulto na galeria. Quando Blynx foi arrastado dali, Kringelein, completamente exausto, caiu sobre a cadeira dura. O esforço que fizera fora demasiado, os ombros e braços lhe doíam.

— Então, o senhor está completamente sufocado de entusiasmo — disse-lhe Gaigern. — Isso contagia a gente, hein?

Kringelein recordou-se de certa noite, mil anos atrás.

— Isso é bem diferente da Grussinskaia, ontem — respondeu ele, pensando com uma compaixão rebarbativa no teatro vazio, nas ninfas fantasmagóricas e melancólicas, a girar em círculo, na pomba ferida ao clarão do luar e nos minguados aplausos, acompanhados dos comentários de Otternschlag.

— A Grussinskaia! — disse Gaigern. — Ah, sim, é completamente diferente. — Começou a rir interiormente. — Faziam muito fricote em torno da Grussinskaia — disse ainda, vendo-a diante de si, como se fosse real, sentada em seu camarim, em Praga, repousando, a pensar que a noite passada a cansara, de fato, mas a rejuvenescera e lhe dera coragem.

— Esta luta de agora não foi grande coisa. O principal vem agora — disse ele a Kringelein. Kringelein contentou-se com esse ensinamento. Ele próprio tinha a impressão de que devia vir algo mais, socos ainda mais vibrantes, arquejos ainda mais fortes, sensações mais ruidosas ainda. "Avante", pensou ele. "Avante. Avante, vamos!"

Avante. Dois grandes gigantes entram no ringue, um branco e um preto. O preto é alto, esguio, com uma pele aveludada, que reflete a luz prateada. O

branco é cheio de corpo, com uma almofada de músculos nos ombros, e uma cara quadrada de animal. Kringelein gostou logo do negro. Todo o estádio gosta do negro. Apresentação pelo alto-falante. O estádio fica imerso em completo silêncio, para assistir à luta. Então tudo recomeça, a brincadeira, os passos de dança, os pulos, o humilhante aproximar-se de mansinho e os saltos elásticos para trás, o entrelaçar-se dos corpos branco e negro na luta corpo a corpo, excitada e séria como no amor, soco após soco, entremeados apenas pelo gongo, para tomar respiração. Três minutos de luta, um minuto de respiração, três minutos, um minuto, quinze vezes, durante uma hora, três minutos de luta, um minuto de respiração. Mas desta vez a luta é completamente diferente, mais rápida, como um relâmpago, com súbitos ataques do preto, com uma selvageria impulsiva do branco, ardente como um fogo forte.

Kringelein se derrete todo. Kringelein não está mais sozinho, não mora mais dentro de si mesmo como uma habitação arruinada. Kringelein é um dos catorze mil indivíduos que estão ali, é um rosto esverdeado e desfigurado entre os incontáveis rostos do estádio, seus gritos se unem ao grito poderoso que sai da garganta de todos. Ele respira quando os outros respiram, e contém a respiração quando o estádio inteiro arqueja com os pugilistas. Suas orelhas estão queimando, ele fecha os punhos, tem os lábios secos, o estômago frio, e engole a doce saliva do entusiasmo, que lhe desce pela garganta já rouca. Avante, avante!

Nos dois últimos *rounds* parece que o negro de Kringelein está em vantagem. Seus pulsos tamborilam curtas séries de socos nos músculos do branco, que por duas vezes cai sobre as cordas, de braços abertos. Ambos riem, como narcotizados. A respiração sai de seus corpos como a respiração de máquinas. O último *round* é acompanhado de um berreiro incessante e uma trovejante pateada. Kringelein berra e bate os pés. Gongo. Depois tudo cessa. Kringelein senta-se, completamente coberto de suor. O alto-falante pede silêncio. O alto-falante fala. O alto-falante anuncia a vitória do branco.

— Como? O quê? É revoltante! — berra Kringelein. Ele berra por catorze mil gargantas, sobe na cadeira, e todos os outros sobem nas cadeiras e berram:

— Marmelada, marmelada!

A sala endoidece. Kringelein endoidece. Avante, mais ainda! Avante! Avante! A galeria urra, assobia, guincha. Vão despencar, essas galerias de madeira, em meio à poeira, às exalações e à comoção da multidão descontente. Os pugilistas, de encontro às cordas brancas, apertam-se as mãos desajeitadamente, com as luvas de boxe, sorriem como se os estivessem fotografando. Começa a chover no estádio. Chovem caixinhas, pacotes vazios de cigarros, maçãs, e finalmente copos e garrafas; o ringue antes tão limpo cobre-se de objetos amassados, sob a coberta o assobio continua, lá atrás algumas pessoas

já começam a distribuir pancadaria. Parece gente em pânico, aquela multidão de catorze mil pessoas a se movimentar em confusão. Kringelein recebe na cabeça uma pancada forte e pesada, mas nem a percebe.

Kringelein está de punhos cerrados. Sente vontade de bater, de lutar, de dar pancada no juiz injusto. Procura Gaigern com os olhos. Gaigern está bem próximo do ringue, rindo como alguém que a chuva primaveril molha, meio sedento e pouco satisfeito. Kringelein, no estado em que estava, com os sentidos completamente dispersos, é tomado por uma simpatia violenta por esse homem que tem o aspecto da própria vida. Gaigern puxa-o e arrasta-o para fora do estádio endoidecido. Por trás dele Kringelein vai andando, como se o protegesse um escudo cálido e resistente.

Avante! A Gedaechtniskirche, com seus muros brancos em que se refletem os milhares de luzes em seu redor, traços brilhantes de rodas dos veículos no asfalto cheio de gasolina, homens que parecem negros diante das vitrinas iluminadas da Tauentzinstrasse. Depois, de repente, o silêncio e a escuridão por sob as árvores do Bayenviertel, pequenas praças a delinear-se nas trevas, com seu pedregulho, seus roseirais e suas lanternas. Avante!

O cassino. Os enormes aposentos de uma antiga residência de Berlim, que transformaram em clube. Um vago cheiro de gente, nas paredes atapetadas. Gente silenciosa, de *smoking*, apresentações. Muitas capas num vestiário de azulejos. Kringelein reconhece um homem pálido, magro e de aparência distinta, vestido de preto, que afasta da testa os fios de cabelo; é ele próprio. O encontro consigo mesmo no espelho o surpreende. "Sou muito resistente", pensa ele. Durante um segundo pensa em seu amigo Kampmann, o tabelião, como se tivesse algum dia sonhado com ele. Uma curta parada em uma sala com abajures de pé, e uma lareira falsa, onde apenas se conversa e se bebe. Na outra sala há algumas mesas com partidas de *bridge*. "Não é muito mais elegante do que o *Skat"*, pensa Kringelein, ávido de sensações novas.

— Nós vamos lá para os fundos — disse Gaigern a um senhor. — Venha, Diretor Kringelein, vamos lá para os fundos.

Para os fundos significa o fim de um corredor estreito e feio, com inúmeras portas. Atrás da última portinha marrom, há uma salinha imersa numa sombra pardacenta, de modo que mal se podem ver suas paredes. Só em uma mesa no centro da sala há uma luz, como no estádio acima do ringue. Algumas pessoas estão de pé ou sentadas à mesa, não muitas, doze ou catorze, com uma expressão séria e preocupada, e trocam entre si frases curtas, que Kringelein não compreende.

— Quanto o senhor quer arriscar? — pergunta Gaigern, que se aproximou de um balcão ao lado, onde uma senhora vestida de preto, com ar de governanta,

está sentada diante de uma caixa. — Quanto o senhor estava pensando?

Kringelein pensou em dez marcos.

— Não sei muito bem, senhor barão — disse ele indeciso.

— Digamos então, para começar, quinhentos marcos — aconselhou Gaigern. Kringelein, incapaz de uma contradição, tirou do bolso a velha carteira e colocou na mesa dez notas de cem. Colocaram-lhe na palma da mão um punhado de fichas coloridas, verdes, azuis e vermelhas. Ouviu objetos semelhantes a esses caírem com um ruído seco na mesa, sob a luz do abajur verde, quadrado. "Avante", pensou ele com impaciência.

— Agora jogue como quiser — disse Gaigern. — Não adianta eu lhe explicar. Jogue como quiser e quanto quiser. Quem joga pela primeira vez em geral ganha.

Quantas vezes nesse dia Kringelein já estivera diante do perigo? Ele já sabe que com a vida as coisas não são diferentes. O arrepio de medo faz parte do prazer como a casca pertence à noz, isso ele já sabe. Tem o pressentimento de que ali, em poucos segundos, pode perder a mesma quantia que ganhou nos quarenta e sete anos de vida gotejante em Fredersdorf. Sabe que nessa sala a meia-luz, com lacônicos senhores inclinados sobre o pano verde, ele apenas poderá deixar que as coisas passem zunindo em disparada como até agora, para perder no jogo as três ou quatro semanas de uma existência cigana que lhe falta viver até o fim. E Kringelein, de cima do seu *looping the loop*, tem quase curiosidade de ver como as coisas vão continuar, avante — avante.

Suas orelhas e seus lábios ficaram brancos, quando ele se aproximou da mesa e começou a jogar. Tem a impressão de estar com as mãos cheias de areia. Joga. Uma pazinha se aproxima e leva suas fichas verdes em meio a outras fichas. Alguém diz qualquer coisa que ele não entende. Joga de novo, dessa vez em outro lugar. Perde. Joga, perde, joga, perde. Gaigern, do outro lado da mesa, joga também, ganha uma vez, depois perde. Kringelein lança-lhe um olhar rápido e suplicante, mas ele não presta atenção. Ali cada um só se preocupa consigo mesmo. Os olhares cravam-se no pano verde como pregos. Cada um concentra suas forças e sua vontade, para ganhar.

— Que falta de sorte! — diz alguém.

É uma frase fantasmagórica, sob a lâmpada de mesa de bilhar, na sala marrom lá dos fundos. Kringelein, tendo que contar apenas consigo mesmo, dirige-se à senhora de preto e pede mais quinhentos marcos de fichas. Volta à mesa, onde um outro senhor remexe com a pazinha as fichas, que se chocam com um tique-taque e são colocadas em montinhos por mãos pedantes e excitadas. Kringelein toma a sua parte com a mão esquerda, e joga com a direita, sem escolher onde, quase inconsciente. Joga, perde. Joga, ganha. Fica

surpreendido ao ver que suas fichas verdes retornam com uma vermelha. Joga, ganha. Joga, ganha. Joga, ganha. Coloca no bolso algumas fichas, porque não sabe o que fazer delas. Joga, perde, perde, perde. Faz uma pausa de alguns minutos. Gaigern não está jogando, mas se conserva de pé, fumando de mãos nos bolsos.

— Chega por hoje — diz ele. — Meu dinheiro acabou.

— Permita-me, senhor barão — diz Kringelein, enfiando na mão de Gaigern, que este tira hesitante do bolso, as duas fichas vermelhas que lhe sobraram.

— Hoje estou muito desanimado para jogar — murmura Gaigern.

Ele pressente a sorte, que faz parte da sua duvidosa profissão, e no momento não está com sorte — caso não se queira dar o nome de sorte à aventura íntima com a Grussinskaia. Kringelein volta de novo à mesa. Avante!

Um relógio rouco bateu uma hora quando Kringelein, com um motorzinho a girar por trás da testa, parou de jogar, e trocou na caixa as suas fichas. Tinha ganho três mil e quatrocentos marcos. Sentiu que seus pulmões amoleciam e queriam tremer, mas dominou-se com bravura. Ninguém se importava com ele e com o seu lucro. Kringelein ganhou um ano de ordenado de Fredersdorf. Meteu tudo dentro da carteira de couro gasto.

Gaigern, ao seu lado, boceja e o observa.

— Estou agora órfão, senhor diretor. O senhor precisa cuidar de mim. Não tenho um *Pfennig* sequer — diz ele com um tom de voz indiferente. Kringelein, com a carteira entre as mãos, fica ali parado, sem saber o que fazer, nem o que querem dele.

— Amanhã preciso lhe pedir um grande empréstimo — diz Gaigern.

— Por favor — replica Kringelein com elegância. — E agora, que vamos fazer?

— Oh, senhor! Que perseverança, a sua! Agora o que falta é embriagar-se ou procurar mulheres — replica Gaigern.

Kringelein retira-se, pálido e desfigurado, da frente do espelho em que colocara o chapéu. Põe cinquenta *Pfennige* na palma da mão de um adolescente que lhe abre a porta. Apanha a carteira de novo, e desta vez pega uma nota de cem marcos, que dobra e coloca na mão do *groom*, quando eles já se encontram na rua escura e silenciosa. Sente-se desorientado. Não sabe mais o valor do dinheiro. Num mundo em que a gente gasta mil marcos pela manhã e de noite ganha três mil, o guarda-livros Kringelein, de Fredersdorf, erra num labirinto, como se caminhasse por uma floresta encantada, sem luz nem veredas. Debaixo de uma lanterna espera-os o carrinho de quatro lugares, calado e sem vida, e há algo da paciência de um cão bonzinho na sua atitude fiel, que Kringelein percebe, comovido e grato. Avante! Avante! Está chovendo. O limpador de para-

brisa se move em seu semicírculo diante dos olhos de Kringelein, para lá, para cá, para lá, para cá. O cheiro de gasolina já se tornou quase uma coisa costumeira, agradável e conhecida. Longas listras vermelhas, azuis e amarelas refletem-se no asfalto úmido. Labaredas vivas, diante de operários escuros, soldam um trilho, com atividade febril, no meio da noite adiantada. O automóvel vai muito devagar, devagar demais, é o que Kringelein acha. Olha Gaigern de lado, Gaigern está fumando, Gaigern olha para a rua, e seus pensamentos só Deus sabe onde andam. O aspecto da cidade, à uma e meia da manhã, é o de quando houve um desastre. Está completamente animada, cheia de gente, talvez mais cheia ainda do que de dia, inúmeros automóveis buzinam na esquina desprotegida, agora sem guarda de trânsito. Acima deles o céu está vermelho, um céu incendiado de catástrofe, onde passa com regularidade o clarão do projetor circular da torre da emissora. Avante! Avante!

Uma escada cheia de gritaria e de música, que sobe três andares. Bandeirolas e serpentinas embaixo, a meia altura espelhos baços com molduras de gesso dourado, pessoas desconhecidas, algumas bêbadas, outras melancólicas. Moças de carne frouxa, com olheiras escuras, em cujas costas cheias de pó de arroz Kringelein roça ao subir a escada. Toda a casa está cheia de fumaça de cigarro, que pende espessa e azul dos abajures da escadaria, com pretensão a modernos. Embaixo o ruído é grosseiro, no primeiro andar ouve-se por detrás dos reposteiros uma música delicada; estão dançando, lá dentro. No andar superior está tudo em silêncio. Uma moça de calças de um verde tóxico está sentada num degrau da escada com um copo na mão, e finge dormir quando passam por ela. Seus ombros nus roçam o terno novo de Kringelein, o que o faz ficar cheio de ansiedade. Atrás de uma porta há um aposento comprido, quase às escuras. Apenas no chão há algumas lanternas cobertas de papel, cintilando com luz pálida. Ali também há música, que Kringelein ouve, mas não consegue enxergar nada. Ao clarão das lanternas dançam pernas de moças, nítidas até os joelhos; para cima tudo mergulha na escuridão. Kringelein tem vontade de segurar a mão de Gaigern, como um menininho. Ali é tudo confuso e vago; o que se passa por trás das paredes pintadas a óleo, separando bancos acolchoados e mesinhas baixas, só é possível pressentir. Kringelein percebe que está bebendo champanha. Tem a visão de inúmeros corpos, que o penetram de um sentimento estranho, inquietante e doce. Canta com sua voz elevada de tenor a melodia invisível de dois violinos. Balança para lá e para cá, sua cabeça repousa na curva fresca do braço de uma moça.

— Mais uma garrafa? — pergunta um garçom severo.

Kringelein pede mais uma garrafa. Tem piedade do garçom, que parece tuberculoso, quando seu rosto ressalta no meio da escuridão e se inclina sobre o

balcão, aos reflexos da lanterna. Kringelein se torna sentimental, tem uma piedade maluca do garçom, das moças tão alegres, que só têm pernas e precisam dançar a horas tão tardias da noite, tem uma piedade maluca de si mesmo. Repousa em seu regaço a carne flácida, morna, completamente desconhecida, de uma moça, e, com os joelhos trêmulos, ele procura o rosto dela. Uma melancolia bêbada e entusiástica se apossa dele, ao cheiro de pó de arroz dessa pele desconhecida. Pode-se ouvir sua voz, cantando. Gaigern, mergulhado em especulações, sentado muito ereto numa cadeira de vime, como a montar guarda, ouve-o cantar com voz aguda e tremulante:

— "Alegrai-vos com a vida, enquanto a lâmpada ainda está acesa."

"Que caipirão!", pensa Gaigern, zangado. "Quando nos retirarmos eu lhe tiro a carteira, e depois vou direto a Viena", pensa ele, unindo as sobrancelhas, a oscilar à beira da sua existência arriscada.

Kringelein encontra-se num pequeno e abafado toalete, e lava o rosto, que está sempre de novo se cobrindo de um suor frio. Tira do bolso o frasquinho de Bálsamo de Vida do Dr. Hundt, e toma três goles, cheio de esperanças. "Não estou cansado", diz a si mesmo, "em absoluto, não sinto o mínimo cansaço." Tem ainda grandes planos para essa noite. Esmaga na língua o gosto de canela do bálsamo, e volta de novo à moça, à meia-luz acolchoada. Avante! Avante! Avante!

Kringelein atinge uma boca, como se chegasse a uma ilha incompreensível e esquisita. E ali fica encalhado com os lábios. Pequeninas e bêbadas vagas o vão transportando.

— Seja bonzinho, menino — diz-lhe alguém. Ele fica imóvel, ouvindo no seu íntimo, ouvindo. Durante um momento de sonho, sentiu as mãos cheias de amoras maduras, vermelhas e sumarentas, as amoras da mata de Mickenau, e em seguida sente uma coisa aproximar-se, apavorante, como uma espada, um relâmpago, asas ardentes.

De repente Gaigern ouve-o gemer. Um som claro e irreal, de medo e de angústia.

— Que é isso? — perguntou, assustado.

— Oh, estou sentindo uma dor — vem uma voz surda da escuridão que cerca o rosto de Kringelein. Gaigern suspendeu uma das lanternas e colocou-a na mesa. Viu então Kringelein sentado, muito teso no banco acolchoado, com as mãos contorcidas como cadeias. Como a lâmpada era azul, seu rosto parecia também azul, com uma boca redonda, grande e escura, que gemia. Gaigern conhecia essa máscara, do tempo da guerra, dos feridos graves. Colocou depressa o braço debaixo da cabeça de Kringelein, e apertou fraternalmente seus ombros trêmulos.

— Está bêbado? — perguntou a moça, que era quase uma criança, e tinha um aspecto vulgar no seu vestido de lantejoulas pretas.

— Deite-se, já! — respondeu Gaigern. Kringelein levantou os olhos para ele, atormentado, desesperado de dor, e com um esforço penoso e heroico tentou manter uma atitude elegante.

— Agora estou grogue — foi o que disse com seus lábios azulados, querendo exprimir assim a embriaguez, a quase inconsciência em que se encontrava, o seu estado aflitivo e desesperador. Era uma dor penosa, bastante valente, que o atingia de chofre e terminava em gemidos.

— Mas o que é que está sentindo? — perguntou Gaigern, assustado.

E Kringelein respondeu com uma voz quase inaudível:

— Eu acho que... acho que estou... morrendo...

É uma invenção idiota dizer que as camareiras de hotel espiam pelos buracos das fechaduras. As camareiras de hotel não se interessam em absoluto pelas pessoas que estão por trás dos buracos das fechaduras. Têm muito que fazer, estão cansadas de tanto trabalhar, todas elas são um tanto resignadas, e estão ocupadíssimas com a sua própria vida. Ninguém se importa com os outros naquele enorme hotel, cada um está sozinho consigo mesmo nessa enorme gaiola que o Dr. Otternschlag comparava, com uma certa razão, à vida em geral. Cada um habita por trás de portas duplas, tendo por único companheiro sua própria imagem no espelho, ou sua sombra na parede. Nos corredores, um roça pelo outro, no *hall* as pessoas se cumprimentam, por vezes chega-se a conversar um pouco, uma conversa de parcas palavras vazias, usual nos nossos tempos. Lançam-se olhares que não chegam até os olhos, conservando-se presos apenas à roupa. Talvez aconteça que um corpo se aproxime de outro no pavilhão amarelo. Talvez alguém se esgueire à noite do seu quarto para entrar num quarto alheio. Isso é tudo. Por trás disso há uma solidão profunda. Em seu quarto cada um está só com seu próprio *eu*, e os *tu* são imperscrutáveis e incompreensíveis. No meio do casal em viagem de núpcias do 134, está deitado no leito o vazio vidrado das palavras que não foram ditas. Muitos pares de sapatos de casais, colocados à noite diante das portas, denunciam claramente o ódio mútuo em seus rostos de couro; muitos deles dão a impressão de despreocupação, apesar de terem perdido as esperanças e estarem de orelhas murchas. O criado que os vai buscar está metido em uma história feia de alimentos — a quem interessa isso? A camareira do segundo andar começou um namoro com o chofer do Barão von Gaigern, mas o chofer desapareceu por completo, o que muito a ofendeu — ninguém vai imaginar que ela vá olhar ainda pelos buracos das fechaduras; à noite ela tem vontade de refletir um pouco, mas tem sono demais; também não consegue dormir, porque a camareira que dorme na outra cama está com qualquer coisa no

pulmão, senta-se na cama, acende a luz e tosse. Cada pessoa, entre as suas paredes, tem o seu segredo; também a senhora com um ar inexpressivo do 28, que está sempre a cantarolar, também o senhor do 154, que gargareja com tanto frenesi e é um simples caixeiro-viajante. Até o *groom* 18 tem um segredo atrás da sua testa, com os cabelos molhados e bem penteados, um segredo feio e penoso: ele encontrou uma tabaqueira de ouro, que o Barão von Gaigern esqueceu no jardim de inverno, e não a entregou; por enquanto, de medo do controle, deixou-a entre o encosto e o assento de uma cadeira *maple*, enterrada como um tesouro, e em sua alma de catorze anos há uma luta amarga entre a ética e o orgulho proletário. Herr Senf, o porteiro, não tira os olhos do rapaz — que se chama Karl Nispe, quando está sem número —, porque ele se deixa ficar muito moleirão ao lado da porta giratória, distraído e com olheiras. Mas Herr Senf também pensa em outras coisas. É que sua mulher já está há dias no hospital, não pode mais ser um parto normal, as dores pararam e ela tem cãibras esquisitas, mas ouvem-se ainda as batidas do coração da criança, e estão à espera de uma intervenção cirúrgica. Senf esteve ao meio-dia no hospital, mas não o deixaram entrar no quarto da mulher, porque ela se encontrava num estado quase inconsciente de fraqueza, que os médicos chamavam de sono. Isso se passa com o porteiro Senf, muito atarefado entre o quarto das chaves e o seu livro, dentro da sua gaiola de mogno. Rohna lhe deu licença, mas o porteiro não quer licença nenhuma, está contente de estar preso ali, e não precisar pensar. O que se passa com o próprio Rohna, esse esforçado Conde Rohna, que trabalha catorze horas por dia, como um sujeito corajoso, mas desclassificado para sempre, ninguém sabe. Talvez se orgulhe de estar ali, talvez se envergonhe cada vez que um indivíduo da sua esfera assina o livro de hóspedes — seu rosto inteligente e magro, com a pele avermelhada dos louros, nada deixa transparecer, tornou-se uma máscara.

Às duas horas da madrugada sete cavalheiros aparentando um abatimento pouco comum, exaustos e tristonhos, com estojos pretos nas mãos, saíram do Grande Hotel pela entrada 2. Eram os membros da Eastman Jazzband, que voltavam para seus lares com as camisas suarentas, descontentes com o seu ordenado, como todos os demais músicos do mundo. Diante do portão 5 os automóveis rodaram, um pouco mais tarde os refletores se apagaram. O *hall* esfriou, porque haviam diminuído um pouco o aquecimento central. O Dr. Otternschlag, que ainda estava lá sentado, quase sozinho, estremeceu e bocejou. Logo depois Rohna também bocejou no seu boxe, fechou algumas gavetas e retirou-se para o quinto andar, para dormir suas cinco horas de sono. O porteiro da noite pôs em ordem os jornais do dia seguinte, trazidos por um mensageiro ensopado pela chuva, o qual agora se retirava com botas fatigadas e enlameadas,

pela porta giratória. Duas americanas falando em voz alta foram dormir, e depois tudo ficou em silêncio no *hall.* A metade das luzes foi apagada. O telefonista tomou café para se conservar acordado.

"Vamos agora para cima?", perguntou a si mesmo o Dr. Otternschlag, esvaziando seu copo de conhaque. "Sim, acho que agora podemos ir", respondeu a si mesmo. Precisou mais ou menos de dez minutos para se decidir. Depois que se pôs de pé sobre seus sapatos de verniz ficou um pouco mais animado, e empreendeu sua caminhada costumeira, ao longo das paredes do *hall* até o porteiro da noite.

— Não há nada para o senhor doutor — disse este sem o menor tato, sacudindo a mão, quando Otternschlag ainda se encontrava a três metros de distância dele.

— Se alguém perguntar por mim, diga que fui para o meu quarto — declarou Otternschlag; apanhou um jornal úmido e leu rapidamente os títulos.

— Foi para o quarto — repetiu o porteiro mecanicamente, fazendo uma marca de giz no quadro das chaves. Da porta giratória veio uma correnteza de ar frio, com cheiro de poeira úmida. Otternschlag virou-se para trás.

— Aaah! — disse apenas, depois que seu olho são avistou o que se passava. Chegou a abrir a boca, num sorriso torto. Avistou Gaigern, grande, forte e saudável, com um ar que procurava exprimir seriedade, empurrando o pequeno Kringelein, cambaleante, quase inconsciente de dor, gemendo e se lamentando baixinho. O Dr. Otternschlag sabia perfeitamente diferençar um bêbado de um doente grave, apesar de ambos apresentarem um aspecto igual de abatimento. O porteiro da noite, pouco experimentado, lançou um olhar severo e atento aos dois hóspedes que chegavam.

— Chaves 69 e 70 — disse Gaigern a meia voz; — este senhor está se sentindo mal. Chame um médico, se possível imediatamente!

Segurou Kringelein com uma das mãos e com a outra apanhou a chave; depois levou Kringelein até o elevador.

— Sou médico. Mande leite quente ao 70, imediatamente — disse num tom vivo o Dr. Otternschlag ao porteiro. E seguiu os dois homens. — Vou cuidar de Kringelein — disse a Gaigern, enquanto subiam. — Não gema, Herr Kringelein. Vai passar logo.

Kringelein, que mal compreendeu o que ele dizia, parou de gemer; sentado no banquinho do elevador com o tronco dobrado para a frente, dominou as dores violentas.

— Vai terminar? — murmurou respeitosamente. — Tão depressa? Mal começou...

— O senhor foi precipitado demais. Tudo de uma vez é demais — disse

Otternschlag; estava muito sentido com Kringelein, mas pegou sua mão e controlou as batidas do seu coração.

— Que absurdo, Kringelein. Que terminar, que nada. O senhor tomou muito champanha gelado — declarou Gaigern, animado.

O solavanco que o elevador deu ao parar terminou essa conversa cheia de mal-entendidos. No corredor Kringelein caiu de joelhos no chão, e a camareira ficou a observá-lo, assustada. Gaigern levantou o leve corpo de Kringelein e o levou para a cama. Enquanto Gaigern lhe despia as peças de roupa cheirando a fumo, e lhe abotoava o pijama novo, o Dr. Otternschlag desapareceu com expressão preocupada.

— Um momento — disse ele retirando-se, com movimentos duros mas vivos.

Quando voltou, encontrou Kringelein imóvel na cama, com as mãos apertadas às coxas, como um soldado apresentando-se a um superior. Com um esforço extremo conseguira deixar de gemer. Quando Kringelein partira à procura da "vida", fizera tenção de morrer com coragem e sem se incomodar muito, ao chegar a hora. Era uma espécie de honorário que ele pensava dever a qualquer força desconhecida, pela leviandade dissoluta de seus últimos dias. Apegou-se a isso em sua cama de metal, enquanto as dores e o pavor da morte punham um suor frio em sua testa e faziam pressão sobre sua nuca. Gaigern tirou do bolso o lenço de seda perfumado com alfazema e enxugou o rosto pequeno e amarelo de Kringelein. Tirou-lhe também com cuidado o *pince-nez* do nariz fino, e Kringelein teve então, durante um segundo, a sensação de alívio de estar morto, de tudo ter acabado, e a impressão de que a manopla de Gaigern logo iria lhe fechar os olhos. Enquanto isso, Gaigern afastou-se de novo do leito, dando lugar a Otternschlag.

Otternschlag tirou de um pequeno estojo preto uma seringa de injeção, descobriu não se sabe onde uma ampola cintilante, cuja ponta quebrou como um prestidigitador, sem sequer olhar para ela, e a encheu com uma das mãos, com agilidade fora do comum, enquanto tirava com a outra o braço de Kringelein da manga do pijama e o esfregava com sublimado.

— O que é isso? — perguntou Kringelein, apesar de conhecer esse paliativo, do hospital.

— Uma coisa muito boa. Um bombom gostoso — respondeu Otternschlag, com a voz cantante de uma ótima ama-seca, enquanto pegava entre dois dedos a carne branda de Kringelein e enfiava a agulha sob a pele.

Gaigern olhou para ele.

— Que bom que o senhor já tenha isso assim à mão — disse ele.

Otternschlag ergueu a seringa de encontro à luz, bem perto do seu olho de

vidro.

— É — replicou. — É a minha mala de viagem. Está sempre pronta, compreende? Estar preparado... é isso, naturalmente, como Shakespeare diz de modo tão belo. Pronto para viajar... a qualquer minuto, compreende? É este o grande segredo desta pequenina valise.

E foi enxugando a seringa, colocou-a no estojo e apertou o fecho, que deu um estalido. Gaigern tirou o pequeno objeto preto da mesa e sentiu seu peso na mão, com expressão de espanto e de incompreensão no rosto. "Como será isso?", pensou ele.

— Está se sentindo melhor? — perguntou o Dr. Otternschlag na direção da cama.

— Estou, sim — respondeu Kringelein, que fechara os olhos, e estava sentado em uma nuvem, com a qual se afastou em giros rápidos e leves, enquanto ele e a sua dor se dissolviam, transformando-se em algo nebuloso, a girar.

— Então, está vendo? — ouviu ainda o doutor dizer, enquanto tudo se lhe tornava indiferente, e o pavor da morte também se afastava dele como um animal negro. — Bem — disse Otternschlag, pondo após um momento a mão de Kringelein novamente sobre o cobertor. — Por enquanto está repousando.

Gaigern, que arrumara nesse meio tempo as roupas novas de Kringelein, aproximou-se da cama de metal e observou a respiração curta e fraca sob o pijama azul-claro.

— Por enquanto? — perguntou Gaigern num murmúrio. — Isso não é... não vai acontecer nada? Não é... não é perigoso?

— Não. O nosso amigo ainda vai se movimentar bastante. Ainda vai sofrer muitas danças como essa, antes de repousar em paz. O coração... veja o senhor... o coração ainda está vivo, ainda bate, ainda quer. É uma máquina com pouco uso, o coração de Herr Kringelein. Em torno dele está tudo estragado, mas o coração faz valer os seus direitos. A marionete ainda tem de saltar no seu último fio... um cigarro?

— Obrigado — disse Gaigern distraído, aceitando. Sentou-se sob a natureza morta com o faisão, levou alguns minutos pensando nas palavras de Otternschlag. — Então ele está muito mal? E apesar disso não morre? Isso é mesmo uma judiação! — disse em seguida.

Otternschlag, que concordou com a cabeça a cada frase, respondeu:

— É isso mesmo. Sim, senhor. É por isso que eu gosto do meu estojinho. É que nós só podemos suportar o que nos espera neste mundo quando sabemos que a qualquer momento podemos pôr fim a isso, entende? A vida é uma coisa miserável, pode me acreditar. Gaigern não pôde deixar de sorrir.

— Mas eu... eu gosto de viver — disse inocentemente.

Otternschlag virou rapidamente para ele a parte de seu rosto que enxergava.

— É, o senhor gosta de viver. Gente como o senhor gosta de viver. Conheço-o. Conheço-o muito bem.

— A mim?

— Sim, ao senhor especialmente, conheço-o pessoalmente. — Otternschlag estendeu a mão e apontou com o dedo pesado e amarelo de fumo para o rosto de Gaigern, que se afastou para trás. — Daqui eu tirei uma vez um lindo estilhaço de granada. Essa bonita cicatriz, que lhe fica tão bem, fui eu quem a costurou... o senhor não se lembra?... Em Fromelles? Gente como o senhor se esquece de tudo. Mas as pessoas como eu reparam em tudo, não podem libertar-se de nada, de nada.

— Ah! Em Fromelles? Naquele hospital de campanha medonho, não é verdade? Não, não me lembro disso, naquela época eu sabia muito pouco sobre minha própria pessoa. Eu afrouxei. Naquele tempo eu pensava que quando a gente é ferida deve perder os sentidos, e então desmaiei.

— Mas eu o observei bem, porque o senhor foi o soldadinho mais jovem que me caiu entre os dedos. Da espécie dos que "morrem cantando". É possível também que não fosse o senhor, mas gente da mesma espécie, sabe? E agora o senhor gosta de viver. Era de esperar. Alegra-me ouvi-lo dizer isso. Só que, o senhor há de concordar comigo, a porta giratória precisa ficar aberta.

— Como? — perguntou Gaigern, confuso.

— A porta giratória, foi o que eu disse. Sente-se no *hall* e observe a porta giratória durante o espaço de uma hora. Movimenta-se como louca. Para dentro, para fora, para dentro, para fora, para dentro, para fora. É uma coisa engraçada, uma porta giratória. Às vezes a gente fica com o estômago enjoado, quando olha muito para ela. Mas agora, preste atenção. O senhor entra por exemplo pela porta giratória, mas quer ter a certeza de que poderá sair novamente por essa porta. A certeza de que ela não será fechada diante do seu nariz, deixando-o preso no Grande Hotel.

Gaigern sentiu um friozinho subir-lhe à garganta, a palavra "preso" deu-lhe a impressão de uma ameaça oculta.

— Naturalmente — disse ele angustiado.

— Então nós estamos de acordo — explicou Otternschlag. Tinha tirado de novo a seringa do estojo, e brincava, encantado, com o vidro liso e o metal niquelado. — A porta giratória precisa ficar aberta. A saída tem que estar pronta a qualquer momento. Precisamos morrer quando melhor nos aprouver. Quando quisermos.

— E quem quer morrer? Ninguém — disse Gaigern depressa, com

convicção.

— Bem... — disse Otternschlag engolindo em seco. Kringelein, em seu leito de hotel, murmurou umas

palavras incompreensíveis por sob o bigode murcho.

— Bem... por exemplo, olhe para mim — disse Otternschlag. — Observe-me com atenção. Sou um suicida, compreende? Em geral nós vemos os suicidas só depois que eles abriram o tubo de gás ou se mataram com um tiro. Pois eu, tal como estou aqui, sou um suicida antecipado. Em uma palavra: sou um suicida vivo, uma raridade, o senhor há de concordar. Um belo dia, tiro desta caixa dez ampolas, injeto-as nas veias, e então serei um suicida morto. Saio pela porta giratória para passear, e o senhor pode ficar sentado no *hall*, esperando.

Gaigern, admirado, sentiu que o Dr. Otternschlag, esse amalucado, parecia ter por ele uma espécie de ódio.

— Isso é uma questão de gosto — disse ele sem refletir. — Eu não tenho tanta pressa assim. É que eu gosto mesmo da vida. Acho a vida uma coisa magnífica.

— Ah! O senhor acha magnífica a vida? O senhor também esteve na guerra. Depois voltou para casa, e acha a vida magnífica? Homem de Deus, como é que vocês todos podem viver? Vocês se esqueceram de tudo? Está bem, está bem, não vamos falar do que se passou na guerra, todos nós estamos fartos de saber. Mas como é possível isso? Como é possível voltar da guerra e ainda dizer: "Eu gosto da vida!"? E onde está a vida de todos vocês? Eu já a procurei e não consegui encontrá-la. Às vezes penso: já estou morto, uma granada me arrancou a cabeça, e o meu cadáver está, durante todo o tempo que passou, abandonado no abrigo da Cruz Vermelha. Pois é esta a impressão que a vida me causa, desde que voltei da guerra.

— Ah! — disse Gaigern, comovido pelo tom apaixonado das palavras de Otternschlag. Tornou a repetir: — Ah! — Levantou-se e aproximou-se da cama. Kringelein estava dormindo, apesar de seus olhos não estarem bem fechados. Gaigern voltou nas pontas dos pés para perto de Otternschlag. — Sim, suas palavras contêm um pouco de verdade — disse ele em voz baixa. — Ao voltar, não foi fácil a vida. Quando falamos "na guerra", pensamos mais ou menos "na pátria"... é mais ou menos isso. Agora estamos na Alemanha como se estivéssemos dentro de calças que alargaram. Tornamo-nos indivíduos desenfreados, e não encontramos mais lugar para nós. Que podemos fazer da vida? Ir para o Exército? Disciplina? Ir apaziguar brigas? Obrigado, não. Aviador, piloto? Tentei isso. Duas vezes por dia voar de acordo com o horário de viagens: Berlim - Colônia - Berlim. Viagens de pesquisas, expedições, tudo isso já é coisa gasta e não apresenta perigo. Veja, é isso: a vida precisaria ser um

pouco mais perigosa do que é, então seria bom viver. Mas a gente aceita as coisas como elas são.

— Qual nada. Não é isso o que eu penso — disse Otternschlag, aborrecido. — Mas talvez sejam apenas nuanças pessoais. Talvez eu visse as coisas tão simples quanto o senhor, se houvessem costurado o meu rosto como eu costurei o seu. Mas quando a gente olha o mundo através de um olho de vidro, ele apresenta um aspecto bem estranho, eu lhe garanto. Então, o que está acontecendo, Herr Kringelein?

De repente Kringelein sentou-se na cama. Tinha a muito custo arrancado os pesados olhos da morfina, e procurava qualquer coisa. Suas mãos tateavam o cobertor com as pontas dos dedos, que a morfina tornara insensíveis.

— Onde está o meu dinheiro? — sussurrou Kringelein. Ele acabava de chegar diretamente de Fredersdorf, onde havia brigado com Anna, e encontrara extrema dificuldade em voltar ao quarto de mogno do Grande Hotel. — Onde está o meu dinheiro? — perguntou de novo, com a boca seca. No primeiro instante só avistou os dois homens como enormes sombras movediças sentadas nos *fauteuils* de veludo.

— Ele está perguntando onde está o dinheiro dele

— participou Otternschlag ao barão, como se este último fosse surdo.

— Ele depositou o dinheiro no cofre do hotel — disse Gaigern.

— O senhor depositou o dinheiro no cofre do hotel

— repetiu Otternschlag como um intérprete. Kringelein custou a coordenar essa resposta em sua cabeça pesada. — O senhor ainda sente dores? — perguntou Otternschlag.

— Dores? Por quê? — perguntou Kringelein, pairando nas nuvens.

Otternschlag riu, entortando a boca.

— Já se esqueceu de tudo — disse. — Já se esqueceu das dores. O alívio que sentiu também já está esquecido. Amanhã pode continuar tudo... senhor artista da vida

— disse ele em tom francamente sarcástico.

Kringelein não compreendeu uma só sílaba.

— Onde está o meu dinheiro? — perguntou, teimoso.

— Aquele montão de dinheiro. O dinheiro que eu ganhei.

Gaigern acendeu um cigarro e sorveu a fumaça num trago que foi até os pulmões.

— Onde está o dinheiro dele? — perguntou Otternschlag.

— Na carteira — declarou Gaigern.

— Está na sua carteira — transmitiu Otternschlag.

— E agora trate de dormir de novo. Não se anime demais, porque pode doer.

— Quero a minha carteira — pediu Kringelein, estendendo os dedos abertos.

No estado obnubilado em que se encontrava, ele não podia se exprimir direito, e só sentia, em sua consciência meio adormecida, que tinha que pagar com dinheiro contado cada minuto da vida, com dinheiro contado e a um preço alto. Em sonhos ele vira ambos sumirem — o dinheiro e a vida — a toda velocidade e numa correnteza pedregosa, como o ribeirão de Fredersdorf, que seca no verão.

Otternschlag suspirou, enfiou os dedos nos bolsos do paletó de Kringelein, que Gaigern colocara no encosto de uma cadeira, e retirou as mãos vazias. Gaigern estava de pé ao lado da janela, fumando, de costas para o interior do aposento, com o rosto virado para a rua, que se estendia muito calma em meio à noite, ao reflexo da luz branca das lâmpadas elétricas.

— Nos bolsos não há nenhuma carteira — disse Otternschlag, deixando os braços penderem diante do corpo, como após um enorme esforço.

De repente Kringelein pulou da cama para o meio do quarto, metido nas calças de tecido fino e balouçante, com os músculos do rosto tensos, ofegante.

— Onde está a minha carteira? — gritou ele, num gemido. — Onde está ela? Onde está todo aquele dinheiro? Onde está aquele montão de dinheiro? Quero a minha carteira! Quero a minha carteira!

Gaigern, que há muito tempo tinha surrupiado a carteira, tentou fechar os ouvidos, ao ouvir esses lamentos agudos e rouquenhos de sono. Ouviu do lado de fora o elevador andando, escutou passos no corredor, que em seguida silenciaram por trás das portas. Ouviu — pareceu-lhe ouvir — alguém respirar no quarto ao lado, no 71. Ouviu seu relógio de pulso tiquetaquear, e seu coração bater calmamente. Mas ouviu também o medo de Kringelein; nesse momento odiou Kringelein, com um ódio selvagem, e gostaria de poder matá-lo. Voltou-se excitado para a porta do quarto, mas o aspecto lamentável de Kringelein lhe tirava as energias. Kringelein estava no meio do quarto e chorava. As lágrimas brotavam-lhe dos olhos por sob as pálpebras amortecidas pela morfina, escorrendo pelo pijama novo de seda azul-clara. Kringelein chorava como uma criança, por causa de sua carteira.

— Havia seis mil e duzentos marcos na carteira — soluçou ele. — Esse dinheiro dá para viver dois anos! — Sem sentir, Kringelein mergulhara de novo nos limites modestos de Fredersdorf.

Otternschlag fez um gesto de desalento em direção a Gaigern.

— Onde poderá estar essa carteira, já que Kringelein quer viver mais dois anos, de qualquer maneira? — perguntou ele, tentando gracejar.

Gaigern, com os punhos fechados nos bolsos, sorriu:

— Talvez as moças a tenham roubado no Alhambra — respondeu.

Era a resposta que ele preparara de antemão. Kringelein sentou-se à beira da cama e amoleceu o corpo, completamente abatido.

— Ai, que horror — disse ele desanimado. — Ai, que horror, que horror, que horror!

Otternschlag observou-o, observou Gaigern, tornou a observar Kringelein.

"Ah, é isso", disse a si mesmo. Apanhou o seu estojo preto e aproximou-se de Gaigern, que parará diante da parede, conforme seu velho costume, como se as paredes e os móveis lhe pudessem transmitir um pouco de energia, ou talvez porque ele ainda não tivesse aprendido a caminhar sem cobertura. Otternschlag parou diante de Gaigern, virando-se para ele com sua face desfigurada; com o olho de vidro olhou fixamente o seu pescoço.

— É preciso achar a carteira de Kringelein — disse ele em voz baixa, amavelmente.

Gaigern hesitou um segundo. Nesse segundo o seu destino se decidiu. Seu íntimo pareceu despedaçar-se, tirando-lhe a segurança.

Gaigern não era um homem honrado, já roubara e mentira. Mas não era um criminoso, porque os bons instintos de sua natureza e de seu sangue nobre o impediam muitas vezes de executar seus maus propósitos. Era um diletante da aventura. Tinha forças dentro de si, mas não tinha forças suficientes. Poderia suprimir esses dois homens doentes e fugir. Poderia empurrá-los e fugir pela fachada do hotel com o seu roubo. Poderia deixar o quarto com um gracejo, correr à estação e desaparecer. Refletiu sobre tudo isso e pensou na Grussinskaia, sentiu seu leve corpo em seus braços, carregando-a escada acima na casa de Tremezzo. Tinha que ir ao encontro dela, tinha que ir — mas de .repente sentiu uma compaixão louca e veemente por esse Kringelein, sentado atrás dele na beirada da cama, a mesma compaixão que sentira na véspera pela Grussinskaia. Compaixão por Otternschlag também, que o olhava fixamente, com seu rosto desfigurado pela guerra, e uma compaixão longínqua e inconsciente por si mesmo — e foi essa compaixão que o derrubou.

Deu dois passos para a frente e começou a rir.

— Eis aqui a carteira — disse ele. — Há instantes eu a guardei, para que Kringelein não fosse roubado na espelunca em que estivemos.

— Ora vejam — disse Otternschlag, aliviado, e tomando ao mesmo tempo a carteira gasta e repleta das mãos de Gaigern. Foi tomado de uma estranha sensação, um sentimento de abatimento e de carinho. Era tão raro ele ter a oportunidade de tocar as mãos de um outro homem... Virou a cabeça e dirigiu seu olho são a Gaigern, com uma expressão que tanto podia exprimir agradecimento como compreensão. Mas no mesmo instante levou um susto. O rosto de Gaigern, esse rosto de rara beleza e vivacidade, adquirira uma palidez

de areia, seus traços se acentuaram, tomando uma expressão vazia e morta. Otternschlag teve medo. "Há fantasmas no mundo?", pensou ele, enquanto ia caminhando ao longo do sofá para chegar à cama, onde colocou a carteira de Kringelein.

Toda essa cena durou apenas alguns segundos, e Kringelein se conservara calado, parecendo refletir profundamente.

Agora que Otternschlag lhe estendia a carteira, pela qual ele fizera tamanha choradeira, nem tocou nela. Deixou-a cair sobre o cobertor, sem lhe dirigir o olhar, nem sequer contou o dinheiro, aquela quantidade enorme de dinheiro, o dinheiro que ele havia ganho.

— Por favor, fique comigo — disse ele; não o disse a Otternschlag, que o havia ajudado, mas a Gaigern, e estendeu o braço em direção deste último, que estava à janela, carrancudo, fumando novamente um cigarro.

— Não precisa ter medo, Kringelein — consolou-o Otternschlag.

— Eu não estou com medo — replicou Kringelein, teimoso e com espantosa vivacidade. — O senhor pensa que eu tenho medo de morrer? Não tenho o menor medo. Pelo contrário. Devo até agradecer a morte. Nunca encontraria coragem para viver, se não soubesse que tenho de morrer. Quando se sabe que se vai morrer é que se cria coragem. É preciso sempre nos lembrarmos de que vamos morrer, então somos capazes de tudo, isso não é mistério nenhum.

— Aaah! — disse Otternschlag. — A porta giratória. Kringelein está ficando filósofo. A doença traz a sabedoria, o senhor já reparou?

Gaigern não deu resposta. "De que estão vocês falando?", pensou ele. "A vida! A morte! Como é possível falar dessas coisas? Essas coisas não são palavras. Estou vivo, é sinal que estou vivendo. Morro, meu Deus do céu! Então morri. Pensar na morte? Não. Falar disso, que horror. Mas esticar as canelas decentemente, estou pronto. A qualquer momento, quando chegar a hora. Trepem primeiro na fachada de um hotel como um macaco, e em breve vocês haverão de calar o bico a respeito da vida e da morte", pensou ele com altivez. "Eu também estou preparado, e não preciso de nenhuma maleta cheia de morfina." Bocejou. Engoliu um trago de ar da madrugada, que penetrava pela janela aberta, e em seguida um friozinho fez tremer seus ombros de pugilista.

— Estou com sono — disse ele. De súbito começou a rir gostosamente. — Ontem à noite eu não me deitei na minha cama, é verdade. Hoje já são de novo quatro horas. Venha, senhor diretor, meta-se debaixo das cobertas.

Kringelein obedeceu incontinenti. Deitou-se com a cabeça pesada e com as dores amortecidas, mas que continuavam no seu corpo, e cruzou as mãos sobre a coberta.

— Fique comigo. Por favor, fique comigo — repetia ele, insistente.

Estava falando alto demais, porque seus ouvidos se enchiam de novo de uma sensação de amortecimento e de zumbido. Otternschlag ouvia o que eles diziam. Ninguém se incomodava com ele. Ninguém lhe pedia para ficar.

— O senhor já tomou a sua morfina, agora já não precisa mais de mim, não é? — perguntou ele, mas Kringelein não percebeu a ironia.

— Não, obrigado — disse ele inocentemente. Segurava a mão de Gaigern como um meninozinho. Agarrava-se a Gaigern, gostava de Gaigern. Talvez sua alma, cuja pele se tornara muito fina, adivinhasse que Gaigern tinha querido roubá-lo, e apesar disso agarrava-se a ele.

— Por favor, fique aqui comigo — implorou.

Então, Otternschlag começou a rir. Levantou seu rosto amarrotado até a luz fria da lâmpada, e começou a rir com a sua boca torta, de modo completamente diferente do de Gaigern, no princípio em silêncio, depois com um som profundo, e em seguida cada vez mais alto, com maior ironia, cada vez com mais ódio.

Ao lado, no 71, bateram três vezes na parede.

— Fiquem quietos, por favor. A noite foi feita para dormir, e não para se divertir! — disse a voz sofredora, rouca de sono e ofendida de um senhor completamente desconhecido, a voz do senhor Diretor-Geral Preysing, o qual não imaginava sequer que, no quarto ao lado, três círculos do destino se haviam entrelaçado por uma passageira e decisiva hora.

Os conceitos de moral, no Grande Hotel, eram elásticos. É certo que no Grande Hotel não era permitido ao senhor Diretor-Geral Preysing receber em seu apartamento a sua secretária. Mas não havia nada que impedisse esse senhor de alugar um quarto para essa jovem senhora. Ele o fez com a testa rubra, e declarações gaguejadas, após a conversa decisiva com a Flaemmchen. Rohna, grande conhecedor dos homens, desculpou-se por ter apenas um quarto com dois leitos livre, o 72, separado do 71, o apartamento de Preysing, pelo banheiro. Preysing murmurou qualquer coisa, querendo dar a impressão de estar meio aborrecido com isso, e lançou-se com entusiasmo em sua aventura.

Pela manhã chegou correspondência de Fredersdorf, muitas cartas de negócios, e uma carta de Mulle, onde Babe havia arranhado duas linhas. Mas Preysing, que já ia à deriva, longe de suas margens, no meio da correnteza violenta que às vezes apanha os homens da sua idade, esse Preysing transformado leu a carta com frieza e sem remorsos, durante o café, que tomou no quarto em companhia da Flaemmchen, apetitosa, animada e completamente despreocupada.

Kringelein também recebeu correspondência de Fredersdorf. Estava sentado em seu leito de metal, sem sentir dor alguma, fortificado pelo Bálsamo de Vida do Dr. Hundt, e com a desesperadora intenção de conservar o sentimento

penetrante e duro da vida, que sentira no dia anterior. Desde que vencera o pavor da morte da última noite, deixando-o para trás, desde que estava salvo, tinha a sensação de ser feito de um metal transparente como vidro, e muito duro. Com o *pince-nez* colocado no nariz, que se tornara mais afilado ainda, ele leu a carta que Frau Kringelein lhe escrevera, numa folha com pautas azuis, do seu livro de cozinha.

*Querido Otto* — escrevia essa Frau Kringelein, com quem nunca ele tivera intimidade, mas que agora sumira nas inacreditáveis distâncias das coisas estranhas. *Querido Otto, recebi sua carta, e a sua doença é causada somente porque você não se cuida, o papai também acha. Ele fez uma petição à fábrica, sobre um auxílio para mim, mas eu ainda não recebi nenhum aviso a respeito. Eles só dizem para a gente esperar. Eu lhe escrevo principalmente por causa do fogão, porque não é possível continuar assim. Binder esteve aqui e verificou o que havia, o encanamento está estragado, disse ele, em todas as casas da vila operária há qualquer coisa desarranjada. Eles deviam nos dar o carvão de graça, com os fogões que fazem, porque uma conta tão grande de carvão ninguém pode pagar, os fogões gastam carvão demais. Então eu falei com Binder, e ele disse que não pode consertar o cano por menos de catorze ou quinze marcos, e isso se economizaria depois no gasto do carvão. Naturalmente esse gasto é excessivo, e eu queria saber o mais depressa possível a sua opinião, para saber o que fazer com o fogão. Assim não é possível continuar, mas catorze marcos não se podem atirar fora, por causa desse fogão horrível. Falei às escondidas com Kietzau, que também entende um pouco do negócio: ele acha que o serviço fica mais caro ainda, e não pode garantir se vamos gastar depois menos carvão, foi o que ele disse. Fiz um barulhão na fábrica por causa disso, porque, depois de conseguir a muito custo falar com Schriebes, disse-lhe que eles deviam mandar consertar o fogão, o que é muito justo, porque a vila operária é deles. Mas eles nem querem ouvir falar nisso. Schriebes foi malcriadíssimo, é um homem muito ordinário, e só pensa nos seus interesses. Se eu conseguir receber alguma coisa da Caixa dos Doentes, o papai acha que eles vão soltar uns trinta marcos, mas eu não acredito nisso, porque Preysing, aquele cão avarento, não solta um* Pfennig, *então mando ou não mando consertar o fogão? Você vai receber algum dinheiro extra, quando voltar da casa de saúde, ou está tudo incluído? Aqui andam torcendo o nariz, dizendo que você está fugindo do trabalho e guarda o ordenado, eu nem gosto de me encontrar com ninguém, eles não gostam de nós. Por favor, resolva logo a questão da Caixa dos Doentes. Frau Prahm disse que enquanto você estiver doente, eles não*

*podem descontar dinheiro seu da caixa, tome cuidado, porque senão eles fazem você de bobo, disse ela. Aqui está fazendo mau tempo, e aí? Muitas lembranças de sua Anna.*

*Escreva-me imediatamente a respeito do fogão, ou se devo esperar até que você volte. Ele está soltando tanta fumaça que meus olhos estão doendo.*

Com essa carta nas mãos tratadas pela manicura, Kringelein ficou sentado na beira da cama durante uns dez minutos, refletindo profundamente, mas não pensava nem em Fredersdorf nem no fogão, nem tampouco no acesso de dores e no pavor da morte que tivera à noite. Pensava no avião, e que ele tinha ficado um pouco enjoado na viagem, e no sentimento agudo e doce de orgulho e de coragem que o havia acometido quando, numa curva fechada, ele avistara o mundo inclinado sobre a sua cabeça, da janela do avião, sem se assustar.

"Vou me levantar para falar com Preysing", pensou Kringelein, erguendo-se decidido da cama. Precisava resolver essa questão do Preysing, senão tudo perderia o sentido e a finalidade. Kringelein tomou banho e vestiu o Kringelein novo, o de camisa de seda, de paletó justo e com sentimento de dignidade. Seu coração estava duro e cerrado como um punho, quando ele parou diante do 71, abriu a porta exterior e bateu na madeira envernizada de branco da porta interna.

— Entre! — exclamou Preysing. Essa palavra lhe saiu dos lábios apenas por costume e por tolice, porque ele não desejava em absoluto que viessem atrapalhar seu café com a animada Flaemmchen.

Mas como ele havia dito "entre", a porta se abriu e Kringelein surgiu no limiar.

Surgiu diante de Preysing como se tivesse havido uma explosão no Grande Hotel, no andar das pessoas distintas, e ele viesse se refugiar no 71. Pusera o bonito chapéu novo de feltro de Florença, decidido a conservá-lo na cabeça, e portanto não o tirou.

— Bom dia, Herr Preysing — disse ele, tocando negligentemente a aba do chapéu, com dois dedos. — Preciso falar com o senhor.

Preysing ficou estarrecido ao ouvir isso.

— Que deseja o senhor? Como é que entrou aqui? — perguntou, admirando-se desse Kringelein de chapéu na cabeça, do auxiliar de contador Kringelein, do *bureau* de pagamentos, com uma expressão decidida no rosto, como um enviado anunciando o fim do mundo.

— Eu bati e o senhor disse "entre" — respondeu Kringelein com espantosa lucidez. — Preciso falar com o senhor. Permita-me que me sente.

— Pois não... — disse Preysing, completamente indefeso, já que Kringelein

se sentara.

— Esta senhora vai me desculpar, se estou atrapalhando — começou Kringelein, muito desembaraçado.

A Flaemmchen replicou, amável e animando-se:

— Nós já nos conhecemos, senhor diretor. Nós dançamos juntos um foxtrote.

— É mesmo. É verdade — disse Kringelein, e em seguida pigarreou. Sua garganta estava latejando.

Depois, fez-se silêncio.

— Então? De que se trata? Não tenho tempo. Tenho que ditar a Fräulein Flaemmchen algumas cartas, com urgência — disse afinal o diretor-geral, no tom de um diretor-geral.

Mas Kringelein não se encolheu de modo algum, apesar de não encontrar logo o começo do seu discurso.

— Minha mulher me escreveu que o fogão está estragado de novo, e a fábrica se nega a mandar consertá-lo. Isso não é possível. A vila operária pertence à fábrica, e nós pagamos o aluguel com pontualidade, esse pagamento é descontado do nosso ordenado, e portanto a fábrica precisa cuidar de que esteja tudo em ordem nas casas da vila, e não é possível, não é justo que nós morramos abafados pelo fumo porque os fogões são ruins — declarou ele.

Preysing, que ficara de uma cor rubro-escura entre as sobrancelhas, replicou, procurando conter-se.

— O senhor sabe que essas coisas não se tratam comigo. Se tem queixas a fazer, procure a seção de habitações. É incrível que venham me incomodar com uma coisa dessas.

Ponto final. Parecia que o assunto terminara. Mas acrescentou:

— Em vez de essa gente nos agradecer, quando construímos uma vila para eles, ficam atrevidos. É uma coisa incrível.

Apesar de Preysing ter se levantado, Kringelein continuou sentado.

— Está bem. Deixemos isso de lado — disse ele com negligência. — O senhor pensa que pode usar termos ofensivos. Mas eu não lhe permito que me trate assim. O senhor pensa que é melhor do que os outros, mas é um homem como qualquer um, Herr Preysing, apesar de ter feito um casamento rico e possuir um palacete. O senhor é um homem como qualquer um; e nunca uma pessoa foi tão criticada e xingada como o senhor, em Fredersdorf. Isso é para que o senhor saiba da verdade.

— Isso não me interessa. Não me interessa em absoluto. E agora, trate de retirar-se! — bradou Preysing.

Mas Kringelein encontrou um imprevisto capital de forças no seu íntimo. Tinha que desabafar vinte e sete anos de vida de empregado subalterno, e estava

carregado como um dínamo.

— Isso lhe interessa, sim — disse ele —, essas coisas lhe interessam muito. Se não fosse assim, por que tem o senhor espiões e mexeriqueiros na fábrica, bajuladores como Herr Schriebes ou Herr Kuhlenkamp, essas criaturas, esses ciclistas que embaixo dobram as pernas, e em cima fazem uma corcova? Quando alguém chega três minutos atrasado, vão correndo contar. Andam até espiando o trabalho dos contínuos, a fábrica toda sabe disso. Mas quando a gente trabalha até se esfalfar, ninguém fala nisso, é para isso que somos pagos. Se nós podemos viver decentemente com o nosso ordenado, isso não o preocupa, Herr Preysing, o senhor anda de automóvel, e nós não podemos nem comprar saltos de sola. E quando a gente fica gasto e consumido, quando fica velho, então é posto de lado, e ninguém se interessa por nós. O velho Hahnemann trabalhou trinta e dois anos na fábrica, e agora está por aí com catarata, e sem um *Pfennig* de pensão.

Se Preysing fosse o tirano sinistro que a fantasia de empregado subalterno de Kringelein criara, teria simplesmente atirado Kringelein porta afora. Mas como era um homem correto, bem intencionado e indeciso, se pôs a discutir.

— Nós pagamos pela tarifa oficial. E temos o nosso Fundo de Auxílio dos empregados — declarou ele em tom azedo. — Sobre o Hahnemann não sei de nada. Quem é esse Hahnemann?

— Linda tarifa! Lindo fundo! — exclamou Kringelein. — No hospital eu estive na terceira classe, comendo queijo e salame quatro dias depois da operação, minha mulher fez petição atrás de petição, mas eu não recebi nenhum auxílio extra. A ambulância para Mickenau, tive que pagar com o meu dinheiro. Não tinha mais estômago, mas tive que comer queijo. Depois de quatro semanas de doença o senhor me escreveu uma carta dizendo que eu seria despedido se continuasse doente. O senhor escreveu isso, Herr Preysing, ou não escreveu?

— Não me posso lembrar de todas as cartas que mando escrever. Mas afinal uma fábrica não é um asilo, nem hospital ou seguro de vida. Agora o senhor está de férias por doença, de novo, e no entanto vive aqui como um conde, como um capitão de indústria.

— O senhor vai retirar o que disse, vai retirar imediatamente o que disse, aqui na presença desta senhora! — gritou Kringelein. — Quem é o senhor para julgar que pode ofender os outros? Com quem pensa que está falando? Pensa que eu sou um sujo? E mesmo que eu o fosse, o senhor é muito mais sujo do que eu, senhor diretor-geral, fique sabendo, o senhor é um sujo, senhor diretor-geral, fique sabendo, o senhor é um sujo!

Os dois homens estavam agora de pé, bem próximos um do outro, fitando-se fixamente, encolerizados e loucos de raiva, e se puseram a gritar, atirando-se ofensa atrás de ofensa, os rostos afogueados. Preysing estava rubro, quase roxo,

e seu lábio superior coberto de grossas gotas de suor. Kringelein estava completamente amarelo, sua boca parecia ter perdido todo o sangue, e seus cotovelos, seus ombros, todas as suas articulações tremiam. A Flaemmchen olhava ora para um ora para outro. Virava o rosto de um lado para outro, como uma gatinha boba, diante da qual está pendurado um novelo de lã como brinquedo. Aliás, ela compreendia bem o que Kringelein estava dizendo, apesar da confusão em que estava, e concordava plenamente.

— O senhor já não sabe mais como é que nós vivemos? — exclamou ele com os lábios brancos sob o bigode claro e arrepiado. — É como se precisássemos trepar numa parede lisa, é como se estivéssemos presos na adega durante a vida toda. A gente espera de um ano para outro, primeiro ganhamos cento e oitenta marcos, esperamos depois cinco anos para ganhar duzentos marcos, e depois isso se vai arrastando, e fica-se esperando de novo. E depois a gente pensa: com o tempo as coisas vão melhorar, mais tarde você vai poder ter um filho, mas isso nunca chega, e depois até do cachorro precisamos nos desfazer, porque o dinheiro não dá, e depois a gente espera que vague um lugar melhor, e trabalha brutalmente, faz horas extras que não são pagas, e depois um outro é colocado no posto melhor, com trezentos e vinte marcos de ordenado e salário-família, e a gente fica esperando de cócoras. E tudo por quê? Porque o senhor diretor-geral não entende de nada. Porque o senhor diretor-geral promove sempre os empregados que não valem nada, até o Broesemann. Uma coisa tão triste como o meu jubileu de serviço nunca houve nem haverá no mundo. Vinte anos de serviço! Talvez o senhor tenha se congratulado comigo, não? Alguém se lembrou de me dar uma gratificação? A gente fica inclinada diante da escrivaninha esperando, mas nada muda. Então pensamos: isso não é possível, ainda virá uma grande surpresa, porque não é possível que eles tenham esquecido, quando estamos trabalhando na caixa há vinte anos. E chega o meio-dia, chegam as seis horas, e nós, com o terno dos domingos, ficamos esperando que aconteça alguma coisa, mas nada acontece. Então, a gente vai correndo para casa, e fica com vergonha da mulher, e fica com vergonha do Kampmann. "Então", pergunta o Kampmann, "como foi a sua festa?" "Ah, sim", digo eu, "a escrivaninha estava cheia de flores, eles me deram quinhentos marcos, e o próprio diretor-geral fez um discurso em minha honra, ele sabe perfeitamente que eu sou sempre o último a sair do escritório." Foi isso o que eu disse ao Kampmann, para a vergonha não ser tão grande. E sete semanas depois o Broesemann manda me chamar e diz: "Ouvi dizer que o senhor está aqui conosco há vinte anos, e isso passou despercebido. Como é, o senhor tem algum desejo especial?" E eu digo: "Esticar as canelas o mais depressa possível, é esse o meu desejo; esta vida de cão não me dá mais alegria alguma". Então

Broesemann foi falar com o velho, e ele subiu o meu ordenado para quatrocentos e vinte marcos, desde maio, mas a vida de cão continuou. E então jurei a mim mesmo: "Preysing um dia há de ouvir a verdade, eu ainda hei de lhe dizer".

Kringelein começara a falar alto, mas sua voz, nas últimas palavras, tinha submergido dentro da garganta, foi ficando cada vez mais tristonha e abafada. Preysing, com as mãos nas costas, passeava no pequeno aposento de um lado para outro. Suas botinas rangiam sob o peso da sua pesada pessoa, e o fato de a Flaemmchen, durante todo o tempo, ter ficado sentada ouvindo, com os olhos atentos indo e vindo, o punha fora de si de raiva. De repente, parou diante de Kringelein e avançou sua protuberante parte dianteira, ameaçadoramente, para o jaquetão novo de Kringelein.

— Mas o que quer o senhor de mim? Eu não o conheço, e o senhor foi entrando pelo quarto — disse ele em tom frio e anasalado. — O senhor teve a ousadia de entrar aqui e vir com insinuações comunistas. Que tenho eu que ver com o seu jubileu? Que tenho a ver com o senhor? Não posso me interessar por todos os empregados da nossa fábrica, de um em um. Tenho outras preocupações. Minha vida também não é um mar de rosas, em absoluto. E quem demonstra ter aptidões para o seu posto é bem pago e faz carreira. Os outros não me interessam. Não tenho nada que ver com o senhor, não o conheço. E agora, basta!

— O senhor não me conhece, não é? Mas eu o conheço perfeitamente. Já o conhecia desde o tempo em que o senhor chegou como praticante em Fredersdorf, e morava na casa do alfaiate, no quarto dos fundos, e ficou devendo ao meu sogro o dinheiro da manteiga e da salsicha. Notei com atenção o dia em que o senhor deixou de me cumprimentar, Herr Preysing; primeiro parou de cumprimentar, e depois pôs-se a bancar o moço bonito com a filha do velho. Tomei nota da sua vida, Herr Preysing, não pense que deixei passar coisa alguma. E se algum de nós fizesse tantas tolices, em ponto pequeno, como o senhor faz em ponto grande, já teria sido despachado há muito tempo. É que expressão arrogante tem o senhor quando passa no corredor, e quando olha para nós como se não fôssemos seres humanos! E uma vez, a única vez que se achou um erro nos meus livros, e houve um prejuízo de trezentos marcos, nunca me esquecerei da maneira grosseira com que o senhor se dirigiu a mim. E os oitocentos operários que o senhor despediu ainda estão até hoje cuspindo por trás do senhor, pode ficar certo. E quando o senhor chega no seu automóvel, com o escapamento aberto, para nós respirarmos um ar bem viciado, o senhor fica pensando que é alguma coisa. Mas para mim o senhor é...

Kringelein desviou-se do assunto. Embaralhou os fatos e o ódio de vinte e sete anos, coisas importantes e insignificantes, verdade e fantasia, coisas reais e

boatos do escritório. O que ele desenrolou nesse quarto de hotel era, em resumo, a queixa de um homem delicado e malsucedido na vida, contra um outro, que fizera o seu caminho de modo simples e com certa brutalidade, uma queixa com base, mas injusta e de um enorme ridículo. Preysing, por seu lado, incapaz de qualquer compreensão humana, foi ficando cada vez mais encolerizado; quando Kringelein tocou nas dívidas do seu tempo de aprendiz, na pequena e escura mercearia de Herr Sauerkatz, chegou a sentir tonturas, e teve medo de uma congestão. Ouvia o forte latejar da própria respiração, passando pela garganta. Via tudo vermelho e confuso, de tal modo as veiazinhas de seus olhos se encheram de sangue. Deu dois passos em direção a Kringelein, agarrou-o pelo colete e sacudiu-o de um lado para outro como uma trouxa de roupa. O chapéu novo de Kringelein caiu ao chão, e Preysing o pisou como se pisasse um animal. É estranho, mas Kringelein sentiu um prazer esquisito com essa grosseria. "Bata em um homem sem defesa e às portas da morte, isso está de acordo com a sua pessoa", pensou ele, quase satisfeito. A Flaemmchen, por trás da bandeja de chá do hotel, murmurava de si para si: — Não... não façam isso.

Preysing empurrou Kringelein de encontro à parede e escancarou a porta:

— Basta! — gritou. — Cale a boca. Saia. Imediatamente. O senhor vai ser despedido. Eu o despeço. Está despedido. O senhor está despedido.

Kringelein, que apanhara o chapéu no chão, ao ouvir essas palavras parou entre as duas portas, o rosto branco como papel; a porta interna estava aberta e a externa ainda fechada, e ele, com as costas trêmulas e cobertas de suor apoiadas de encontro à madeira envernizada de branco, começou a rir, escancarando a boca diante do rosto desfigurado de cólera de Preysing.

— O senhor me despede? Está me ameaçando? O senhor não pode me despedir, não me pode fazer nenhum mal, Herr Preysing, nada, absolutamente nada. Estou doente. Estou gravemente doente, está ouvindo? Vou morrer, só tenho algumas semanas de vida, ninguém pode me causar mal nenhum! Até o senhor me despedir, já estarei morto! — exclamou ele às gargalhadas, sacudindo-se todo, e com os olhos rasos de lágrimas. A Flaemmchen levantou-se do sofá e inclinou o corpo para a frente. Preysing também inclinou o corpo, seus punhos cerrados caíram ao longo do corpo, e em seguida ele pôs as mãos nos bolsos das calças.

— Homem de Deus — disse ele em voz baixa —, o senhor está louco? E não é que o sujeito está rindo? Acho que esse sujeito fica alegre por estar gravemente doente. O senhor ficou maluco?

Kringelein, ao ouvir essas palavras, tornou-se incontinenti sério, pensativo, e levemente embaraçado. Conservou-se por um instante entre as duas portas, lançando um rápido olhar ao pequeno apartamento, ao vulto da Flaemmchen,

que um raio de sol iluminava perto da janela, ao corpulento e já aplacado diretor-geral, que conservava as mãos nos bolsos das calças, entrevendo também o quarto de dormir aberto, com o banheiro ao lado. Tudo isso o desmoralizado Kringelein avistou confusamente, através do tremular das indesejáveis lágrimas, que o envergonhavam. Ele se inclinou.

— A senhora queira me desculpar, se a importunei — disse ainda, com sua voz aguda e agradável.

Preysing, com a consciência de homem correto a lhe pesar, considerou isso uma insinuação ordinária e baixa. Tirou os punhos dos bolsos.

— Saia — disse apenas.

Mas Kringelein já tinha desaparecido. Preysing deu alguns passos de um lado para outro, rangendo os sapatos. Suas fontes incharam, e sua testa ficou rubra.

— Então? — perguntou a Flaemmchen.

De súbito, o diretor-geral correu à porta, escancarou-a e, trombeteando como um elefante excitado, gritou em meio ao silencioso corredor:

— O senhor será encontrado! Vamos observá-lo! Vamos procurar onde foi que roubou o dinheiro para vir aqui vagabundear! Seu comunista! Malandro! Malcriado, sem-vergonha e ordinário! Vou mandar prendê-lo... é isso mesmo!

Mas Kringelein não estava mais ao alcance da vista ou do ouvido de ninguém.

A Flaemmchen, que durante todo o tempo não abrira a boca, disse, finalizando:

— Para dizer a verdade, era bem simpático esse homem. Acabou até chorando.

— Fique com as meias, está tão bonita, assim — disse Preysing, sentado na *chaise-longue* do quarto 72, ocupado pela Flaemmchen.

— Não — replicou ela. — Não gosto disso. Não posso ficar andando no quarto só de sapatos e meias.

O clarão do abajur iluminava seu corpo em flor, pondo sombras purpúreas em seu dourado fosco. Os joelhos e os ombros refletiam-se num suave sombreado, na carne macia e arredondada. Ela sentou-se à beira da cama, tirou primeiro os sapatos azuis, depois enrolou nas pernas, com a máxima seriedade e cuidado, as meias novas de seda, tirando-as dos pés. A luz escorreu na concavidade delicada de seus seios, quando ela se inclinou, e suas vértebras se movimentaram com agilidade. Preysing observou esses fenômenos, prendendo a respiração.

— Você é uma belezinha — disse ele, sem ousar levantar-se do seu incômodo assento.

A Flaemmchen fitou-o por sobre os ombros, inclinando a cabeça com complacência, e encorajando-o. Levou as meias a uma cadeira, onde já colocara o vestido e as poucas peças de *lingerie de crêpe-de-Chine*, muito bem dobradas, como uma colegial ajuizada. Preysing levantou-se, por fim, pondo-se de pé sobre seus sapatos rangedores, e aproximou-se dela. Estendeu cuidadosamente o dedo indicador, sobre o qual havia um montinho de pelos claros, e tocou com a maior precaução as costas da Flaemmchen, como se ela fosse um animal estranho, ainda não domado e de quem se desconfia. A Flaemmchen sorriu.

— Então? — disse amavelmente.

Estava um pouco nervosa e impaciente. Do seu lado, ela tinha a máxima boa vontade em cumprir o seu contrato oral, ponto por ponto. Afinal, uma pessoa correta não podia receber mil marcos, uma viagem à Inglaterra, um *tailleur* novo e várias outras coisas sem oferecer nada em troca. Mas esse diretor-geral era tão desajeitado, já estava a girar como um saca-rolhas há duas noites — era assim pelo menos que a Flaemmchen chamava a corte tímida e cerrada de Preysing — e isso era realmente desagradável. Ela tinha a sensação de que um dentista extremamente inábil ia lhe obturar um dente. Bem gostaria que o pior já tivesse passado, mas a coisa se arrastava, não saía do lugar, enervava-a. Fez pressão com as costas na mão de Preysing, mas o medroso indicador já havia voltado ao bolso do paletó, onde por enquanto estava descansando da sua ousada aventura, ao lado da caneta-tinteiro. A Flaemmchen suspirou, e virou-se de frente para o diretor-geral. A perfeição do seu corpo nu o intimidou ao mesmo tempo.

— Veja só, agora eu a estou vendo na realidade. Agora posso vê-la, realmente — disse ele, angustiado.

O corpo da moça respirava um frescor tão puro e um asseio que provocou no diretor-geral mais medo do que embriaguez.

— É engraçado, na fotografia da revista você parecia bem diferente do que é — disse ele, meio confuso.

— Diferente? Diferente em quê?

— Mais *coquette*. Tinha assim um sabor picante, você me entende?

A Flaemmchen entendeu-o. Percebeu a desilusão oculta causada pela sua sóbria inteireza física, e percebeu também as inibições do sangue burguês e pesado de Preysing, já desabituado dessas coisas, mas nada podia fazer. "Não posso deixar de ser eu mesma", pensou ela. E disse:

— Pois é, para nos fotografar, os fotógrafos nos põem em atitudes de macacos. E depois ainda retocam. O senhor gostou mais da fotografia do que de mim?

— Que ideia! Você é uma belezinha — repetiu Preysing, que possuía um reduzido vocabulário de termos carinhosos. — Mas por que é que você não me

trata por "você"? Por favor!

A Flaemmchen sacudiu pensativamente a cabeça.

— Ah, isso não — disse ela.

— Não? E por que não?

— Porque... porque não. Isso eu não posso fazer. Isso eu não faço. O senhor é um estranho para mim, como é que eu vou tratá-lo por "você"? Em geral, eu sou muito... faço tudo o que o senhor quiser. Mas tratá-lo por "você" não é possível.

— Você é uma criaturinha engraçada, Flaemmchen

— disse Preysing, observando a pele nua da menina, em que a luz se refletia, e sua boca pintada. — É preciso conhecê-la a fundo!

— Engraçada, nada — disse a Flaemmchen amuando. Sua castidade era de uma espécie diferente, só dela.

— A gente precisa saber afastar-se com dignidade — procurou ela explicar. — Posso viajar com o senhor para a Inglaterra, e tudo o mais; mas nada disso deve transparecer. Tratar-se por "você" compromete. Se daqui a seis meses eu me encontrar com o senhor, direi: "Bom dia, senhor diretor-geral". E o senhor diz: "Essa moça é a secretária que trabalhou para mim em Manchester". Assim está tudo em ordem. Mas tratar-se por "você"... para o senhor também não seria agradável se eu o visse em companhia de sua senhora e dissesse: "Alô, benzinho", ou "alô, queridinho", ou, "menino, como vai você?"

# 14

Na verdade, o diretor-geral se encolheu todo ao ouvir essas palavras. Só faltava mesmo que lhe viessem agora recordar a sua Mulle. No entanto, a sensação da coisa proibida, do pecado, dos caminhos escusos e do vício fluiu como uma onda de calor em suas veias, já com a propensão à arteriosclerose das pessoas bem alimentadas. Preysing sentou-se na cadeira mais próxima e suspirou. A cadeira também gemeu. As tábuas do assoalho rangiam, os móveis e as portas estalavam, sob a pressão do corpo de Preysing. Ele estendeu as mãos e, num acesso de excitada coragem, pousou-as na delicada curva acima das coxas da Flaemmchen. As palmas de suas mãos, extasiadas e ansiosas de prazer, em vez do contato frouxo que esperavam, sentiram uma superfície firme, elástica, como elástico esticado. Puxou a Flaemmchen para as suas pernas abertas, que pareciam querer tremer, o que ele impediu, porém.

— Que músculos vocês todas têm! Como rapazes! — murmurou ele com voz pegajosa.

— Quem? Nós todas?

— Você... e as outras meninas que eu conheço — respondeu Preysing, pensando em suas filhas, Babe e Pepsin, vestidas de maios.

A Flaemmchen já estava sentindo frio, e sentia um certo conforto ao contato do corpo quente de Preysing; abandonou então o sóbrio "senhor", passando a empregar uma fórmula intermediária:

— Vejam só. Ele conhece outras meninas! — disse ela, brincando com os cabelos de Preysing, que na véspera o barbeiro tinha cortado com um corte moderno e citadino, pondo neles uma agradável loção. "Ora, a coisa já vai caminhando", pensou a Flaemmchen ao mesmo tempo.

— Naturalmente que eu conheço outras meninas. Que pensa você de mim? A gente não é de papelão. Vai-se buscá-las junto aos moços bonitos no chá das cinco. Veja como eu sou forte! — declarou Preysing exibindo o seu bíceps. Sentia-se de novo cheio de entusiasmo, como na véspera, ao sair da bem sucedida conferência, quando se atirara meio tonto a essa aventura incrível. — Veja como sou forte, veja só — repetiu ele, apontando a musculatura, diante da Flaemmchen.

Ela lhe fez a vontade, apalpando seu músculo. Realmente, observou por debaixo da manga de sarja um bíceps fortíssimo.

— Hum — disse a Flaemmchen com respeito —, é de ferro!

Levantou-se dos joelhos incômodos de Preysing, deu uns passos para trás, colocando as mãos cruzadas na nuca, e depois fitou o diretor-geral com as pálpebras semicerradas. Em suas axilas havia os mesmos caracoizinhos louros e leves, como na testa. Preysing sentiu de repente seu pescoço encolher-se.

— Você vai ser boazinha para mim? — disse, num abafado sussurro.

— Vou, sim, como não? — respondeu a Flaemmchen, muito gentil e convidativa.

Em um segundo, o diretor-geral atirou-se sobre ela, com a expressão de um homem que arrebentou as cordas que o prendiam, que derrubou muros, que fugiu da prisão. Fugia de si mesmo, esse homem correto, consciencioso e refletido. Subiu aos ares como um foguete, e foi parar nos braços da Flaemmchen. "Ora vejam", pensou a Flaemmchen, um tanto sensibilizada pela entrega total do transtornado Preysing, pelo medo e a paixão que ele demonstrava; a moça colocou os braços em volta da nuca do diretor, e ele a sentiu bater-se contra seu corpo, como vagas cálidas, em que ele se afogou deliciado, enquanto textos de telegramas, de uma infinidade de telegramas, giravam diante de seus olhos fechados, no princípio com uma cor grená, depois azul-escura, para desaparecerem por completo, quando os lábios pintados da Flaemmchen se apossaram com avidez da sua boca.

A noite já ia alta. Vagos sons da música de dança do pavilhão amarelo penetravam como uma vibração melódica nas paredes do Grande Hotel. Herr Senf já acabara o serviço, deixando a portaria entregue ao porteiro da noite. O Dr. Otternschlag tinha ido para o seu quarto, onde se deitara de olhos fechados e de boca aberta, como uma múmia embriagada. Sua maleta estava preparada para a viagem definitiva, mas nessa noite ele também não criara coragem para preencher a última e pequena formalidade. No 68 uma máquina de escrever pertinaz batia o seu tique-taque; o representante de uma companhia americana de cinema se instalara nesse quarto, e no leito de metal que acolhera a noite de amor da Grussinskaia havia pilhas de tiras de celuloide, que o americano examinava, enquanto ia terminando sua correspondência comercial. O tique-taque da máquina podia ser ouvido até no 70, onde Kringelein estava sentado na banheira, observando um tablete de sal de banho que se dissolvia borbulhando dentro da água, refletindo-se no esmalte branco. Kringelein estava triste, e por isso cantarolava em voz baixa, timidamente, para criar coragem. Como uma criança na floresta, Kringelein cantava na banheira. Esse dia tinha sido desagradável e decepcionante, a discussão com Preysing lhe custara muitas forças, deixando-o murcho e abatido. E o pior era que Gaigern, aquele dínamo, aquela fonte de energias, esse homem despreocupado e de sangue quente, que transmitia calor,

com seu tempo de cento e vinte quilômetros, se tornara invisível. Kringelein, dentro da água quente, que aplacava as dores, tinha a impressão de já ter lido e virado a última página de sua vida, a impressão de que agora nada mais viria, absolutamente nada.

O *groom* 18, Karl Nispe, veio subindo de mansinho a escada, parava, subia de novo, parava, subia de novo. Suas olheiras estavam tão escuras que pareciam pintadas. Engolia a saliva, com a sensação nervosa de apetite que atormenta quase todos os empregados de hotéis. Chegava de um beco miserável, de um pobre aposento, para o seu serviço no *hall* do hotel, com as colunas, os tapetes, o repuxo veneziano, e depois desaparecia de novo na vida apagada de proletário, quando terminava o serviço. Apesar de ter apenas dezessete anos imaturos, ele tinha uma pequena, uma espécie de noiva, que exigia dele coisas que lhe era impossível satisfazer, com o pouco dinheiro que ganhava. Há pouco achara a cigarreira de ouro no jardim de inverno. Conservou-a guardada e escondida por quatro dias, o que era quase o mesmo que tê-la roubado. Ficou se remoendo de remorsos, e agora quer separar-se dela e entregá-la, como se a tivesse achado. Parou diante do quarto 69, com o coração batendo com violência. Tirou o quepe, o que fez seu rosto desuniformizar-se tomando incontinenti uma aparência humana; após ficar parado durante sete minutos, ouvindo as batidas do próprio coração, bateu à porta.

Apesar de o *groom* Karl Nispe ter visto o Barão Gaigern retirar a chave da portaria há um quarto de hora e dirigir-se em seguida ao seu aposento, não deram resposta à sua batida. O *groom* hesitou um momento, criou coragem, abriu a porta exterior e bateu na interior. Na cabina entre as duas portas estava pendurado o *smoking* do barão, para ser limpo. O *groom* bateu. Nada. Esperou, bateu. Nada. Puxou para baixo o trinco da porta interior, o quarto estava aberto e vazio. O *groom* Karl, que já conhecia um pouco a vida, deu um assobiozinho surdo, e colocou a cigarreira, que ficara quente na sua mão, no centro da mesa. O quarto estava muito bem arranjado, tendo a lâmpada acesa, e uma atmosfera especial, fresca, diferente da atmosfera dos hotéis, cheirando a mentol, alfazema, cigarros e lilases brancos de estufa. Na escrivaninha estava a fotografia de um cão pastor. No meio do quarto os sapatos de verniz dormiam, com uma expressão de lealdade e satisfação. O *groom*, arreganhando os dentes num sorriso, farejou impressionado essa elegante atmosfera de rapaz solteiro, aspirando-a com delícia, e depois ficou pensando. De repente, com o coração a bater com violência, ele pegou de novo a cigarreira, meteu-a entre o paletó e a camisa, e retirou-se sem fazer ruído.

No pequeno *office*, diante de cuja porta ele deslizou, a camareira estava escrevendo uma carta. O segundo andar estava em completo silêncio, e bem lá

embaixo zunia o pequeno motor de um ventilador. No pavilhão amarelo chegara a vez de um tango.

No quarto 72, aquele quarto caro de duas camas, que o Diretor-Geral Preysing alugara para a sua secretária, ouviam-se também uns sons vagos da música. Preysing voltou a si, após seu mergulho no aroma de violetas da pintura, do primeiro beijo, e disse:

— Ouça!

— Estou ouvindo há bastante tempo. É a música — disse a Flaemmchen. — Eu gosto de ouvir música ao longe.

— Música? Não é, não. Você não ouviu outro ruído? — perguntou Preysing. Estava todo descomposto, sentado à beira da cama, aguçando o ouvido. Seus supercílios tinham se levantado com a excitação, e em sua testa surgiu um verdadeiro sistema de rugas, gravadas pelos inúmeros anos de negócios complicados. — Continuo a ouvir um ruído — disse ele, inquieto.

— Que ruído, onde? — murmurou a Flaemmchen, que já estava com sono; tentou puxar a cabeça de Preysing, com certa impaciência.

— Ouvi uma batida qualquer — insistiu Preysing, olhando fixamente na direção da porta do banheiro de seu quarto, que ele tinha deixado aberta.

— Também estou ouvindo um ruído — disse a Flaemmchen, pousando as mãos no colete de Preysing. — Estou ouvindo seu coração bater. Ouço-o com toda a clareza, taque, taque, taque.

Realmente, o coração de Preysing batia com um ruído impertinente, em seu peito largo. Eram pancadas surdas e violentas, por baixo da sarja cinzenta. Preysing continuava a olhar para a porta aberta, em cujo verniz se refletiam os reflexos rosados do abajur.

— Largue-me. Vou ver o que é — disse ele, afastando as mãos da Flaemmchen de suas costelas. Levantou-se, e a cama gemeu. A Flaemmchen levantou os ombros por trás dele. Preysing, com duas passadas rangedoras, desapareceu pela porta do banheiro.

Essa porta, essa portinha de madeira branca de uma folha só, devia se conservar fechada, de acordo com o regulamento. Ela separava o apartamento do diretor-geral do da sua secretária. A administração do hotel nada fizera para eliminar essa separação. Pelo contrário. A portinha não tinha trinco, e quando estava fechada não podia ser aberta. Mas Preysing havia usado uma gazua da fábrica, que ele sempre trazia no bolso; abrira a porta, abandonara essa noite o seu quarto sempre em ordem, com a sacola das botinas, as caixas das gravatas, o saquinho da esponja de banho e as incômodas preocupações de marido correto, e, atravessando a portinha, lançara-se a uma aventura inconveniente, de consequências imprevisíveis.

O banheiro, que ele atravessou rapidamente, estava escuro. A água pingava — *pong, pong, pong* — na banheira. Ao lado, ficava o pequeno dormitório, também escuro e sem nenhum ruído estranho. Preysing parou um instante e apalpou a parede, procurando o comutador. Não o encontrou. Foi tateando até à porta fechada do seu aposento, e de repente parou no meio do quarto, sem respirar. Ele tinha a certeza de ter apagado a luz do quarto — e agora ela estava acesa. Surgiu como um fiozinho por baixo da porta, tremeluziu um segundo diante dos pés de Preysing, na soleira, e desapareceu. Preysing continuou durante um segundo imóvel no meio do quarto, olhando para o lugar onde o risco de luz havia aparecido, agora novamente escuro — na semi-escuridão do hotel, cuja fachada era iluminada pelos refletores, globos de luz e anúncios.

Enquanto estava ali, teve a impressão de que alguma coisa desagradabilíssima, fora do comum, ia acontecer. Ignorava o que seria. Tinha uma vaga impressão de que, no quarto ao lado, aquele empregado meio maluco tinha entrado de novo, como de manhã; agora, ele estava lá, pilhando o diretor-geral numa aventura escusa. Imaginou que esse sujeito maluco, chamado Kruckelein ou Kringelein, ou outro nome qualquer — esse indivíduo suspeito ainda ia lhe causar enormes contrariedades. Denúncias, extorsão, porcarias inimagináveis.

Foi isso que zuniu vagamente pela cabeça atordoada de Preysing, quando, com um violento impulso, ele escancarou a porta de seu quarto.

Lá dentro estava escuro e silencioso. Não havia ninguém ali. Ninguém respirava. Preysing também não respirava.

Estendeu a mão para trás e girou o comutador. No mesmo instante o quarto escureceu, após o curto clarão que o iluminara, tão curto que Preysing nada pôde perceber. Seguiu-se um segundo de extrema tensão nervosa, de uma espera inquietante. O cérebro de Preysing trabalhava com clareza e desesperada velocidade. "Na porta do corredor tem outro comutador", pensou esse cérebro, sem a intervenção de seu dono. "É ali que está o sujeito, e vai apagar a luz se eu a acender."

— Tem alguém aí? — perguntou ele com voz elevada demais, e tão rouco que ele próprio se assustou. Não houve resposta. Preysing atirou-se para a frente, encontrou a escrivaninha, bateu com a canela na madeira, sentindo uma dor medonha, e acendeu a lâmpada da escrivaninha. Depois ficou imobilizado.

Ao lado do guarda-roupa, perto da porta do corredor, estava um homem, um cavalheiro de pijama de seda. Não era o empregado da fábrica, era... Preysing reconheceu o rosto ao clarão verde da lâmpada — era o outro sujeito, o sujeito elegante do *hall,* aquele do pavilhão amarelo, o sujeito que também dançara com a Flaemmchen. Estava ali ao pé da porta, e fez uma careta à guisa de sorriso, ao

ser encontrado num quarto que não era o seu.

— Que quer o senhor aqui? — perguntou Preysing, angustiado. Sentia medo das batidas de seu próprio coração, e seus joelhos formigavam, assim como as pontas dos dedos.

— Desculpe-me — disse o Barão Gaigern. — Parece que errei de porta.

— Que aconteceu? Errou de porta? Veremos isso — disse Preysing com voz rouca. Foi rodeando a escrivaninha; esticara a cabeça ameaçadoramente, como uma fera, e apesar de ver tudo vermelho, percebeu perfeitamente, como por um milagre, que sua carteira não se encontrava mais sobre a escrivaninha, onde ele a depusera pedantemente, antes de ir abrir a porta do quarto da Flaemmchen. — Veremos se é verdade que o senhor errou de porta — ouviu sua própria voz pronunciar, e afastou-se de supetão da escrivaninha.

No mesmo instante o barão estendeu com violência a mão, horizontalmente, visando o rosto de Preysing.

— Se o senhor se mover, eu atiro — disse ele sem elevar muito a voz. Preysing, durante um segundo de loucura, avistou a ponta negra do revólver.

— Que quer você? Vai atirar? — berrou ele. Agarrou na primeira coisa que encontrou e fez um movimento. Sentiu seu braço vibrar no ar um objeto pesado, e atirou-se de corpo inteiro para o golpe. A pancada forte e ruidosa na cabeça do homem ricocheteou em seu próprio braço.

O barão ainda ficou um instante diante de Preysing, com leve expressão de espanto no rosto; depois, seus joelhos desmoronaram, seu corpo caiu ao chão, e finalmente, após o barulho da queda e tudo ficar novamente em silêncio, ficou de borco no assoalho.

— Você vai atirar? Viu agora? — disse Preysing, em seguida. O ar penetrava às golfadas em sua garganta, e ele voltou a si do acesso de cólera e medo, como se voltasse de águas profundas. — Viu agora? — repetiu ao homem estendido no chão, com um tom mais brando, como a se desculpar e a repreender.

O homem não respondeu. Preysing inclinou-se sobre seu corpo, mas não lhe tocou.

— Ei! Que aconteceu com o senhor? Ei! — disse ele a meia voz.

Ouvia agora a música do pavilhão amarelo. Ouvia novamente seu coração latejar, e seu próprio alento. Ouvia até o *pong, pong* da água, no quarto de banho. Mas o homem caído por terra não emitia nenhum som. Preysing olhou em volta. Em sua própria mão encontrou então o objeto com que tinha dado a pancada. Era o tinteiro de bronze com a águia de asas estendidas. Preysing descobriu manchas pretas nos dedos, e também na pala do paletó. Tirou o lenço do bolso e limpou-se bem, depois de colocar de leve o tinteiro na escrivaninha. Depois voltou para perto do homem estendido no chão.

— Desmaiou — disse em voz alta.

Apossou-se dele uma sensação confusa, de afogamento, um sentimento indefinível, ao ajoelhar-se ao lado do homem; ouviu as tábuas do assoalho rangerem com um som estranhamente vivido e penetrante. "Vou mandar prendê-lo", pensou ele, mas assim descomposto como estava não podia tocar a campainha. Teve um sentimento de desagrado, ao ver que o homem continuava estendido de borco no chão, com o pescoço aparentemente quebrado, e de braços abertos. Procurou o revólver no tapete, mas não o achou. Reinava um silêncio importuno no quarto, que há pouco estivera cheio do barulho da queda e do tombo. Preysing fez um gesto, um esforço sobre si mesmo, e pegou o homem pelos ombros, para deitá-lo melhor, para deitá-lo de costas.

Então viu os olhos abertos de Gaigern. Então viu que Gaigern não respirava mais.

— Mas o que foi que aconteceu? — sussurrou ele. — Mas o que foi que aconteceu? Mas o que foi que aconteceu?

Repetiu várias vezes essa frase, inconsciente e apalermado. Acocorado no tapete ao lado do morto, sussurrava:

— Mas o que foi que aconteceu? Mas o que foi que aconteceu?

Gaigern, com um sorriso no semblante amável, com seu semblante de morto, ouvia sorrindo. Já havia morrido, já havia deixado aquele enorme hotel, desaparecera de um modo total, era impossível ir buscá-lo — mas tinha ainda as mãos quentes, caído de olhos abertos no assoalho do quarto 71. A luz esverdeada da lâmpada da escrivaninha batia em seu rosto de traços belos e distintos, em que ficara gravado um grande espanto.

Foi assim que a Flaemmchen encontrou os dois, quando, após um quarto de hora, se esgueirou pela porta proibida para ver onde ficara Preysing. Aproximou-se descalça, parou na soleira e piscou.

— Que aconteceu? Com quem o senhor estava falando? Está se sentindo mal? — perguntou ela, procurando reconhecer as coisas na semi-escuridão. Preysing começou por três vezes a frase, antes de responder.

— Aconteceu alguma coisa — sussurrou finalmente, com uma voz que ninguém teria reconhecido em Fredersdorf.

— Que aconteceu? Meu Deus, o que foi? Aqui está tão escuro — disse a Flaemmchen, acendendo a luz do forro. O recinto se iluminou com uma luz crua e forte.

— Ah — disse a Flaemmchen, ao ver o rosto de Gaigern. Uma exclamação breve e dolorosa, muito curta. Preysing ergueu os olhos para ela.

— Ele quis atirar contra mim. Eu só dei uma pancada — sussurrou ele. — É preciso chamar a polícia.

A Flaemmchen inclinou-se sobre Gaigern.

— Ele ainda está olhando — disse ela baixinho, como a se consolar. "Ele está morto, mesmo? Era tão bonzinho", pensou ela com simplicidade, bem no íntimo. Estendeu a mão.

— Não se pode tocá-lo antes de vir a polícia — disse Preysing em voz mais alta do que desejava, e já desperto.

Só então a Flaemmchen compreendeu o que se passara.

— Ah — repetiu ela.

Afastou-se dali, sentindo tonturas, com a impressão de que as paredes se aproximavam dela.

Passou correndo através de portas, tropeçou, correu de novo, vendo portas, portas e mais portas.

— Socorro — disse baixinho —, socorro. Todas as portas oscilavam, todas estavam fechadas.

Só uma se abriu.

A Flaemmchen a viu abrir-se, e em seguida nada mais viu.

Às vezes há tanto barulho no corredor do Grande Hotel que os hóspedes se queixam. O elevador sobe e desce aos solavancos, as campainhas dos telefones tocam. Os passantes riem alto demais, um assobia, outro bate as portas com violência, no fim do corredor duas camareiras brigam a meia voz, e se alguém se dirige ao toalete, encontra, muito envergonhado, oito pessoas. Mas outras vezes esse corredor fica completamente mudo e vazio. Pode-se andar nu por sobre as passadeiras, pode-se chamar por socorro — socorro! socorro! socorro! — e ninguém ouve.

Kringelein, que não conseguiu pegar no sono, porque pressentia o despertar das dores de estômago; Kringelein, a quem o sofrimento e a proximidade da morte fizeram ficar com a carcaça fina e o ouvido aguçado; Kringelein ouviu o leve gemido da Flaemmchen, inconsciente, correndo pelo corredor. Não se fingiu de surdo como o cineasta americano do quarto pegado, o 68, mas pulou da cama e abriu a porta.

Nesse instante aconteceu um milagre em sua vida, que lhe iria dar conteúdo, e completá-la.

Nesse instante Kringelein avistou o corpo irreal e perfeito da Flaemmchen, completamente nu, que veio cambaleando em sua direção, caiu com todo o peso nos braços que ele lhe estendera, e ali ficou.

Kringelein, nesse instante, não perdeu a cabeça, nem suas forças o abandonaram sob o peso da mocinha desmaiada. A queda desse corpo quente, de um moreno dourado, entre seus braços, o encheu de um delicioso susto, de um sentimento de carinho sem igual, mas apesar disso ele fez uma porção de coisas

acertadas. Pôs um braço sob a nuca frouxa da Flaemmchen, o outro sob os joelhos da menina, e suspendendo com um impulso o corpo, levou-o até sua cama. Depois, fechou as duas portas que davam para o corredor, e respirou profundamente, porque o sangue corria violentamente pelo seu coração. Da mão pendente da Flaemmchen caiu então um objeto, um sapato azul, já meio gasto, de salto alto, que ela apertara até agora ao peito nu. Ela o havia erguido do chão e o levara consigo como um salvado de incêndio ou de um desabamento, como se fosse essa a única peça do vestuário, que salvara de uma catástrofe. Kringelein pegou a mão pendente e colocou-a ao lado do corpo da Flaemmchen, deitada no leito. Lançou um olhar pelo quarto, encontrou o vidrinho de Bálsamo de Vida do Dr. Hundt e verteu algumas gotas nos lábios da Flaemmchen. Um leve tremor perpassou pela testa da menina, mas seu desmaio era muito profundo, impedindo que ela tomasse o remédio. Mas ela respirava profundamente, e a cada respiro seu os fios encaracolados do cabelo claro erguiam-se delicadamente do travesseiro, para tombarem em seguida. Kringelein correu ao banheiro, mergulhou um lenço na água fria, despejou nele um pouco de água-de-colônia — porque desde a véspera o elegante Kringelein também possuía perfumes — e voltou para perto da Flaemmchen. Umedeceu cuidadosamente seu rosto, as fontes, e em seguida procurou sentir com a mão as batidas de seu coração por baixo da curva firme do seio esquerdo. Ali colocou o pano frio e úmido e depois ficou de pé ao lado da cama, esperando.

Ele ignorava que seu rosto exprimia uma admiração tímida, ilimitada e imensa, enquanto esteve ali a observar a menina. Ele ignorava que por baixo do bigode seus lábios se abriam no sorriso virgem de um meninote de dezessete anos. Talvez ele nem soubesse que nesse momento vivia realmente, vivia de fato. Mas uma coisa ele sabia. Aquele sentimento que o penetrava agora com um ardor e um ímpeto quase doloroso, essa leveza que o acometia, esse fundir-se, essa sensação de tornar-se transparente e de dissolver-se, tudo isso ele conhecia apenas dos sonhos, sem pressentir sequer que existia também na realidade. Na sua narcose se passara algo semelhante, pouco antes do zunido azul se tornar negro; e em segredo, bem no íntimo, Kringelein imaginara a morte assim: uma festividade sem igual, uma coisa perfeita, que não deixa o mínimo resíduo, onde tudo se dissolve. Agora, nesse momento, em presença da menina desmaiada que procurava sua proteção, Kringelein estava muito longe de pensar na morte.

"Isso existe", pensou ele, "isso existe. Uma beleza assim existe realmente. Não é uma pintura como um quadro, não é imaginária como um livro e nem uma ilusão como no teatro. É uma coisa real, um menina nua e maravilhosamente bela, de uma beleza perfeita, de uma perfeita...", ele procurou outra palavra, mas não encontrou nenhuma outra. "Beleza perfeita", foi só o que conseguiu pensar,

"beleza perfeita."

A Flaemmchen cerrou as sobrancelhas, estendeu os lábios como uma criança que desperta e, finalmente, abriu os olhos. A lâmpada se refletia num brilho circular muito claro, em suas pupilas; ela piscou, sorriu gentilmente, respirou profundamente e murmurou:

— Obrigada.

Logo a seguir fechou de novo os olhos, que pareciam querer dormir. Kringelein pegou no cobertor que havia escorregado, e o estendeu com cuidado sobre a menina. Depois, trouxe uma cadeira para a beira da cama, sentou-se e ficou à espera.

— Obrigada — tornou a murmurar a Flaemmchen um pouco mais tarde.

Não estava mais inconsciente, mas fazia esforços para pôr ordem em sua cabeça e colocar as coisas em seus devidos lugares. O que a tornava um pouco confusa era o fato de ela confundir o minguado Kringelein à beira da cama com outro senhor, com um dos seus antigos amigos, de quem ela gostava muito, e do qual se separara com enorme tristeza. O pijama de listras azul-claras, e uma vaga e delicada atenção na atitude de Kringelein, foi o que a levou a essa confusão.

— Como foi que eu vim parar aqui? — perguntou a Flaemmchen. — O que você está fazendo perto de mim?

Kringelein levou um susto suave e penetrante ao ouvir o inesperado "você", mas como se encontrava em meio a um milagre, aceitou esse fato com toda a naturalidade.

— Você desmaiou e veio parar aqui — respondeu ele com simplicidade. Então a Flaemmchen percebeu o erro em que caíra, recordou-se de tudo subitamente e sentou-se na cama.

— Desculpe-me — murmurou ela. — Mas aconteceu uma coisa medonha! — Puxou a colcha para perto do rosto, amarrotou-a, levando-a aos olhos, e começou a chorar. Imediatamente os olhos de Kringelein também se encheram de lágrimas, e seus lábios, que estavam sorrindo, se puseram a tremer.

— Que coisa horrível — murmurou a Flaemmchen —, horrível, horrível.

Ela chorava com enorme facilidade, as lágrimas jorravam aos borbotões de seus' olhos, e nesse aluvião ela se desoprimia. Amarrotou a colcha, apertando-a de encontro ao rosto, e cobriu a beirada do pano branco com pequeninas manchas vermelhas em forma de coração, da sua boca pintada. Kringelein ficou a observá-la, e os cantos de seus olhos se apertaram, numa comoção dura e contida. Finalmente, ele levantou a mão e colocou-a na nuca da Flaemmchen.

— Então... então... então? — disse ele. — Não chore... não chore... não chore.

A Flaemmchen olhou para ele com os olhos rasos d'água.

— Ah, é o senhor — murmurou satisfeita.

Só agora reconhecia no vulto que se achava à beira da cama o senhor baixinho, que ontem se mostrara tão tímido ao dançar com ela, e na discussão com Preysing demonstrara tanta coragem. Um sentimento familiar e agradável de estar protegida, no leito de Kringelein, a acometeu, sob as brandas batidinhas da mão do homem em seu pescoço.

— Nós já nos conhecemos — disse ela, entregando-se com inconsciente gratidão de animal à carícia de seus dedos.

Kringelein parou com as palmadinhas e recolheu forças no seu íntimo, uma inesperada porção de forças e de agressividade.

— Que aconteceu com você? Herr Preysing lhe fez alguma coisa? — perguntou ele.

— Não me fez nada — disse a Flaemmchen baixinho —, não me fez nada.

— Quer que vá falar com ele? Não tenho medo de Herr Preysing.

A Flaemmchen olhou para Kringelein, muito rígido e aprumado, e caiu em profundas reflexões. Procurava recordar-se do quadro medonho do quarto 71, os dois homens no chão, sob a luz esverdeada, um morto, estendido, o outro aparvalhado, de cócoras. Mas esse quadro já se apagara em sua alma elástica. Só seus lábios se apertaram ao recordar-se, e a excitação contraiu-lhe os músculos dos braços.

— Ele o matou — murmurou ela.

— Matou? Quem matou? Quem é que foi morto?

— Preysing matou o barão.

Kringelein mergulhou numa profunda zoada, mas dominou-se e voltou de novo à consciência.

— Mas isso... isso não é... não é possível. Uma coisa dessas não pode acontecer — gaguejou ele.

Inconscientemente, colocou ambas as mãos em torno do pescoço da Flaemmchen e puxou seu rosto bem perto do dele. Fitou-a fixamente nos olhos, e ela também fitou fixamente os olhos dele. Finalmente, ela inclinou a cabeça por três vezes, expressiva e silenciosamente. É estranho, mas só depois disso Kringelein acreditou na coisa absurda que ela dissera. Suas mãos caíram.

— Está morto? — disse ele. — Mas ele era... ele era a própria vida, esse homem. Uma pessoa cheia de forças e energia. Como é possível que um sujeito como o Preysing...

Levantou-se e se pôs a caminhar pelo quarto, sem fazer ruído, com os pés magros metidos nos chinelos novos de viagem, os olhos vesgos de excitação. Via Preysing andando no corredor do edifício C em Fredersdorf, sem cumprimentar. Escutava sua voz fria e nasal nas conversas sobre salários, sentia as portas

tremerem sob os acessos de cólera do diretor-geral, do qual toda a fábrica tinha medo. Ficou parado à janela diante das cortinas fechadas, mas vendo Fredersdorf através delas.

— Isso tinha de acontecer. Isso tinha de acontecer

— disse, afinal, e o sentimento da justiça cumprida se ergueu em seu corpo consumido de empregado subalterno.

— Agora é a vez dele — acrescentou. — Prenderam-no? Como é que a senhorita sabe de tudo isso? Como aconteceu isso?

— Preysing estava comigo no quarto, e a porta estava aberta; de repente ele se levantou e disse que estava ouvindo um ruído. Então, acho que dormi um pouquinho, porque já estava com muito sono. Depois vi que eles falavam, mas não em voz alta, e depois uma coisa caiu, e depois Preysing não voltou. Então fiquei com medo, e fui ver; a porta estava aberta... e ele estava estendido no chão... com os olhos abertos.

A Flaemmchen tomou de novo da colcha e a levou até seu rosto, que se tornara pálido. Derramou outra torrente de lágrimas pelo falecido Gaigern. Ela não o sabia exprimir, mas tinha a impressão de ter perdido uma coisa belíssima, maravilhosa, que nunca mais, nunca mais seria possível recuperar.

— Ainda ontem ele dançou comigo, e foi tão bonzinho, e agora ele se foi para nunca mais voltar — soluçou ela na escuridão do quente acolchoado de plumas.

Kringelein retirou-se da janela sinistra, com as desagradáveis recordações de Fredersdorf, e sentou-se na beira da cama; pôs mesmo o braço em torno dos ombros da Flaemmchen, e pareceu-lhe uma coisa natural consolar e proteger essa menina que chorava... Ele também estava triste com a morte de Gaigern, uma tristeza calada e dura de homem, apesar de não ter ainda compreendido bem que seu amigo de ontem estava morto, agora.

A Flaemmchen, quando se cansou de chorar, retornou à sensatez de que era feita a sua personalidade.

— Talvez ele fosse realmente um ladrão. Mas isso não era razão para matá-lo — disse em voz baixa.

Kringelein se lembrou do que tinha acontecido com a carteira na noite anterior. "Ele estava precisando de dinheiro", pensou Kringelein. "Talvez tenha passado o dia inteiro atrás de dinheiro. Ele ria e bancava o cavalheiro, mas é provável que não passasse de um pobre-diabo. Pode ter feito isso em desespero de causa. E um sujeito como o Preysing vai matá-lo..."

— Não — disse ele em voz alta.

— Você tinha razão no que disse a Herr Preysing hoje de manhã — começou a Flaemmchen, encostada no braço de Kringelein, sem notar que o tratava de

novo por "você". Tinha a impressão de que ele era um velho conhecido, e a palavra lhe veio naturalmente aos lábios. — Assim que conheci Herr Preysing antipatizei com ele — acrescentou.

Kringelein pensou durante alguns minutos sobre a pergunta indelicada que lhe pesava no coração desde a véspera, depois que a Flaemmchen saíra da sala de dança para encontrar-se com Preysing.

— Por que razão você... por que é que você foi ter com ele? — perguntou, finalmente.

A Flaemmchen olhou-o com toda a confiança.

— Por dinheiro, naturalmente — replicou com simplicidade. Kringelein a compreendeu instantaneamente.

— Por dinheiro — repetiu ele, não como uma pergunta, mas como uma resposta.

Sua vida tinha sido uma luta constante pelo dinheiro; como não iria ele compreender a Flaemmchen? Então passou também o outro braço em torno do seu corpo, encerrando-a como num anel, e a Flaemmchen fez-se pequenina, reclinando a cabeça no peito de Kringelein — podia sentir suas costelas por baixo da seda fina do pijama.

— Lá em casa eles não entendem isso — disse a Flaemmchen. — Em minha casa a vida não é fácil, para mim. Há sempre brigas com mamãe e minha irmã. Já estou sem emprego há um ano, e é preciso fazer alguma coisa. Para trabalhar no escritório eu sou bonita demais, é o que dizem, sempre sai encrenca por causa disso, e as grandes firmas não gostam de aceitar moças bonitas, .. têm razão. Para manequim, sou alta demais... procuram tamanho quarenta e dois, no máximo quarenta e quatro. E para o cinema... não sei o que se passa. Talvez eu não seja suficientemente *coquette.* Mais tarde isso não tem importância, pelo contrário, é só no começo. Eu ainda vou conseguir, ainda hei de conseguir. Mas não posso envelhecer, já tenho dezenove anos, e é preciso fazer o possível para tentar uma carreira. Há muitas pessoas que dizem que não se deve ficar com um diretor-geral como esse por dinheiro. Pelo contrário... só mesmo por dinheiro! Não consigo achar isso errado. Continuo a ser a mesma, ninguém me tira pedaço, mesmo que eu faça pequenos favores e me mostre gentil. Quando a gente fica sem emprego um ano, correndo as agências de filmes, correndo atrás de anúncios, a roupa de baixo vai acabando, sem mais nada para vestir... e as despesas continuam... não tenho culpa: o meu ideal é andar bem vestida. Ninguém acredita o quanto me torna feliz um vestido novo. Muitas vezes fico a imaginar vestidos dias e dias, para usar mais tarde. E depois as viagens. Sou louca por viagens, adoro conhecer outras cidades... ah! Em casa tenho uma vida dura, pode acreditar. Não gosto de me queixar, tenho gênio bom e suporto muita

coisa. Mas às vezes a gente tem vontade de fugir correndo, mesmo que seja com o sujeito mais cacete e porco deste mundo, só para ir embora, Por dinheiro... é claro, naturalmente que é por dinheiro. O dinheiro é uma coisa importantíssima, e quem disser o contrário está mentindo. Preysing queria me dar mil marcos. Isso é muito dinheiro. Com esse dinheiro eu poderia fazer qualquer coisa. Mas agora está tudo acabado. Agora está tudo como antes. E em casa é uma coisa pavorosa.

— Conheço tudo isso. Posso imaginar. Compreendo perfeitamente — disse Kringelein. — Em casa tudo é uma sujeira. Só com dinheiro a gente pode se tornar um homem limpo. Nem o ar é bom, quando a gente não tem dinheiro, porque não se pode arejar a casa, o aquecimento custa caro. Não se pode tomar banho, porque a água quente gasta muito carvão. As navalhas de barbear estão velhas e arranham a cara. É preciso fazer economia com a roupa, nada de toalha de mesa nem de guardanapos. Faz-se economia de sabão. A escova do cabelo já não tem mais pelos, a cafeteira está rachada e desbeiçada, as colheres já estão pretas. Nos travesseiros há pelotas de penas estragadas, de penas velhas. O que quebra fica quebrado. Não se manda consertar nada. É preciso pagar as apólices. E não sabemos que vivemos mal, pensamos que tem que ser necessariamente assim.

Deitara a cabeça sobre a cabeça da Flaemmchen, e rezaram assim a litania da pobreza, embalando-se ao som das palavras monótonas. Ambos estavam cansados e excitados, quase adormecidos.

— O espelhinho quebrou — continuou a Flaemmchen — e não podemos comprar um novo. Temos que dormir na *chaise-longue* por trás do biombo. A casa está sempre cheirando a gás. Todos os dias sai uma discussão com o dono da casa. Vivem a nos atirar na cara a comida que comemos e não podemos pagar, porque estamos sem emprego. Mas eles não vão acabar comigo! Eles não vão me vencer! — disse ela com energia. Esgueirou-se dos braços de Kringelein e sentou-se muito ereta na cama, fazendo a coberta cair sobre os joelhos de Kringelein, quente pelo contato da sua pele jovem. Kringelein recebeu esse calor como uma dádiva preciosa.

— Hei de vencer — disse a Flaemmchen, soprando novamente o caracol de cabelo para cima, sinal de que a leviandade e a força vital lhe retornavam. — Não preciso do diretor-geral, hei de vencer!

Kringelein estava às voltas com uma série de complexos pensamentos, e quando terminou de refletir tentou exprimi-los por palavras.

— Quanto à questão do dinheiro, nos últimos tempos é que reparei bem — explicou hesitante. — A gente se torna uma pessoa completamente diferente, quando tem dinheiro, quando pode comprar as coisas. Mas nunca imaginei que

também se pudesse comprar isso...

— Isso o quê? — perguntou a Flaemmchen, sorrindo.

— Isso, ora. Uma coisa como você. Uma coisa belíssima. Uma coisa maravilhosa. Gente como eu nem sabe que existe uma coisa assim como você. Gente como eu não conhece nada, não vê nada, e pensa que o casamento, ou coisa semelhante, tem que ser essa coisa sórdida, esfarrapada, feia e sem alegrias, ou então uma coisa baixa, como nos prostíbulos que existem aqui. Mas quando vi você deitada sem sentidos... mal tive coragem de olhá-la. Deus do céu, que beleza! Deus do céu, que beleza! Existe realmente uma coisa dessas, pensamos, Deus do céu, existem milagres, verdadeiros milagres!

É isso que se passa com Kringelein. Sentado à beira da cama, ele não fala como um auxiliar de guarda-livros de quarenta e sete anos, mas como um homem apaixonado. Sua alma oculta, sua delicada e tímida alma esgueira-se do seu casulo e movimenta suas asinhas novas. A Flaemmchen rodeia com os braços os joelhos erguidos, e o ouve com um sorriso admirativo e incrédulo. A intervalos há ainda um soluço em sua garganta, como acontece com uma criança que chorou. Kringelein não é nem jovem, nem bonito, nem desembaraçado, nem sadio ou forte, não tem uma única qualidade para ser um amante. E se suas palavras gaguejadas e simples, seus olhos vesgos de febre, seus gestos tímidos de posse, que ficam a meio caminho, conseguem causar impressão sobre a Flaemmchen, a razão deve ser procurada nas camadas mais profundas do seu ser. Talvez fosse, somando tudo, o conhecimento do sofrimento, o contínuo desejo de sorver um trago de vida, e ao mesmo tempo a silenciosa disposição de aceitar a morte o que transformava essa pequena ruína humana de pijama listrado azul-claro em um homem com características másculas e digno de amor.

Isso não quer dizer que a Flaemmchen pudesse se apaixonar por Kringelein, não, a vida está muito longe de produzir doçuras assim. Mas nesse quarto de hotel ela sente uma espécie de proximidade e de proteção, alguma coisa que parece ter mais consistência do que as improvisações de sua movimentada existência de inseto. Kringelein fala como uma torrente, despeja do coração toda a sua vida, e nesse instante ele tem a impressão de que sua existência só teve uma finalidade e uma meta: o milagre que viera ao seu encontro, a beleza perfeita que repousa em seu leito, a mocinha que está ali, que passara dos braços de Preysing para os seus.

A Flaemmchen não tem uma opinião muito elevada de si mesma. Conhece o seu preço. Dez marcos para uma pose fotográfica. Cento e quarenta marcos por um mês de trabalho de escritório. Quinze *Pfennige* por uma página datilografada com cópia. Um casaquinho de pele de duzentos e quarenta marcos por uma semana de aventura amorosa. Deus do céu, onde podia ela ir buscar o respeito

por sua própria pessoa? Mas nas palavras de Kringelein ela se descobria a si mesma pela primeira vez, enxergava-se como num espelho, via sua linda pele dourada, sua cabeleira de ouro claro, todos os membros de seu corpo, cada um uma beleza e uma bênção, sua frescura, sua existência despreocupada e ao léu — descobria-se a si mesma, como se descobrisse um tesouro enterrado.

— Mas eu não tenho nada de extraordinário — murmurou ela com modéstia, corando intensamente.

Em meio ao entusiasmo das palavras de Kringelein, ela levou um susto e se encolheu toda, quando ouviu-o pronunciar o nome de Preysing. Ambos tinham esquecido, nessa última meia hora, o que acontecera sob o clarão esverdeado da lâmpada, no quarto 71. Agora, subitamente, voltava a consciência de todo aquele horror.

— Não volto para lá — sussurrou a Flaemmchen.

— Já devem tê-lo prendido. Vão querer me prender também. Fico escondida aqui.

Kringelein deu uma risada nervosa.

— Por que haveriam de querer prender você? — perguntou, não sem receio. Agora ele via Gaigern com toda a clareza diante de si; Gaigern no carro, Gaigern no avião, na mesa de jogo, ao clarão da luz do ringue de boxe, Gaigern se inclinando sobre ele, Gaigern entregando-lhe de novo a carteira, Gaigern passando pela porta giratória.

— Por que razão eles iriam prender você? — perguntou ele de novo.

A Flaemmchen inclinou a cabeça, muito séria.

— Como testemunha — disse, sem consciência do que estava dizendo.

— Você acha...? — perguntou Kringelein só por perguntar, vendo Gaigern, só Gaigern, através da moça.

De repente, ele se viu de novo em meio à velocidade desabalada, ao tempo perigoso em que passara o dia anterior.

— Você não precisa ter medo. Vou arranjar as coisas para você — disse apressadamente. — Você vai... você vai ficar mesmo comigo? Você vai se sentir feliz? Não quero mais nada, só quero que você se sinta feliz. Você quer? Tenho dinheiro. Tenho bastante dinheiro. Dá para muito tempo. Posso ganhar mais ainda, se jogar. Vamos viajar. Vamos a Paris. Para onde você quer ir?

— Meu passaporte está visado para a Inglaterra.

— Está bem, está bem. Para onde você quiser. O que você quiser. Você vai ter muitos vestidos. A gente precisa ter vestidos e dinheiro. Vamos ser bem gastadores e levianos, você quer? Vou lhe dar o dinheiro que ganhei no jogo, três mil e quatrocentos marcos. Mais tarde você poderá ter mais ainda. Não diga nada, não diga nada, fique bem quietinha aí deitada. Agora eu vou para lá. Vou

ver Preysing. Vou ver o que aconteceu com ele. Você acredita que vai passar melhor comigo do que com Preysing? Prefere ficar comigo a ficar com Preysing? Agora vou para lá, e trago as suas coisas. Pode confiar em mim. Não tenha medo.

Kringelein desapareceu no banheiro, suas mãos voaram enquanto ele se vestia, com o jaquetão preto e a gravata escura de seda pesada. Provocava um sentimento estranho, vestir-se assim a altas horas da noite, enquanto as ruas já iam silenciando, e os canos do aquecimento central esfriavam. A Flaemmchen, sentada no leito de Kringelein, colocou o rosto entre os joelhos e expeliu demoradamente o ar dos pulmões. Sua cabeça, após a vertigem que ela tivera, começava a doer, e sua garganta estava seca. Desejava comer uma maçã e fumar um cigarro. Apanhou o vidro de Bálsamo de Vida do Dr. Hundt, e aspirou, mas não gostou do cheiro de canela. Kringelein voltou do banheiro com o ar de um senhor distinto, esse Kringelein de Fredersdorf, que tinha picado lenha diariamente para a mulher, durante vinte anos.

— Já vou indo. Você fique aqui sossegada — disse ele, colocando o *pince-nez* diante dos olhos claros, brilhantes e vesgos, cujas pupilas tinham se tornado grandes e negras. Ao chegar à porta ele voltou ao leito, ao pé do qual se ajoelhou repentinamente. Com as mãos na testa, pôs-se a murmurar qualquer coisa que a Flaemmchen não entendeu.

— Sim. Como não? — respondeu ela. — Com muito gosto. Sim.

Kringelein levantou-se, limpou o *pince-nez* na beirada do lenço pendente do bolsinho do paletó, e saiu do quarto. A Flaemmchen ouviu-o fechar a porta externa, e depois o barulho de seus passos, afastando-se no corredor. E depois, bem ao longe, a música do pavilhão amarelo, onde ainda estavam as mesmas pessoas, dançando há três horas.

# 15

Gaigern está estendido no tapete do quarto 71, morto. Nada mais lhe pode acontecer. Ninguém mais no mundo pode atormentá-lo e persegui-lo, jamais esse Barão Gaigern irá parar na penitenciária, o que é ótimo. Nunca irá a Viena, onde a Grussinskaia espera por ele, o que é muito triste. Mas esse homem belo e forte, esse marginal, vivera o circuito de sua vida cheia de peripécias. Foi uma criança numa campina, um menino montando a cavalo, um soldado na guerra, um lutador, um caçador, um jogador, um homem que amou e foi amado. Agora está morto. Um pouco de umidade conservou-se em seus cabelos, há uma mancha de tinta em seu pijama de seda azul-escuro, e um sorriso de espanto em sua boca. Nos pés traz meias grossas de lã, meias de ladrão, e em sua mão direita, agora fria, o corte das últimas aventuras não poderá mais cicatrizar-se.

Preysing também ouviu a música lá de baixo, que o atormentava imensamente. Tudo o que ele pensava tomava o ritmo sincopado que a Eastman Jazzband tamborilava pelas paredes do hotel, lá no pavilhão amarelo. Nada poderia combinar menos do que aquilo que tocavam lá embaixo a noite toda e o que pensaram ali em cima a noite toda.

"Sou um homem arrasado", pensava Preysing. "Acabou-se. Está tudo acabado. Não posso ir para Manchester. O negócio com a Chemnitz vai por água abaixo. A polícia vai me prender. Vai haver interrogatório. Investigações. Foi em defesa própria, está bem, foi em defesa própria. Não vai me acontecer nada. Mas há o resto. Há aquela mulher. Vão interrogá-la. Estive com ela, a porta estava aberta, continua aberta."

Preysing estava sentado no ângulo extremo do quarto, numa peça esquisitíssima do mobiliário, uma cesta que deveria servir para a roupa suja, com um assento acolchoado em cima. Ele acendera todas as lâmpadas do lustre, mas não se atrevia a virar-se e olhar para trás. Era forçado, de modo inexplicável, a avistar incessantemente o cadáver de Gaigern; tinha a impressão de que aconteceriam coisas terríveis no momento em que ele virasse a cabeça para observar o que sucedera à porta aberta.

"A porta estava aberta. Não devo fechá-la. Tenho que deixar tudo como estava, até chegar a polícia. Amanhã vai sair nos jornais que eu tinha uma mulher em minha companhia aqui no hotel. Mulle vai ficar sabendo de tudo. As

crianças também, é claro, as crianças também. — Meu Deus, ó meu Deus, que será de mim, qual será o meu fim? Mulle vai querer divorciar-se, ela não compreende essas coisas, não tem a mínima compreensão para essas coisas. Mas tem razão, tem toda a razão de querer se divorciar. Uma coisa dessas não pode acontecer, de modo algum — como poderei tocar em minhas filhas com estas mãos?"

Olhou as palmas contraídas de suas mãos, cheias de tinta. Sentia um desejo violento de ir ao banheiro e lavar as mãos, mas não tinha coragem de desviar os olhos do cadáver. — *Hallo, my baby,* tocaram ao longe, muito ao longe.

"Vou ficar sem as crianças, vou ficar sem minha mulher. O velho vai querer me expulsar da firma, é claro. A um homem comprometido como eu, ele não permite que fique na firma. E tudo por causa de uma mulher dessas, só por isso. Talvez ela estivesse de parceria com esse homem, e me tenha atraído ao quarto dela para que ele pudesse praticar o roubo aqui. É isso, vou dizer isso ao juiz. Foi em legítima defesa, ele queria atirar."

Preysing abaixou-se e olhou pela milésima vez as mãos do cadáver de Gaigern. Estavam vazias, a direita violentamente cerrada, a esquerda pendente do pulso: ambas completamente desarmadas. Preysing pôs-se de joelhos e procurou por todo o tapete iluminado. Nada. O revólver com que o homem o ameaçara tornara-se invisível — ou nem mesmo existira. Preysing foi se arrastando de novo ao seu banco, com a sensação de estar enlouquecendo. Seus pés tinham perdido o solo firme da existência burguesa, desde o instante em que ele atirara à mesa, diante dos homens da Chemnitz, aquele sinistro telegrama, e desde então ele cambaleava num despenhadeiro, de aventura em aventura. Sentia o abismo vertiginoso que o atirava de sua vida, que deslizava antes sobre carris, às trevas e ao vácuo. Conhecia homens iguais ao que ele era agora: existências marginais, com um passado de riquezas, e com ternos sórdidos, à procura de emprego, de escritório em escritório. Via-se a perambular, abandonado, mal vestido, sozinho e com má reputação. Sua pressão, que não era normal, provocava-lhe dores latejantes na nuca, e um zumbido nos ouvidos. Preysing, arrasado, durante alguns minutos dessa noite desejou ter um ataque de apoplexia, que viria conciliar tudo. Mas não aconteceu nada parecido. Gaigern continuou morto, e ele vivo.

— Meu Deus! — gemeu ele. — Meu Deus, Mulle, Babe, Peps, ó meu Deus!

Sentia vontade de esbofetear o próprio rosto, mas não teve coragem. Sentia medo das palmas enegrecidas de suas mãos.

Assim o veio encontrar Kringelein, quando, pouco depois de duas horas — a música acabara — entrou no quarto, após cautelosas batidas. Os lábios de Kringelein, essa noite, estavam completamente brancos, mas suas faces estavam

rubras e luzidias, de um vermelho intenso. Encontrava-se em um estado de êxtase maravilhoso, um sentimento de solenidade e de reserva se apossara dele; tinha a sensação de estar corretíssimo e impecável no seu jaquetão preto, e com sua cortesia de cavalheiro distinto.

— Aquela senhora me mandou aqui — disse ele. — Contou-me que aconteceu alguma coisa aqui. Queria ser útil, de algum modo, ao senhor diretor-geral.

Só depois dessas palavras ele olhou para o cadáver de Gaigern. Não se assustou. Admirou-se apenas. Desde que saíra do quarto 70, viera-lhe ao pensamento a ideia de que tudo não fosse verdade; Gaigern estaria vivo ainda, Preysing não era um assassino, e a Flaemmchen, lá no quarto dele, tinha imaginado ou sonhado tudo aquilo. Mas lá estava realmente Gaigern, e era também real que a Flaemmchen estava à espera de Kringelein, lá no quarto. Inclinou-se sobre o morto, tomado de uma estranha e cálida comoção, de um calor fraternal. Quando se ajoelhou ao pé de Gaigern, teve forte emoção ao sentir o aroma perfumado de alfazema e de cigarro inglês, em meio ao qual ele vivera um dia importantíssimo, um dia inesquecível e luminoso. "Obrigado", pensou ele, com um soluço seco na garganta.

Preysing ergueu para ele uns olhos aparvalhados e erradios.

— Não se pode tocar no cadáver antes que venha a polícia — disse ele inesperadamente, quando Kringelein estendeu a mão para fechar os olhos do amigo. Kringelein, sem dar atenção a Preysing lá no seu canto, fez o gesto suave e solene. "A Flaemmchen também fará o mesmo comigo", foi o pensamento que o acometeu, um pensamento que ele não pôde evitar. "Você parece estar tão satisfeito", pensou ele. "Sente-se bem mesmo? Não é tão ruim assim, não é verdade? Não há de ser tão ruim assim. Em breve será a minha vez", pensou ainda. "Em breve."

— O senhor diretor-geral já avisou a polícia? — perguntou cerimoniosamente, quando se levantou de novo.

Preysing sacudiu a cabeça.

— O senhor diretor-geral deseja que eu me encarregue disso? Estou às suas ordens, senhor diretor-geral — disse ainda.

Era estranho. Preysing sentia enorme alívio desde que Kringelein entrara no aposento, oferecendo-se, em tom cortês de empregado, a executar os seus desejos.

— Sim. Imediatamente. Ainda não. Espere um pouco — sussurrou. Disse essas palavras com a expressão de uma ordem severa mas pouco clara, como costumava atormentar seus subordinados na fábrica.

— É preciso avisar o senhor seu sogro a respeito do acidente. O senhor

diretor-geral deseja que eu envie um telegrama à sua distinta família? — perguntou Kringelein.

— Não. Não — respondeu Preysing num sussurro apressado e surdo, mais penetrante do que um grito.

— Nesse caso, seria conveniente o senhor diretor-geral arranjar um advogado. Já é tarde, mas, num caso excepcional como este, talvez se pudesse telefonar para um advogado. O senhor diretor-geral naturalmente vai ser logo levado para a prisão preventiva. Estou à sua disposição para dar todos os outros passos necessários, antes da minha partida — continuou Kringelein, oferecendo seus serviços.

Ele tinha a consciência clara de estar em meio a graves acontecimentos, e os termos escolhidos com que se exprimia enchiam-no de satisfação. Pareciam-lhe à altura da situação. Mas a acentuada cortesia com que se dirigia ao arrasado, ao aniquilado diretor-geral, vinha-lhe de fontes profundas e estranhas. Postado ali, pequenino mas com o porte ereto, ele era o vencedor de uma antiga luta, que Preysing ignorara até esse dia. Haviam desaparecido o ódio, o medo, a raiva e a impotência, todos os sentimentos de Fredersdorf. Talvez sobrasse ainda um sopro de respeito, daquele respeito estranho e inexplicável que se sente pelas pessoas que praticaram um ato reprovável; e além disso a compaixão e a superioridade, que forçam a cortesia.

— O senhor não pode viajar — sussurrou Preysing lá atrás, sentado em seu cesto de roupa suja. — O senhor vai ser necessário aqui. Preciso do senhor. Nem pense em viagens.

Disse isso no tom de uma grosseira negativa de férias. Kringelein teria dado risada, se não estivesse sofrendo com a visão de Gaigern, estendido imóvel no tapete, com a cabeça sem vida sobre as tábuas duras.

— Vamos precisar do senhor como testemunha. O senhor tem que estar aqui quando chegar a polícia — exigiu o diretor-geral.

— As minhas declarações vão ser feitas imediatamente. Aliás, estou doente e tenho que viajar amanhã para uma estação de repouso — replicou Kringelein, cerimonioso.

— Mas o senhor conhecia esse homem — disse Preysing depressa. — E essa mulher também o conhecia.

— O barão era meu amigo. Aquela senhora procurou-me, logo após o assassinato, colocando-se sob a minha proteção — disse Kringelein com linguajar jornalístico.

Sua caixa torácica estreita enfunou-se de orgulho. Ele se mostrava à altura da situação, pensava, satisfeito.

— Esse homem era um criminoso. Roubou minha carteira. Ainda deve estar

com ele. Não toquei no cadáver.

Kringelein olhou Gaigern, e era esquisito vê-lo ali estendido, calado, enquanto eles falavam; então, Kringelein sorriu, com um sorriso vago e indefinido. Levantou os ombros por sob os enchimentos de crina de primeira qualidade do seu terno novo. "É possível", pensou ele. "É possível que fosse um criminoso. Mas isso tem tanta importância? Em um mundo onde se ganham milhões, onde se gastam milhões, onde se ganham milhões no jogo, uma carteira de notas não tem importância."

De repente, Preysing saiu da sua modorra e despertou.

— Como e que o senhor veio parar aqui? Quem o mandou aqui? Fräulein Flamm? — perguntou com severidade.

Assim Kringelein ficou sabendo o nome burguês da Flaemmchen.

— Sim, senhor. Fräulein Flamm — replicou. — Essa senhora está no meu quarto. Não quer voltar para o seu. Me mandou aqui para buscar suas coisas, para estar vestida quando a polícia vier. Não tinha nenhuma peça de vestuário sobre o corpo, quando desmaiou.

Preysing, durante alguns minutos, refletiu sobre essa frase bem torneada.

— Fräulein Flamm vai ser interrogada — disse depois, num tom de medo desesperado.

— Sim, senhor — disse Kringelein bruscamente. — Esperamos que isso não dure muito. Essa senhora vai viajar comigo amanhã. Ofereci-lhe trabalho — acrescentou ainda. Suas faces empalideceram, com a comoção sufocante do sentimento de triunfo e de vitória.

Mas Preysing, nesse momento, não sentia sua masculinidade e nem pensava em lutar pela posse de uma mulher. Ele nem sequer suspeitava o significado que tinha para Kringelein o fato de a Flaemmchen ter trocado Preysing por ele: uma coisa fantástica, um milagre, uma vitória total e completa.

— As coisas de Fräulein Flamm estão no quarto dela, o 72. A primeira porta à esquerda — disse Preysing procurando levantar-se, ao que seus joelhos pesados se negaram.

Suas articulações estavam mortas, cheias de areia, sabotavam o serviço. E o morto continuava deitado no chão, continuava ali.

Mas quando Kringelein já estava perto da porta e Preysing viu que ia ficar sozinho, levantou-se de um salto.

— Espere. Espere um pouco — sussurrou com um grito surdo e angustiado. — Ouça, Herr Kringelein... preciso falar com o senhor... antes... antes de avisarmos a polícia. Trata-se da... é a respeito dessa senhora. O senhor disse que vai viajar com essa senhora, não é? Não seria possível... o senhor não disse que essa senhora está no seu quarto? Não seria possível que as coisas ficassem

assim? Quero dizer... ouça, Herr Kringelein, nós somos homens. O que acabou de acontecer aqui fica sob a minha responsabilidade. Legítima defesa, não é verdade? Foi apenas em legítima defesa. É uma coisa desagradabilíssima, mas eu me responsabilizo pelo que fiz. Mas o resto me deixa desesperado. O resto me arrasa. Não é possível... a polícia precisa saber do negócio com Fräulein Flamm? Podia-se ... é só eu fechar de novo a porta do 72. Fräulein Flamm passou a noite com o senhor, e não sabe de nada. O senhor também não sabe de nada, Herr Kringelein. E está tudo em ordem, não há encrencas. O senhor vai viajar, não precisa servir de testemunha, e Fräulein Flamm não será interrogada. Diga, Herr Kringelein, o senhor me compreende... o senhor conhece minha mulher, conhece-a quase há tanto tempo quanto eu. E o velho... o senhor conhece o velho, também. O senhor trabalha na fábrica, Herr Kringelein... não preciso lhe explicar tudo isso. Minha vida está por um fio... digo-o com franqueza. E a gente pode ficar arrasado com uma tolice dessas, com essa história de mulheres, com uma coisa insignificante como essa, Herr Kringelein. Amo minha mulher, sou muito apegado a minha mulher e às meninas — disse ele como se estivesse dando sua palavra, como se falasse com a própria Mulle. — O senhor conhece as duas meninas, Herr Kringelein. Vou perder tudo, absolutamente tudo, se vier à luz essa história com Fräulein Flamm, no julgamento. Eu não ... eu não tive relações com Fräulein Flamm. Palavra de honra, não houve nada entre nós, nada — sussurrou ele. Só agora isso lhe vinha à consciência. — Ajude-me, Herr Kringelein, entre dois homens a gente se entende. Fique com a responsabilidade dessa história. Faça a sua mala, vá viajar com a pequena, cale-se, e deixe o resto por minha conta. A única coisa que lhe peço é que se cale. Só é preciso que o senhor convença Fräulein Flamm a calar a boca. Só isso. Vá viajar, vá para bem longe... eu lhe darei... ouça, Herr Kringelein: hoje pela manhã nós trocamos palavras muito desagradáveis. Isso não quer dizer nada. O senhor me julga mal, acredite-me, o senhor me julga muito mal. Por toda parte há desentendimentos entre o chefe e o pessoal, isso não é tão sério assim. No fim das contas a gente trabalha junto. Nós todos puxamos a mesma corda, meu caro Kringelein. Eu lhe... eu lhe darei... o senhor recebe de mim um cheque, e vai viajar. Vá agora ao 72 e feche a porta. Fräulein Flamm fica de bico calado, e tudo está arranjado. Se alguém lhe perguntar alguma coisa, ela passou a noite toda com o senhor, e não sabe de nada, não viu nem ouviu nada. Herr Kringelein, faça-me este favor, por favor...

Kringelein ouviu o sussurrar de Preysing, um murmúrio excitado, quase louco, e fitou-o. A luz clara das sete lâmpadas do lustre punha sombras escuras em seu rosto desfeito, coberto de um suor frio. Os olhos estavam pisados e as pálpebras inchadas, o lábio superior nu tremia, as pálpebras se confrangiam, os

cabelos colavam-se à testa enrugada do homem de negócios. Suas mãos pareciam paralisadas e enfermas, quando ele se ergueu e repetiu:

— Por favor, por favor, por favor... "Pobre-diabo", pensou Kringelein de súbito. Era um pensamento completamente novo, esse, quebrava cadeias e derrubava muros.

— Meu destino depende do senhor — sussurrou Preysing.

Preysing se transformara num mendigo, não se envergonhava de usar essa expressão empolada: destino. "E o meu destino?", pensou Kringelein, "e o meu?" Mas isso durou só um momento, esse pensamento não chegou a adquirir forma.

— O senhor diretor-geral exagera a minha influência sobre essa senhora. Se o senhor diretor-geral quiser mentir, terá que assumir a responsabilidade, tem de fazê-lo sozinho — disse com frieza. — Mas eu o aconselharia a avisar agora a polícia; do contrário, poderia causar má impressão. Agora vou levar as coisas de Fräulein Flamm para o meu quarto. É o 70, caso o senhor diretor precise de mim. Por enquanto, peço permissão para me retirar.

Preysing levantou-se, vencendo a impotência de suas pernas, levantou-se e despencou de novo como um saco. Kringelein correu para segurá-lo. "Pobre-diabo", pensou ele de novo, "pobre-diabo." Preysing, com o braço apoiado pesadamente em Kringelein, continuou:

— Herr Kringelein, nada falarei a respeito da sua licença por motivo de doença. Não mandarei investigar onde foi que o senhor encontrou os meios para a sua escapada. Vou... quando o senhor voltar, procurarei melhorar a sua situação na fábrica. Farei pelo senhor o que for possível fazer...

Então Kringelein começou simplesmente a rir, sem malícia, sem ofender-se e sem gratidão, um riso brando e leviano.

— Obrigadíssimo — disse ele. — Obrigadíssimo pela boa intenção. Mas não será necessário.

Encostou Preysing à parede, e assim o deixou, com as costas largas e frouxas de encontro aos arabescos da tapeçaria da parede do 71, com a expressão de um alpinista que despencou no abismo. No corredor brilhavam agora as luzes alternadas, e ao canto havia uma mesa, com um letreiro luminoso avisando: *Cuidado, degrau!* O relógio de parede bateu três pancadas, com sua voz antiquada.

Às três e meia o porteiro da noite, que cabeceava sobre os jornais do dia seguinte, recebeu um chamado telefônico:

— Alô? — perguntou à concha negra. — Alô? Alô?

Nenhum ruído vinha ao telefone. Depois alguém pigarreou.

— Mande vir imediatamente ao meu quarto o diretor do hotel. Preysing. 71.

E avise a polícia. Aconteceu uma coisa...

Os destinos vividos num grande hotel não são destinos completos, inteiros, totais. São apenas trechos, farrapos, partes de um destino. Por detrás das portas habitam indivíduos indiferentes ou esquisitos, homens em ascensão e homens decadentes; venturas e catástrofes moram parede contra parede. A porta giratória vai girando, e o que se passa entre a chegada e a saída não é um todo. Talvez não exista mesmo no mundo um destino completo, mas apenas partes dele, inícios sem sequência, pontos finais sem nada a precedê-los. Muita coisa que parece um acaso é uma lei. E o que acontece por trás das portas da vida não é qualquer coisa de fixo e imóvel como as colunas de uma construção, algo delineado como a partitura de uma sinfonia, calculado como o percurso de um astro — porém humano, mais fugidio e difícil de apreender do que as sombras das nuvens que deslizam na campina. E aquele que empreendesse a tarefa de narrar o que viu por trás das portas correria o perigo de ficar oscilando entre a mentira e a verdade, como sobre uma corda bamba.

Está nesse caso, por exemplo, o telefonema interurbano, o estranho telefonema de pouco depois da meia-noite, de Praga. Uma voz de mulher chamava o Barão von Gaigern ao telefone, no quarto 69, e o telefonista da noite fez a ligação.

— Alô — exclamou a Grussinskaia, que acabava de deitar-se em Praga no leito miserável de um velho hotel famoso, mas nada moderno —, alô, alô, *chéri*, é você?

E apesar de o quarto 69 já estar vazio a essas horas, apesar de estar acontecendo nesse instante exato, duas portas além, no 71, aquela desgraça que foi a causa de o Diretor-Geral Preysing ficar por três meses na prisão preventiva, perdendo a posição e a família — apesar de tudo isso, a Grussinskaia escutou uma voz querida, distante mas bem clara, dizer ao telefone:

— *Neuwjada?* É você, meu amor?

— Alô — exclamou a Grussinskaia —, boa noite, querido. Está contente porque lhe estou telefonando? Por favor, fale mais alto, o telefone está funcionando mal. Estou acabando de chegar do espetáculo, esteve ótimo, foi magnífico, um sucesso enorme, o público aplaudiu loucamente. Estou muito cansada, mas muito feliz, muito, mesmo. Há muito tempo eu não dançava tão bem como hoje. *Oh, comme je suis heureuse!* Você está com saudades de mim, está? Eu, .. eu vivo pensando em você, só em você, estou saudosíssima. Amanhã vou para Viena, amanhã cedo. Você já vai estar lá? Fale alguma coisa, responda! No Hotel Bristol, amanhã, em Viena, está ouvindo? Por que é que... senhorita, senhorita, a ligação foi interrompida, não estou ouvindo nada. Estou perguntando se você vai estar amanhã em Viena. Espero por você, já mandei preparar tudo

para nós dois em Tremezzo. Você fica contente com isso? Mais catorze dias de trabalho, e depois estaremos em Tremezzo. Olhe! Fale alguma coisa, diga uma palavra só, não estou ouvindo a sua voz.. • Como? Que diz o senhor? O senhor barão não responde? Obrigada. Então faça o favor de lhe dar o recado de que esperam por ele amanhã em Viena. Amanhã. Obrigada.

Foi essa a conversação que a Grussinskaia teve com o 69, o quarto vazio. Ela estava deitada no leito do hotel, com o queixo seguro por uma atadura de borracha, os olhos ardendo por causa da pintura, e o coração ardente, repleto de carinho.

— Mas eu o amo, *je t'aime* — murmurou ela ao telefone calado, depois que o telefonista do Grande Hotel já tinha desligado.

E bem ao lado, no 70, entre quatro e cinco horas da manhã, hora em que as cortinas cerradas já começam a ficar cinzentas, chegou o momento em que a Flaemmchen abriu pela primeira vez os braços, para neles receber Kringelein. Aquele instante único e precioso, em que ela não se está vendendo, mas entregando-se. Ela está notando pela primeira vez que não se trata de um prazer insignificante, de uma carícia sem importância que ela confere a alguém, mas de uma coisa grandiosa, uma comoção, uma felicidade, uma realização perfeita. Ela está estendida como uma mãezinha muito jovem, apertando entre seus braços o homem, como a um filho, a quem ela permite saciar-se em seu seio. Seus dedos estão pousados na depressão que a enfermidade e a fraqueza deixaram na nuca do homem. "Agora está tudo bem", pensa Kringelein, "não sinto dor nenhuma. Sou forte, de fato. Estou cansado, é certo, estou cansado, mas vou repousar. Tenho dormido pouquíssimo desde que estou aqui. É pena perder o tempo assim; bem que eu queria não ter de deixar esta vida. Bem que eu gostaria de continuar no mundo. Não quero terminar, agora que mal comecei."

— Flaemmchen — murmura ele, sentindo seu calor juvenil —, Flaemmchen, não me deixe morrer, por favor, não me deixe morrer.

E a Flaemmchen, imediatamente, aperta-o mais ainda de encontro a si, e começa a consolá-lo.

— É um absurdo falar em morrer. Não quero ouvir mais isso. Por causa de uma doencinha assim não se vai morrer. Vou tratar de você. Conheço um homem na Wilmersdorferstrasse que faz curas milagrosas. Ele curou muita gente com doenças muito mais graves do que a sua. Ele vai receitar um remédio, e você vai sarar, você verá. Depois nós partimos imediatamente para Londres, para Paris, para o sul da França, onde já está fazendo calor. Lá nós ficaremos deitados ao sol o dia inteiro, ficaremos com a pele queimada, e nos divertiremos. E agora vamos dormir, venha.

Ela transmite sua despreocupada e inocente força e saúde a Kringelein, quase

moribundo, e ele acredita nela. E o homem adormece com uma sensação de felicidade, amarela como uma chama, semelhante ao seio da Flaemmchen, qual uma colina coberta de giestas em flor.

E, dois andares acima, está o Dr. Otternschlag, sonhando o seu sonho, aquele sonho que se repete todas as semanas. Ele está atravessando uma cidade de sonho, que conhece perfeitamente, e entra em uma casa de sonho, de que ele se esqueceu. Mora lá uma mulher de sonho, que deu à luz uma criança de sonho enquanto ele estava na prisão, um menino pavoroso, de quem ele não é o pai, e que faz um berreiro no seu carrinho muito limpo, todas as vezes que avista seu rosto estraçalhado. E depois o sonho continua sempre do mesmo jeito: ele tem de perseguir Gurbal, a gata persa, e corre sem fôlego por toda a cidade de sonho, depois luta em cima do telhado com um gato desconhecido, que tem um rosto humano, e finalmente despenca através de um céu em chamas, cheio de granadas a estourar, até chegar em sua cama de hotel. Quando o sonho chega nesse ponto, o Dr. Otternschlag desperta. "Basta", diz a si mesmo. "Estou farto disso. Vai durar muito ainda? Para quê? Basta, isso tem que terminar, agora." Levanta-se, vai buscar sua mala em miniatura, lava a seringa, quebra as ampolas, dez ampolas, doze ampolas, enche a seringa, lava o braço, já ferido pelas inúmeras picadas inflamadas. Em seguida, espera. Depois, começa a tremer, as suas mãos vão perdendo as forças. Esguicha a seringa sem usá-la, deixando seu conteúdo precioso, captado e ilusório, escoar-se simplesmente no ar, até uma única e última gota, pequenina e inócua, que ele doa generosamente ao seu organismo faminto. Depois deita-se de novo, adormece, e não houve nada do que está acontecendo no hotel.

O Conde Rohna chega do seu quarto, pouco depois das quatro da madrugada, alarmado pelo porteiro da noite, sem fazer ruído, sem se deixar ver, perfumado como em pleno dia. Dirige-se ao quarto 71, testemunha o fato, toma as providências necessárias. Manda servir um conhaque a Preysing, completamente prostrado, e afasta uma mosca que zumbe em torno do cadáver de Gaigern. Fica parado durante uns quinze segundos de mãos cruzadas e cabeça baixa, diante do morto, dando a impressão de estar rezando — e talvez esteja mesmo rezando pelo morto, por esse marginal que pertence à sua mesma classe. A vida não deve ter sido fácil para ele — pensa Rohna talvez, enquanto reza, e depois vai para o seu minúsculo escritório e começa uma conversa ao telefone com o Comissário Jaedicke, encarregado da guarda do hotel.

Um pouco mais tarde — lá fora a primeira máquina de limpeza já está varrendo o asfalto — surgem quatro senhores de sobretudo, cujo nome comum e sinistro é "a comissão do assassinato". O próprio Rohna maneja o elevador que os leva ao segundo andar. Os moinhos da justiça começam a moer. A direção do

hotel implora discrição, para impedir notícias sensacionalistas, para encobrir os fatos, se for possível.

Mas isso não é possível. Em breve, Fredersdorf ficará sabendo o que aconteceu. Em breve, a senhora do Diretor-Geral Preysing vai surgir em Berlim com seu apoplético pai, para, após cenas medonhas com seu esposo, separar-se dele. Ela poderia desculpá-lo por ter matado um homem, apesar de isso horrorizá-la. Mas aquela porcaria com a tal mulher, que Preysing, já no segundo interrogatório, confessou gaguejando, suarento e comprometendo-se, isso ela não pode nem compreender nem desculpar.

# 16

Quanto à questão do falecido Barão Felix Benvenuto Amadei von Gaigern, as coisas não estão esclarecidas, mas não parecem ser graves. Não houve ninguém, uma única pessoa no Grande Hotel, que falasse mal dele. Nunca foi preso, não era um indivíduo suspeito nem conhecido da polícia. Tinha algumas dívidas, e a proveniência do seu pequeno carro — que aliás já estava empenhado — não foi descoberta. Isso não prova nada contra ele. Era um jogador, um mulherengo, às vezes embebedava-se, mas sempre demonstrou bondade. Alguns empregados do hotel, ao saberem da notícia sussurrada da sua morte, se puseram a chorar. O *groom* Karl Nispe, com a cigarreira de ouro no bolso, chorou. Ele foi uma das testemunhas a ser ouvida em primeiro lugar, e declarou que o barão, antes da meia-noite, não se encontrava mais no seu quarto. Uma senhora do primeiro andar, do quarto 18, que ficava embaixo do 71, ouviu mais ou menos a essa mesma hora uma queda, tem a certeza disso, porque a barulheira lá de cima a estava irritando. Mas que se passou entre meia-noite e três e meia? E por que foi que Herr Preysing não avisou logo a polícia? A esse respeito seguiram-se as declarações muito claras, apesar de reservadas, das testemunhas Flamm e Kringelein, aquelas declarações esclarecedoras e que se podiam ler ao meio-dia nos jornais, e que significaram o golpe de misericórdia na vida burguesa de Preysing. A arma que Preysing disse ter visto não foi encontrada, nenhum revólver, nem mesmo uma pequena pistola falsa, dessas que os assaltantes inofensivos costumam por vezes usar. Isso causou má impressão contra Preysing. Se ele mentiu nesse ponto, tudo o mais que ele disse também não merece confiança. É verdade que sua carteira de notas foi encontrada no bolso do pijama do assassinado. Porém — é esta a pergunta do juiz, perfurante como uma verruma —, não poderia o próprio Preysing ter metido a carteira no bolso do pijama de Gaigern, para poder apresentar a ficção da legítima defesa e do assalto? Há ainda o fato de Gaigern usar meias sobre os sapatos macios de pugilista. Há também a fotografia que a segunda camareira do pavilhão recebeu do motorista do barão, pela qual uma autoridade constatou que esse motorista é, pelo menos, um conhecido ladrão. Se conseguirem apanhá-lo, talvez a questão se esclareça mais. Enquanto isso, Herr Preysing está numa cela de prisão e sofre de alucinações visuais de fundo nervoso. Tem sempre a visão do Barão von Gaigern, mas não estendido no chão, morto, e sim vivo, bem próximo dele e com

a maior clareza, com a cicatriz debaixo do queixo, com as pestanas radiadas, com todos os poros, como o havia visto pela primeira vez, quando esbarrara com ele diante de uma cabina telefônica. Sempre que consegue afastar essa imagem, enxerga tudo rubro sob suas pálpebras, e em seguida apresenta-se a Flaemmchen. A Flamm número dois, ou melhor, uma parte dela, os quadris de uma fotografia cinzento-escura de uma revista que caíra nas mãos do diretor-geral, quando seu destino ia se preparando para rolar montanha abaixo.

Acontece uma coisa estranha com esses hóspedes do enorme hotel. Nenhum deles sai pela porta giratória do mesmo modo que entrou. Preysing, burguês e marido exemplar, é levado preso, completamente arrasado, por dois senhores. Quatro homens levam dali o corpo de Gaigern, em silêncio e às escondidas, pela escada de serviço; o corpo daquele mesmo Gaigern cheio de vida e entusiasmo, que fazia sorrir todo o *hall*, ao atravessá-lo vestido com a capa azul, de luvas pespontadas, com um olhar animado e o perfume de alfazema e de cigarros aromáticos ingleses. Mas Kringelein, ao terminar seu interrogatório e o da Flaemmchen e receber licença para viajar — Kringelein deixa o *hall* do hotel passando por muitas corcovas e mãos estendidas para a gorjeta, como um rei da vida. É de se prever que a sua glória não durará muito mais de uma semana, não durará muito mais do que o primeiro acesso de dor dilacerante.

Mas não é nada impossível, não é de todo improvável, que esse valente *moribundus* adquira novas forças e continue a viver, contrariando todos os diagnósticos. A Flaemmchen, pelo menos, acredita nisso. E Kringelein, no seu enlevo, quer acreditar também. E, finalmente, não é tão importante assim o tempo que resta a Kringelein para viver. Porque — seja ela longa ou curta — é o conteúdo que faz a vida; e dois dias cheios podem ser mais longos do que quarenta anos vazios; é esta a sabedoria que Kringelein leva consigo, ao sair ao lado da Flaemmchen do enorme hotel, e subir no automóvel que os levará à estação.

Isto se passa às dez horas da manhã. O hotel mostra o seu aspecto habitual. A mulher da limpeza varre com serragem o assoalho úmido do *hall*, com a silenciosa irritação de Rohna; o repuxo continua o seu brinquedo; na sala do café há cavalheiros sentados, com suas pastas, fumando charutos e falando sobre seus negócios. Nos corredores, murmuram sobre o caso, mas nada transpirou ainda até os hóspedes. O 71 foi fechado pela polícia, as suas janelas estão largamente abertas, durante todo esse dia fresco de março. Ao lado, no 72, mudam a roupa das camas, e passam um pano úmido no guarda-roupa. Às oito horas da manhã, o porteiro Senf ocupou seu posto com o rosto inchado, porque esteve sentado a noite inteira no hospital, num corredor gelado, esperando saber se a mulher tinha conseguido atravessar a noite com vida. Ouve apenas metade do que o pequeno

praticante lhe conta e, cambaleante, põe-se a separar nas caixinhas a correspondência da manhã.

— Estou completamente tonto — diz a desculpar-se.

— É incrível como faz falta o sono. Foi o Pilzheim quem reconheceu o motorista. Eu sempre disse que o Pilzheim é competente. Se nós o tivéssemos posto desde o começo na pista desse barão, não aconteciam aqui no hotel essas coisas que prejudicam o seu bom nome. Café para o 22 — exclamou ele no meio da conversa, em direção ao compartimento dos garçons, continuando depois a distribuir a correspondência. — Ainda há aqui correspondência para ele, para onde devemos mandá-la? Para a polícia? Bom... Bom dia, senhor doutor, bom dia — diz ele ao Dr. Otternschlag, que vinha se esgueirando ao longo das paredes do *hall*, muito amarelo e seco, com seu olho de vidro, parando em seguida diante do balcão de mogno.

— Há correspondência para mim? — perguntou Otternschlag.

O porteiro verificou, em parte por cortesia, em parte também porque nos últimos dias tinham entregado, por vezes, algum bilhete de Kringelein para Otternschlag.

— Infelizmente não. Hoje não há nada, senhor doutor — disse ele.

— Algum telegrama? — perguntou Otternschlag.

— Não, senhor doutor.

— Alguém perguntou por mim?

— Não. Por enquanto ninguém perguntou.

Otternschlag foi rodeando o *hall* até chegar ao seu lugar de costume. O *groom* 7 passou como uma flecha; logo depois dele, o garçom trouxe o café. Otternschlag olhava fixamente com seu olho de vidro para a senhora que desempacotava seus vasos na banca de flores, mas sem vê-la.

— Bom dia, meus senhores — disse o porteiro a um casal provinciano, que se encontrava diante de seu compartimento. — Um quarto... pois não. O 70 está livre, com dois leitos, mas infelizmente sem banheiro. Talvez hoje ou amanhã fique vago o quarto ao lado, o 71. Esse tem banheiro, é um belíssimo apartamento, façam o favor de dirigir-se aqui ao lado. Como? Alô! não estou entendendo! — exclamou ao telefone. — Que aconteceu? Sim, já vou para lá. Preciso ir falar na cabina. É um chamado particular. Do hospital — disse ele ao Georgi, e foi tropeçando pelo *hall*, pelo corredor 2; entrou na cabina dos telefones e depois na cabina 4, que a telefonista lhe mostrou.

O Dr. Otternschlag ergueu-se como um boneco de pau e dirigiu-se à portaria.

— Herr Kringelein ainda está no quarto? — perguntou.

— Não. Herr Kringelein viajou — replicou o pequeno praticante.

— Viajou. Ah! Não deixou nada para mim? — perguntou Otternschlag, após

uma pausa.

— Não. Infelizmente. Nada — replicou o praticante com a cortesia que aprendera com o porteiro. Otternschlag virou-se e foi de novo para o seu lugar, desta vez sem rodear o *hall,* numa perfeita diagonal através do *hall,* o que era realmente estranho. Rente dele passou o porteiro; sua cara fiel de sargento estava suada como se ele tivesse feito um esforço violentíssimo. Chegou à sua mesa corno a um porto.

— É uma menina. Tiveram que fazer cesariana. Já nasceu, dois quilos e meio. Já passou o perigo. Não há mais perigo nenhum. As duas estão vivinhas da silva — explodiu ele. Tirou o boné, mostrando seu rosto de civil, com o nariz ensopado de suor. Mas colocou-o imediatamente, porque Rohna olhou para ele por sobre a divisão de vidro.

O casal provinciano entrou no elevador e foi conduzido ao 72, o quarto sem banheiro e com dois leitos, cheirando ainda a pó de arroz com perfume de violeta da Flaemmchen.

— Abra a janela — disse a mulher.

— Para arejar o quarto — acrescentou o marido. No *hall,* o Dr. Otternschlag, sentado na sua cadeira, fala sozinho. — É horrível — diz a si mesmo. — Sempre a mesma coisa. Não acontece nada. A gente está completamente sozinho. O mundo é um astro sem vida, não tem mais calor. Na Cruz Vermelha enterraram noventa e dois soldados, empilhados. Talvez eu seja um deles, esteja lá entre eles desde o fim da guerra; talvez eu esteja morto e não saiba. Se pelo menos acontecesse alguma coisa nesta enorme arapuca, alguma coisa interessante... Mas não acontece nada... nada, absolutamente. Viajou. Adeus, Herr Kringelein. Eu poderia ter-lhe dado uma receita contra as suas dores, mas agora... viajou sem se despedir. Puxa! E a porta sempre a balançar, para dentro, para fora, para dentro, para fora...

O pequeno praticante Georgi, porém, por trás da sua mesa de mogno, põe-se a repisar uns pensamentos simplórios e banalíssimos. "Que movimento fantástico há num hotel enorme como este", pensa ele. "Um movimento fantástico. Está sempre acontecendo alguma coisa. Um é preso, outro é morto, este parte, aquele chega. Um é levado numa maca pela escada dos fundos, e no mesmo instante nasce o filho do outro. É interessantíssimo mesmo! Assim é a vida."

O Dr. Otternschlag, sentado ali no *hall,* é a estátua de pedra da solidão e da morte. Tem seu lugar reservado, e ali permanece. Suas mãos amarelas, pesadas como chumbo, pendem-lhe dos pulsos, e com seu olho de vidro ele olha fixamente para a rua cheia de sol, de um sol que ele não pode ver.

A porta giratória vai girando, a oscilar, a oscilar, a oscilar...

FIM

# O Autor e sua Obra

*Vicki Baum nasceu em Viena, no ano de 1888, mas viveu grande parte de sua vida em Hollywood, escrevendo livros e roteiros de filmes. Naturalizou-se americana e seus romances foram escritos originalmente em inglês.*

*Desde cedo Vicki manifestou inclinações artísticas, que foram canalizadas para a música: aos oito anos iniciou seus estudos de harpa, e aos treze fez uma primeira apresentação pública. Aos quinze se interessa pela literatura e escreve "Uma vez em Viena", seu primeiro conto.*

*Casada aos dezoito anos, e separada pouco tempo depois, Vicki retoma a carreira musical, tocando harpa em orquestras e ensinando em conservatórios. Em 1916 reencontra, como maestro, um amigo de infância, Richard Lert, que se torna seu segundo marido. Durante uma série de viagens profissionais, Vicki Baum esquece a literatura, até ir trabalhar numa editora de Berlim. Ali conhece um escritor, dr. Erlei, que descobre seu manuscrito do romance "Grande Hotel" e decide levá-lo ao teatro. A adaptação foi um sucesso e, após um convite para ir a Nova York, em 1938 Vicki Baum fixa residência em Los Angeles.*

*Coube ao cinema celebrizar "Grande Hotel" no filme de 1932, estrelado por Greta Garbo e John Barrymore, e dirigido por Edmund Goulding.*

*Sucederam-se, então, as edições dessa epopeia da vida moderna, repleta de choques morais, pequenas tragédias e casos sentimentais, que toma os salões e quartos de um hotel como laboratório para a pesquisa de emoções humanas. A personagem central, uma bailarina atormentada com a aproximação da velhice, refletiria a paixão da própria autora pela arte da dança.*

*Além de "Grande Hotel", dois outros livros desta escritora alcançaram estrondoso êxito, principalmente na Europa: "O grande armazém" e "O último dia". O primeiro contém um pouco de história policial, mas é sobretudo uma sátira a um grande depósito americano, o Central Ware House. O segundo apresenta um enredo mais inclinado às incursões de ordem psicológica.*

*Em 1960, aos setenta e dois anos de idade, morre Vicki Baum, deixando aproximadamente vinte e cinco romances. "Vida sem mistério", cujo cenário é a capital do cinema, e "Lago das damas" são colocados pelo público e pela crítica ao lado de "Grande Hotel" como exemplos de romances que unem uma narrativa absorvente à forte substância humana.*

Digitalização

**VK**

